

Maurício de Lima Oliveira

**“Meu caro amigo Oliveira Lima”:
O jornalismo como moeda de troca no final do século XIX**

Tese submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Jornalismo da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do
Grau de Doutor em Jornalismo.
Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Maurício de Lima
"Meu caro amigo Oliveira Lima": O jornalismo como
moeda de troca no final do século XIX / Maurício de
Lima Oliveira ; orientador, Jacques Mick, 2019.
212 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. História da Imprensa. 3. Pós
República. 4. FAVOR. 5. Oliveira Lima. I. Mick,
Jacques. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.
III. Título.

Maurício de Lima Oliveira

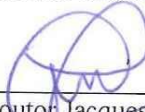
“MEU CARO AMIGO OLIVEIRA LIMA”: O JORNALISMO COMO
MOEDA DE TROCA NO FINAL DO SÉCULO XIX

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutor em
Jornalismo e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo,
da Universidade Federal de Santa Catarina.
Florianópolis, 13 de maio de 2019

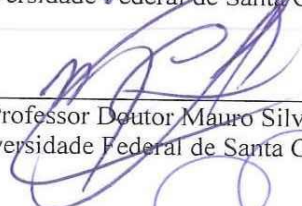


Professora Doutora Cárilda Emerim
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

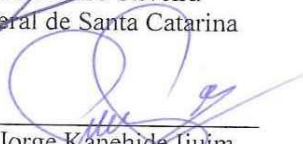
Banca examinadora:



Professor Doutor Jacques Mick (Orientador)
Universidade Federal de Santa Catarina



Professor Doutor Mauro Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina



Professor Doutor Jorge Kanehide Ijuim
Universidade Federal de Santa Catarina



PI Professor Doutor Luiz Gonzaga Motta – VIDEOCONFERÊNCIA
Universidade de Brasília



PI Professora Doutora Claudia Lago – VIDEOCONFERÊNCIA
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Tive dois excelentes orientadores neste Doutorado, cuja realização se estendeu por cinco anos. Mauro Silveira esteve ao meu lado até o final do quarto ano, quando se aposentou. Jornalista experiente que enveredou pela História, Silveira sabe bem que uma pesquisa – assim como uma pauta – pode encontrar novos rumos enquanto o trabalho evolui. Isso certamente ocorreu ao longo da elaboração desta tese, que passou por vários redirecionamentos à medida que o universo em torno do personagem Oliveira Lima ia sendo investigado. Jacques Mick, jornalista por formação que acabara de ser transferido do Departamento de Sociologia para a pós em Jornalismo, aceitou meu convite para assumir a orientação. Contribuiu enormemente para a versão final, como eu tinha certeza que ocorreria: somos da mesma geração e conheço há muitos anos sua capacidade. A esta altura é difícil dizer se Mick é mais um jornalista com alma de sociólogo ou vice-versa, pois sua atuação tem sido relevante para ambas as áreas.

O Doutorado representou meu retorno, quase 20 anos depois, ao mesmo Departamento de Jornalismo em que obtive minha graduação, em 1996. Considero-me privilegiado por ter tido acesso mais uma vez ao ensino público de qualidade proporcionado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sentimento que personalizo ao citar os professores com os quais cumpri disciplinas ao longo do curso: além dos próprios Mauro Silveira e Jacques Mick, também Rogério Christofoletti, Eduardo Meditsch, Luiz Gonzaga Motta, Francisco Karam e Gislene Silva. Amplio meu reconhecimento ao Departamento de História, onde cursei o mestrado em História Cultural e ao qual também retornei durante o Doutorado para cursar disciplinas com as professoras Beatriz Gallotti Mamigonian e Maria de Fátima Fontes Piazza.

Não poderia deixar de mencionar os colegas com os quais compartilhei proveitosas trocas em todas as disciplinas. Cito, simbolicamente, os demais integrantes da turma pioneira do Doutorado em Jornalismo da UFSC: Alexandre Lenzi, Amanda Miranda, Hendryó André, Lívia Souza Vieira e o cubano Luis Alberto Fernández.

A bolsa da Capes foi apoio importante para viabilizar o acesso às fontes primárias, especialmente as correspondências recebidas e enviadas por Oliveira Lima, missão que envolveu algumas viagens. Direciono meus agradecimentos às equipes que me atenderam nessas pesquisas. Na Oliveira Lima Library, pertencente à Catholic University of America, em Washington, recebi todo o apoio de Joan R. Stahl. Na

Fundação Joaquim Nabuco, no Recife (PE), meu interlocutor foi Carlos Antônio Ramos de Carvalho. Na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, Juliana Amorim proporcionou o acesso aos documentos que poderiam contribuir para o trabalho. Ao citar essas instituições e esses profissionais, manifesto meu reconhecimento a todas as demais fontes de informações e a quem mais, de alguma forma, colaborou para a construção desta tese.

Por fim, meu carinhoso obrigado às pessoas mais próximas, fontes de energia e motivação para as inúmeras horas que a tarefa exigiu: minha mulher, Juliana De Mari; meus filhos, Lauro e Lígia; meus enteados, Augusto e Vicente; minha mãe, Vanda; meus irmãos, Marcus e Alberto; meus sogros, Albertino e Julice; além de todos os demais familiares e amigos que torceram por mim.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.
This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

*À memória de quem sempre
está comigo: meu pai, Marcos
Macedo de Oliveira, que me
deixou como herança a paixão
pela leitura, e meu amigo Eloy
Gallotti Peixoto, referência
essencial nos meus primeiros
passos como jornalista.*

“Ninguém vale por si ou tem valor próprio entre nós.” (Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 1904)¹

¹ Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 10/09/1904, acervo Oliveira Lima Library.

RESUMO

O pernambucano Manuel de Oliveira Lima (1867-1928) escreveu regularmente para jornais e revistas durante mais de quatro décadas, em paralelo à carreira diplomática e ao ofício de historiador. A análise de 570 correspondências, cujo conteúdo foi confrontado com a produção jornalística e os dados biográficos de Oliveira Lima, demonstrou que, na juventude, ele utilizou deliberadamente o espaço que tinha na imprensa como moeda de troca para se aproximar do poder e obter vantagens pessoais. Os artigos que assinou em defesa do recém-instaurado regime republicano abriram-lhe as portas da carreira diplomática e foi graças às colaborações para a *Revista Brasileira* e aos relacionamentos delas decorrentes que ele se tornou um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Uma vez tendo conquistado ainda antes dos 30 anos esses dois grandes objetivos – a estabilidade do serviço público e a consagração como intelectual –, Oliveira Lima imaginou que dali em diante poderia canalizar a atuação jornalística ao exercício da autonomia e da independência. Muitas vezes expressou em seus artigos opiniões que contrariaram os interesses do governo ao qual servia como diplomata. Tal mudança de atitude representou a quebra de alianças e uma afronta ao sistema de favores que predominava na sociedade brasileira, do qual ele havia se beneficiado. Assim, o mesmo jornalismo que lhe proporcionou vantagens no início de sua trajetória o levaria ao rompimento de amizades estratégicas e seria o grande responsável pelo insucesso na sequência da carreira no Itamaraty. Ao jogar luzes sobre um aspecto pouco explorado da biografia de Oliveira Lima – sua atuação jornalística –, a pesquisa contribui para a percepção de como jornalismo, política e interesses pessoais se misturavam nos primeiros anos pós-República, momento em que a estrutura de poder estava sendo totalmente reformulada e reacomodada no Brasil.

Palavras-chave: História da Imprensa. Pós-República. Favor. Oliveira Lima.

ABSTRACT

Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), born in the Brazilian state of Pernambuco, wrote regularly for newspapers and magazines for more than four decades, in parallel to his diplomatic career and the work as historian. The analysis of 570 letters, which had the content confronted with the journalistic production and the biographical data of Oliveira Lima, showed that in his youth he deliberately used the space he had in the press as a currency of exchange to approach power and gain personal advantages. The articles he signed in defense of the newly established republican regime opened the doors to his diplomatic career and it was thanks to his contributions to the *Revista Brasileira* and their resulting relationships that he became one of the founders of the Academia Brasileira de Letras. When he achieved these goals (the stability of the public service and recognition as an intellectual) even before the age of 30, Oliveira Lima imagined that he could dedicate his journalistic activity to the exercise of autonomy and independence. He often expressed in his articles opinions contrary to the interests of the government to which he served as a diplomat. This change of attitude represented the breakdown of alliances and an affront to the system of favors that prevailed in Brazilian society, from which it had previously obtained benefits. Thus, the same journalism that opened doors at the beginning of its trajectory led to the rupture of strategic friendships and was the main responsible for the failure of his career in the Itamaraty. In throwing light on an unexplored aspect of Oliveira Lima's biography – his journalistic work – the research contributes to the perception of how journalism, politics, and personal interests were mixed in the early post-Republic years, when the power structure was being totally reformulated and rearranged in Brazil.

Keywords: History of the Press. Post-Republic. Favoritism. Oliveira Lima.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 – Como os favores definiram o quem-é-quem da República (1867-1890).....	39
1.1 – Precocidade no jornalismo.....	39
1.2 – Explorando o território do favor.....	47
1.3 – O valor de uma rede influente.....	59
CAPÍTULO 2 – A construção de um diplomata e a consagração precoce de um intelectual (1890-1900).....	65
2.1 – Mais que um simples colaborador.....	65
2.2 – Caçula entre os acadêmicos.....	88
2.3 – O fim do sonho americano.....	107
CAPÍTULO 3 – Como o Oliveira Lima jornalista arruinou o diplomata (1900-1928).....	135
3.1 – Um rebelde no Itamaraty.....	135
3.2 – Nostálgico da Monarquia.....	153
3.3 – Distante e amargurado.....	171
CONCLUSÕES.....	191
REFERÊNCIAS.....	199
ANEXO – Síntese biográfico-jornalística de Oliveira Lima.....	209

INTRODUÇÃO

O ponto de partida da pesquisa foi o interesse pela trajetória jornalística de um personagem relevante da História brasileira, o diplomata e historiador pernambucano Manuel de Oliveira Lima (1867-1928)². Embora Oliveira Lima já tenha protagonizado diversas pesquisas e livros, sua atuação como jornalista não havia sido explorada a fundo, lacuna que chegou a ser ressaltada em alguns desses estudos.

Mesmo com a peculiaridade de ter passado a maior parte da vida longe do Brasil, o Oliveira Lima que se revelou pode ser considerado um personagem típico do ambiente intelectual da Primeira República (1889-1930). Nesse período, em que toda a estrutura de poder estava sendo reacomodada, a prática da adulação, do compadrio e da troca de favores mediou as relações e institucionalizou-se como estratégia de ascensão social.

Quem tinha acesso ao espaço público ocupado pela imprensa frequentemente o utilizava como moeda de troca, conforme evidencia a análise do *modus operandi* de Oliveira Lima e de boa parte de seus interlocutores. Esse cenário ajuda a compreender por que o jornalismo foi a atividade exercida por mais tempo pelo intelectual que seria reconhecido na posteridade principalmente como historiador e diplomata.

Oliveira Lima iniciou a atividade jornalística precocemente, aos 14 anos, em 1882, quando fundou o *Correio do Brasil* em Lisboa, para onde se mudara aos cinco anos com os pais. O veículo lhe deu acesso a personalidades brasileiras que passavam pela capital portuguesa ou com as quais iniciou troca de correspondências. Assim, o jornalismo despontava, desde cedo, como uma forma de aproximá-lo do país natal e de levá-lo a contatos que poderiam lhe abrir portas no futuro.

O jovem Oliveira Lima articulou com habilidade o exercício do jornalismo aos seus projetos de vida. Utilizou o espaço na imprensa como trunfo para a conquista de vantagens pessoais, que derivaram diretamente do que escrevia ou dos relacionamentos impulsionados pela atuação no jornalismo. As contribuições para a imprensa facilitaram seu ingresso no Itamaraty, em 1890, aos 22 anos, e sua acolhida entre os 40 fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897, ainda antes de completar 30

² Apesar dos sobrenomes coincidentes, não há parentesco entre o protagonista da pesquisa e o pesquisador. O interesse inicial pelo personagem decorreu de uma visita, em 2006, à Oliveira Lima Library, coleção doada no final da vida pelo intelectual pernambucano à Catholic University of America, em Washington.

anos. Essa mesma década de 1890 incluiu o lançamento dos primeiros livros³ e o casamento com a também pernambucana Flora Cavalcanti, filha de um senhor de engenho.

Após o começo brilhante, “sua vida profissional e intelectual passou a se caracterizar por um ressaibo amargo de incompletude e de frustração, no que se poderia considerar uma trajetória interrompida”⁴. O início da decadência coincidiu com o período em que ele deixou de utilizar o jornalismo prioritariamente como estratégia de apoio aos seus movimentos de ascensão, acreditando que seria possível, a partir dali, exercê-lo com autonomia e independência. Ao expressar em seus artigos opiniões que contrariavam os interesses do governo ao qual servia como diplomata, Oliveira Lima quebrou alianças e afrontou o sistema de favores – caracterizado por um “complicado jogo das relações pessoais, contraprestações e deveres”⁵ – que predominava na sociedade brasileira e do qual ele havia se beneficiado amplamente.

Ao apostar na ideia de que poderia ser um intelectual independente, Oliveira Lima acreditava que conseguiria desvincular a *persona* jornalista de suas obrigações como diplomata, apesar das óbvias incompatibilidades potenciais entre as duas atividades. Essa forma de pensar e de agir resultou em conflitos que contribuíram para o afastamento ou o rompimento de amizades inicialmente baseadas na troca de favores, como aquelas mantidas por muitos anos com Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Rui Barbosa e o Barão do Rio Branco. A insistência em se autopromover, estratégia que lhe trouxera bons resultados na juventude, também parece ter contribuído para seu gradual isolamento⁶.

³ *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico* (1895), *Aspectos da literatura colonial brasileira* (1896) e *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais* (1899), coletânea baseada nos artigos para a *Revista Brasileira* e o *Jornal do Comércio*. Iniciava-se assim uma vasta produção: ao catalogar as obras de Oliveira Lima em 1968, trabalho publicado pelo Arquivo Público de Pernambuco dentro das comemorações do centenário de nascimento do autor, a bibliotecária Neusa Dias de Macedo encontrou 153 títulos, entre livros, conferências, discursos e folhetos. FONSECA, Edson Nery da. “Prefácio”, in MACEDO, Neusa Dias de. *Bibliografia de Manuel de Oliveira Lima*, p. 6.

⁴ ALMEIDA, Paulo Roberto de; RÊGO, André Heráclio do. *Oliveira Lima – Um historiador das Américas*, p. 11.

⁵ SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*, p. 347.

⁶ Medeiros e Albuquerque, amigo da juventude que se tornou inimigo na maturidade, ironizou a forma como Oliveira Lima fazia publicidade de seu nome e administrava a própria imagem: “Em serviço diplomático no estrangeiro,

Ressalte-se que as relações de Oliveira Lima foram em grande parte construídas e mantidas pela troca de correspondências – e a palavra escrita parece estar mais sujeita a mal-entendidos, pois exclui elementos importantes de uma conversa frente a frente, como a entonação, os gestos e a análise das reações do interlocutor. Na troca de cartas, não há a possibilidade de esclarecer imediatamente o sentido ou o significado de uma ideia, frase ou termo.

O risco de ser mal compreendido era ainda maior para Oliveira Lima, por se tratar de um missivista compulsivo, que não deixava correspondência sem resposta e cobrava o mesmo procedimento de seus interlocutores, aos quais alegava que a periodicidade regular era importante para mantê-lo informado dos assuntos do Brasil⁷. Nesse ritmo de escrita, que poucos conseguiam acompanhar⁸, não restava tempo e disposição para releituras cuidadosas das correspondências antes de enviá-las. Enquanto Oliveira Lima não dava maior atenção ao estilo, outros intelectuais do período adotavam a prudência e o apuro como regras. Tudo o que Machado de Assis e Joaquim Nabuco escreveram um

obtinha facilmente que a respeito dos seus menores feitos se transmitissem para o Brasil telegramas laudatórios. Não se imaginava facilmente a atividade que ele tinha para isso. E como a velha frase diz que o estrangeiro é a posteridade em vida, pouco a pouco se formou entre nós a ideia de que o mundo inteiro aclamava Oliveira Lima como um gênio. Demais, sempre que ele vinha ao Brasil, tinha o cuidado de fazer com que lhe oferecessem um banquete glorificador, o que nunca era difícil, porque ele mesmo, por interposta pessoa, o pagava de seu bolso”. MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Quando eu era vivo*, p. 250.

⁷ Foi esse o pedido que fez, de Lisboa, aos 17 anos, a Medeiros e Albuquerque, que à época morava no Rio de Janeiro e assim respondeu: “Pedes-me que te escreva duas vezes por mês contando-te os acontecimentos de cá. Nada mais fácil. A isso comprometo-me de bom grado”. Carta de Medeiros e Albuquerque a Oliveira Lima, 08/02/1885, acervo Oliveira Lima Library.

⁸ As cartas para Oliveira Lima eram frequentemente iniciadas com pedidos de desculpas de quem se sentia em dívida: “Sempre retardatário, ainda não tinha respondido a sua de 18 de fevereiro quando tive o prazer de receber a de 15 de março.” Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 05/05/1897, acervo Oliveira Lima Library. Outra dificuldade dos interlocutores era decifrar a péssima caligrafia: “Letra pior que a sua, mais difícil de ser decifrada, mais cabalística, não se imagina nem se concebe. Além dela, só o dilúvio gráfico. [...] Era nesse seu gatafunho que escrevia suas cartas: várias por dia.” FREYRE, Gilberto. *Dom quixote gordo*, p. 147.

ao outro, por exemplo, “podia suportar a luz da publicidade pelo conteúdo e pela forma”⁹.

A pesquisa que originou esta tese incluiu a análise de 570 correspondências escritas ou recebidas por Oliveira Lima. O conteúdo extraído foi confrontado com artigos publicados por ele ou sobre ele na imprensa¹⁰ e com informações da trajetória pessoal e profissional, articulação que forneceu subsídios para a compreensão mais ampla dos bastidores de sua produção jornalística. A maior parte das cartas analisadas, cerca de 450, integram o acervo da Oliveira Lima Library, pertencente à Catholic University of America, em Washington, que concentra as correspondências recebidas por ele¹¹. Já o acesso às cartas escritas por Oliveira Lima ocorreu principalmente em duas fontes: o acervo da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, composto por correspondências entre acadêmicos, e o acervo da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, que guarda as cartas enviadas ao colega diplomata Joaquim Nabuco, também pernambucano.

Para Oliveira Lima, que passou a maior parte da vida longe do Brasil, as correspondências permitiam a participação ativa na troca de

⁹ CARVALHO, José Murilo de. “As duas repúblicas”, prefácio para ARANHA, Graça (org.), *Machado de Assis & Joaquim Nabuco – Correspondência*, p. 12. Funcionário público de carreira, Machado de Assis escapava de temas políticos tanto em seus escritos públicos quanto em suas correspondências, preferindo concentrar-se nas “miudezas” do cotidiano. Um exemplo disso ocorreria em 1904, fase em que Oliveira Lima estava um tanto obstinado pelas intrigas diplomáticas e criticava o chefe, Barão do Rio Branco, em cartas para diversos interlocutores. Reconhecido pelo espírito conciliador, Machado não abria espaço para esse tipo de intriga e procurava focar a conversa nas atividades literárias. MALATIAN, Teresa. “Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima”, p. 382-386.

¹⁰ Destaca-se a análise de quase 7.700 páginas que compõem a coleção da *Revista Brasileira* sob o comando de José Veríssimo, entre 1895 e 1899. Material disponível no site da Biblioteca Nacional, www.bn.gov.br, diretório “acervo digital”, seção “hemeroteca digital”. Consultado em 25/02/2019.

¹¹ Como apenas uma pequena parte do acervo de correspondências da Oliveira Lima Library estava microfilmado quando a visitei, entre julho e agosto de 2017, a administração da biblioteca propôs dar prioridade na fila de digitalização aos documentos que selecionei e não tive tempo de analisar *in loco*. Assim, mediante o pagamento de uma taxa, recebi o material algumas semanas depois do retorno ao Brasil. Além de correspondências, o pacote incluiu recortes de jornais que o próprio Oliveira Lima selecionou e organizou em *scrapbooks*.

favores e nas articulações de bastidores¹². O fato de estar geograficamente distante parece ter contribuído, no entanto, para que ele não se preocupasse tanto com os riscos de emitir opiniões desabonadoras sobre pessoas influentes. Como as relações se davam num universo limitado, repleto de interesses cruzados e subterrâneos, os alvos desses comentários eventualmente tomavam conhecimento das críticas¹³.

As cartas têm exercido um papel cada vez mais relevante para a análise e a compreensão das circunstâncias em torno da obra de escritores e artistas. Espera-se dos intelectuais que participem ativamente da troca de informações, impressões e opiniões, e durante muito tempo essas interações ocorreram em grande parte por meio de correspondências¹⁴. Na historiografia, as cartas ganharam status de gênero literário à parte por conta de características específicas. Não eram escritas com o propósito de se tornarem públicas, mas havia sempre a possibilidade de que outras pessoas viessem a ter acesso ao conteúdo, de tal forma que os textos também não eram construídos como se fossem totalmente privados¹⁵.

¹² Eis um exemplo relacionado à diplomacia: “Escrevi de Genova ao Rio Branco dizendo-lhe que no caso de não o destinar ao Peru depois do Japão o aliviasse com um telegrama de mais um mês de expectativa. Sei confidencialmente que o Olinto foi aceito para a Suíça (para onde irá o Costa), também, mas isto não sei tão positivamente que o Costa foi nomeado para Berlim. Por um telegrama concluo que o Gomes Ferreira entrou no movimento”. Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 27/04/1900, acervo Oliveira Lima Library.

¹³ “Ouí de um amigo seu que algumas das suas cartas com referências desagradáveis ao Rio Branco eram a ele mostradas. Esse mesmo amigo, que também o é do Rio Branco, circunstância que pode alterar o valor da informação, acrescentou que o Presidente já havia proposto ao respectivo Ministro a sua disponibilidade, tendo esse julgado ainda injustificada tal medida [...]” Carta de Joaquim de Sousa Leão a Oliveira Lima, 17/02/1906, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁴ “Para escrever, pintar, compor etc, o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, situa-o no mundo cultural e permite-lhe interpretar o mundo político e social de seu tempo. Por isso, afirma-se que não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade, mas, ao contrário, é a participação numa rede de contatos que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural.” GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, p. 12.

¹⁵ “Como produto da interação entre remetente e destinatário, a carta é um objeto que permite obter informações de ambas as partes. Uma vez escrita, a carta já não é mais de quem a escreve, e, sim, de quem a recebe; uma vez recebida, a carta

Assim, o “pacto epistolar” entre remetente e destinatário costumava incluir abordagens cifradas para temas potencialmente delicados, dando origem a uma escrita “subjéctiva, de compreensão e acesso mais difícil”¹⁶.

A análise das correspondências de Oliveira Lima reforçou a constatação de que o favor era uma prática amplamente disseminada no Brasil ao final do Século XIX. Os jornalistas e literatos estavam inseridos nas mais diversas instâncias de poder, seja ocupando diretamente cargos na estrutura governamental, seja em articulações envolvendo a opinião pública. Nos contatos entre os intelectuais, quase sempre havia algo a pedir – o que implicava estar também à disposição para atender a eventuais solicitações.

Um caso ilustrativo dessas intersecções, que frequentemente se estendiam por um longo período, está na relação de Oliveira Lima com Arthur Orlando (1858-1916), nove anos mais velho, conterrâneo do Recife. Em setembro de 1887, Oliveira Lima, aos 19 anos, assinou no *Jornal do Recife* uma crítica extremamente elogiosa ao livro *Philocrítica*, de Orlando¹⁷. Os dois só se conheceriam pessoalmente entre fins de 1890 e começo de 1891, durante o primeiro retorno de Oliveira Lima à cidade natal depois de deixá-la na infância¹⁸. Alguns meses depois, Orlando enviou a Oliveira Lima 11 exemplares de sua obra *Meu Álbum*, “dos quais o da capa cor de rosa pertence-lhe, distribuindo os mais por quem quiser”¹⁹. Em 1897, com Oliveira Lima morando nos Estados Unidos, Orlando pedia ajuda para investigar a situação do pagamento de um seguro de vida referente a uma apólice de um parente ou conhecido, feito

guarda a possibilidade de investigar o destinatário, e já não mais se concentrar unicamente no autor do escrito.” PEREIRA, Daniel Mesquita; FELIPPE, Eduardo Ferraz. “Missivas que constroem limites: projeto intelectual e projeto político nas cartas de Capistrano de Abreu ao Barão do Rio Branco (1886-1903)”, p. 489.

¹⁶ GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, p. 8.

¹⁷ “[...] certamente Arthur Orlando tem capacidade para ser *alguém* no nosso mundo literário. O seu estilo colorido, vivamente imaginoso, é pelo menos tão original como a sua crítica acerbamente humorística e o seu complexo de ideias levantadas, rasgadamente novas. O seu espírito é pronto, cintilante, finamente irônico.” *Jornal do Recife*, ??/09/1887, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁸ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 95.

¹⁹ Carta de Arthur Orlando a Oliveira Lima, 25/10/1891, acervo Oliveira Lima Library.

junto à companhia New York Life Insurance²⁰. Em 1901, tendo assumido o comando da redação do *Diário do Pernambuco*, Orlando escreveu para não somente pôr à disposição de Oliveira Lima “as colunas do decano da imprensa brasileira, mas especificamente pedir-lhe que a abrilhante com as fulgurações de seu invejável talento”²¹. Em 1907, graças em grande parte ao apoio de Oliveira Lima, Orlando foi eleito para a Academia Brasileira de Letras no lugar do Barão de Loreto²².

A análise da troca de cartas entre Oliveira Lima e o também pernambucano Alfredo de Carvalho (1870-1916) oferece mais um exemplo de relação baseada na troca de favores, com benefícios para ambas as partes. Em 1898, o poliglota Carvalho agradeceu a apreciação que Oliveira Lima havia feito na *Revista Brasileira* do seu trabalho de tradução *Diário de um Soldado*, aproveitando para enviar-lhe um exemplar do opúsculo *Olinda Conquistada*, que acabara de verter do holandês. Anunciou, também, que estava adiantado em um estudo sobre a imprensa pernambucana, com 1.200 periódicos já descritos, motivo pelo qual pedia informações sobre o tema que Oliveira Lima tivesse eventualmente colhido durante a preparação de seu livro sobre Pernambuco²³. As atividades em andamento que Carvalho descreveu também viriam a ser comentadas por Oliveira Lima nas páginas da *Revista Brasileira*.

Com um bom “crédito” a utilizar nessa relação, Oliveira Lima pediu a Carvalho, então diretor do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, que tentasse lhe conseguir as coleções das revistas dos institutos históricos e geográficos de outros estados brasileiros. Algum tempo depois, ele recebeu a coleção da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, constante de 18 fascículos em 5 volumes (1894-98). “Quanto à do Instituto Histórico do Ceará (1887-98) não sei se poderei consegui-la completa”, respondeu Carvalho, fazendo em seguida o resumo de um apanhado de publicações similares

²⁰ Carta de Arthur Orlando a Oliveira Lima, 18/02/1897, acervo Oliveira Lima Library.

²¹ Carta de Arthur Orlando a Oliveira Lima, 01/07/1901, acervo Oliveira Lima Library.

²² Carta de Oliveira Lima a Machado de Assis, 21/02/1907, OL DI 010, acervo Academia Brasileira de Letras.

²³ Carta de Alfredo de Carvalho a Oliveira Lima, 30/04/1898, acervo Oliveira Lima Library.

que estava tentando obter²⁴. Em abril, Oliveira Lima escreveu para Carvalho enviando um exemplar do seu livro *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais* e pedindo que produzisse resenhas para a imprensa pernambucana. Carvalho não apenas se dispôs a atender o pedido como encomendou, em meio às dificuldades financeiras em que vivia, dez exemplares para distribuir entre amigos²⁵. Em 1910, quando Carvalho se candidatou à Academia Brasileira de Letras, sem sucesso, teve o apoio de Oliveira Lima.

A troca de favores era uma estratégia considerada normal e aceitável para a obtenção de vantagens e o fortalecimento mútuo. Nessas relações, os limites entre interesses privados e públicos fundiam-se o tempo todo, assim como assuntos pessoais e profissionais. Um favor pessoal poderia ser compensado com a obtenção de alguma vantagem profissional e a contemplação de um interesse privado podia ser contrabalanceada com benefícios envolvendo o campo público. Essa mesma lógica movia os bastidores da imprensa, dentro da tradição de mistura entre público e privado que remonta à própria gênese do jornalismo. “Os primeiros jornais foram simplesmente instrumentos para organizar a fofoca e mais ou menos assim eles têm permanecido”, definiu Robert Park (1864-1944) – que, vivendo na mesma época de Oliveira Lima, via os jornais como instrumentos de controle social que tentavam se equilibrar entre os interesses de seus proprietários, da comunidade e das pessoas que escreviam para eles²⁶.

Ao posicionar-se no campo da História da Imprensa, esta tese pretende contribuir para ampliar o conhecimento da trajetória da atividade jornalística no país. Junta-se a muitas outras pesquisas acadêmicas direcionadas a períodos e temas específicos do jornalismo brasileiro, conjunto que resulta numa visão caleidoscópica progressivamente mais

²⁴ Carta de Alfredo de Carvalho a Oliveira Lima, 30/12/1898, Acervo Oliveira Lima Library.

²⁵ Carta de Alfredo de Carvalho a Oliveira Lima, 14/04/1899, acervo Oliveira Lima Library.

²⁶ “O primeiro jornal da América, pelo menos o primeiro jornal que durou além de sua primeira edição, foi o *Boston News-Letter*. Era publicado pelo chefe do correio. O correio da vila tem sempre sido um foro público em que todas as questões da nação e da comunidade eram discutidas. Era de se esperar que lá, próximo às fontes de inteligência, um jornal iria surgir.” PARK, Robert E. “A história natural do jornal”. In BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (orgs.). *A era glacial do jornalismo – Teorias sociais da imprensa*, Vol. II, p. 36.

rica²⁷. A imprensa vem sendo valorizada pela História não mais apenas como fonte documental, mas “como protagonista ela mesma, peculiar e complexo agente histórico que intervém nos embates e episódios, não mero ‘reflexo’ de uma realidade já definida”²⁸.

Apesar das características essenciais que diferenciam Jornalismo e História – o Jornalismo lida com o presente a partir de fatos singulares, enquanto a História trata do passado com base em uma análise sistêmica dos processos –, as duas áreas compartilham significativos pontos de aproximação. Ambas realizam um tipo de interpretação e, para isso, dependem basicamente da atividade de seleção:

Os meios de comunicação, ao selecionar o que se passa no mundo, o que vai ser notícia ou não, o que vai ser editado com destaque ou sem relevo, na verdade, estão procedendo à criação do próprio acontecimento. Longe de serem apenas veículos de divulgação, eles são criadores desses acontecimentos. [...] Da mesma forma, ao se debruçar sobre o passado – mesmo vendo o acontecimento não como fato singular, mas como processo –, a História faz uma seletiva reconstrução desse passado. Historiador e jornalista estão no centro desse teatro. Carregando suas análises com sua própria visão, ambos colocam a sua singularidade pessoal, a sua subjetividade, na narrativa que desenvolvem.²⁹

²⁷ Depois de enfrentar uma fase de “indigência”, na definição de Marques de Melo, os estudos históricos no campo do Jornalismo ganharam novo impulso no Brasil por conta das celebrações do bicentenário da imprensa no país, em 2008, cujos preparativos incluíram a criação da Rede Alfredo de Carvalho (Rede Alcar) para o Resgate da Memória da Imprensa e para a Construção da História da Mídia no Brasil, em 2001. O pernambucano Alfredo de Carvalho (1870-1916), amigo de Oliveira Lima citado poucos parágrafos atrás, foi um historiador pioneiro nas pesquisas sobre a imprensa brasileira ao “inventariar o panorama dos jornais e revistas publicados no país durante o primeiro século da sua vigência”. MARQUES DE MELO, José. *História do Jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual*, p. 213.

²⁸ MOREL, Marco, “Prefácio”. In BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*, p. 8.

²⁹ BARBOSA, Marialva. “Senhores da memória”, p. 87.

Embora o passado seja frequentemente visto como um conjunto de fatos inertes e imutáveis, quem se propõe a investigá-lo logo percebe o quanto a História é um organismo vivo, graças à possibilidade permanente de reinterpretações e ressignificações. Lançar-se a uma investigação de caráter histórico é fazer ciência “por rastros”, como definiu o historiador Marc Bloch³⁰. Esse desafio certamente se aplica também à História da Imprensa, já que a análise fria do que está impresso não basta para compreender em profundidade um texto, e menos ainda as motivações do autor e do veículo ao produzi-lo e publicá-lo³¹.

Diante da necessidade de cruzar diversas fontes e da pretensão de obter um resultado que pudesse ampliar o conhecimento sobre o favor e a adulação na História da Imprensa do Brasil, a pesquisa que deu origem a esta tese foi orientada pelos conceitos da micro-história, corrente historiográfica que tem como princípio a ideia de que é possível compreender contextos amplos a partir da análise aprofundada de um caso específico, em torno do qual se reconstitui a mentalidade de determinada época, lugar, prática ou arranjo social³².

³⁰ “Considere a série que colocamos na base da coleta dos fatos, ao nível do que chamamos de história documental; a série era esta: arquivo – documento – rastro; o arquivo direcionando-se ao documento e o documento ao rastro. Dessa forma, tudo convergia no rastro, a tal ponto que Marc Bloch pôde definir a história como ‘uma ciência por rastros’. Os documentos são rastros e os arquivos reservas de rastros inventariados.” RICOUER, Paul. “A marca do passado”, p. 334.

³¹ “[...] a constância do uso de revistas como fonte histórica vem revelando que frases e imagens de periódicos pinçadas aqui e acolá, descosturadas do mergulho em seu tempo – vale dizer, no imaginário construído ao seu tempo – não iluminam suficientemente o passado. A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos.” MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p. 21.

³² A micro-história se desenhou na década de 1970 a partir de discussões trazidas à luz pela revista italiana *Quaderni Storici*, fundada em Ancona e depois editada em Bolonha com a participação de historiadores que se tornaram referência no tema, especialmente Edoardo Grendi, Carlo Poni, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg. LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana – Escalas, indícios e singularidades*, p. 25-55. A obra-símbolo da micro-história, *O queijo e os vermes*, de Ginzburg, publicada em 1976, conta a história de Domenico Scandella, conhecido pelo apelido Menocchio, moleiro que, na virada do Século XVI para o Século XVII, foi processado e condenado à morte pela Inquisição por

Surgida em grande parte por motivações ideológicas, especialmente o desejo de trazer os setores subalternos ao protagonismo das pesquisas históricas – condição que sempre esteve com as classes dominantes –, a micro-história confrontou a tradição de buscar modelos estruturais baseados em comportamentos médios. Ao desprezar singularidades que pudessem despontar como “exceções à regra”, esses modelos levavam à construção de narrativas gerais, lineares e excessivamente lógicas para explicar os grandes movimentos e as grandes tendências.

Análises estruturais ganham consistência e materialidade quando recorrem a exemplos detalhados. Há uma diferença, contudo, entre casos pinçados para ilustrar um cenário – quase como se tivessem existência autônoma, independente de outras circunstâncias – e aqueles que emergem, de forma orgânica, em meio à construção do quadro geral. A micro-história parte do indivíduo para chegar à compreensão das redes de sociabilidade em que ele se movia, valorizando nesse caminho as peculiaridades que toda trajetória individual carrega, o que permite “construir modelos que dessem conta de incluir no horizonte de análise aquela realidade individual e irredutível que constituía de fato a matéria básica sobre a qual trabalhava o historiador”³³.

Enquanto a forma convencional de produzir História tendia a investigar a relação entre instituições ou entre pessoas e instituições, a micro-história mergulhava nas relações entre as pessoas³⁴ – partindo,

ter suas próprias teorias sobre a criação do mundo – incluindo a metáfora, que deu título ao livro, de que antes tudo era uma grande massa caótica, da qual surgiram espontaneamente Deus, os anjos e Lúcifer, assim como vermes surgem num queijo. Por mais que o caso de Menocchio tenha várias peculiaridades em comparação aos outros milhares de processos instaurados pela Igreja na mesma época, seu estudo aprofundado proporcionou o acesso aos bastidores da atuação da Igreja naquele período de violenta repressão. Para obter esse resultado, Ginzburg cruzou diversas fontes, incluindo os processos da Inquisição contra Menocchio e a análise do conteúdo dos livros que teriam influenciado as ideias do moleiro. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*.

³³ LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana – Escalas, indícios e singularidades*, p. 112.

³⁴ “[...] em vez de deter-se sobre as tendências de longa duração e os largos espaços geográficos, propunha-se o estudo intenso sobre comunidades, grupos familiares ou mesmo indivíduos. A justificativa dessa redução de escala estava no fato de que apenas no âmbito ‘microscópico’ seria possível articular de modo

assim, de uma escala menor, como se uma lupa fosse colocada sobre as ideias, as motivações e as intrigas. Trata-se, em grande medida, de humanizar a pesquisa histórica.

Para os teóricos da micro-história, reduzir a escala de análise contribuía para que a História retomasse sua vocação de analisar a rede de relações interpessoais: personificar os conflitos de um grupo e de uma época ajuda a evidenciar nuances do objeto estudado que não seriam visíveis em abordagens panorâmicas. A partir disso, a história social poderia ser pensada não mais como a história dos movimentos sociais e do protagonismo político coletivo, mas como a história das relações entre pessoas e grupos, colocando-se no centro da pesquisa “os nexos que se estabelecem entre indivíduos e sociedade a partir das relações que os indivíduos estabeleciam entre si”³⁵.

Com base nesse processo de ampliação do micro para o macro, investigar as formas de atuação de Oliveira Lima levou à constatação de que o favor era uma prática amplamente difundida nos bastidores da imprensa brasileira e na sociedade como um todo. Os ideais republicanos de igualdade e de valorização dos méritos prometiam modificar o quadro, mas o que se verificou foi o inverso: as relações desse tipo ganharam ainda mais força, incluindo variações como o clientelismo e o coronelismo³⁶. Essa mentalidade refletia-se, no jornalismo, pela naturalidade com que se aceitava a mistura entre interesses privados e públicos. Podia-se, por exemplo, exercer paralelamente e sem constrangimentos cargos em um jornal e na estrutura governamental, o que frequentemente implicava a mistura das atribuições pertinentes a cada uma dessas funções.

Assim, ainda que a presente tese tenha um personagem específico como protagonista, suas conclusões podem ser estendidas a outros nomes do jornalismo brasileiro da mesma época. Considerando-se que a prática do favor acompanhou toda a trajetória brasileira, como demonstra a

consistente os vários perfis que as fontes seriais produziam – originalmente independentes entre si – em uma compreensão coerente da realidade social.” LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana – Escalas, indícios e singularidades*, p. 62.

³⁵ LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana – Escalas, indícios e singularidades*, p. 121.

³⁶ Uma descrição aprofundada das diferenças entre esses conceitos está em CARVALHO, José Murilo de. “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: Uma discussão conceitual”.

literatura sobre o tema, não é sem propósito supor que seja uma característica que permaneceu sempre entranhada ao jornalismo.

Essa ampla abrangência me faz acreditar que o tema “favor” deva ganhar relevância no estudo da imprensa brasileira. As obras de referência na área não aprofundaram a questão – especialmente no que diz respeito às trocas de vantagens no campo privado, não diretamente relacionadas aos interesses dos veículos³⁷. Essas relações ocorriam o tempo todo nos bastidores, como evidencia o caso de Oliveira Lima. Ressalte-se que ele não tinha vínculo exclusivo de trabalho com os títulos para os quais escrevia, de tal forma que o uso do jornalismo para obter vantagens pessoais podia ser ainda mais intenso entre os profissionais que atuavam diariamente num mesmo jornal ou revista³⁸.

Considerando-se o protagonismo de Oliveira Lima na pesquisa, os capítulos da tese foram organizados com base em três períodos de sua biografia³⁹. Os dois primeiros capítulos se referem à fase que chamarei de “dependência”, repleta de conquistas decorrentes de uma construção de trajetória baseada em favorecimentos: a nomeação para a carreira diplomática, o casamento, o lançamento dos primeiros livros e o ingresso na Academia Brasileira de Letras. A fase de dependência coincidiu com o período em que ele utilizou o jornalismo deliberadamente como moeda de troca. Já o terceiro capítulo engloba as três últimas décadas de vida do personagem, posteriores à virada do século, fase que chamarei de “independência”, marcada pela progressiva incompatibilidade entre a carreira diplomática e a atividade jornalística que ele fez questão de continuar exercendo.

³⁷ Foram analisadas, com este olhar, as obras *A história da imprensa no Brasil* (Nelson Werneck Sodré, 1966), *Jornal, história e técnica* (Juarez Bahia, 1990), *História da imprensa no Brasil* (Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, 2008) e *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)* (Marialva Barbosa, 2010). As ponderações decorrentes dessas análises serão feitas nas Conclusões.

³⁸ Sendo a imprensa o único meio de comunicação de ampla penetração no Século XIX, “quem detém alguma ascendência sobre as redações tem quase que naturalmente projeção política, recebendo os dividendos sob a forma de mercados, solicitações, notoriedade, respeitabilidade, convites e promoções”. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*, p. 197.

³⁹ No Anexo, ao final desta tese, há uma síntese biográfica de cada um dos períodos que compõem os capítulos.

As principais diferenças entre as fases de dependência e independência na trajetória de Oliveira Lima são os papéis exercidos pelo favor e pelo jornalismo. Depois que passou a desfrutar da estabilidade assegurada pelo emprego como diplomata e da consagração como intelectual representada pelo ingresso na Academia Brasileira de Letras, foi como se ele considerasse não precisar mais de favores. Imaginou que poderia, assim, utilizar o espaço que tinha na imprensa não mais como moeda de troca, como fizera até então, mas para expressar plena autonomia, atributo naturalmente incompatível com a condição de diplomata. Para o Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores entre 1902 e 1912, não havia dúvidas em torno da questão: “O cidadão pode opinar como entender; o diplomata só tem uma opinião, que é a do governo”⁴⁰.

O Capítulo 1, “Como os favores definiram o quem-é-quem da República (1867-1890)”, abrange o período entre o nascimento de Oliveira Lima e sua nomeação para a carreira diplomática, obtida em grande parte graças aos artigos que publicou na imprensa. Diante da intensa transformação provocada pela mudança do sistema de governo – um cenário de ebulição política, social e econômica –, os nomes associados à Monarquia perderam espaço nos mais diversos campos da sociedade, o que abriu oportunidades para jovens associados aos ideais republicanos. Oliveira Lima, que acabara de completar 20 anos, beneficiou-se desse movimento por meio de alianças habilmente construídas. Depois de publicar, em jornais de Portugal, artigos nos quais saudou o advento da República no país natal, ele utilizou esses textos como principal argumento para obter o ingresso na carreira diplomática, numa época em que tudo acontecia por nomeações.

O Capítulo 2, “A construção de um diplomata e a consagração precoce de um intelectual (1890-1900)”, analisa os primeiros passos da carreira diplomática de Oliveira Lima em paralelo às contribuições para a *Revista Brasileira*, publicação que foi o ponto de convergência da geração fundadora da Academia Brasileira de Letras. Os relacionamentos estabelecidos a partir da ligação com a *Revista* e com seu diretor, José Veríssimo, levaram Oliveira Lima a ser eleito para compor o primeiro grupo de acadêmicos, superando na disputa ninguém menos que seu futuro chefe no Ministério das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco. Assim, Oliveira Lima tornava-se imortal com apenas 29 anos –

⁴⁰ A frase foi credenciada ao Barão pelo ministro José Augusto Ferreira da Costa em carta a Joaquim Nabuco, 02/08/1904, citada em ALMEIDA, Paulo Roberto de; RÊGO, André Heráclio. *Oliveira Lima – Um historiador das Américas*, p. 44.

era o caçula da turma –, tendo morado fora do Brasil desde a infância e produzido uma obra literária até então pouco representativa.

Com duração entre 1895 e 1899 na fase Veríssimo (houve outras versões do título, anteriores e posteriores), a *Revista Brasileira* abriu grande espaço para a publicação de textos do até então desconhecido e jovem diplomata. Nenhum outro colaborador, além do próprio Veríssimo, teve tantos artigos assinados na publicação⁴¹. Além da fatura de páginas

⁴¹ De acordo com levantamento realizado para esta tese, nove dos onze colaboradores que mais publicaram artigos na fase Veríssimo da *Revista Brasileira* se tornaram fundadores da Academia. Veríssimo teve 27 contribuições assinadas, especialmente resenhas de livros para a seção “Bibliografia”. Oliveira Lima somou 24 colaborações. Depois vieram Joaquim Nabuco e L. Cruls (22 contribuições cada), Visconde de Taunay (21), Sílvio Romero (19), Magalhães de Azeredo (18), Afonso Celso (17), Coelho Netto (14), Araripe Jr. e Escragnolle Doria (13). Desses, não fizeram parte da primeira turma da ABL somente L. Cruls (belga que era diretor do Observatório do Rio de Janeiro e colaborador responsável por uma seção fixa na publicação, “Revista científica”, em que abordava principalmente temas ligados à astronomia) e Escragnolle Doria, que tinha apenas 26 anos quando a *Revista* foi relançada. A grande participação de Nabuco se deve à publicação de trechos de dois livros que estava preparando, a biografia do pai e sua autobiografia *A minha formação*. Os artigos publicados por Oliveira Lima na *Revista Brasileira* foram: “Beckford e a sociedade portuguesa no Século XVIII” (Tomo IV, fascículo 23, 15/11/1895); “As Memórias de Barras” (Tomo IV, fascículo 24, 01/12/1895); “O romance francês em 1895” (Tomo V, fascículo 27, 15/01/1896); “Antônio José, ‘o Judeu’” (Tomo V, fascículo 28, 01/02/1896); “Primeiras impressões dos Estados Unidos”, 1ª parte (Tomo VII, fascículo 39, 15/07/1896); Resenha de *O hidrófobo*, livro de Faria Netto Sobrinho (Tomo VII, fascículo 39, 15/07/1896); “Primeiras impressões dos Estados Unidos”, 2ª parte (Tomo VII, fascículo 41, 15/08/1896); “Primeiras impressões dos Estados Unidos”, 3ª parte (Tomo VII, fascículo 43, 15/09/1896); “Guilherme Moniz Barreto” (Tomo IX, fascículo 53, 01/03/1897); “A sociedade nos Estados Unidos” (Tomo X, fascículo 56, 01/04/1897); “O catolicismo nos Estados Unidos”, 1ª parte (Tomo X, fascículo 59, 15/05/1897); “Tendências atuais da literatura francesa” (Tomo XI, fascículo 62, 01/07/1897); “Primeiras impressões dos Estados Unidos”, 4ª parte (Tomo XII, fascículo 71, 01/12/1897); “Primeiras impressões dos Estados Unidos”, 5ª parte (Tomo XII, fascículo 72, 15/12/1897); “O catolicismo nos Estados Unidos”, 2ª parte (Tomo XIII, fascículo 77, 15/02/1898); Resenha do texto *Diário de um soldado da Campanha das Índias Ocidentais*, de Ambrosio Richshoffer, traduzido e anotado por Alfredo de Carvalho (Tomo XIII, fascículo 77, 15/02/1898); “Do Prata ao Niágara”, resenha de *Del Plata al Niágara*, Paul Groussac, Buenos Aires, 1897 (Tomo XIV, fascículo 81, 15/04/1898); “O destino dos Estados Unidos” (Tomo XIV, fascículo

à disposição (foram 271 ocupadas, no total, por seus textos), Oliveira Lima tinha plena liberdade para escrever sobre os mais diversos assuntos – mesmo que, em várias ocasiões, ficasse evidente o distanciamento entre o conteúdo dos seus artigos e o objetivo principal do veículo, tratar de temas brasileiros. Um exemplo desse descolamento foi o longo artigo, em tom propagandístico, sobre a Catholic University of America, instituição privada de ensino sediada em Washington. Escrito quando Oliveira Lima era um jovem diplomata em sua primeira missão, o artigo possibilitou o contato inicial com a universidade à qual, mais de duas décadas depois, ele doaria sua relevante coleção de livros⁴².

A relação estabelecida com Veríssimo, dez anos mais velho, simboliza a trama de troca de favores tecida pelo jovem Oliveira Lima. A princípio, soava um tanto incompreensível que um crítico temido pelo rigor de suas análises concedesse tanto espaço na *Revista Brasileira* ao jovem diplomata pernambucano, a quem dirigia sempre palavras incondicionais de apreço e incentivo, tanto nas correspondências quanto publicamente. Oliveira Lima recebeu vários elogios nas páginas da *Revista*, em textos diretamente assinados por Veríssimo ou por colaboradores. Eram referências generosas aos seus lançamentos literários ou mesmo a obras ainda em preparação, sobre as quais Oliveira Lima contava a Veríssimo nas cartas que trocavam. A natureza da relação entre os dois ficou mais clara, contudo, a partir da descoberta de um documento na Oliveira Lima Library, como veremos adiante.

Oliveira Lima escolheu como patrono na Academia o seu ídolo, o igualmente diplomata e historiador Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), com o qual desenvolveria uma série de coincidências

84, 01/06/1898); Resenha de *Olinda conquistada*, de Alfredo de Carvalho (Tomo XV, fascículo 87, 15/07/1898); “Os Estados Unidos como potência colonial” (Tomo XVI, fascículo 104, 01/11/1898); “Curiosidades bibliográficas” (Tomo XVI, fascículo 106, 01/12/1898); “Escritores americanos (Mark Twain – John Fiske)” (Tomo XVIII, fascículo 115, 01/05/1899); “As Memórias do Príncipe de Bismarck” (Tomo XIX, fascículo 121, 15/07/1899); “D. João VI no Brasil” (Tomo XX, fascículo 126, 01/10/1899).

⁴² Considerada uma das mais importantes brasileiras (conceito que se refere a obras sobre o Brasil), a coleção era composta originalmente por cerca de 40.000 itens, entre livros, quadros, esculturas, mapas e fotografias que remontam principalmente aos tempos do Brasil Colônia e do Brasil Império. O acervo vem sendo gradualmente ampliado desde a morte de Oliveira Lima. “The Oliveira Lima Library”, <http://libraries.cua.edu/oliveiralima/index.cfm>, consultado em 22/06/2018.

biográficas – especialmente o fato de terem produzido suas obras históricas em paralelo à carreira diplomática⁴³. A consagração de Oliveira Lima representada pela inclusão do seu nome no grupo fundador da Academia seria reforçada pelo acolhimento em outros espaços de sociabilidade valorizados pela comunidade intelectual, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAGP).

Enquanto tinha seu nome cada vez mais reconhecido como intelectual, Oliveira Lima evoluía também na carreira diplomática. De Portugal foi transferido para a Alemanha, e de lá para os Estados Unidos, a grande potência em ascensão naquele período. As impressões que recolhia ao longo da permanência em Washington rendiam artigos que, publicados na *Revista Brasileira*, soavam extremamente favoráveis à imagem dos Estados Unidos – a sociedade norte-americana era descrita como um ideal a ser seguido pelo Brasil⁴⁴. Os artigos foram compilados por ele no livro *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais*, publicado em 1899, obra que ampliou ainda mais a simpatia que a figura de Oliveira Lima despertava entre os norte-americanos e também no meio diplomático brasileiro, já que, naquele período, o país deslocava gradualmente o eixo de suas relações exteriores da Inglaterra para os Estados Unidos.

Tudo seguia bem na vida de Oliveira Lima até que seu superior na legação⁴⁵ brasileira em Washington, Salvador de Mendonça, com quem

⁴³ A escolha do patrono definiu que a cadeira a ser ocupada por Oliveira Lima na Academia Brasileira de Letras seria a 39, pois estabeleceu-se que a numeração seguiria a ordem alfabética do nome pelos quais os patronos eram mais conhecidos. Assim, Varnhagen só ficou à frente do Visconde do Rio Branco (pai do Barão do Rio Branco), escolhido por Eduardo Prado.

⁴⁴ “[...] o mais acabado organismo político de que temos conhecimento, nação dotada de recursos imensos, de admirável estrutura administrativa, de vigorosas qualidades privadas, raça inventiva, possante, apta para a dominação.” “Primeiras impressões dos Estados Unidos – VI”, *Revista Brasileira*, Tomo VIII, fascículo 44, 01/10/1896, p. 52-53.

⁴⁵ “Legação” era como as representações diplomáticas brasileiras costumavam ser chamadas antes da elevação à categoria de embaixadas. A primeira embaixada brasileira seria a de Washington, em 1905 – ainda assim o próprio Joaquim Nabuco, escolhido para ser o primeiro embaixador na capital norte-americana, considerava uma decisão prematura, pois àquela altura só havia sete missões desse nível na cidade e estabelecê-las era considerado um apanágio das grandes potências. O princípio da reciprocidade fez com que os Estados Unidos fossem o

mantinha excelentes relações, foi envolvido em acusações de enriquecimento ilícito e substituído por Assis Brasil. Oliveira Lima deixou de lado a capacidade estratégica que demonstrara até então e passou a resistir ostensivamente à necessidade de subordinação ao novo chefe. A situação se tornou insustentável quando as respectivas esposas também entraram em rota de colisão, argumento que seria usado por Assis Brasil para pedir ao Ministro das Relações Exteriores a remoção do subordinado. O vetor ascendente que Oliveira Lima descrevera até então em sua carreira diplomática ganharia sentido inverso a partir dali.

O Capítulo 3, “Como o Oliveira Lima jornalista arruinou o diplomata (1900-1928)”, demonstra que a insistência em continuar escrevendo para veículos da imprensa, sem abrir mão do polemismo⁴⁶ e sentindo-se livre para opinar sobre quaisquer assuntos (incluindo os diretamente ligados à diplomacia), tornou-se um peso progressivamente maior para Oliveira Lima. O desacordo crescente em relação às diretrizes da política externa brasileira e a decisão de expressá-lo publicamente foram possivelmente impulsionados, em grande parte, pela revolta com o episódio que culminara com sua saída de Washington.

Houve momentos na trajetória de Oliveira Lima – especialmente na fase final – em que ele pareceu próximo de ingressar na política. Talvez tenha sido também para sublimar essa vocação que ele adotou uma postura cada vez mais opinativa e polêmica em seus artigos para a imprensa. A constante exposição provocaria resistência em relação ao seu nome, tanto no meio diplomático quanto no político⁴⁷.

primeiro país a elevar sua missão estrangeira no Rio de Janeiro à condição de embaixada. RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*, p. 288-289.

⁴⁶ “O polemismo como gênero dedica-se à eternização do conflito. O espetáculo proporcionado é a exegese, a capacidade de espremer a palavra. [...] A torcida se apega emocionalmente à fala de um tornando-se surda à argumentação do outro.” WAINBERG, Jacques A.; CAMPOS, Jorge; BEHS, Edelberto. “Polemista, o personagem esquecido do jornalismo”, p. 52.

⁴⁷ Conforme exemplifica esta nota publicada em um jornal: “Propondo ontem o aumento de 2000\$000 à verba para a Legação do Brasil em Venezuela, a pedido do Ministério das Relações Exteriores, o relator do Orçamento no Senado, Sr. General Glicério, não o fez sem declarar estranho que o atual representante diplomático ali continue a escrever para a imprensa brasileira sobre fatos e atos de governos amigos, de forma pouco compatível com a discrição que requer o cargo de Ministro diplomático.” *Gazeta de Notícias*, 01/12/1905, acervo Oliveira Lima Library.

O gradual isolamento de Oliveira Lima nos bastidores do Itamaraty o afastou do projeto de se tornar Ministro das Relações Exteriores. Embora muitas vezes tenha se considerado um candidato com chances reais, ele nunca se aproximou verdadeiramente dessa possibilidade. Depois de Londres, Oliveira Lima foi transferido para o Japão, para o Peru (neste caso, sem jamais ter ido ao país, pois recorreu a uma série de subterfúgios para adiar a indesejada mudança para Lima), para a Venezuela, a Bélgica e a Suécia, até pedir aposentadoria por invalidez, aos 45 anos. Alegou problemas renais e obesidade, motivos que seriam ratificados pela junta médica que o examinou. Ao final de 23 anos de carreira, havia acumulado raríssimos feitos memoráveis como diplomata e muitos como intelectual, evidência irrefutável da atividade à qual verdadeiramente dedicara seus esforços.

Depois da aposentadoria como diplomata, Oliveira Lima fez uma série de conferências em universidades respeitadas na Europa e nos Estados Unidos, enquanto continuava se dedicando à pesquisa histórica – e, como sempre, escrevendo para veículos da imprensa. No final da vida, decidiu mudar-se para Washington com Flora, trocando a doação da valiosa biblioteca por um emprego vitalício para ele e a esposa. Sentindo-se incompreendido e perseguido, isolou-se gradualmente até a morte, em 1928, aos 60 anos, em Washington, onde foi enterrado, conforme pedido que registrou em testamento.

As implicações das fases de “dependência” e “independência” na atuação jornalística de Oliveira Lima são analisadas nas Conclusões desta tese. Na fase de dependência, em que a produção de textos foi claramente associada ao objetivo de obter vantagens pessoais, ele esteve quase sempre no lado mais fraco das relações de favor – ou seja, cumpria o papel de quem dependia da boa vontade alheia. Na fase de independência, iniciada após a conquista de duas grandes metas ainda antes dos 30 anos – a nomeação para o primeiro cargo diplomático e a inclusão de seu nome entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras –, ele passou a escrever sem vincular diretamente os temas e o conteúdo à obtenção de vantagens pessoais. Sua posição nas relações de favor também havia mudado: em geral, passou a ser de igualdade ou de superioridade – agora, era a ele que pediam favores.

Oliveira Lima teria sido apenas um personagem interessante, entretanto, se as relações que estabeleceu – e a forma como as estabeleceu – não pudessem ser consideradas simbólicas do Brasil do pós-República e, mais especificamente, dos bastidores da imprensa à época. Ao longo das pesquisas, ele emergiu como um centro catalisador de outras tantas trajetórias movidas a favores e influências, muitas delas envolvendo

nomes relevantes da História brasileira – Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Salvador de Mendonça, José Veríssimo, Machado de Assis, Alfredo de Carvalho etc. –, evidência de que se tratava de um *modus operandi* amplamente difundido e aceito como natural à época.

É a partir desse personagem que se pretende conhecer melhor os bastidores da imprensa na época retratada, com foco nas relações interpessoais e nos desdobramentos mais “miúdos” do cotidiano. Convicto de que os melhores resultados em uma pesquisa histórica são obtidos pelo cruzamento exaustivo de fontes, conforme prega a micro-história, acredito que uma boa estratégia em pesquisas relacionadas à História da Imprensa seja compreender, em primeiro lugar e com profundidade, o universo mais restrito de uma publicação, ou das redes de sociabilidade em torno de uma pessoa específica, para a partir disso construir um cenário mais amplo. As estratégias mobilizadas pelos agentes tornam-se, assim, um caminho promissor para os estudos na área, tradicionalmente focados em aspectos institucionais, assunto que também será abordado nas Conclusões.

CAPÍTULO 1 – Como os favores definiram o quem-é-quem da República (1867-1890)

1.1 – Precocidade no jornalismo

Em 1889, ano da Proclamação da República no Brasil, Manuel de Oliveira Lima era um jovem de 21 anos que havia acabado de se formar em Letras na Universidade de Lisboa. Temporão entre quatro filhos e único a morar ainda com os pais, ele lidava com o estágio final de uma longa doença do pai, Luiz, português que fizera um bom pé-de-meia como comerciante no Recife e decidira voltar à terra natal na velhice⁴⁸. Luiz morreria pouco mais de dois meses depois do histórico 15 de Novembro⁴⁹, fato que impulsionaria uma mudança significativa na vida de Manuel, pressionado pela necessidade de buscar um caminho próprio – mesmo porque as reservas financeiras da família estavam se esgotando.

Quando Manuel nasceu, em 25 de dezembro de 1867, no Recife, em meio às turbulências provocadas pelo envolvimento do Brasil na Guerra do Paraguai (1864-1870), o pai já tinha 55 anos e havia se desfeito dos negócios. Vivía de renda, de tal forma que estava sempre presente em casa. Já a mãe, Maria Benedita de Miranda Lima, recebera educação de

⁴⁸ Natural do Porto, Luiz chegara ao Recife aos 18 anos. Trabalhou inicialmente como caixeiro-viajante e mais tarde tornou-se dono do próprio comércio. Provavelmente interessado em valorizar além da conta as suas origens, Oliveira Lima descreveria o pai como um homem culto e de hábitos finos. “Meu pai era de fato dos homens mais escrupulosos e mais corretos – o que na nossa linguagem brasileira se chama pichoso – que eu conheci, não só na sua aparência, cuja elegância cultivava sem jamais descambar no ridículo, como nos modos, requintados mas sem sombra de afetação, antes em extremo singelos, nas ideias, distintas quando mesmo triviais [...]. Nascera *gentleman*, embora não fosse nobre.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 6.

⁴⁹ Em 25 de janeiro de 1890, aos 77 anos. “Era o finado um caráter sem mácula, um bom velho, que passou uns poucos anos da sua vida torturado por uma cruel enfermidade, que desde 1882 o não deixava sair de casa.” Recorte do jornal *Repórter*, do Recife, datado de 26/01/1890, uma das notícias que Oliveira Lima guardou em um *scrapbook* com o título “Falecimento do meu querido papai”, acervo da Oliveira Lima Library. (Para facilitar a compreensão, optou-se ao longo desta tese pela atualização da grafia encontrada na imprensa e nas correspondências da época.)

sinhá para se casar com um bom partido⁵⁰. Além de ouvir constantemente que era iluminado por fazer aniversário no mesmo dia de Cristo, Manuel recebia, na prática, mimos de filho único. Luiz, o irmão mais velho, tinha 21 anos e já era casado quando o caçula nasceu. Amália e Maria Benedita, as irmãs um pouco mais jovens que Luiz, também já tinham estabelecido suas próprias famílias.

Amália, de temperamento retraído, uniu-se a Adolfo Acioly Wanderley, bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo e senhor de engenho no sul de Pernambuco. Maria Benedita, chamada desde pequena pelo apelido Sinhá para não ser confundida com a mãe de mesmo nome, era expansiva e permaneceria mais próxima de Manuel – os dois trocariam correspondências com regularidade ao longo da vida, tanto sobre temas pessoais quanto profissionais⁵¹. Sinhá casou-se com Pedro de Araújo Beltrão, antigo senhor de engenho que muito antes da Abolição libertara seus escravos e tornou-se abolicionista, elegendo-se deputado por Pernambuco e iniciando carreira diplomática⁵².

Quando tinha cinco anos, em abril de 1873, Manuel mudou-se para Lisboa com os pais. O casarão no Recife ficou, com todas as mobílias – incluindo bronzes, porcelanas e cristais comprados na Europa –, para o primogênito, que, além do nome, herdara do pai a profissão de comerciante⁵³. Na capital portuguesa, Manuel cresceria estudando nos melhores colégios, vestindo-se bem e frequentando os ambientes mais sofisticados da vida cultural. De temperamento alegre e extrovertido, tornou-se admirador de música erudita e de bons restaurantes, como a

⁵⁰ “Minha mãe era uma dessas donas de casa diligentes e esmeradas de que os nossos romancistas de costumes nunca souberam tirar todo o partido possível. Vestiam os filhos – no meu primeiro retratinho até o gorro escocês é de feitura materna – e os escravos; presidiam à comida destes e dos caixeiros ou outros empregados, e ainda achavam tempo para formar o espírito dos filhos com lições de uma moral bondosa.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 9.

⁵¹ As cartas de Sinhá para o irmão eram sempre afetuosas, com manifestações frequentes de apoio ao seu trabalho, como neste exemplo de 1894: “Com certeza que já li o teu livro, que muitíssimo me interessou, não só porque não conhecia a história do nosso Pernambuco, como também porque está lindamente escrito, e de uma maneira que todos podem compreender perfeitamente. Honra e glórias ao seu autor.” Carta de Maria Beltrão a Oliveira Lima, 25/10/1894, acervo Oliveira Lima Library.

⁵² GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 39-43.

⁵³ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 51-54.

aparência progressivamente mais rechonchuda não permitiria negar, embora se tratasse também de uma tendência genética⁵⁴.

Em 1882, aos 14 anos, o rapaz que adorava ler demonstrou precocidade intelectual ao fundar em Lisboa uma revista, que batizou de *Correio do Brasil*, planejada com o objetivo de divulgar na Europa assuntos relacionados ao país natal. Inteiramente escrita por ele, a publicação tratava de temas amplos da História Brasileira – Descobrimto, Independência etc. – e dava destaque a perfis de personalidades como o Marquês de Pombal, Carlos Gomes e José Bonifácio d’Andrada e Silva. Notícias também tinham espaço, como o traslado dos restos mortais de Pedro Álvares Cabral⁵⁵.

Criar uma publicação sobre temas brasileiros era a estratégia que Oliveira Lima encontrou para reforçar o vínculo com suas origens. Embora reunisse todas as condições para tornar-se cidadão português e deixar o Brasil definitivamente no passado, ele parecia ter clareza, desde cedo, de que seu futuro estava ligado ao país natal, com o qual jamais desejou romper os laços afetivos e intelectuais.

Oliveira Lima nunca se considerou “português”, ainda que se orgulhasse da formação que teve longe do Brasil⁵⁶. Boa parte da ligação que ele mantinha com a terra natal podia ser credenciada à nostalgia dos pais e às muitas visitas de brasileiros que a família recebia em Lisboa. O caçula participava ativamente das conversas que transcorriam invariavelmente em torno de uma mesa repleta de quitutes pernambucanos – farinha de mandioca, doces, queijos, pimentas – enviados do Recife pelo irmão mais velho⁵⁷. Não por acaso, a província natal se tornaria tema do primeiro livro de Oliveira Lima, ideia que

⁵⁴ Sua família era conhecida em Pernambuco como “Limas gordos”. FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 69. A propensão à obesidade apresentada desde cedo o levaria a pesar quase 150 quilos na vida adulta.

⁵⁵ MACEDO, Neusa Dias de. *Bibliografia de Manuel de Oliveira Lima*, p. 33-34.

⁵⁶ “Mil vezes obrigado pelo seu tão simpático artigo do *Diário*. O que nesse artigo mais admirei e mais estimei foi a discrição, a moderação, a falta de exagero, o mal de não poucos brasileiros infelizmente. Deus lho conserve porque me parece ser o predicado melhor do escritor. O senhor o tem, como eu também me gabo de tê-lo, porque nossa educação intelectual se fez um pouco distante dos meios espirituais brasileiros. O senhor é um produto norte-americano, como eu sou um produto cosmopolita, com fortes laivos portugueses, do português de lá, da barba até a cinta.” Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 21/10/1921, reproduzida em FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 201-202.

⁵⁷ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 54.

derivou naturalmente das pesquisas para a produção dos textos para o *Correio do Brasil*.

Escrever para veículos da imprensa seria uma atividade que Oliveira Lima jamais abandonaria, muito possivelmente em decorrência da percepção precoce do poder que o jornalismo proporcionava para construir relacionamentos, abrir portas e levar à obtenção de vantagens práticas e simbólicas. Foi por conta de uma reportagem para o *Correio do Brasil*, por exemplo, que o adolescente teve a oportunidade de entrar em contato com o também pernambucano Joaquim Nabuco, uma das figuras públicas mais proeminentes do cenário político brasileiro à época, líder da causa abolicionista.

Aos 32 anos, Nabuco atuava em três áreas de potencial interesse para Oliveira Lima: o jornalismo, a política e a diplomacia⁵⁸. O primeiro contato ocorrera quando Nabuco passou por Lisboa a caminho da Inglaterra, para onde decidira se mudar, sentindo-se perseguido e boicotado pela sociedade escravista brasileira⁵⁹. Oliveira Lima acompanhou o cunhado na recepção a Nabuco oferecida pela Câmara dos Deputados portuguesa e escreveu um entusiasmado perfil do ilustre conterrâneo, publicado no quarto número de sua revista⁶⁰. Enviou um

⁵⁸ Inspirado pelo cunhado Araújo Beltrão, Oliveira Lima já vislumbrava a possibilidade de seguir a carreira diplomática, o que certamente dependeria da construção de uma rede de apoios. Não havia concursos à época e o ingresso no corpo do Itamaraty dependia de indicações. “Desde o Império, as nomeações para cargos diplomáticos ou consulares obedeciam a três critérios básicos: relações familiares com as altas esferas do poder; notabilidade no jornalismo, na literatura ou nas artes; e atividade parlamentar.” SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 293.

⁵⁹ Por sua campanha pró-Abolição, que incluiu a fundação em 1880 da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, Nabuco teve o nome vetado pelo Partido Liberal para a reeleição como deputado por Pernambuco, obrigando-o a se candidatar pelo Rio de Janeiro, onde obteve votação insuficiente. Decidiu então partir para a Inglaterra, passando a prestar serviços como advogado para empresas inglesas ligadas ao Brasil e a contribuir com as “Cartas de Londres” para o *Jornal do Comércio*, o que manteve seu nome presente entre os compatriotas. Em Londres ele escreveu *O abolicionismo*, livro publicado em 1884, marco da campanha que se tornaria exitosa em 1888. VIEIRA, Celso. *Joaquim Nabuco, libertador da raça negra*, p. 109-131.

⁶⁰ O texto foi iniciado com “Joaquim Nabuco! Quem não conhece no Brasil esse mancebo tão justamente célebre pelas suas nobres e avançadas ideias?” e encerrado com “Um bravo sincero a Joaquim Nabuco, pelo seu sempre leal e

exemplar a Nabuco, que respondeu agradecendo e ressaltando a precocidade do interlocutor:

Acham-me para político moço demais; o que dirão porém quando virem que o meu biógrafo é um jornalista da sua idade? O seu juízo a meu respeito é a apenas uma tradução da sua simpatia. Mal sabia eu que, no menino que me dava todas as notícias de última hora, estava um botão de jornalista a desabrochar a toda a pressa voltado para o sol da pátria!⁶¹

Logo no primeiro contato com Oliveira Lima, Nabuco fazia um surpreendente desabafo sobre sua condição de líder do movimento abolicionista, o que certamente deixou o adolescente fascinado pela proximidade com os bastidores do poder no Brasil⁶². Abria-se a oportunidade para novas correspondências, devidamente aproveitada por Oliveira Lima, interessado em consolidar a amizade estratégica.

exemplar procedimento com respeito à sublime luta da emancipação dos escravos, a questão mais grave que atualmente ocupa o Brasil, na sua qualidade de nação liberal e civilizada”. GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, vol. I, p. 58.

⁶¹ Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 14/10/1882, acervo Oliveira Lima Library. Muitos anos depois, já rompido com Nabuco, Oliveira Lima lembraria dessa carta com certo desdém ao redigir suas *Memórias*: “Eu conhecia Joaquim Nabuco desde criança e escrevera sobre ele, quando estudante de preparatórios, aos 15 anos, um artigo palpitante de simpatia que me valeu uma das cartas imitadas de Victor Hugo, mas com estilo renaniano, com que o Mestre recompensava e animava seus discípulos. Sinceras ou não – e por que não? apesar de Renan confessar que as escrevera mesmo acerca de livros que não lera – tais missivas faziam felizes aqueles que as recebiam, e eu lembro-me de que li e reli com desvanecimento a carta na sua bela caligrafia [...]”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 177.

⁶² “[...] o meu desterro em Londres não é voluntário. Se se pode chamar de desterro, sem ser figuradamente, à saída da pátria por algum tempo, esse desterro me foi imposto por circunstâncias inteiramente alheias à minha vontade. [...] Estou simplesmente tratando de ganhar a vida, como apenas um emigrado [...]. Todo o campo da luta pela vida está infelizmente dominado pela escravidão, e eu tornei-me seu mortal inimigo.” Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 14/10/1882, acervo Oliveira Lima Library.

Nabuco reconhecia o conterrâneo como jornalista e o acolheu como colega⁶³, possivelmente porque via a si próprio naquele rapaz. Em 1865, quando tinha coincidentemente os mesmos 15 anos de idade, ele foi calorosamente recebido por Machado de Assis em contato semelhante. Machado, então com 25 anos, elogiara o poema patriótico sobre a rendição de Uruguaiana que o jovem filho do senador Nabuco de Araújo recitara, na presença do Imperador, durante um evento do Colégio Dom Pedro II⁶⁴. O estudante escreveu agradecendo os comentários, ponto de partida da amizade entre os dois homens que, três décadas à frente, iriam se tornar os nomes mais reluzentes do grupo fundador da Academia Brasileira de Letras.

Depois de quase um ano, Oliveira Lima interrompeu a produção do *Correio do Brasil* para se dedicar ao curso de Letras da Universidade de Lisboa – escolhido, em parte, porque ele sentia mais afinidade pela Literatura do que pelo Direito, caminho tido como natural para filhos da elite econômica de Portugal e do Brasil, mas também porque estudar em Coimbra não seria simples diante da necessidade de ficar perto do pai doente. Mais um ponto a favor do curso de Letras era a proximidade com outro interesse do jovem, a História, que se consolidava como área autônoma⁶⁵. Além do convívio com professores que respeitava pela erudição, Oliveira Lima fez durante o curso de Letras amigos como o

⁶³ “Não vá agora cometer a indiscrição de publicar esta carta. Nos jornalistas, assim como nos colecionadores, não se pode confiar e o sr. Oliveira Lima, apesar de muito novo, já mostra conhecer todas as artes da profissão. [...] Aceite os meus agradecimentos e creia-me com verdadeira simpatia do comprovinciano, colega e amigo, Joaquim Nabuco.” Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 14/10/1882, acervo Oliveira Lima Library.

⁶⁴ CARVALHO, José Murilo de. “As duas repúblicas”, prefácio para ARANHA, Graça (org.), *Machado de Assis & Joaquim Nabuco – Correspondência*, p. 9.

⁶⁵ “No período em que ocorreu a formação de Oliveira Lima [...], a História vinha cada vez mais tornando-se tarefa de especialistas e as técnicas específicas de pesquisa sistematizavam-se em ensino universitário, ao qual ele teve acesso mediante o Curso de Letras. Este curso, pela sua estrutura curricular e pela ênfase à prática de pesquisa arquivística, situava-se na confluência das duas disciplinas, História e Literatura, e propiciou a Oliveira Lima dupla formação.” MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 73. O curso feito por Oliveira Lima “contava com disciplinas de História lastreadas na historiografia alemã, com o estudo das obras de Leopold von Rank, Ernst Curtius, Theodor Mommsen e Otfried Müller”. SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 40.

maranhense Manoel Villas Boas, que o ajudou a retomar a produção do *Correio do Brasil* depois de dois anos de interrupção. Oliveira Lima chegou a mobilizar sua incipiente rede com o propósito de viabilizar financeiramente o projeto pela venda de assinaturas – sem, contudo, obter sucesso⁶⁶.

Em paralelo à tentativa de manter o próprio veículo, Oliveira Lima iniciou colaboração com publicações comerciais. No dia 7 de junho de 1884, aos 16 anos, ele assinou um artigo no jornal *Comércio de Portugal*, de Lisboa – e fez questão de enviá-lo à autoridade brasileira que foi a principal fonte das informações, prevendo que o resultado do trabalho seria apreciado. Uma carta que Oliveira Lima guardou em seus *scrapbooks* junto ao recorte da página do jornal traz a seguinte anotação: “Mereceu a carta anexa do Sr Valente, então encarregado de negócios do Brasil nos Estados Unidos”. Na carta, depois do agradecimento pela reportagem⁶⁷, o funcionário do corpo diplomático brasileiro passou a responder sobre algo que claramente se tratava de um pedido do interlocutor⁶⁸ – indício de que Oliveira Lima já confundia, desde cedo, a atuação jornalística com a obtenção de vantagens pessoais.

⁶⁶ Assim justificou o amigo de infância Medeiros e Albuquerque: “[...] não te consegui nem uma assinatura e isso por várias razões. 1ª – Eu não tenho absolutissimamente mínimo jeito para semelhante mister e acanho-me até muitíssimo em fazê-lo. 2ª – Vencendo, porém, minha repugnância, falei com algumas das pessoas de minhas mais íntimas relações, e elas respondendo um argumento em que eu nem sequer cogitara disseram-me que lhes parecia esquisito procurar no Brasil assinaturas para o ‘Correio do Brasil’.” Carta de Medeiros e Albuquerque a Oliveira Lima, 08/02/1885, acervo Oliveira Lima Library.

⁶⁷ “[...] devo antes de tudo significar-lhe o meu profundo reconhecimento pelo esplêndido artigo que publicou no *Comércio de Portugal* a respeito da lei de repressão do crime de moeda falsa. Receio, porém, que apesar dos seus bons desejos e esforços, passará desapercibido este serviço, aliás da maior importância para o nosso país.” Carta de (?) Valente a Oliveira Lima, 24/06/1884, acervo Oliveira Lima Library.

⁶⁸ Ainda que alguns trechos da carta tenham sido rasurados pelo tempo: “Estimarei que a sua permanência na Corte lhe seja agradável [...], sendo realizados os seus desejos quanto à [...]. É pena que o conselheiro Soares Brandão já não esteja à frente da Repartição de Estrangeiros, o que de certo asseguraria o seu desideratum. Não obstante, como ele dispõe de grande influência, e as circunstâncias se apresentam favoráveis, é de esperar que seja bem recebido na sua pretensão.” Carta de (?) Valente a Oliveira Lima, 24/06/1884, acervo Oliveira Lima Library.

Construir a imagem de jornalista com espaço na imprensa europeia era parte da estratégia do jovem Oliveira Lima, ciente de que os jornais brasileiros repercutiam em tom de orgulho a publicação de textos assinados por compatriotas em periódicos estrangeiros. Assim, ele aprendeu desde cedo a divulgar amplamente cada uma dessas contribuições. Afinal, qualquer que fosse a carreira que viesse a seguir – jornalística, política ou diplomática –, era importante divulgar seu nome no Brasil. Um passo a mais nessa direção foi se tornar primeiro-secretário do Conselho Diretor da Sociedade de Beneficência Brasileira em Portugal. Tratava-se de um cargo sem remuneração, mas que lhe assegurava representatividade entre os compatriotas estabelecidos em Lisboa e o aproximava dos brasileiros que apenas passavam pela cidade.

Como parte da mesma estratégia, Oliveira Lima estreitava as relações com Pernambuco, a província natal, que ele projetava como provável destino inicial em seu futuro retorno ao Brasil. Uma providência essencial nesse sentido foi ter se tornado, aos 17 anos, colaborador fixo do *Jornal do Recife*, fazendo crítica de teatro e de artes plásticas – desta vez uma atividade remunerada, ao que tudo indica a primeira como jornalista nessas condições⁶⁹. A vida cultural europeia chegava aos leitores pernambucanos filtrada pelo olhar do jovem conterrâneo, que passava a vivenciar, assim, o poder que o jornalismo exerce como “senhor da memória”⁷⁰.

⁶⁹ Nada mais antijornalístico para os padrões atuais do que o início do primeiro texto de Oliveira Lima para o *Jornal do Recife*: “Bem pobres de acontecimentos têm sido estes últimos dias. Nenhum caso importante tem vindo alterar a monotonia constante da pacata *cidade de mármore e de granito*, como lhe chamava o grande Herculano. Em compensação, o tempo tem estado delicioso: aqui e nas províncias. O micróbio conserva-se longe e felizmente atravessamos incólumes a quadra de maior intensidade de todas as epidemias, os meses de julho e agosto.” *Jornal do Recife*, 22/08/1885, acervo Oliveira Lima Library. A colaboração fixa para o *Jornal do Recife* se estenderia por sete anos, até 1892, conforme Oliveira Lima anotou na coleção de recortes que organizava: “Vindo em junho 92 para Berlim findaram de todo minhas correspondências do *Jornal do Recife*”. Acervo Oliveira Lima Library. Ele continuaria colaborando esporadicamente com o jornal por mais alguns anos.

⁷⁰ “Ao selecionar, ao hierarquizar, ao priorizar a informação – dentro de critérios altamente subjetivos – o que o jornalismo faz é uma seletiva reconstrução do presente. E com esta seleção fixa no hoje uma memória futura do próprio acontecimento. E é essa capacidade de ser um dos senhores da memória da sociedade que lhe dá um inegável poder.” BARBOSA, Marialva. “Senhores da

1.2 – Explorando o território do favor

Os primeiros passos da trajetória profissional de Oliveira Lima encontraram a imprensa brasileira em plena transformação. As décadas anteriores haviam sido de um jornalismo menos combativo, focado nas artes e nas letras⁷¹ – primeiros *mass media* do Brasil, os jornais tinham os literatos como suas estrelas⁷². Na década de 1880, com a sociedade brasileira voltada a duas grandes causas, a Abolição e a República, as discussões políticas atraíam as atenções e ganhavam maior repercussão. Para conquistar e consolidar espaço na imprensa, era preciso participar do debate sobre os temas mais polêmicos, carregando as tintas em adjetivos, hipérbolos e ironias⁷³.

Atento à conjuntura e sentindo-se respaldado pela obtenção do diploma em Letras, em julho de 1887, aos 19 anos⁷⁴, Oliveira Lima aproveitou que o *Jornal do Recife* estava mudando de mãos para pleitear

memória”, p. 88. “Aos relatos que devem ser perenizados, imortalizados na prisão da palavra escrita, contrapõem-se outros que devem ser relegados ao esquecimento. A memória é, antes de tudo, a dialética entre lembrança e esquecimento.” BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*, p. 131.

⁷¹ José de Alencar foi um ícone dessa era: seu primeiro livro, *Cinco Minutos*, surgiu em 1856 como brinde de fim de ano aos leitores do *Diário do Rio de Janeiro*, jornal do qual era redator-chefe. A repercussão foi tão boa que *O Guarani* e *A Viúvinha* também nasceriam da mesma forma ao longo dos quatro anos posteriores. Tratava-se de uma estratégia para que os jornais deixassem de ser uma literatura eminentemente masculina e passasse a atrair novos leitores, a exemplo das mulheres e dos jovens. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 219-220.

⁷² MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*, p. 230.

⁷³ Ao investigar o perfil dos leitores dos jornais cariocas naquela virada de século, Marialva Barbosa identificou que os textos dos jornais eram muitas vezes acompanhados não apenas como *relato*, mas como *enredo*, de tal forma que o real era apreendido como fantasia. Assim, os participantes de polêmicas despertavam sentimentos semelhantes aos direcionados a personagens de ficção, a exemplo de identificação, repulsa, revolta, pena e compaixão. BARBOSA, Marialva. “Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)”, p. 100.

⁷⁴ *Jornal do Recife*, 26/08/1887, acervo Oliveira Lima Library.

um espaço mais amplo, em que pudesse tratar também de política⁷⁵. Foi contemplado com uma coluna, a “Correspondência de Lisboa”, não sem antes ser advertido pelo novo diretor do jornal sobre a linha a ser seguida⁷⁶. Na política pernambucana, Sigismundo Gonçalves fazia parte “do ramo partidário taxado de aristocrata e vulgarmente apelidado *leões*, em oposição ao outro ramo, o democrata, apelidado *cachorros*”⁷⁷.

A evolução dos contatos entre Oliveira Lima e Gonçalves demonstra como uma relação inicialmente formal podia evoluir para algo mais caloroso e, dessa forma, propício à troca de favores. Em 1887, ano em que Gonçalves adquiriu o jornal, o teor das cartas era profissional, diretamente relacionado às colaborações de Oliveira Lima – como, por exemplo, negociações em torno da remuneração e detalhes operacionais sobre o pagamento⁷⁸. No ano seguinte, a relação já se aproximava da

⁷⁵ O juiz Sigismundo Antônio Gonçalves (1845-1915), formado pela Faculdade de Direito do Recife, comprou o veículo em parceria com o jornalista Ulysses Vianna. Gonçalves assumiu a direção do jornal com o objetivo de dar sustentação à própria carreira política. BARBOSA, Virgínia. “Sigismundo Antônio Gonçalves”, perfil publicado no site da Fundação Joaquim Nabuco, www.fundaj.gov.br. Consultado em 31/10/2018.

⁷⁶ “Acolhemos com prazer a proposta que nos fez Vsa de ser aí o nosso correspondente, apreciando devidamente a sua superior competência. Vsa conhece pelo *Jornal do Recife* as nossas intenções e orientação, e adaptará a elas as suas correspondências que desejamos sejam ao mesmo tempo noticiosas e políticas. Os nossos recursos são modestos, e certa elevação, que, nos parece, temos conseguido para o jornal, nos tem custado sacrifícios, que só o tempo talvez permita sejam compensados; isto nos priva de oferecermos a Vsa remuneração superior a cinquenta mil reais mensais, moeda brasileira, que lhe podemos remeter para aí em saques, ou satisfazer aqui à sua disposição. Se nestes termos puder Vsa tomar a si o encargo aludido, poderá começar a desempenhá-lo imediatamente, dando-nos suas ordens.” Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 13/05/1887, acervo Oliveira Lima Library.

⁷⁷ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 177.

⁷⁸ “Nos têm agradado muito as correspondências que Vsa nos tem enviado, e as temos imediatamente publicado. [...] Se a prosperidade da nossa empresa permitir nós remuneramos devidamente o trabalho de Vsa, como já lhe dissemos.” Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 28/06/1887, acervo Oliveira Lima Library. “Temos agora a remeter-lhe uma letra do Banco Internacional do Brasil do valor de cinco libras esterlinas, sua remuneração pelo mês de agosto próximo.” Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 21/07/1887, acervo Oliveira Lima Library.

amizade, simbolizada pelo envio recíproco de fotografias, hábito da época entre intelectuais⁷⁹. Mais um ano e o tom se tornara afetuoso, com Gonçalves planejando uma visita a Oliveira Lima durante viagem à Europa⁸⁰.

Em 1887, atuando como cronista político do *Jornal do Recife*, Oliveira Lima foi procurado em sua casa em Lisboa por Joaquim Nabuco, que passava pela capital portuguesa rumo ao Recife, onde tentaria novamente a eleição para deputado. Nabuco estava interessado em ver noticiado o almoço que seria a ele oferecido por João Vieira da Silva, representante em Portugal do diário fluminense *O País*, periódico que vinha dando grande espaço à defesa da causa abolicionista. Diante desse episódio, conclui-se que Nabuco também tenha vislumbrado possíveis vantagens ao se relacionar, cinco anos antes, com o jovem aspirante a jornalista no qual identificou um futuro promissor. Assim Oliveira Lima relataria, em suas *Memórias*, o desfecho do pedido:

Assisti ao almoço de que foram convivas salientes Oliveira Martins e Antonio Candido e dei fiel conta dele para Pernambuco, mas a correspondência não foi publicada e Ulysses Vianna, com sua habitual urbanidade, um tanto pomposa como a sua forma, mas fina e cordial, desculpou-se, explicando-me que os *leões* não favoreciam os *cachorros*. Joaquim Nabuco era de fato pelas suas ligações de família e pelas suas afinidades morais muito mais leão do que cachorro [...]⁸¹.

Se não conseguiu publicar o texto, Oliveira Lima ao menos aproveitou a ocasião para estabelecer laços com Oliveira Martins, que

⁷⁹ “Agradeço muito a VSa a bondade com que me oferece uma sua fotografia, que tenho em grande apreço. Logo que eu tenha alguma minha nova lhe oferecerei um exemplar.” Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 27/03/1888, acervo Oliveira Lima Library.

⁸⁰ “Meu caro amigo Dr. O. Lima, deu-me prazer a notícia da sua boa viagem, e faço votos de que a sua saúde continue inalterada. O Filippe e eu continuamos com a intenção de para aí partir a 12 do corrente, pouco mais ou menos. Logo que chegarmos iremos à Rua da Glória. [...] Receba um abraço do amigo Sigismundo A. Gonçalves.” Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 02/08/1889, acervo Oliveira Lima Library.

⁸¹ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 178.

pouco tempo depois assumiu a direção de um novo jornal de Lisboa, *O Repórter*. Com o objetivo de estreitar esse vínculo, Oliveira Lima usou o espaço que tinha no *Jornal do Recife* para descrever longamente – e com muita simpatia – a novidade da imprensa portuguesa⁸². A estratégia deu certo e ele se tornou colaborador. Publicaria n’*O Repórter* textos sobre a questão abolicionista no Brasil e críticas de clássicos da literatura francesa, como *A Comédia Humana*, de Balzac, e *Madame Bovary*, de Flaubert. Foram colaborações sem remuneração⁸³, mas que lhe proporcionaram outros tipos de benefícios: reconhecimento, prestígio e até guloseimas⁸⁴.

Apesar das boas experiências proporcionadas pelo jornalismo, a diplomacia se consolidava cada vez mais como o plano número um de Oliveira Lima, pela segurança do salário certo e a perspectiva de conhecer o mundo. Para alcançar o objetivo, seria fundamental conquistar aliados dentro do Itamaraty. Assim, sob o pretexto inicial de intercâmbio de informações e documentos sobre temas históricos, ele iniciou em 1888, quando estava com 20 anos, troca de correspondências com José Maria da Silva Paranhos Jr., o Barão do Rio Branco, duas décadas mais velho e àquela altura já com uma sólida carreira diplomática⁸⁵.

Além do cunhado Araújo Beltrão, a principal inspiração de Oliveira Lima para desejar a carreira no Itamaraty era a trajetória do ídolo

⁸² “No dia 1º do ano encetou a sua publicação um novo jornal – *O Repórter* (propriedade de Jayme de Séguier), que tem seguido brilhantemente o seu caminho. É uma imitação do *Fígaro* e foi destinado a preencher uma lacuna na imprensa portuguesa, qual a de uma folha que não fosse exclusivamente política, mas de uma feição literária, como o célebre jornal de Villemessant.” *Jornal do Recife*, 23/02/1888, acervo Oliveira Lima Library.

⁸³ Os recortes de seus textos para *O Repórter* foram guardados por Oliveira Lima com a seguinte observação manuscrita: “Os artigos que se seguem são frutos da minha colaboração gratuita no *Repórter* nos primeiros meses do ano de 1888”. Acervo Oliveira Lima Library.

⁸⁴ Seu texto sobre uma oração literária de Antonio Candido lhe valeu “uma visita pessoal e a remessa, dias depois, dos mais deliciosos pêssegos d’Amarante, sua terra”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 180.

⁸⁵ SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 146. Filho do Visconde do Rio Branco, importante estadista do Império, José Maria da Silva Paranhos Júnior formou-se em Direito e acompanhou o pai em missões diplomáticas em diferentes países sul-americanos. Em 1888, o Barão já havia ocupado cargos diplomáticos na Inglaterra e na Rússia.

Francisco de Adolfo Varnhagen (1816-1878). Varnhagen se beneficiara da condição de diplomata para exercer o ofício de historiador, pois suas viagens lhe davam a oportunidade de acessar fontes históricas primárias⁸⁶. Em 1842, ao ser nomeado para seu primeiro cargo diplomático – adido na legação brasileira em Portugal –, Varnhagen recebeu como missão principal a pesquisa de documentos relativos à História, à Geografia e à Legislação do Brasil. Realizou amplo levantamento documental na Torre do Tombo e em vários outros arquivos da Europa. Esse material seria fundamental para a elaboração da sua *História geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal*, concluído em 1853, obra que se tornou referência para a historiografia brasileira ao longo das décadas seguintes⁸⁷.

De forma geral, Varnhagen obteve resultados pífios como diplomata. Os estudos históricos que empreendeu foram suficientes, contudo, para manter seu prestígio diante de Dom Pedro II, a ponto de ter sido nomeado, em 1868, aos 52 anos, ministro residente na Áustria, como uma espécie de prêmio de aposentadoria. Quatro anos depois, o imperador concedeu a Varnhagen o título de Barão de Porto Seguro, elevado dois anos depois para o de Visconde. Varnhagen morreu em Viena, a 29 de junho de 1878⁸⁸.

Enquanto monitorava o desenrolar dos acontecimentos do Brasil – a Monarquia claramente definha –, Oliveira Lima tratou de aproximar-se dos anseios republicanos. Passou a usar o espaço que tinha na imprensa

⁸⁶ PETRONIO, Rodrigo. *Oliveira Lima*, p. 8.

⁸⁷ Em 1851, Varnhagen voltara ao Brasil, chamado para contribuir, com seus conhecimentos em História e Geografia, nas negociações sobre os limites. Durante a permanência no Rio de Janeiro, participou das sessões do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Eleito primeiro-secretário da instituição, fundada em 1838, ele reorganizou a biblioteca, os arquivos e o museu. Voltou a Madri, promovido a Encarregado de Negócios, seguindo depois para o Paraguai, como ministro residente, iniciando a experiência latino-americana que se estenderia por uma década e incluiria uma passagem por Caracas. CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”, p. 169-171.

⁸⁸ Para alguns, Varnhagen não passava de um bajulador. “Ter-se declarado um monarquista incondicional, não somente na sua correspondência com o imperador, nos seus relatórios para o ministério, mas também, publicamente, no interior de sua obra, em muito contribuiu para consolidar essa imagem.” CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”, p. 180-181.

para criticar o regime que estava com os dias contados. Assim que a República foi proclamada, ele celebrou a novidade: afirmou no *Jornal do Recife* que, em Lisboa, tanto os brasileiros quanto os portugueses mostravam-se satisfeitiíssimos. O texto que escreveu para o jornal *A Era Nova*, também do Recife, lançado pela “mocidade comercial de Pernambuco” e que curiosamente teve apenas um número – publicado em 15 de dezembro de 1889, para celebrar o primeiro mês da proclamação da República –, foi apoteótico:

Eu vos saúdo, ó República, assim bela e risonha, mostrando aos povos a nova ideia, os novos horizontes; que a vossa luz caia n’alma brasileira como a gota de orvalho sobre o vegetal, deixando o organismo americano cheio de vida e robusto para as lutas evolutivas⁸⁹.

A implantação do regime republicano, precedida no ano anterior pelo fim da escravidão, representava uma combinação de fatores que prometia rearranjar todo o *status quo* do poder no Brasil, inclusive na diplomacia. Quando a Monarquia chegou ao fim, a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros tinha um quadro enxuto, por conta das limitações orçamentárias: apenas 105 empregados, sendo 31 no Rio de Janeiro (incluindo o diretor-geral desde 1869, Joaquim Tomás do Amaral, o Visconde de Cabo Frio⁹⁰), e 74 no exterior, distribuídos meio a meio entre a Europa e as Américas⁹¹.

À perspectiva de ampliação do quadro diplomático juntavam-se as oportunidades que certamente se abririam por conta da substituição de diplomatas associados ao regime deposto – incluindo Joaquim Nabuco, reconhecido monarquista⁹². Com a morte do pai, ocorrida pouco mais de

⁸⁹ Citado por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 93.

⁹⁰ Um caso extraordinário de longevidade física e política, pois, mesmo com o advento da República, permaneceu no cargo até a morte, em 1907, aos 89 anos.

⁹¹ RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*, p. 228.

⁹² Nabuco se afastou do Itamaraty em meio às turbulências da transição, tornando-se crítico dos atos autoritários do novo regime: “A causa da altivez com que todo brasileiro olhava para o Imperador era a certeza de que ele nada pode tentar contra o último dos cidadãos, assim como a causa do orgulho que tínhamos dele era a certeza de que, ainda nas piores conjunturas pessoais, ele não o havia de querer.

dois meses depois da proclamação da República, Oliveira Lima sentiu-se pronto para colocar em prática seu plano para obter uma nomeação. Aos 22 anos, ele tinha como estratégia acionar sua rede de contatos, que incluía parentes, relações de amizade herdadas do pai e aquelas que ele próprio já havia construído.

Tratava-se de um procedimento compatível com práticas de favor amplamente difundidas durante a Monarquia e que continuariam mais vivas do que nunca após o advento da República. Apesar de supostamente condenado pela classe política e a opinião pública, o clientelismo ganhou ainda mais força no Federalismo – o que fez aflorar uma derivação, o coronelismo, sistema de barganhas políticas baseado na articulação e interdependência entre o governo central e os “coronéis” de poder local⁹³.

Construir alianças que levassem os “coronéis” à legitimação como chefes políticos foi a forma encontrada para preservar sua influência local (baseada em geral no domínio de algum recurso estratégico, normalmente a posse de terra) e ao mesmo tempo associá-los à estrutura mais ampla de poder. Assim, por meio de um sistema em que “o voto era entendido como moeda de troca” e “as relações de poder se desenvolviam a partir do município”⁹⁴, o coronelismo reforçava o uso da máquina pública para a obtenção de benefícios privados. Aos pobres, a grande maioria da população, restava a resignação, pois era difícil escapar das estruturas de dominação baseadas nas relações de favor⁹⁵.

Quem era assim monarquista pela ideia que fazia da República não pode honestamente tornar-se republicano pela razão de que a sua previsão está começando a realizar-se”. NABUCO, Joaquim. *Porque continuo a ser monarquista. Carta ao Diário do Comércio*, p. 4-5. Nabuco só voltaria à atividade diplomática uma década depois, em 1898.

⁹³ “O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca do reconhecimento deste de seu domínio no estado.” CARVALHO, José Murilo de. “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual”, p. 232.

⁹⁴ SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*, p. 322.

⁹⁵ O favor era um “expediente muito mais exercido a partir de estruturas de dependência pessoal do que pautado numa cartela de direitos civis ou sociais. Na verdade, ‘o favor’, essa sorte de moeda nacional e de larga circulação interna, representa a própria negação dos direitos. Implica um inflacionamento dos poderes pessoais em detrimento da esfera oficial e pública.” SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*, p. 501.

Roberto Schwarz afirma, em “As ideias fora do lugar” – parte do trabalho do crítico sobre a obra de Machado de Assis, reunido no livro *Ao vencedor as batatas* –, que a colonização dividiu a população brasileira em três classes: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, sendo que o chamado “homem livre” na verdade era dependente, pois “seu acesso à vida e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande”:

O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre estas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em consequência, por este mesmo mecanismo. Assim, com mil formas e normas, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional. [...] Esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, corte etc. Mesmo profissões liberais, como a medicina, ou qualificações operárias, como a tipografia, que, na acepção europeia, não deviam nada a ninguém, entre nós eram governadas por ele. E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto⁹⁶.

Pesquisa feita por José Murilo de Carvalho sobre o período imediatamente posterior ao início da República, tendo como personagem o então ministro da Fazenda, Rui Barbosa, mostra com clareza como os protegidos dos políticos alinhados ao poder continuaram sendo beneficiados com empregos públicos e outras concessões – prática que, conhecida à época como “patronato” ou “filhotismo”, afrontava o ideário republicano, marcado pela defesa do fim dos privilégios aos “amigos do rei” em nome da igualdade e da valorização dos méritos.

Dos 2.529 ofícios, cartas, cartões e telegramas recebidos por Barbosa durante os 14 meses e uma semana em que ocupou o cargo, entre 15 de novembro de 1889 e 21 de janeiro de 1891, nada menos que 1.013

⁹⁶ SCHWARZ, Roberto. “Introdução”. *Ao vencedor as batatas – Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, p. 16.

(ou seja, 40% do total) referiam-se a pedidos de favores: algum tipo de recomendação, apadrinhamento ou vantagem. Como pleitear algo em favor de si próprio era uma atitude que exigia certo cacife, apenas 28% dos pedidos tinham o autor como beneficiário – nos demais casos, os interessados recorreram a alguma intermediação⁹⁷.

Uma vez que Rui Barbosa era visto como figura influente no governo, os pleitos não se limitavam a assuntos que estavam diretamente ao seu alcance no Ministério da Fazenda: atingiam toda a estrutura governamental. Os pedidos mais comuns eram promoção ou transferência para quem já era funcionário público, emprego para quem ainda não era e ajuda financeira ou amparo por motivo de saúde. O perfil de quem pedia favores a Rui Barbosa reforça a simbiose entre vida privada e pública que predominava à época. Ao lado de colegas de governo, políticos, militares e republicanos históricos, como Saldanha Marinho, Silva Jardim e Aníbal Falcão, a lista incluía antigos colegas de faculdade de Barbosa, além de amigos e parentes, a exemplo da tia Luíza Adelaide e do primo Antônio Jacobina:

O marechal Floriano Peixoto, que entrou para a história com a imagem de austeridade, fez tantos pedidos (20 cartas) que, ao agradecer uma nomeação confessa: “são muitos os meus pedidos por isso não me recordo ter intercedido a favor desse Dr.” [...] Barata Ribeiro, prefeito republicano do Rio de Janeiro, pediu a nomeação do irmão Atanagildo como governador de Goiás e não se esqueceu também do futuro genro. O ex-professor de Rui, Ernesto Carneiro Ribeiro, pediu para si um cargo na Faculdade de Medicina da Bahia, e quis também emprego para um irmão. O romancista Júlio Ribeiro, tísico, pediu um consulado na Europa a fim de poder tratar da saúde⁹⁸.

⁹⁷ “Pedidos em benefício de outros constituíam os famosos empenhos, condenados por todos, praticados por todos. A decisão de se dirigir diretamente a Rui ou fazê-lo por intermédio de outro dependia do cálculo de cada um. Quem se julgava com trunfos suficientes, fazia o pedido diretamente. Do contrário, socorria-se de alguém que os tivesse. O alto número de empenhos indica que o patronato era elemento importante no exercício do poder, esperado pelos favorecidos, aceito pelos que o exerciam.” CARVALHO, José Murilo de. “Rui Barbosa e a razão clientelista”, p. 7.

⁹⁸ CARVALHO, José Murilo de. “Rui Barbosa e a razão clientelista”, p. 3.

Ao longo de seus 432 dias como ministro, Barbosa fez 1.161 nomeações de novos funcionários. Chama a atenção a proximidade desse número com o total de pedidos recebidos por ele no período. Parte das nomeações estiveram comprovadamente atreladas aos pedidos, como evidenciam cartas de agradecimento também encontradas no acervo: Júlio Ribeiro não conseguiu o cargo diplomático que pleiteou, mas foi nomeado fiscal de loterias na capital; Dantas Filho ganhou emprego no Tesouro; Paranapiacaba conseguiu a aposentadoria; Carlos Bandeira registra que a vizinha, baronesa da Passagem, teve um filho nomeado por intercessão de Barbosa. O resultado de tudo isso é que, na comparação entre o último orçamento proposto para o Ministério da Fazenda na Monarquia e o primeiro na República, o número de empregados aumentou de 4.374 para 5.675 – ou seja, 30% em apenas um ano. Como demonstração de que o combustível que move o favor é a perspectiva de troca, o próprio Rui Barbosa também fazia seus pedidos, como indicam suas cartas a Afonso Pena e Venceslau Brás com “empenhos” a favor de protegidos, entre eles o já citado primo Antônio Jacobina e o genro Batista Pereira. Ao final da análise, José Murilo de Carvalho ressaltou a

perfeita continuidade entre o antigo e o novo regime no que se refere à abrangência da prática clientelista. A retórica republicana sobre igualdade e mérito era em grande parte isso: retórica. A correspondência revela ainda a convicção de quase todos, patronos e clientes, de que havia obrigação moral de ajudar parentes e amigos e de que era legítimo gastar o dinheiro público para promover essa ajuda. A obrigação transferia-se para o governo: a bandeira da República é muito grande, como disse um dos pedintes. A separação entre o público e o privado apenas começava a esboçar-se⁹⁹.

Imerso nesse grande quadro, o jornalismo não fugia à regra no que dizia respeito à troca de favores e à fusão entre interesses privados e públicos. Os contatos de Oliveira Lima com o diretor do *Jornal do Recife*, Sigismundo Gonçalves, a esta altura já considerado um amigo pelo diplomata pernambucano, demonstram bem como a atividade de diretor de jornal se misturava a outras esferas da vida pública. Depois de anunciar a Gonçalves que estava planejando o retorno ao Brasil, algo que ele vinha

⁹⁹ CARVALHO, José Murilo de. “Rui Barbosa e a razão clientelista”, p. 20.

fazendo com uma série de interlocutores, Oliveira Lima compartilhou as duas possibilidades que vislumbrava – obter um cargo diplomático ou seguir carreira política em Pernambuco –, ao que Gonçalves respondeu:

Me pareceria difícil a satisfação do seu desejo de obter um lugar por este estado na constituinte federal, tanto são os que aqui vivem com iguais pretensões. Entretanto, se lhe voltar tal desejo, conhecendo o seu merecimento, eu farei o que de mim depender para auxiliá-lo em realizá-lo.

Não sei o que poderei fazer em favor da sua pretensão ao lugar de Secretário da Legação de Madri, ou mesmo de adido de 1ª Classe. Vou hoje mesmo escrever a tal respeito, e com todo o interesse, ao meu distinto amigo Dr Sancho de Barros Pimentel, íntimo do Ministro da Fazenda, que muito o considera, e acredito que ele se empenhará em satisfazer ao meu pedido. Permita-me, porém, lembrar-lhe que ninguém poderá auxiliar mais eficazmente do que o nosso ilustre amigo comum, Dr Vieira da Silva, triunfo de primeira grandeza perante o Ministro d'Estrangeiros, Quintino Bocaiúva, e também perante o Conde de São Salvador de Matosinhos, que, de certo, obterá do Bocaiúva o que de razoável lhe pedir, como a sua nomeação [...] ¹⁰⁰.

Gonçalves aproveitou, por sua vez, para pedir um favor a Oliveira Lima: que colhesse informações sobre bons colégios na Europa, especialmente na Alemanha e na Suíça alemã, pois estava com planos de enviar as filhas, o filho e dois sobrinhos para lá estudarem. Nas cartas seguintes, Oliveira Lima informou os resultados de sua pesquisa sobre os colégios e insistiu nos seus pedidos, obrigando Gonçalves a descrever o que estava efetivamente fazendo para atendê-los ¹⁰¹.

¹⁰⁰ Carta de Sigismundo A. Gonçalves a Oliveira Lima, 09/01/1890, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁰¹ “[...] quero dar-lhe conta do que me respondeu o Dr Sancho de Barros Pimentel. Em 21 de janeiro, respondendo-me carta de 8, escreveu-me ele: ‘Já hoje procurei o Rui para falar-lhe sobre a pretensão do seu amigo Manuel de Oliveira Lima, não conseguindo encontrar-me com ele por ser Dia de Conselho de Ministros, e não ter ido ao Tesouro. Amanhã o procurarei em casa, e esteja V.

Enquanto apoiava a mãe na resolução de questões práticas decorrentes da morte do pai e planejava sua primeira viagem ao Brasil desde que deixara o país aos cinco anos, Oliveira Lima reforçava a reputação de jornalista influente com novas contribuições à imprensa – incluindo um texto sobre a literatura brasileira publicado na sofisticada *Revista de Portugal*, mencionada por Gonçalves como trunfo para impressionar Rui Barbosa¹⁰².

As incertezas sobre o sucesso das articulações de bastidores e a necessidade de viabilizar a permanência no Brasil fizeram com que Oliveira Lima passasse a cogitar outros cargos públicos, até mesmo o de bibliotecário¹⁰³. Percebendo no interlocutor uma situação que parecia beirar o desespero, Gonçalves descreveu ter conversado com o sócio Ulysses Vianna, que acenou com a possibilidade de ter Oliveira Lima como integrante da redação do *Jornal do Recife*. Ressaltava, contudo, as condições precárias que envolveriam tal situação:

A respectiva empresa, porém, não tem larguezas, e só poderá remunerar parcamente o seu trabalho, aliás de alto valor. Acredito que, salvo em artigos literários, não convirá o Ulysses em que assinie os

certo de que farei o maior empenho. Se ele não se julgar impedido de fazer nomeações durante a interinidade, me aproveitarei da sua estada na pasta dos estrangeiros para ver se consigo a nomeação. Já tinha notado que são muito boas as correspondências de O. L. para o *Jornal do Recife*. Para o Rui, ser colaborador da *Revista de Portugal* não pode deixar de ser uma recomendação.” Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 08/03/1890, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁰² Apesar do prestígio da publicação, editada em Lisboa pelo escritor Eça de Queiroz entre julho de 1889 e maio de 1892, os resultados de vendas foram insuficientes para mantê-la. A edição de estreia vendeu cerca de 3 mil exemplares, mas a média logo cairia para mil exemplares, metade do necessário para equilibrar o caixa. Foram publicados 24 números, evidência de que a periodicidade mensal planejada não foi cumprida. LUCA, Tania Regina de. “A *Ilustração* (Paris, 1884-1892) e a *Revista de Portugal* (Porto, 1889-1892): diálogos entre projetos editoriais e possibilidades técnicas”, p. 100-107.

¹⁰³ “O lugar de Bibliotecário Provincial, ou do Estado, está mal ocupado, por um velho inválido, embora empregado novo, a quem não despedirão. O da Faculdade Jurídica está bem ocupado por um moço distinto e zeloso. Mas, talvez que as suas habilitações tenham o ensejo de ser melhor aproveitadas, e de modo mais proficuo, do que numa biblioteca.” Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 23/06/1890, acervo Oliveira Lima Library.

seus escritos, porque ele pensa, e bem, que a responsabilidade da redação coletiva é sempre de maior valia do que a individual por maior que seja o merecimento do subscritor do artigo, e o conceito em que ele seja tido. E, assim, praticam o *Times*, e entre nós o *Jornal do Comércio*, e todos os outros, com pequenas exceções¹⁰⁴.

1.3 – O valor de uma rede influente

Em setembro de 1890, três meses depois dessa oferta – que Oliveira Lima não negou, pelo menos enquanto não tivesse assegurado algo melhor –, ele embarcou para o Brasil, aos 22 anos. O tom era de despedida definitiva de Lisboa, conforme noticiaram os jornais locais¹⁰⁵. Sua rápida passagem por Recife a caminho do Rio de Janeiro foi registrada pelo *Jornal do Recife*, que, em meio a um texto altamente elogioso, difundiu a versão de que o jovem conterrâneo chegava ao país depois de ter tido participação decisiva na aceitação da República brasileira pelo governo português. O texto era mais uma preciosa ajuda de Sigismundo Gonçalves, já que a fidelidade ao novo regime seria o principal argumento que Oliveira Lima poderia utilizar na busca por um emprego na estrutura republicana¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 23/06/1890, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁰⁵ “Beneficência Brasileira – Em Lisboa, reuniu-se no dia 6 do corrente, na sala do consulado brasileiro naquela capital, o conselho diretor da Sociedade de Beneficência Brasileira, ocupando pela última vez o lugar de secretário o sr Oliveira Lima, que declarou retirar-se para o Brasil, tencionando fixar-se em Pernambuco. Oliveira Lima é um dos brasileiros mais inteligentes, ilustrados e modestos dos conhecidos em Lisboa. Ainda há pouco ele publicou na revista de Eça de Queiroz um artigo crítico sobre literatura brasileira, que foi julgado um primor de estilo e de análise. O governo português conferiu ultimamente a Oliveira Lima o hábito de São Thiago em sinal de apreço às suas aptidões literárias.” *País*, 23/07/1890, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁰⁶ “Dr Oliveira Lima – Passa hoje, a bordo do vapor inglês Thames, vindo de Portugal, e com destino à capital federal, o distinto pernambucano e nosso ilustrado correspondente em Lisboa, Dr Oliveira Lima. O público, que tem lido as interessantes cartas de Lisboa, publicadas no *Jornal do Recife*, deve ter notado o critério na exposição e crítica dos fatos políticos e sociais, a que elas se referem; o amor à verdade e à justiça com que são apreciados e julgados homens e acontecimentos da história contemporânea: a ilustração e o tato do escritor

A notícia publicada no *Jornal do Recife* contrariou profundamente o chefe da Legação do Brasil em Lisboa, o barão Aguiar de Andrada, que já estava em situação delicada pela suspeita de fidelidade à monarquia e “via em tal procedimento manobra escusa, destinada a empanar o brilho de sua própria atuação diplomática”¹⁰⁷. Num artigo intitulado “Como se escreve a história”, o jornal *O Português*, de Lisboa, acolheu a revolta de Andrada e ironizou a importância dada à influência de Oliveira Lima:

Não sabíamos que era o Dr Oliveira Lima o ministro do Brasil nesta corte; julgávamos que era o sr Barão de Aguiar d’Andrada, que sempre aqui

consumado. Além dessas correspondências, o Dr Oliveira Lima tem publicado neste *Jornal* estudos literários e impressões de viagens, que primam pelo estilo, pela reflexão e pelo estudo, podendo figurar alguns desses trabalhos entre os melhores produtos de crítica e de estilo na literatura luso-brasileira. Não foi, porém, o *Jornal do Recife* que somente recolheu os escritos do ilustre pernambucano. Vivendo nos melhores círculos literários e jornalísticos de Lisboa, o Dr Oliveira Lima tem sido um dos redatores da *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queirós, do *Repórter*, redigida por Oliveira Martins, e da *Gazeta de Portugal*, sendo festejado por escritores e estimado pela melhor sociedade de Lisboa, no seio da qual há alguns anos tem vivido. Os brasileiros que moram ou que têm passado por Portugal encontraram sempre nele um patricio amigo e saudoso da pátria. Membro fundador da Sociedade de Beneficência Brasileira em Portugal, e seu primeiro-secretário, prestou a essa humanitária instituição relevantes serviços. Para o reconhecimento da república brasileira pelo governo de Portugal, que ultimamente teve lugar, concorreu eficazmente o Dr Oliveira Lima, de acordo com o Dr Araújo Beltrão e o comendador João Vieira da Silva, que venceram as resistências opostas pelo Sr Hintze Ribeiro, ministro dos negócios estrangeiros. Cumprimentando cordialmente o nosso colega Dr Oliveira Lima, desejamo-lhe próspera viagem até a Capital Federal.” *Jornal do Recife*, 09/10/1890, pasta “Minha estada no Brasil – setembro 90 a fevereiro 91”, acervo Oliveira Lima Library. O comendador João Vieira da Silva, citado no texto do *Jornal do Recife*, já havia colhido os frutos práticos de sua dedicação à causa republicana, sendo elevado à condição de cônsul. Antes de deixar Lisboa, Oliveira Lima oferecera um jantar em homenagem a Vieira da Silva. “O nosso amigo o sr Oliveira Lima, que parte para o Brasil no dia 23 deste mês em companhia de seu cunhado o sr Araújo Beltrão, encarregado de negócios em Londres, ofereceu ontem em sua casa a alguns amigos um jantar em honra do nosso amigo o sr Vieira da Silva, por ter sido elevado a cônsul no Brasil.” *Correio da Manhã*, 07/08/1890, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁰⁷ MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 85.

gozou bem merecidas simpatias, e que, como representante e prestimoso servidor do seu país, por certo empenhou os seus melhores ofícios para que se reatassem as relações oficiais entre os dois países. Ignorávamos também que o sr Hintze Ribeiro tivesse oposto a isso infundadas resistências; tínhamos até como certo que foi Portugal a primeira nação monárquica que se apressou a reconhecer o governo do Brasil [...]. Mas talvez o *Jornal do Recife* saiba melhor o que em Portugal se passa¹⁰⁸.

Assim que chegou ao Rio de Janeiro, Oliveira Lima acionou vários contatos, alguns deles mobilizados pelo cunhado Araújo Beltrão. Um desses contatos, o marechal Pires Ferreira, tinha acesso direto ao vice-presidente, o também marechal Floriano Peixoto. Ferreira acompanhou o jovem pernambucano numa visita à casa de Floriano, no bairro São Cristóvão, ocasião em que foram recebidos sem cerimônia¹⁰⁹.

Oliveira Lima relatou, durante o encontro, os esforços que havia feito em Portugal, ao lado do cunhado, para neutralizar as críticas da imprensa europeia ao advento da República no Brasil. Enfatizou, também, sua suposta contribuição para que o governo monárquico de Portugal reconhecesse o novo regime. Floriano disse que o governo já estava ciente dos serviços que o jovem pernambucano prestara à República brasileira¹¹⁰, evidência de que a ampla articulação que Oliveira Lima colocara em prática estava dando resultado.

Ainda mais importante que a oportunidade de conversar com o vice-presidente foi a audiência com o Ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocaiúva, de quem dependia diretamente a concretização dos

¹⁰⁸ *O Português*, 18/11/1890, acervo Oliveira Lima Library. A *Gazeta de Portugal*, outro jornal de Lisboa, publicaria um texto com teor semelhante dois dias depois, reforçando a sensação de que se tratava de um esforço de contrainformação por parte de Aguiar de Andrada. *Gazeta de Portugal*, 20/11/1890, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁰⁹ “[...] Floriano sentava-se, os pés metidos em chinelos, num sofá numa das extremidades da sala, e a esse confessionário chegavam, cada um por sua vez, os visitantes que se aglomeravam na outra extremidade. Ninguém ouvia ou interrompia o *tête-à-tête*.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 91.

¹¹⁰ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 91-92.

planos de Oliveira Lima. Bocaiúva era um dos casos mais célebres de jornalistas requisitados para ocupar cargos públicos, consequência direta do envolvimento da imprensa com temas políticos¹¹¹. Depois de trabalhar na juventude como tipógrafo e revisor, ele cursou Direito em São Paulo – foi quando fundou *A Honra*, com Ferreira Vianna, início de sua campanha republicana¹¹². Integrou o quadro de fundadores do Partido Republicano e permaneceu como fiel apologista do regime enquanto trabalhou no jornal *A República*, entre 1870 e 1874, e depois, n’*O Globo*, *O Cruzeiro* e *O País*, publicações que dirigiu. Viu a República se tornar realidade no Brasil quando já tinha 53 anos. Em reconhecimento por tanto empenho, foi convidado a compor o primeiro ministério do novo regime.

O encontro de Oliveira Lima com Bocaiúva foi intermediado por outro padrinho poderoso – o Conde de São Salvador de Matosinhos, proprietário do jornal *O País* no Rio de Janeiro¹¹³, cuja ascendência sobre Bocaiúva já havia sido lembrada por Sigismundo Gonçalves, o diretor do *Jornal do Recife*. O interesse em comum pelo jornalismo poderia ser, calculava Oliveira Lima, um fator relevante para impressionar Bocaiúva. Contra si havia o fato de não ser formado em Direito, requisito considerado altamente desejável para ingresso na carreira diplomática, tanto que se tornaria exigência oficial a partir de 1895¹¹⁴.

¹¹¹ Naquele período, o jornalismo cumpriu muitas vezes o papel de ponte que conduzia um literato à política. “No Brasil, mais ainda do que noutros países, a literatura conduz ao jornalismo e este à política, que, no regime parlamentar e até no simplesmente representativo exige que seus adeptos sejam oradores. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: o literato é jornalista, é orador e é político. Às vezes aparecem, pelo menos, congregadas as duas primeiras.” ROMERO, Sílvio. *Compêndio de história da literatura brasileira*, p. 393.

¹¹² SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 287-288.

¹¹³ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 92.

¹¹⁴ O diploma em Letras era exceção no meio intelectual brasileiro como um todo. Ao analisar a formação de 200 intelectuais de destaque no período entre 1870 e 1930, Machado Neto encontrou 172 com nível superior completo, dos quais 52,5% em Direito, 14,5% em Medicina, 8,5% em Engenharia e os demais divididos entre Militares, Sacerdotes, Farmácia, Ciências Sociais, Arquitetura e Letras – que tinha apenas dois casos (1,2%): além de Oliveira Lima, o outro era Sousândrade (1833-1902), de geração anterior e formado pela Sorbonne. MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*, p. 252.

Esse detalhe não impediu o sucesso da articulação. Pouco mais de um mês depois do encontro, Bocaiúva assinou o decreto, datado de 10/12/1890, que nomeou Oliveira Lima segundo-secretário da Legação do Brasil em Lisboa. Seu cunhado Araújo Beltrão também foi beneficiado ao ser promovido para a chefia da mesma representação, enquanto Aguiar de Andrada era removido para Washington, onde faleceria pouco mais de um ano depois, aos 69 anos.

Antes de iniciar as atividades como diplomata, contudo, Oliveira Lima foi mais uma vez submetido à tentação de tornar-se jornalista em tempo integral. Durante a passagem pelo Rio de Janeiro, ele reencontrou José Carlos Rodrigues, outra das amizades estabelecidas inicialmente por correspondência – os dois tinham em comum o interesse por livros raros – e reforçada alguns anos antes por um encontro em Londres. Rodrigues acabara de tornar-se sócio majoritário e diretor do *Jornal do Comércio* e convidou Oliveira Lima a integrar a redação em regime de dedicação exclusiva¹¹⁵. Seu principal argumento era de que a remuneração do jornalismo tendia a se tornar superior à da diplomacia, considerando-se a crescente profissionalização da imprensa. Oliveira Lima via-se diante de

¹¹⁵ O *Jornal do Comércio* havia sido fundado em 1827, no Rio de Janeiro, pelo francês Pierre Plancher. José Carlos Rodrigues, colaborador do jornal desde 1868, como correspondente nos Estados Unidos e na Inglaterra, liderou uma sociedade que o adquiriu em 15/10/1890. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 126-127. A sociedade era composta por 24 integrantes, sendo que Rodrigues assumiu como gerente e redator-chefe. Ele chegara aos Estados Unidos em 1867, aos 23 anos, recém-formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, mas com o desejo claro de seguir carreira no jornalismo. Fundou em Nova York o próprio jornal, *O Novo Mundo*, mensal e voltado ao público brasileiro, que, depois de quase dez anos, tornou-se inviável pelo aumento dos custos de postagem. Rodrigues passou então a trabalhar para a imprensa norte-americana, ao mesmo tempo em que mantinha as contribuições para o *Jornal do Comércio*. Em 1882, partiu para Londres, envolvido na missão de levantar capital para a construção de uma estrada de ferro no Brasil, sua primeira experiência em negócios financeiros. Nos oito anos seguintes, como intermediário na Europa de empréstimos para empresas brasileiras, acumulou o patrimônio de 30.000 libras que usaria para comprar sua parte no *Jornal do Comércio*. O proprietário anterior, o Conde de Villeneuve, monarquista convicto, estava desgostoso com os rumos do país após a proclamação da República e decidiu se desfazer do patrimônio. CARDIM, Elmano. “José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra.” *Revista do IHGB*, número 185, out-dez 1944, p. 126-157.

uma bifurcação com dois caminhos atraentes. “Preferi correr mundo pelas legações”, lembraria, bem mais tarde¹¹⁶.

Ele cumpriu o plano, acertado com Bocaiúva, de passar um mês no Recife antes do retorno à Europa. Chegou às vésperas do Natal de 1890 – e do seu aniversário de 23 anos, portanto. Foi recebido como celebridade, por conta dos artigos para o *Jornal do Recife* e da recente nomeação como diplomata. Nessa passagem pela cidade natal conheceu a futura esposa, Flora Cavalcanti, quatro anos mais velha, primogênita entre 13 irmãos nascidos no engenho Cachoeirinha, no município pernambucano de Vitória de Santo Antão. Havia entre eles uma relação de quase parentesco: Flora era prima da esposa de Luiz, o irmão mais velho de Oliveira Lima. O namoro evoluiu rapidamente para noivado, como pedia o tempo exíguo que ele teria em território brasileiro.

O pai de Flora, Manoel Cavalcanti, era um produtor de cana que no passado tivera recursos suficientes para contratar uma governanta inglesa, Mrs. Rawlinson, responsável pela educação dos filhos. Atingido pelo declínio da exportação do açúcar brasileiro, entretanto, ele já não estava em condições de oferecer um bom dote por ocasião do casamento da filha¹¹⁷. Mesmo assim, a união não deixaria de ser vantajosa para Oliveira Lima, que se beneficiaria da ascendência aristocrática de Flora para ser acolhido na oligarquia pernambucana, o que contribuiria para ampliar seu prestígio social¹¹⁸. Já para Flora havia o benefício de ter encontrado um “bom partido” aos 28 anos, idade que nos padrões da época era considerada avançada para uma mulher estar ainda solteira¹¹⁹.

¹¹⁶ “Ao sr. Marechal Pires Ferreira”, *Jornal do Brasil*, 26/10/1927, citado por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 105.

¹¹⁷ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 107-109.

¹¹⁸ Flora descendia do Visconde de Utinga, por parte de mãe, e da tradicional família Cavalcanti e Albuquerque, proprietária de grandes engenhos, por parte de pai. MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 42-43. “Se Oliveira Lima possuía os estudos e os ‘cabedais’ necessários à sua ascensão profissional, é o casamento com a ‘sinhazinha de engenho’ que estabelece a conexão definitiva deste filho de comerciante (próspero, mas ainda um comerciante) com o meio aristocrático pernambucano, legitimando o seu incontestado status social.” PEREIRA, Ana Carolina Huguenin, “As cartas de Flora de Oliveira Lima: a escrita de si e a correspondência”, p. 79.

¹¹⁹ “Casada, ela não teria mais de viver na casa do pai, sob a condição anômala e deslocada de mulher madura porém solteira, ‘fracassada’ por não constituir sua

CAPÍTULO 2 – A construção de um diplomata e a consagração precoce de um intelectual (1890-1900)

2.1 – Mais que um simples colaborador

No início de fevereiro de 1891¹²⁰, Oliveira Lima deixou a noiva no Recife e partiu para Lisboa, onde assumiria o primeiro cargo como diplomata, tendo como chefe o cunhado, Araújo Beltrão. Foi recepcionado com festa pela comunidade brasileira na capital portuguesa, com direito a jantar especial¹²¹.

Não havia previsão de quando ele conseguiria voltar ao Brasil para realizar o casamento com Flora, já que seria desaconselhável pedir uma licença logo após começar no emprego. A indefinição deixava Flora com o receio de que fosse esquecida pelo noivo. Uma eventual desistência por parte dele contaria com o provável apoio da mãe e das irmãs, convictas de que haveria opção mais vantajosa – ou seja, incluindo um belo dote – na alta sociedade de Lisboa.

A solução para o impasse acabaria sendo o casamento civil por procuração, realizado no Recife em outubro daquele mesmo ano de 1891, dez meses depois de os dois terem se conhecido. Com a situação legal regularizada, Flora embarcou para Lisboa, onde ocorreria a cerimônia religiosa e o casal passaria a morar com a mãe dele¹²².

própria casa-família.” PEREIRA, Ana Carolina Huguenin, “As cartas de Flora de Oliveira Lima: a escrita de si e a correspondência”, p. 78.

¹²⁰ *Jornal do Recife*, 01/02/1891, acervo Oliveira Lima Library.

¹²¹ “Jantar de congratulação anteontem, no Hotel Bragança, promovido por alguns dos mais importantes membros da colônia brasileira em Lisboa. A festa era dedicada ao novo segundo-secretário da legação do Brasil nesta corte, sr Manuel de Oliveira Lima, simpático moço que pelo seu estudo e inteligência ganhou o lugar que hoje ocupa na diplomacia, e que decerto honrará com o prestígio das suas qualidades de caráter e educação.” *Nacional*, recorte sem data, acervo Oliveira Lima Library.

¹²² Flora levou uma carta do pai a Oliveira Lima: “Segue para essa capital minha filha Flora, a fim de receber as bênçãos nupciais, último ato que falta para casar-se com V.S. depois de ter-se realizado aqui o casamento civil. [...] Numa carta que sua Exma. Mãe me dirigiu, dá-me a entender que, não tendo minha filha posição de fortuna que lhe chegue para apresentar-se em grandes reuniões em que V. S. tem de achar-se por força do cargo que ocupa, cumpre-me dizer-lhe que minha filha, educada e criada sem grandezas, sem fausto, contenta-se com a vida modesta, e sem ruído, que seu marido lhe quiser dar, bastando-lhe só o seu afeto,

Sem ter recebido ordem expressa para abandonar a atividade jornalística, Oliveira Lima decidiu manter suas contribuições à imprensa ao iniciar a carreira diplomática. Assim, não abriria mão de nenhum dos caminhos que considerava atraentes. Em busca de novos veículos com os quais pudesse colaborar, chegou a um acordo com o recém-fundado *Jornal do Brasil* – na passagem pelo Rio de Janeiro, ele havia sido apresentado a Sancho de Barros Pimentel, um dos sócios do empreendimento, que o convidou a se tornar correspondente em Lisboa.

Assim como os grandes jornais estrangeiros mantinham correspondentes no Brasil, o inverso começava a ocorrer com mais frequência. A diferença é que, em vez de enviados especiais, os correspondentes dos jornais brasileiros eram homens de “boa reputação” que já estavam instalados no exterior por algum outro motivo que não o jornalismo, visto nesses casos como atividade complementar e fonte de renda extra.

Ao aceitar o convite, Oliveira Lima tentava ignorar o fato de que a redação do novo periódico – a começar pelo próprio Pimentel – era um reduto de monarquistas insatisfeitos com a ascensão do regime republicano, à qual o jovem diplomata devia sua nomeação. Em busca de informações para o jornal, ele passou a acionar em Lisboa a mesma rede com a qual se relacionava como representante oficial do governo brasileiro¹²³.

Ao mesmo tempo em que despertava estranheza entre os republicanos brasileiros por suas ligações inconvenientes com um jornal de ideologia monarquista, Oliveira Lima passou a ser alvo da situação inversa em Portugal, onde a Monarquia persistia¹²⁴. Lisboa se tornara um ambiente hostil para Beltrão Araújo, acusado de adesismo à República depois de um passado monarquista – resistência estendida ao cunhado, também beneficiado pela troca do regime. A forma como os dois haviam

e a sua estima, o que ela espera sempre merecer. [...] Todavia, se minha prezada filha tiver de aparecer alguma vez por acaso em tais reuniões, eu espero que ela não dará motivos a crítica, se se levar em conta o acanhamento natural de uma moça que não está habituada ainda a essas reuniões.” GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 122-123.

¹²³ Situação que relataria com aparente naturalidade ao redigir suas *Memórias*: “Quando voltei a Portugal como secretário da legação, ia ocasionalmente à casa de Oliveira Martins, à Rua do Caetanos, à cata de informações políticas, para transmiti-las ao *Jornal do Brasil* então fundado por Sancho de Barros Pimentel e Rodolpho Dantas e do qual eu era correspondente.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 180.

¹²⁴ O advento da República naquele país só se daria em 1910.

se vangloriado da suposta influência sobre o governo português na aceitação da República brasileira não havia sido esquecida.

A situação agravou-se por ocasião da morte de Dom Pedro II, em 5 de dezembro de 1891, em Paris. Seguindo orientação do governo brasileiro, Beltrão Araújo não assinou o livro de luto oficial aberto pela monarquia portuguesa. Além disso, ele foi acusado de desrespeito ao ser visto passeando descontraidamente ao lado da esposa, que ostentava um chapéu de plumas claras. Acabou sendo considerado *persona non grata* pela chancelaria portuguesa, que solicitou oficialmente ao governo brasileiro a sua remoção e a do cunhado. Assim, depois de terem permanecido pouco mais de um ano nos seus cargos em Lisboa, Araújo Beltrão foi enviado para Berna, na Suíça, enquanto o destino de Oliveira Lima seria a representação brasileira em Berlim, na Alemanha.

Oliveira Lima e Flora chegaram a Berlim em julho de 1892. Lá, ele encontrou um bom ambiente de trabalho, tendo como chefe o Barão de Itajubá¹²⁵. O volume de tarefas não era grande, o que deu a Oliveira Lima tempo e disposição para avançar na preparação do primeiro livro, uma história geral de Pernambuco, além de realizar pesquisas para outros dois projetos, sobre a literatura brasileira no período colonial e uma biografia de Dom João VI.

Flora, que sentia muitas saudades dos familiares e estranhava tudo na Alemanha, do clima à comida, ajudava o marido ao anotar raciocínios que ele ia concebendo oralmente¹²⁶. *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico* só seria lançado em 1895, quando Oliveira Lima estava com 27 anos, mas supõe-se que a redação tenha sido concluída em 29 de junho de

¹²⁵ A quem só dedicaria elogios em suas *Memórias*: “Itajubá era o equilíbrio intelectual e moral em pessoa”; “mestre amigo, nada severo mas impondo-se pela própria correção”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 102.

¹²⁶ Esse papel de “secretária” de Oliveira Lima seria exercido por Flora ao longo de toda a vida, como ficou claro no diário escrito por ela em 1915, no qual se refere ao marido pelo apelido carinhoso de *Emmie*. “Eu nunca menciono o que faço antes do almoço porque é sempre a mesma coisa: escrever para Emmie em seu ditado. Com frequência ele está nervoso sobre seu trabalho, descontente porque ele gostaria de ter alguém que pudesse estar livre para trabalhar para ele o tempo todo, durante o dia todo e eu não posso provavelmente fazer isso tendo tantas outras coisas por fazer.” *Boudoir Diary*, 27/03/1905. In MALATIAN, Teresa. “O diário de Flora”. *Remate de Males*, Revista do Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, número 24, 2004, p. 56-57.

1893, data registrada no prefácio. Foi impresso numa grande gráfica alemã, a F. A. Brockhaus, de Leipzig, com os custos bancados pelo autor¹²⁷. Ele apresentou a obra como a pretensão de sintetizar a evolução política e social de Pernambuco “nos quatro séculos de história que contamos, quadro desenhado a largos traços, sem que, contudo, sejam desprezados os contornos valiosos e deixadas na sombra as feições interessantes”¹²⁸.

Com o agravamento do estado de saúde do sogro, Oliveira Lima pediu licença de seis meses para viajar ao Brasil com Flora. Depois de um longo trâmite do pedido, que contou com o apoio de Itajubá, o casal embarcou em junho de 1895, acompanhado por um velho amigo, o crítico literário Guilherme Moniz Barreto. Nascido em Goa, na Índia Portuguesa, Moniz Barreto havia sido colega de Oliveira Lima no colégio em Lisboa e era um dos interlocutores com os quais ele mais se correspondia, discutindo especialmente temas relacionados à literatura e ao jornalismo. Portador de sérios problemas respiratórios, sentindo-se sempre injustiçado e vivendo quase na miséria na Europa, Moniz Barreto planejava se estabelecer no Brasil, imaginando que o clima poderia favorecê-lo¹²⁹.

¹²⁷ Àquela altura, a Brockhaus já era conhecida dos leitores brasileiros pela publicação de livros do poeta Gonçalves Dias (1823-1864). HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*, p. 199. A escolha de uma tipografia alemã certamente foi facilitada pelo fato de Oliveira Lima estar morando em Berlim. O uso de tipografias europeias era, contudo, comum para os livros de autores brasileiros à época. “O Brasil ainda não tinha casas especializadas nem editores. As oficinas gráficas nacionais eram tipografias organizadas para impressos em geral e não para um ramo industrial pesado, como é a indústria do livro dentro da arte gráfica.” GOMES, Sonia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República*, p. 39. A situação só começaria a mudar por conta da Primeira Guerra (1914-1918), pois a dificuldade de transporte decorrente do conflito fomentou o desenvolvimento de soluções locais.

¹²⁸ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*, p. XIX.

¹²⁹ “Quanto a mim, tenho mais d’uma vez pensado em deixar esta desgraçada terra que se torna cada vez menos habitável para quem quiser caminhar com seriedade e independência. Hás de acreditar que tem sido duma dificuldade extrema arranjar uma correspondência para um jornal de Lisboa, oferecendo-me eu a fazer a seção de política estrangeira, que no jornalismo português não é representada nem bem nem mal? E chama-se a isto uma nação europeia, e tem

No Recife, Oliveira Lima constatou a boa acolhida ao seu livro e estreitou laços com o governador, Barbosa Lima – que, também historiador, passou a distribuir a obra como brinde aos visitantes ilustres e amigos mais próximos. Em suas *Memórias*, Oliveira Lima contou que nessa ocasião Barbosa Lima, “encantado com a minha síntese de história pernambucana”, tentou convencê-lo a assumir uma cadeira “no seu Benjamin Constant, nome com que se crismou o velho Ginásio dos padres Arco Verde”, ou até mesmo a se candidatar deputado, com a promessa de eleição praticamente assegurada¹³⁰.

Moniz Barreto foi incentivado por Oliveira Lima a tentar um emprego na imprensa local, contando para isso com suas recomendações, mas o amigo não se adaptou à cidade, que considerou provinciana e demasiadamente submetida a intrigas políticas, voltando dali para a Europa, estabelecendo-se em Paris, onde morreria no ano seguinte, aos 33 anos¹³¹.

Com tempo de sobra até o término da licença, Oliveira Lima passou uma temporada de três meses no Rio de Janeiro, exatamente no período em que o crítico José Veríssimo relançava a *Revista Brasileira*, título que havia sido marcante para a comunidade literária¹³². Tratava-se

isto pretensões a se manter indefinidamente como estado independente!” Carta de Moniz Barreto a Oliveira Lima, 11/05/1893, acervo Oliveira Lima Library.

¹³⁰ “[...] resisti à tentação política que mais ou menos todos nutrem, mesmo os que se lhe mostram mais infensos, e preferi continuar na carreira diplomática.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 108.

¹³¹ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 150-151.

¹³² Tratava-se do retorno de uma publicação que passara por diversas fases desde a fundação, em 1855, e estava desativada havia 15 anos. Depois de ter tido apenas um número publicado pelo criador, Francisco de Paula Menezes, a *Revista Brasileira* foi retomada em 1857 pelo professor de Física e Matemática Candido Baptista de Oliveira, que a manteve até 1861 como trimestral e voltada a temas técnicos e científicos. Em 1879, um grupo de escritores e jornalistas resgatou o título, dando-lhe um perfil mais literário. Tendo Nicolau Midosi como editor, com a proposta de atuar como elemento de “transição racional do jornal para o livro, ou antes laço que prende esses dois gêneros de publicação” e o objetivo de “dar ao nosso povo conhecimentos que lhe são necessários para ascender à superior esfera do vasto sistema das luzes humanas”, a iniciativa durou pouco, apenas até 1881 – tempo suficiente, contudo, para firmar uma sólida reputação. Em suas páginas foi lançado o primeiro grande romance de Machado de Assis,

de mais um interlocutor com quem Oliveira Lima havia estabelecido relação na adolescência¹³³ e mantido contato desde então¹³⁴.

Nascido no Pará, em família pobre, Veríssimo iniciou sua trajetória na imprensa como redator de jornais locais, atividade que exerceu simultaneamente a cargos no governo da província¹³⁵. Mudou-se para o Rio de Janeiro e, aos poucos, especializou-se em crítica literária, tornando-se um nome respeitado no meio intelectual. Criou fama de ser rigoroso na análise da produção literária nacional e pessimista em relação ao futuro do país¹³⁶.

Memórias póstumas de Brás Cubas, além de outras obras significativas, como a *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero. “Revista Brasileira”, *Revista Brasileira*, Tomo I, fascículo 1, 01/01/1895, p. 1-3.

¹³³ Os dois haviam se conhecido 15 anos antes, em 1880, quando Veríssimo esteve no Congresso Literário Internacional realizado em Lisboa. Oliveira Lima, com apenas 12 anos e já demonstrando sua precocidade intelectual, acompanhava os debates. O rapaz apresentou-se a Veríssimo, único brasileiro presente, então com 23 anos, que participava do evento como correspondente do jornal *A Província do Pará* e já planejava sua mudança para o Rio de Janeiro, efetivada pouco tempo depois – no Rio, Veríssimo chegaria a colaborar com a *Revista Brasileira* na fase Midosi, entre 1879 e 1881. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. “José Veríssimo”, *O Estado de São Paulo*, 06/12/1916.

¹³⁴ Como indica um cartão-postal de 1894, enviado por Veríssimo, do Rio de Janeiro, para o engenho em Pernambuco pertencente à família da mulher de Oliveira Lima, Flora, onde o casal havia ido passar férias de verão. Veríssimo agradece a Oliveira Lima “pelo número do *Diário de Pernambuco*, com o simpático artigo do Aníbal Freire”. Ao finalizar com “respeitos a d. Flora” na despedida, o diretor da *Revista Brasileira* indica uma relação que, embora não parecesse ainda muito próxima, certamente já acumulava certo histórico. Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 14/12/1894, acervo Oliveira Lima Library.

¹³⁵ “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 58, 01/05/1897, p. 146.

¹³⁶ “É opinião minha, talvez errada, mas profundamente arraigada, que assim como em filosofia e em ciências sociais somos inaptos para cogitações abstratas e generalizações fecundas, somos por igual impróprios para as criações artísticas que demandem capacidades eficientes de observação, de análise, de generalização e de síntese. Não temos até hoje um verdadeiro pensador no rigor do termo. [...] Para esta incapacidade há uma porção de causas naturais, explicáveis pelo nosso estágio de civilização e de cultura, pelo grau de evolução mental da massa brasileira.” “Literatura apressada”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 59, 15/05/1897, p. 212.

No manifesto de relançamento da publicação, Veríssimo anunciou a pretensão de “dar ao pensamento brasileiro, em todas as suas variadas formas, um meio de expansão”¹³⁷. Classificando-se como “republicana, mas profundamente liberal”, a *Revista Brasileira* se apresentava como um veículo com vocação democrática, pronta a acolher os mais variados tipos de colaborações, desde que não estivessem “em completo antagonismo com a inspiração da sua direção”¹³⁸. Ao descrever o tipo de conteúdo que a publicação traria, Veríssimo foi genérico, indício de que o perfil seria, na realidade, construído número a número:

A nova revista tratará todos os assuntos e questões que possam interessar à maioria do público. O Brasil e as coisas brasileiras merecer-lhe-ão carinhosa preferência, sem sacrifício, entretanto da indagação e estudo de quanto do estrangeiro nos possa também interessar. [...] Pretende simplesmente ser uma tribuna onde todos os que tenha alguma coisa que dizer e saibam dizê-la, possam livremente manifestar-se¹³⁹.

Cada fascículo, publicado quinzenalmente, tinha entre 80 e 90 páginas, o que resultaria num total de quase 7.700 páginas entre 1895 e 1899. O espaço era dividido de forma mais ou menos igualitária entre textos de ficção (contos, poesias e capítulos de livros inéditos) e textos analíticos sobre os mais diversos assuntos (política, direito, artes, medicina, engenharia, críticas literárias, temas históricos, geografia,

¹³⁷ “Revista Brasileira”, *Revista Brasileira*, Tomo I, fascículo 1, 01/01/1895, p. 2-3.

¹³⁸ Ressalva que se revelaria altamente restritiva. “[...] uma rápida visada no índice dos vinte volumes da revista nos revela um subliminar processo seletivo, contando com uma maioria de articulistas ligados ao ideário estético da Academia e com esporádicas contribuições de autores que professavam outros ideários estéticos, como os simbolistas, os decadistas, os adeptos da literatura ‘social’ etc. Ademais, personalidades visceralmente ligadas à estética academicista não mediam esforços para atacar – nas próprias páginas da revista – autores que consideravam inaptos a figurar no panteão das personalidades institucionalizadas”. SILVA, Maurício. “A ideologia academicista na literatura brasileira: a *Revista Brasileira* e os discursos acadêmicos”, p. 111-121.

¹³⁹ “Revista Brasileira”, *Revista Brasileira*, Tomo I, fascículo 1, 01/01/1895, p. 3.

linguística)¹⁴⁰. Tanto os textos de ficção quanto os artigos podiam ser publicados de uma só vez ou em séries. Havia também seções fixas, como a Bibliografia, com resenhas de lançamentos literários.

Colocar no mercado qualquer tipo de publicação, mesmo de pequeno porte, era um desafio, por conta das dificuldades de viabilização financeira do empreendimento. A imprensa ainda era, de forma geral, uma atividade imatura no país – afinal, sequer havia completado o primeiro século de existência. Até 1808, quando a corte de Dom João VI chegou ao Brasil, tentativas isoladas de instalar tipografias foram abafadas pela Corte, pois não era de interesse de Portugal que a colônia ganhasse ares de terra civilizada – acreditava-se que manter os brasileiros ignorantes faria com que permanecessem mais facilmente submetidos ao domínio da metrópole. Quando Hipólito da Costa lançou o seu *Correio Brasiliense*, considerado o primeiro jornal brasileiro, em 1º de junho de 1808, havia a peculiaridade de ser impresso na Inglaterra e circular clandestinamente no Brasil, justamente por conta da proibição imposta pelo governo¹⁴¹.

A vida intelectual brasileira evoluiu lentamente ao longo daquele século. Quando a República foi proclamada, a elite econômica, composta por latifundiários, advogados, médicos, engenheiros, funcionários públicos, militares de alta patente e comerciantes de certo patamar, não passava de 500 mil integrantes¹⁴², dentro de uma população total de 14,3 milhões de pessoas – das quais 85% viviam em zonas rurais¹⁴³. Mesmo entre essa elite, a maioria não demonstrava interesse por leituras ou sequer

¹⁴⁰ Alguns exemplos extraídos dos primeiros fascículos: em ficção, “Pedro Barqueiro” (conto de Afonso Arinos), “A dívida” (conto de Artur Azevedo) e “A tapera” (novela de Coelho Neto); em não-ficção, “História do Direito Nacional” (Sílvio Romero), “A ciência psíquica segundo a Teoria de Myers” (Alfredo Alexander) e “A Revolta de 1720 em Vila Rica” (J. P. Xavier da Veiga).

¹⁴¹ Só três meses depois surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicada pela primeira vez em 10 de setembro de 1808 – tratava-se do jornal oficial da Coroa, com quatro páginas e notícias da Europa, especialmente a respeito do estado de saúde dos príncipes. Na tentativa de neutralizar a crescente influência da combativa publicação de Hipólito, a Coroa permitiu o surgimento gradual de concorrentes, desde que firmassem o compromisso de lealdade ao Império. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 23-40.

¹⁴² CARONE, Edgard. *A República Velha: Instituições e classes sociais*, p. 147.

¹⁴³ *Sinopse do recenseamento de 31 de dezembro de 1890*, disponível em www.ibge.gov.br, consultado em 15/07/2018.

sabia ler, já que o índice de analfabetismo no país chegava a 81,5%¹⁴⁴. A pequena população letrada e com poder aquisitivo para investir em leituras se concentrava nas principais cidades – especialmente no Rio de Janeiro, que somava 520 mil habitantes e apresentava um índice de alfabetização duas vezes e meio superior à média do país.

Era dentro desse universo restrito que a intelectualidade brasileira se movia. Como o mercado editorial mostrava-se limitado – um livro raramente passava de 2.000 exemplares vendidos¹⁴⁵ –, o jornalismo despontava como um caminho alternativo para literatos, que “buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”¹⁴⁶. Com a aproximação entre jornalismo e literatura, o noticiário passou a ser redigido de forma prolixa e empolada. Boa parte das publicações eram lideradas por escritores e poetas que seguiam políticas editoriais improvisadas, pautadas muito mais por preferências pessoais do que pela necessidade de conquistar o público e viabilizar financeiramente o empreendimento¹⁴⁷.

Ao investigar a biografia de 60 intelectuais do período entre 1870 e 1930, com o objetivo de definir um perfil da chamada “República das Letras”, Machado Neto identificou características básicas. Uma delas era que, em geral, não se vivia exclusivamente da literatura ou de atividade cultural assemelhada. Outra era que, por conta do público leitor diminuto, os intelectuais sentiam a necessidade de se associar a um dos grupos que disputavam o domínio do campo literário, aos quais o autor apelidou ironicamente de “igrejinhas”¹⁴⁸.

¹⁴⁴ Considerando a parcela da população acima de seis anos de idade. COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do Século XIX – A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*, p. 374.

¹⁴⁵ MILANESI, Luis. *O que é biblioteca*, p. 33.

¹⁴⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 334.

¹⁴⁷ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p. 136-137.

¹⁴⁸ “Elogios e ataques eram as armas desses competidores da pena; *polêmicas*, os campos de batalha em que vasta cópia de *metáforas bélicas* era utilizada. E como o regime comutativo da guerra e do comércio também governa esse ambiente das letras, *proteções* aos do ‘nosso grupo’ e *perseguições* aos integrantes dos *comitatus* adversos são sempre as táticas mais utilizadas.” MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*, p. 136.

Uma característica generalizada dos jornalistas da época era acumular a atividade com outro emprego, normalmente público. Marialva Barbosa concluiu, ao investigar a trajetória profissional e de vida de 76 integrantes das equipes dos jornais do Rio de Janeiro na virada do século, que apenas 12 deles trabalhavam exclusivamente na imprensa, enquanto 45 dividiam as atribuições na redação com um emprego público (incluindo diplomacia), nove exerciam atividade política, cinco eram professores e cinco se dedicavam a profissões liberais¹⁴⁹.

Naquele momento da evolução da imprensa brasileira, as revistas procuravam ocupar a lacuna que havia entre a efemeridade da cobertura diária dos jornais e a fragilidade da indústria do livro¹⁵⁰. As revistas eram mais atraentes para os literatos, que se consideravam capazes de informar com profundidade, de forma analítica e crítica, enquanto a escrita dos jornais era vista, em geral, como de péssimo nível¹⁵¹. Além do mais, as revistas eram mais identificadas com a modernidade, pois refletiam o dinamismo crescente das grandes cidades no final de século, causado pela urbanização, a industrialização e o advento de novos meios de transporte¹⁵².

¹⁴⁹ Esses números reforçam a percepção de que o jornalismo era visto como “patamar para alcançar posições políticas ou situações de estabilidade financeira”, muitas vezes por meio do ingresso na burocracia estatal. “Ser jornalista é, através do prestígio que o lugar confere e das relações pessoais que possibilita, ‘cavar’ um cargo público ou ingressar na política e na diplomacia”, resumiu a pesquisadora. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*, p. 141.

¹⁵⁰ “Por volta de 1890, a inexistência de uma indústria livreira conferiu, especialmente às revistas, a função de suporte adequado para veiculação da imagem de um novo Brasil. Imagem tradutora das conquistas técnicas com as quais a imprensa periódica se defrontava, construída a serviço de um ideário inovador e não raro também a serviço da defesa das tradições. Não seria abusivo admitir para aqueles idos que – tanto quanto o jornal, porém mais do que o livro –, a revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado seu caráter de impresso do momento, condensado, ligeiro e de fácil consumo.” MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*, p. 26-27.

¹⁵¹ “[...] o literato preferia a revista para posicionar-se literariamente, fosse pelo apuro de linguagem ou para o reconhecimento como homem de letras e não jornalista”. MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p. 140-141.

¹⁵² “É possível generalizar que as revistas não se preocupavam tanto com o espaço público quanto os jornais; elas trabalhavam outra dimensão do cotidiano, dirigida para um certo individualismo.” BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. “A revista

Ao relançar a *Revista Brasileira*, contudo, José Veríssimo optou por manter um projeto gráfico mais tradicional, herdado da versão anterior da publicação. Sóbrio e sem ilustrações¹⁵³, o projeto era inspirado na sisudez da *Revue des Deux Mondes*, a Revista dos Dois Mundos, publicada quinzenalmente em Paris desde 1829, principal referência do meio cultural brasileiro à época¹⁵⁴. O perfil definido por Veríssimo reforçava a pretensão de ser um periódico voltado à camada mais culta da população, diferenciando-se assim da preferência dos leitores “comuns” por formatos descontraídos, como o da *Revista Ilustrada*, que fizera sucesso na fase liderada pelo desenhista italiano Angelo Agostini, entre 1876 e 1891¹⁵⁵. O preço era outro fator que definia claramente a elite como público-alvo da *Revista Brasileira*¹⁵⁶.

Enquanto os principais jornais brasileiros já haviam desenvolvido esquemas profissionais de produção, industriais e com equipes próprias, assalariadas, as revistas seguiam sendo produzidas de forma artesanal,

e a construção identitária o país”, prefácio para COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do Século XIX – A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*, p. 12.

¹⁵³ Exceto em situações específicas, como um artigo de botânica, assinado por Garcia Redondo, que incluiu dois desenhos de vegetais. “A planta da ressurreição”, *Revista Brasileira*, Tomo VIII, fascículo 46, 01/11/1896, p. 176-181.

¹⁵⁴ “Sua configuração sólida, quase um livro, recheada de compenetrados artigos de gama diversificada de autores europeus, transformou-a em ícone do saber superior e elitizado, conferindo a seu possuidor a/ou assinante a aura de leitor informado, atualizado.” MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p. 75.

¹⁵⁵ Semanal e com assinantes de todo o país – a tiragem chegou a 4 mil exemplares, uma proeza para a época –, a *Revista Ilustrada* tinha como grande destaque justamente as ilustrações de Agostini. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 249-250.

¹⁵⁶ A assinatura anual da *Revista Brasileira* no ano de lançamento custava 24\$000, enquanto a semestral saía por 14\$000 e o volume avulso por 2\$000. É possível transportar esses valores para a atualidade pela comparação com algumas referências da época: o salário médio de um médico era 600\$000 e um livro importado, com 400 páginas, custava em torno de 4\$000. VERGARA, Moema de Rezende. “Ciência e literatura: a *Revista Brasileira* como espaço de vulgarização científica”, p. 78. Assim, se considerarmos que o salário médio atual de um médico é de R\$ 15 mil e que um livro com as características descritas custa R\$ 100, a assinatura anual da *Revista Brasileira* saía pelo equivalente a atuais R\$ 600, enquanto o número avulso era vendido por R\$ 50.

quase sempre dependentes de colaborações avulsas, que podiam ou não ser remuneradas. Era o caso da *Revista Brasileira* – que, para Veríssimo, surgia como uma alternativa profissional depois de ter perdido o posto de crítico literário do *Jornal do Brasil*, emprego que até então lhe assegurava uma fonte de renda regular¹⁵⁷.

A virada do século marcava uma nova fase para o jornalismo brasileiro, em que os percalços da vida boêmia, traço característico dos jornalistas até então, tornavam-se cada vez mais incompatíveis com as exigências de um mercado competitivo¹⁵⁸. Ganhava força a perspectiva empresarial, inspirada no que vinha ocorrendo nos Estados Unidos, onde novidades tecnológicas, como a impressora a vapor, permitiam a rápida redução dos custos e ampliação da circulação das publicações¹⁵⁹. Em 1895, a transição para a chamada “grande imprensa” estava em pleno processo no Brasil, com os pequenos jornais cedendo lugar a empresas jornalísticas bem estruturadas e equipadas. Werneck Sodré aponta esse ano como icônico da ampliação do alcance dos veículos impressos no país, viabilizada pela expansão dos Correios e da malha ferroviária, além do início da adoção do telégrafo¹⁶⁰.

Reduzido o tempo entre a ocorrência dos fatos ao redor do mundo e a respectiva publicação, os jornais se consolidavam como especialistas em selecionar e apresentar os acontecimentos mais importantes do dia.

¹⁵⁷ Essa mesma busca por estabilidade financeira levaria Veríssimo a aceitar convite para se tornar colunista do *Jornal do Comércio*, em 1898. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 306. A nova atividade contribuiu para tirar o foco de Veríssimo da *Revista Brasileira*, publicação que seria encerrada alguns meses depois, ao fim de um período de visível decadência.

¹⁵⁸ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p. 137.

¹⁵⁹ Pulitzer logo estaria vendendo o *World* a apenas dois cents, enquanto Hearst iniciava seu império na imprensa a partir da aquisição do decadente *Morning Journal*. Ao dar ênfase a notícias sobre crimes e processos judiciais, o *Sun* precisou de poucos meses para tornar-se o jornal mais popular do país, atraindo um grande número de anunciantes. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 3-6.

¹⁶⁰ “Foi *A Notícia* que primeiro utilizou o serviço telegráfico, em 1895, com informações sobre a luta em Cuba; o público só acreditou quando, no dia seguinte, o *Jornal do Comércio* confirmou aquelas informações.” SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 305.

Tornava-se mais clara a separação entre notícias e artigos opinativos¹⁶¹, com a adoção de uma linguagem simplificada, neutra e direta – mudanças que visavam tornar o produto atraente para uma faixa maior de leitores. Para legitimar o papel de intermediários entre as fontes de informação e o público, os jornalistas precisavam ter capital cultural e político¹⁶².

Estabelecido no centro desse universo, Veríssimo era o anfitrião perfeito para que, durante sua passagem pelo Rio, Oliveira Lima se aproximasse do grupo de literatos da capital federal. O jovem diplomata passou a frequentar os encontros vespertinos da Livraria Laemmert ao lado de nomes como Machado de Assis, Graça Aranha, Tobias Barreto e Rodrigo Octavio, então secretário do presidente da República¹⁶³. Um dos aspectos que o legitimavam como intelectual era seu interesse pelos livros e o fato de já possuir uma biblioteca que podia descrever com orgulho – coleção que se esforçava para ampliar constantemente e na qual investia parte considerável de seus ganhos¹⁶⁴.

Procurar e comprar livros era uma rotina da qual Oliveira Lima não abria mão, mesmo diante das limitações financeiras às quais várias vezes fez referência em suas cartas¹⁶⁵. Para ter acesso ao que era disponibilizado

¹⁶¹ “Há, porém, outra importante mudança que vai se processando gradualmente: aquela que implica numa valorização da reportagem, do caráter informativo da imprensa, em detrimento dos gêneros opinativos – em particular, do “artigo de fundo” (editorial principal). Estes gêneros ainda são dominantes em boa parte do período, todavia, iriam apresentar declínio, de modo que a informação começará a moldar o jornalismo, a partir das primeiras décadas do Século XX até hoje.” ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*, p. 68.

¹⁶² Por conta da crescente valorização dos conceitos de neutralidade e imparcialidade, a atividade passou a ser considerada um “lugar natural” para jovens egressos das faculdades de Direito, “principal instância de formação intelectual na República Velha”. BARBOSA, Marialva. “Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)”, p. 98.

¹⁶³ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 110.

¹⁶⁴ “O poder das bibliotecas não se situa apenas no mundo das palavras e dos conceitos. Como Alexandria já o significava claramente, o domínio da memória escrita e a acumulação dos livros não deixam de ter significações políticas. Eles são signo e instrumento de poder.” BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas – A memória dos livros no Ocidente*, p. 14.

¹⁶⁵ “Em primeiro lugar, estava se acabando meu dinheiro disponível e detesto ter pouco dinheiro no banco. Parece-me sempre que se vai acabar. Tive grandes gastos no Brasil e na Europa, não sendo aqui menor os 5.000 francos que gastei

no mercado sobre a sua área de interesse – obras antigas relacionadas ao Brasil –, ele montou uma rede de livreiros para representá-lo nos leilões realizados nas principais cidades da Europa¹⁶⁶. Vários outros intelectuais possuíam bibliotecas invejáveis. Varnhagen reuniu obras sobre o Descobrimento, Rio Branco colecionava materiais relacionados à cartografia. José Carlos Rodrigues, Salvador de Mendonça, Eduardo Prado e Alfredo de Carvalho acumularam acervos pessoais de grande relevância¹⁶⁷.

de livros desta vez.” Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 04/04/1905, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

¹⁶⁶ Oliveira Lima descreveu detalhes desse mercado num artigo para a *Revista Brasileira*: “No recente leilão da livraria dos Marqueses de Valleda, efetuado em Lisboa, tive ensejo de arrematar um exemplar em quatro grossos volumes in-folio manuscritos das Memórias de D. Luiz da Cunha, plenipotenciário português ao Congresso de Utrecht e embaixador nas cortes de Londres, Madri e Paris. Diz o *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio da Silva que são inéditas essas Memórias, aparecendo delas de quando em vez cópias manuscritas em dois, quatro e até seis volumes: o meu exemplar é de letra e encadernação contemporâneas do ilustre diplomata, cuja vida estendeu-se dos meados do século XVII aos meados do século XVIII, e foi sem a mínima dúvida uma das mais honrosas e cheias de serviços ao seu país que registra a história portuguesa.” “Curiosidades bibliográficas”, *Revista Brasileira*, Tomo XVII, fascículo 113, 15/03/1899, p. 327.

¹⁶⁷ A coleção de José Carlos Rodrigues, hoje integrada à Biblioteca Nacional, foi considerada a maior brasileira já possuída por um particular. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*, p. 162. O acervo acumulado por Oliveira Lima chegaria a fazer frente à de Rodrigues, contudo: “A Oliveira Lima [...] ele interpelava constantemente, ciumento de certos exemplares que não possuía e o outro tinha: ‘Deixe-se desse seu hábito de colecionar livros. Você não é rico, para ter grande biblioteca é preciso ser milionário. Venda logo de uma vez tudo o que possui’”. “Um retrato impressionista”, *Revista Brasileira*, Ano IV, out/1944, número 11, p. 218. Se Oliveira Lima conseguiu montar sua coleção de livros raros sem ir à bancarrota, o mesmo não aconteceu com seu amigo e conterrâneo Alfredo de Carvalho, historiador que se dedicou a estudos sobre a evolução da imprensa. Filho da aristocracia pernambucana, Carvalho morreu precocemente, em 1916, poucos dias antes de completar 46 anos, “enfrentando situação de penúria, privações e debilidade, após exaurido o legado patrimonial investido na aquisição de uma valiosa biblioteca de obras raras sobre o Brasil”. MARQUES DE MELO, José. *História do jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual*, p. 330. Possivelmente a principal diferença no equilíbrio financeiro entre os dois foi o fato de Carvalho ter tido oito filhos, enquanto Oliveira Lima não deixou descendentes.

O nome de Oliveira Lima apareceu pela primeira vez na *Revista Brasileira* no sexto fascículo, publicado na segunda quinzena de março de 1895, quando ele foi descrito como um promissor autor estreante ao lançar *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*, livro com 327 páginas. A resenha, extremamente positiva, foi assinada por José Hígino Duarte Pereira, especialista no Brasil Holandês que teve suas obras citadas várias vezes no livro de Oliveira Lima. Chama a atenção o uso de todas as quatro páginas da seção Bibliografia exclusivamente para tratar da obra – o que destoava do padrão, em que o espaço era compartilhado entre vários livros. Assim começava o texto:

É este o título de uma notável monografia publicada recentemente em Leipzig pelo jovem pernambucano M. de Oliveira Lima, que se revela nesse primoroso trabalho um escritor de raça pelos dotes do seu espírito e pelas brilhantes qualidades do seu estilo. O livro nos dá muito mais do que promete o seu título modesto. [...] Trata-se pois de um estudo histórico-filosófico, tendo por base a história da grande capitania de Pernambuco, donde irradiaram a colonização e a civilização para todo o resto do Brasil setentrional. O autor desempenhou esse programa com a superioridade de vistas de um espírito lúcido e perfeitamente cultivado pelo estudo da história e das ciências sociais, sempre cuidadoso de receber as suas impressões em primeira mão, investigando as fontes históricas, os documentos contemporâneos das épocas que descreve¹⁶⁸.

Duarte Pereira viria a indicar Oliveira Lima como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), uma das mais prestigiosas agremiações intelectuais do país, que promovia “um tipo de recrutamento que se pautava mais por determinantes sociais do que pela produção intelectual”¹⁶⁹. Era um sonho antigo do jovem autor

¹⁶⁸ “Bibliografia – *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*”, *Revista Brasileira*, Tomo I, fascículo 6, 15/03/1895, p. 387.

¹⁶⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*, p. 133. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi fundado em 1839, no Rio de Janeiro, com o propósito de se colocar como guardião do que deveria ser assimilado como “história oficial”. A fundação foi seguida por várias “filiais” estaduais, das quais

pernambucano, desde que seu tio e padrinho, Quintino José de Miranda, o presenteara, aos 15 anos, com uma coleção da *Revista do IHGB*¹⁷⁰.

Os elogios à obra de estreia de Oliveira Lima destoavam do tom crítico, ditado pelo estilo de Veríssimo, que predominava nas resenhas da *Revista Brasileira*. Um exemplo foi o texto assinado por ele naquele mesmo ano de 1895 sobre a publicação dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. O crítico se limitou a apontar uma série de defeitos, mesmo os mais banais, incluindo pequenos equívocos de composição. A forma impiedosa com que o lançamento foi noticiado revoltou o diretor da Biblioteca Nacional, o também escritor Raul Pompeia, àquela altura já reconhecido no meio literário como autor de *O Ateneu*. Pompeia escreveu à *Revista Brasileira* no dia 23 de maio de 1895, dizendo-se surpreso com “a obra-prima de injustiça e inesperado rigor”¹⁷¹. Veríssimo publicou a carta e a respondeu na sequência, sem ser conciliador nem condescendente: ao contrário, elevou ainda mais o tom das críticas e citou outro problema, o atraso da publicação em relação à periodicidade estabelecida – dificuldade que, ironicamente, ele mesmo iria conhecer muito bem em relação à *Revista Brasileira*¹⁷².

esperava-se equilíbrio entre valorizar especificidades regionais e, ao mesmo tempo, contribuir para a sensação de unidade no país. Naquele final de século, “a produção histórica constituía atividade de membros da classe dominante ou por ela recrutados e, dada a inexistência de formação profissional específica, os historiadores que produziram no decorrer da Primeira República formaram-se em outras áreas do conhecimento, sendo a dedicação autodidata à História entendida como vocação”. MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 11.

¹⁷⁰ Oliveira Lima mencionaria o presente num texto que escreveu em 1913. “Aos 15 anos recebia, como um dom inestimável, de meu tio, padrinho, o conselheiro Quintino José de Miranda – magistrado austero e inteligência nutrida de humanismo – a coleção da Revista do Instituto Histórico.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. “Prefácio”. In CARVALHO, C. M. Delgado de. *Geografia do Brasil*, p. II.

¹⁷¹ E prosseguiu: “É lamentável que trabalhos da ordem dos que encerra o último volume publicado nos *Anais* sejam assim acolhidos, por aqueles mesmos que mais em condições se acham de saber o que custam esses trabalhos e o que podem valer. [...] Apesar de tudo e porque a própria hostilidade é um estímulo, eu venho agradecer a atenção e o cuidado que à *Revista Brasileira* mereceu a Biblioteca Nacional.” “Notas e observações”, *Revista Brasileira*, Tomo II, fascículo 13, 15/06/1895, p. 377-379.

¹⁷² Conforme desabafaria com Oliveira Lima: “A *Revista* desde que passou para a Imprensa Nacional perdeu a pontualidade. Como amostra do que são os grandes

Pompeia atravessou todo aquele ano em meio a confrontos agressivos com outros intelectuais, especialmente Olavo Bilac e Luís Murat¹⁷³. Ele defendia fervorosamente a Floriano Peixoto, que havia se tornado inimigo de boa parte da imprensa¹⁷⁴ e cuja morte, em junho, o abalou profundamente. O discurso de Pompeia no funeral, repleto de elogios a Floriano, foi interpretado pelo presidente Prudente de Moraes como desrespeitoso a quem liderava o país naquele momento¹⁷⁵. Teria sido esse o principal motivo para que Moraes tenha decidido demitir Pompeia da direção da Biblioteca Nacional, embora as críticas públicas feitas por Veríssimo possam ter contribuído para minar seu prestígio. Atormentado, Pompeia cometera suicídio no dia de Natal daquele mesmo ano, com um tiro no coração, aos 32 anos.

O fato é que Pompeia não fazia parte da “igrejinha” (para recorrer ao termo usado por Machado Neto) que, aglutinada em torno da *Revista Brasileira*, viria a se tornar o grupo fundador da Academia Brasileira de Letras. Os critérios principais de pertencimento a essa irmandade não diziam respeito propriamente à capacidade intelectual ou às obras produzidas, mas sobretudo à habilidade para construir relacionamentos

serviços públicos dir-lhe-ei que o número de setembro, pronto para a impressão, não saiu ainda... por falta de papel naquele estabelecimento. Isto diz tudo. Mas não há outro remédio senão suportá-la, já que não temos meios de pôr uma tipografia nossa ou de pagar os altos preços das oficinas particulares.” Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 31/10/1898, acervo Oliveira Lima Library. Foram publicados 93 fascículos ao longo dos 57 meses de existência do veículo, média de 18,4 dias de distância entre os fascículos, acima da periodicidade quinzenal planejada por Veríssimo. Os atrasos no cronograma de produção e impressão se concentrariam especialmente nos dois últimos anos.

¹⁷³ “Naquela altura, as desavenças intelectuais provocadas por críticas mal recebidas foram resolvidas em duelo em algumas ocasiões. O autor de *O Ateneu* absteve-se de duelar com Olavo Bilac e foi considerado covarde num violento artigo de Luís Murat.” ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes, “Imprensa a serviço do progresso”, in MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*, p. 97.

¹⁷⁴ “Nos primeiros anos da República a crise entre a imprensa e o poder chega ao auge com Floriano Peixoto. Os efeitos da reação do autoritarismo, acalentado por um processo militarista de natureza concêntrica e de caráter violento, a ponto de se desdobrar em restrições ao legislativo e ao Judiciário, permanecerão por longo tempo.” BAHIA, Juarez. *História da imprensa brasileira – Jornal, história e técnica*, vol. I, p. 158.

¹⁷⁵ MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “O drama público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular”, p. 83-84.

estratégicos. E, nisso, Oliveira Lima vinha se revelando um mestre. Tanto que, além de se aproximar do “papa” José Veríssimo, ele aproveitara a passagem pelo Rio de Janeiro para estabelecer contato direto também com o “deus” Machado de Assis – que, perto de completar 60 anos, já consagrado e com várias de suas obras sendo reeditadas, quase não escreveu para a *Revista Brasileira*, pois não precisava mais desse tipo de divulgação¹⁷⁶. Uma vez que a *Revista* remunerava seus colaboradores com pagamentos quase simbólicos, por conta das fontes limitadas de receita – a tiragem era pequena e a venda de anúncios restrita¹⁷⁷ –, suas páginas acabavam sendo em grande parte ocupadas por autores mais jovens.

Depois da resenha generosa que seu livro de estreia recebeu, Oliveira Lima tornou-se colaborador assíduo da *Revista Brasileira*, aproveitando ao máximo a oportunidade de reforçar sua reputação como intelectual. O texto de estreia, “Beckford e a sociedade portuguesa do Século XVIII”¹⁷⁸, foi apresentado como parte de um livro sobre a literatura colonial brasileira que ele estava preparando. Não ficava claro para o leitor, entretanto, qual era a pertinência de incluir no estudo, ainda mais de forma tão destacada, a figura de William Beckford, filho de um influente político inglês que esteve apenas por duas vezes em Portugal e jamais teve qualquer relação com o Brasil. Em meio a um texto rebuscado e sem foco definido, Oliveira Lima até tentou demonstrar que o personagem poderia ajudar na análise da sociedade portuguesa da época, mas o resultado não foi convincente. Restou a sensação de que ele havia

¹⁷⁶ Cinco anos depois, já colegas na Academia Brasileira de Letras, Oliveira Lima desfrutava de um alto nível de intimidade com o ícone daquela geração: “Meu prezado confrade e amigo sr dr Oliveira Lima [...]. Aos amigos com quem me diz que está sempre no chá das 5 horas, Nabuco, Graça Aranha e Eduardo Prado, peço-lhe que apresente as minhas saudades, explicando-lhes que nem por serem de velho são menos viçosas. A sua carta dá-me esperanças de o ver em breve. Que seja o mais breve possível para abraçá-lo é o que deseja o seu admirador e amigo. Muito obrigado. Machado de Assis.” Carta de Machado de Assis a Oliveira Lima, 07/11/1900, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁷⁷ Os anúncios, apresentados apenas ao final de cada volume em páginas coloridas, eram na maioria de estabelecimentos de ensino e de equipamentos para a prática de profissões liberais como Medicina e Direito – ou seja, voltados essencialmente a homens, instruídos e com certo poder aquisitivo. VERGARA, Moema de Rezende. “Ciência e Literatura: a *Revista Brasileira* como espaço de vulgarização científica”, p. 77-78.

¹⁷⁸ *Revista Brasileira*, Tomo IV, fascículo 23, 15/11/1895, p. 193-203.

realizado uma pesquisa sobre Beckford e forçou a mão para encaixar de alguma forma o personagem no livro que estava produzindo.

Ao decidir-se pela publicação do artigo, Veríssimo fez vistas grossas à evidente desconexão entre o conteúdo e o objetivo principal da *Revista Brasileira* – tratar de temas brasileiros. Tomaria decisão semelhante três meses depois ao acolher outro texto de Oliveira Lima – “Antônio José, o ‘Judeu’”¹⁷⁹ –, apresentado como mais um personagem do mesmo livro em preparação. Tratava-se de Antônio José da Silva (1705-1739), autor teatral e compositor de óperas nascido no Brasil e educado em Portugal, morto pela Inquisição. Novamente era um personagem deslocado do escopo central da obra anunciada por Oliveira Lima.

Mas foi o perfil seguinte publicado por Oliveira Lima, “As *Memórias* de Barras”, que realmente não tinha a menor ligação com o Brasil. Tratava-se da resenha da biografia de um personagem da Revolução Francesa, Paul François Jean Nicolas, o Visconde de Barras (1755-1829) – presidente, entre 1795 e 1799, do Diretório (regime político adotado pela Primeira República francesa), até ser derrubado por Napoleão Bonaparte no golpe de 18 Brumário, em 9 de novembro de 1799.

Oliveira Lima precisou recorrer mais uma vez a um verdadeiro malabarismo retórico para justificar a presença daquele texto na *Revista Brasileira*¹⁸⁰. Talvez para tornar a leitura mais interessante ao público brasileiro, Oliveira Lima deixou as questões políticas em segundo plano e apelou para detalhes mundanos relacionados à vida de Barras, o “visconde namorador”, “apreciador fanático do belo sexo, o que é uma condição de bondade, ainda que nele a sensualidade excedesse a

¹⁷⁹ *Revista Brasileira*, Tomo V, fascículo 28, 01/02/1896, p. 208-220.

¹⁸⁰ “Tudo quanto dizer respeito aos homens e às coisas da Revolução Francesa interessa profundamente os povos cultos, especialmente os latinos, para os quais ela constitui o acontecimento não só mais sugestivo, mas fascinante da história contemporânea, como o mais decisivo da sua existência política. No Brasil essa época excepcional tem sido sempre o assunto predileto das leituras juvenis, e o alvo obrigado dos entusiasmos liberais de todas as idades. Já notava em 1835 o pintor de história Debret, na sua curiosa relação de viagem, que dentre os membros da nossa câmara popular, os oradores finos e brilhantes, orgulhosos de sua erudição, sabiam citar até nos mínimos incidentes a história da Revolução de 1789.” “As memórias de Barras”, *Revista Brasileira*, Tomo IV, fascículo 23, 01/12/1895, p. 281.

galanteria”¹⁸¹. Muitas partes do texto soaram apelativas, como, por exemplo, a que descreve a primeira mulher de Napoleão, Josephina – que, concluiu Oliveira Lima, “estava longe de ser uma senhora de vida impecável”¹⁸².

Ele também usou o espaço que tinha na *Revista Brasileira* para reforçar os laços com Pernambuco. Entre outras razões, porque apostava no estado natal para vender seu livro, que mantinha em consignação na Livraria Contemporânea, no Recife¹⁸³. Essa ligação ajuda a explicar a resenha altamente elogiosa que fez para o livro de contos *O Hidrófobo*, lançado na capital pernambucana por Faria Neves Sobrinho (1872-1927). O texto destacou o cuidado da produção gráfica, uma forma de valorizar, num veículo de repercussão nacional, o trabalho literário local¹⁸⁴.

¹⁸¹ “As memórias de Barras”, *Revista Brasileira*, Tomo IV, fascículo 23, 01/12/1895, p. 283.

¹⁸² “Bonita, espirituosa, frívola, capitosa, despertou antes, durante e depois da sua viuvez de Alexandre de Beauharnais muitas paixões, que teve quase sempre a caridade de acalmar. Ninguém tampouco ignora que Barras foi um dos seus amantes.” “As memórias de Barras”, *Revista Brasileira*, Tomo IV, fascículo 23, 01/12/1895, p. 292. O tom misógino do texto se explica pelo amplo domínio masculino na sociedade brasileira da época, reproduzido no universo intelectual. Reflexo dessa conjuntura, a *Revista Brasileira* tinha um grupo de colaboradores quase que exclusivamente formado por homens, com raríssimas contribuições pontuais de mulheres. Exceções ao longo dos quase cinco anos de existência da publicação foram dois contos de Flávia do Amaral, “Névoas do passado” e “A imolação”. Houve também uma resenha, assinada por Verissimo, de *A Viúva Simões*, obra de Julia Lopes de Almeida. Ao escrever sobre essa autora, contudo, o crítico usou a expressão “livro de mulher”, como se fosse uma categoria à parte. “Bibliografia”, *Revista Brasileira*, Tomo XI, fascículo 67, 15/09/1897, p. 379.

¹⁸³ Apesar das dificuldades logísticas da época. No início de 1897, o proprietário da Livraria Contemporânea, Ramiro Costa, informava ainda não ter recebido os exemplares de *Aspectos da literatura colonial brasileira*, que Oliveira Lima pedira para serem enviados direto da gráfica, na Alemanha. Passaram-se mais dois meses até que Costa conseguisse encontrar o material, que permanecia retido na Alfândega. Carta de Ramiro M. Costa a Oliveira Lima, 26/03/1897, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁸⁴ “O volume é no formato e tem a aparência dos da *Petite Collection Guillaume*, tão espalhados entre nós, e os editores Hugo & C., do Recife, incluíram como parte ou apresentam como início de uma *Coleção Esmeralda Ilustrada* esse exemplar encantador de arte tipográfica francesa. O livro aliás merece o cuidado e o carinho com que foi materialmente publicado. Os cinco contos que o compõem são, sem favor, dos melhores que temos ultimamente lido no Brasil.”

Veríssimo elogiava as contribuições de Oliveira Lima à *Revista Brasileira*¹⁸⁵, mas demonstrava certo desânimo com as dificuldades enfrentadas pela publicação:

Aqui o sr é sempre lembrado nas rodas literárias com muito apreço e estima. [...] Não preciso dizer-lhe com que satisfação ouço essas manifestações de admiração e estima pelo sr e pelos seus trabalhos, que são dos melhores sem dúvida que a *Revista* tem publicado. Esta vai indo, ganhando terreno é certo, mas muito lentamente. Ainda não temos, como me dizia há muitos anos o M. de Assis, nem público, nem escritores de *Revista*. Creio, porém, que é teimando que conseguiremos uma e outra coisa, e por isso enquanto me não faltar de todo apoio teimarei¹⁸⁶.

Veríssimo dava cada vez mais liberdade para Oliveira Lima definir os temas de suas contribuições. À primeira vista, tal atitude poderia ser confundida com descuido, mas certamente não era o caso: o editor sabia perfeitamente quem queria prestigiar e quem desejava desfavorecer¹⁸⁷.

“Bibliografia – O Hidrófobo”, *Revista Brasileira*, Tomo VII, fascículo 38, 01/07/1896, p. 68.

¹⁸⁵ “Os seus artigos têm sido muito apreciados e bem recebidos, sendo que a respeito do último ouvi as mais agradáveis e justas referências. Realmente é um trabalho admiravelmente bem feito.” Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 25/01/1896, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁸⁶ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 27/02/1896, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁸⁷ Ainda que, muitas vezes, agisse com extrema sutileza. Um exemplo disso ocorreria em 1898, depois de um surpreendentemente ataque feito por Sílvio Romero em um de seus livros à obra de Machado de Assis, até então visto como referência e unanimidade por aquela geração de literatos. Romero classificou o estilo de Machado de Assis de “plácido e igual” e afirmou que o autor não conseguira criar “um verdadeiro e completo tipo ao gosto e com a maestria dos grandes gênios inventivos das letras”, limitando-se a “esboços”. ROMERO, Sílvio, citado em MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*, vol. V, 1897-1914, p. 23-24. Veríssimo não se pronunciou diretamente, mas incentivou Araripe Jr a publicar na *Revista Brasileira* a atualização de um ensaio sobre o crítico, cuja primeira versão havia saído na *Revista Sul-Americana* quase dez anos antes. O texto afirmava que a Romero faltava um elemento, “a sagacidade ou a polidez artificial dos centros civilizados, e a que Schopenhauer se referia, dizendo

Uma descoberta durante as pesquisas para esta tese ajudou a elucidar as razões do alto grau de liberdade que Veríssimo concedia ao jovem pernambucano e até mesmo o tom bajulador que muitas vezes adotava em relação a ele. Ao final do primeiro ano de funcionamento da publicação, período em que a *Revista* havia sido editada pela Laemmert & C. Editores¹⁸⁸, o editor decidiu criar uma empresa para esse fim, a Sociedade Revista Brasileira, oficialmente denominada “José Veríssimo & Cia”, da qual vendeu ações para capitalizar o empreendimento¹⁸⁹. Oliveira Lima comprou cotas da sociedade, como demonstra um recibo encontrado no acervo da Oliveira Lima Library¹⁹⁰.

Infelizmente, não foi possível encontrar mais informações a respeito da composição societária da empresa. O mais importante, contudo, é a demonstração de que Oliveira Lima não era um colaborador comum da *Revista*, e sim coproprietário. Considerando-se que seu compromisso em adquirir cotas da sociedade certamente se deu algum tempo antes da data registrada no recibo, conclui-se que todas as suas contribuições para a publicação tenham sido feitas já sob essa perspectiva – o que ajuda a entender a tolerância de Veríssimo com textos tão descolados dos objetivos da *Revista Brasileira*. O artigo de estreia de

que sem ele os homens se entredevoariam”. “Sívio Romero polemista”, *Revista Brasileira*, Tomo XV, fascículo 88, 01/08/1898, p. 185-186. Depois disso, a *Revista Brasileira* manteve-se em silêncio não apenas sobre o novo livro do autor, mas também sobre suas obras mais antigas, ao mesmo tempo em que publicaria vários artigos elogiosos sobre a obra de Machado de Assis. MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*, vol. V, 1897-1914, p. 29.

¹⁸⁸ Fundada em 1838 pelos irmãos alemães Eduardo e Henrique Laemmert, a Laemmert se tornou inicialmente conhecida pela “folhinha” que daria origem alguns anos depois ao Almanaque Laemmert, que marcou época. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 237.

¹⁸⁹ Conforme subentende-se de um trecho de carta escrita a Oliveira Lima: “A nossa Revista vai [...] abrindo lentamente caminho, tendo o capital para a empresa que a há de manter sido todo subscrito”. Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 25/01/1896, acervo Oliveira Lima Library.

¹⁹⁰ Recibo de número 13, datado de 03/02/1896 e assinado por Veríssimo, com o seguinte teor: “Recebi do sr Dr Manuel de Oliveira Lima a quantia de 100\$000 (cem mil réis), importância de 20% da sua primeira entrada como possuidor de cinco ações desta sociedade.” Acervo Oliveira Lima Library. O valor total previsto para o aporte inicial de Oliveira Lima, 500 mil réis, equivaleria atualmente a cerca de R\$ 8.300, utilizando-se as mesmas referências de comparação mencionadas na nota de rodapé 157.

Oliveira Lima, sobre Beckford, foi publicado na edição de novembro de 1895, menos de três meses antes da data do recibo, quando a negociação em torno da compra de cotas provavelmente já estava em andamento.

Há também indícios de que, antes de abrir a Sociedade, Veríssimo tenha tentado durante algum tempo obter melhores condições com a Laemmert & C. Editores. Infere-se a ocorrência de uma negociação por conta de várias citações elogiosas à empresa justamente no período em que as conversas deveriam estar transcorrendo.

A Laemmert escapou das severas críticas feitas no texto “O livro brasileiro”, um dos raros publicados na *Revista Brasileira* de forma anônima, assinado por “Um bibliófilo”¹⁹¹ – ao contrário, o autor observou que os livros da Laemmert “são dos melhores que se fazem no Brasil”¹⁹². Observações semelhantes surgiram em vários outros momentos daquela fase. Na resenha do livro *Sonhos funestos*, de Rodrigo Octavio, Veríssimo observou: “A edição, da Casa Laemmert, merece elogios”¹⁹³. Na resenha do livro *Várias histórias*, de Machado de Assis, depois de celebrar o autor em vários aspectos, Veríssimo fez uma observação adicional: “Não quero encerrar esta nota sem dizer que os srs Laemmert & C., editores das *Várias histórias*, esmeraram-se na sua publicação: o livro a todos os respeito é glorioso para a sua livraria e oficinas”¹⁹⁴.

Além da liberdade plena para escolha dos temas, Veríssimo também permitia a Oliveira Lima indicar novos colaboradores dentro do seu circuito de relações pessoais. Um dos casos desse tipo foi Moniz Barreto, em seus últimos meses de vida. Veríssimo queria atender o pedido de Oliveira Lima, que estava interessado em proporcionar uma fonte de renda para o necessitado amigo, e ofereceu a Moniz Barreto 50 francos por artigo – “que é pouco, reconheço, mas o mais que podemos dar”, justificou¹⁹⁵. Não houve tempo para que Moniz Barreto enviasse sua

¹⁹¹ Veríssimo era o mais provável nome escondido sob o pseudônimo, mas não se pode descartar que tenha sido escrito por Oliveira Lima, considerando-se sua condição de colecionador de livros antigos.

¹⁹² “O livro brasileiro”, *Revista Brasileira*, Tomo III, fascículo 16, 01/08/1895, p. 183.

¹⁹³ “Bibliografia – Sonhos funestos”, *Revista Brasileira*, Tomo III, fascículo 16, 01/08/1895, p. 190.

¹⁹⁴ “Bibliografia – Várias histórias”, *Revista Brasileira*, Tomo IV, fascículo 22, 01/11/1895, p. 189.

¹⁹⁵ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 12/11/1896, acervo Oliveira Lima Library.

contribuição, contudo. A *Revista Brasileira* até acabaria publicando um trabalho dele – um texto inacabado sobre o escritor português Eça de Queiroz, resgatado por Domício da Gama entre os pertences do jovem intelectual morto¹⁹⁶.

O convívio com o circuito intelectual do Rio de Janeiro aproximou Oliveira Lima do ministro das Relações Exteriores, o escritor Carlos de Carvalho. Motivado principalmente pela falta de adaptação de Flora a Berlim, ele pediu uma transferência ao ministro, que apresentou como possibilidade imediata o Peru, onde havia uma vaga em aberto. Oliveira Lima deixou claro que detestara a ideia¹⁹⁷. Algum tempo depois, foi informado que havia sido promovido para o cargo de primeiro-secretário em Washington, notícia que recebeu com entusiasmo: os Estados Unidos eram uma potência em plena ascensão, graças ao impressionante crescimento econômico¹⁹⁸.

2.2 – Caçula entre os acadêmicos

A chegada em Washington ocorreu em maio de 1896. Oliveira Lima foi agradavelmente recepcionado pelo chefe Salvador de Mendonça¹⁹⁹, mais um caso de ex-jornalista transferido para a carreira

¹⁹⁶ O artigo foi publicado com uma nota de rodapé explicando as circunstâncias e que o texto era “um trabalho não acabado nem revisto, interrompido pela morte, que temos a triste fortuna de publicar”. “O sr. Eça de Queiroz”, *Revista Brasileira*, Tomo XII, fascículo 69, 15/10/1897, p. 65-66.

¹⁹⁷ “Carlos de Carvalho falara-me no Peru mas eu respeitosa e insistentemente insistira por alguma coisa melhor. Consultei o Visconde de Cabo Frio, cuja boa vontade era um reflexo da estima em que me tinha Itajubá, muito do seu coração, e o octagenário diretor-geral respondeu-me com um piscar dos seus olhos vivos: ‘Peru na mesa, assado, é para quem gosta’”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 129.

¹⁹⁸ O Produto Interno Bruto (PIB) per capita dos Estados Unidos havia sido de US\$ 3.392 em 1890, contra US\$ 794 do Brasil – ou seja, quatro vezes mais. Essa diferença se ampliaria a ponto de chegar, em 1909, a seis vezes e meia – US\$ 5.017 contra US\$ 776. Angus Maddison, *Statistics on World Population*, citado em ALMEIDA, Paulo Roberto de; RÊGO, André Heráclio do. *Oliveira Lima – Um historiador das Américas*, p. 140.

¹⁹⁹ “Tive muita satisfação ao saber que o teria aqui, por conhecer suas habilitações. Não nutro a mínima dúvida sobre o virmos a fazer boa camaradagem”, escreveu Salvador de Mendonça antes da chegada do casal, ocasião em que deu uma série de instruções de como Oliveira Lima poderia enviar

pública. Mendonça pertencia à equipe d'*O Globo*, em 1875, quando enviuvou. Recebeu então uma carta de José Carlos Rodrigues, que estava produzindo um jornal em português em Nova York e o convidava para se transferir para os Estados Unidos e trabalhar com ele. Mendonça aceitou a proposta e, quando se preparava para a viagem, foi surpreendido com o convite para assumir o Consulado de Nova York, apresentado pelo Barão de Paranapiacaba, sendo informado de que o Imperador aprovava a ideia – o que soava surpreendente, considerando-se a trajetória de Mendonça de ligação a ideais republicanos.

Ele aceitou o convite e, quando a República foi proclamada, ocupava o cargo de ministro plenipotenciário do Brasil em Washington, tendo contribuído ativamente para a aceitação internacional do novo regime político brasileiro. Ainda assim, seria muitas vezes acusado de monarquista, o que lhe traria problemas na nova configuração pós-República²⁰⁰.

Oliveira Lima deslumbrava-se com o que via nos primeiros tempos nos Estados Unidos. Estava em plena lua-de-mel com a estrutura da diplomacia brasileira – era grato por ter sido enviado a Washington, de onde conseguia enxergar um futuro promissor para a carreira. Tratava-se de uma interpretação correta do contexto, pois, como definiu Rubens Ricupero, o estreitamento da relação com os Estados Unidos se consolidaria como um dos três fatores estruturantes da diplomacia brasileira nos primeiros tempos da República²⁰¹.

Naquele momento, o eixo político da diplomacia brasileira se deslocava gradualmente de Londres para Washington, reflexo também do desejo republicano de quebrar a tradição de influência da Inglaterra sobre

seus pertences de Lisboa para Washington. Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 27/03/1896, acervo Oliveira Lima Library.

²⁰⁰ Além disso, era preciso lidar com dificuldades típicas do meio diplomático: “A posição de Salvador em Washington não era socialmente fácil. Tinha de navegar entre Scylla e Charybdis: por um lado o desdém dos diplomatas europeus pelos sul-americanos, por outro os ciúmes dos hispano-americanos pelo seu colega brasileiro.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 160.

²⁰¹ Os dois outros fatores foram a “sistemática solução das questões fronteiriças e ênfase em maior cooperação com os latino-americanos” e os “primeiros lances da diplomacia multilateral, na versão regional, pan-americana, ou global, da Liga das Nações”. RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*, p. 238.

o Brasil, que vinha desde os tempos de colônia²⁰². A adoção de vários símbolos inspirados nos Estados Unidos – a Constituição como modelo para a brasileira, o federalismo, o nome Estados Unidos do Brasil e a bandeira também estrelada – evidenciava a admiração da jovem República brasileira pelo grande país ao Norte do continente²⁰³. Vislumbrava-se uma aliança com potenciais vantagens para ambos os lados: o Brasil pretendia ampliar a exportação de produtos agrícolas, atendendo assim aos interesses comerciais da classe dominante, enquanto os Estados Unidos tencionavam ampliar sua influência sobre a América do Sul, em sintonia com o programa de expansão e de consolidação como nova grande potência mundial²⁰⁴. Oliveira Lima estava, portanto, no lugar certo para impulsionar sua carreira diplomática.

Nesse cenário, ele continuava vendo motivos para bajular o regime republicano, que vinha lhe proporcionando tantas conquistas. Certamente teve excelente repercussão entre os poderosos da República a publicação, na revista francesa *Nouvelle Revue*, do ensaio *Sept Ans de République au Brésil* (“Sete Anos de República no Brasil”), em que ele fez uma defesa entusiasmada do novo regime político brasileiro²⁰⁵. A *Revista Brasileira* mencionou o feito de seu colaborador em duas edições, inicialmente com uma breve nota na seção “Notícias de Ciências, Letras e Artes”²⁰⁶ e

²⁰² Naquela virada do século, contudo, os ingleses ainda controlavam os principais setores da economia brasileira – das estradas de ferro aos meios de comunicação. Só em 1915 os Estados Unidos tomariam pela primeira vez a liderança do comércio exterior brasileiro, tanto de exportações quanto de importações. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, p. 267-276.

²⁰³ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, p. 204.

²⁰⁴ MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 115.

²⁰⁵ Os artigos “cumpriram a missão de defender o abalado conceito da República brasileira no exterior, o que era, sem dúvida, uma alta função da diplomacia naquele conturbado momento. A tarefa não era simples, uma vez que ‘os sete anos’ abarcavam tanto a Revolta da Armada, quanto a Revolução Federalista, sem falar nos resultados da política de Encilhamento do ministro Rui Barbosa”. GOMES, Ângela de Castro. “Rascunhos de história imediata: de monarquistas e republicanos em um triângulo de cartas”, p. 17.

²⁰⁶ “Nos fascículos de 1 a 15 de agosto da *Nouvelle Revue*, de Paris, publicou o nosso colaborador, Sr Oliveira Lima, um interessante estudo com o título *Sept Ans de République au Brésil*.” “Notícias de ciências, letras e artes”, *Revista Brasileira*, Tomo VIII, fascículo 44, 01/10/1896, p. 57.

depois, na edição publicada na quinzena de aniversário da República, com uma análise aprofundada assinada por Medeiros e Albuquerque, também pernambucano e ex-colega de Oliveira Lima nos bancos escolares de Lisboa, o que explica em grande parte o tom extremamente elogioso do texto (embora, no geral, desabonador para a categoria dos diplomatas)²⁰⁷:

O sr. Oliveira Lima, secretário da Legação do Brasil em Washington e que possui a rara originalidade no nosso corpo diplomático de saber onde fica o mencionado Brasil, acaba de publicar um folheto com o título que encima estas linhas. Este é a reprodução de dois artigos aparecidos na *Nouvelle Revue*, de Paris. O conhecimento que o distinto autor desse trabalho tem da sua terra não se limita ao nome e à situação geográfica – o que, na sua classe, já seria de um exotismo notável... É um estudioso das coisas brasileiras, um pesquisador inteligente e erudito da nossa história. Que o atestem seus dois livros – um sobre Pernambuco, outro sobre os *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira*²⁰⁸.

Tão logo a nova vida do casal Oliveira Lima em Washington estava minimamente organizada, ele retomou a intensa atividade epistolar. Combinou com Veríssimo que enviaria à *Revista Brasileira* artigos relacionados às suas primeiras impressões sobre os Estados Unidos. Nessa mesma época, a publicação, que até então não tinha uma sede, estava se instalando numa sala da Travessa do Ouvidor, ligação da célebre Rua do Ouvidor com a antiga Rua do Cano, no coração do Rio de Janeiro. Com apenas sete metros de largura, fechada para o trânsito de veículos a partir das nove horas da manhã, a Rua do Ouvidor era o ponto de encontro da parcela mais rica da população. Reunia as lojas mais caras, os cafés mais sofisticados e os médicos, advogados e engenheiros mais prestigiados. Naquele final de século, o Rio de Janeiro ainda vivia sob

²⁰⁷ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 56. Como veremos adiante, Medeiros de Albuquerque se tornaria mais um nome na extensa lista de “ex-amigos” que Oliveira Lima acumulou no final da vida.

²⁰⁸ “Sete anos de República no Brasil (a propósito de um folheto)”, *Revista Brasileira*, Tomo VIII, fascículo 47, 15/11/1996, p. 237. O segundo livro citado ainda não havia sido lançado.

grande influência francesa, em todos os aspectos da vida – nas artes, nas ciências, nos hábitos de consumo, na gastronomia, nas expressões assimiladas pelo linguajar cotidiano. A confeitaria Pascoal era o ponto de encontro dos literatos, papel que começava a ser dividido com a Confeitaria Colombo, fundada em 1894, à Rua Gonçalves Dias²⁰⁹.

A Rua do Ouvidor era também o coração da vida intelectual, inclusive por abrigar diversas redações de jornais. A sala ocupada pela *Revista Brasileira*, embora acanhada, tinha a pretensão de ser “um centro de homens de letras”, como definiu Veríssimo – com a ressalva de que, para isso, seria preciso superar o fato de que os intelectuais eram, em geral, “pouco sociáveis” e entregues a “hábitos da boêmia”. “Entretanto temos sempre aqui o Machado de Assis, o Aranha, o Nabuco, o Jaceguay, o Pedro Tavares, o Coelho Netto, o Araripe e outros”, contou o diretor da *Revista* a Oliveira Lima²¹⁰. Veríssimo teve a ideia de pendurar nas paredes do escritório retratos dos colaboradores mais importantes, e com essa justificativa pediu o de Oliveira Lima²¹¹.

No dia 15 de dezembro de 1896, quando a publicação estava próxima de completar dois anos da fase Veríssimo, a sala da *Revista Brasileira* sediou a reunião de criação da Academia Brasileira de Letras. A iniciativa partira de Lúcio de Mendonça, secretário do então Ministro da Justiça, Campos Salles – que logo se tornaria presidente do estado de São Paulo e depois, em 1898, presidente da República²¹². Machado de Assis, ícone daquela geração, acolheu a ideia com entusiasmo, pois sentia a necessidade de um espaço para agregar e mobilizar a comunidade intelectual em torno do amor à literatura, e não mais das discussões

²⁰⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 284.

²¹⁰ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 09/07/1896, acervo Oliveira Lima Library.

²¹¹ “Peço-lhe, pois, me mande o seu, que entre eles, de coração lho afirmo, é um dos que mais estimo e prezo.” Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 27/08/1896, acervo Oliveira Lima Library.

²¹² Em um dos discursos inaugurais da Academia, o primeiro-secretário, Rodrigo Octavio, lembrou como surgiu a ideia. “Foi nas salutares e íntimas confabulações da sala de redação da *Revista Brasileira* que o nosso confrade Lúcio de Mendonça, em dias de novembro do ano passado, lembrou a ideia da criação de uma Academia de Letras que se constituísse o centro e a vida de expansão literária.” “Academia Brasileira de Letras – Sessão inaugural”, *Revista Brasileira*, Tomo XI, fascículo 64, 01/08/1897, p. 140.

políticas que haviam levado muitos deles à exaustão²¹³. Uma das preocupações era marcar território na competição com outras áreas do conhecimento, especialmente as ciências, que vinham adotando a prática de criar instituições de fortalecimento e autopromoção²¹⁴.

A ideia original era que a Academia fosse encampada como iniciativa governamental. Assim, para compor o grupo de 40 acadêmicos, modelo inspirado na Academia Francesa, 30 membros seriam nomeados pelo governo, e esses 30 ficariam responsáveis por eleger os demais. Lúcio de Mendonça apresentou o projeto ao ministro do Interior, Alberto Torres, mas o governo preferiu não participar, sob a justificativa de que a proposta estaria em desacordo com os princípios republicanos de democracia e de igualdade de oportunidades. Mais relevante que isso, contudo, era a impossibilidade de conciliação política naquele momento de consolidação do novo regime. Os líderes republicanos certamente hesitariam em contemplar intelectuais declaradamente monarquistas, ainda que de inegáveis méritos, como Joaquim Nabuco, Afonso Celso e Carlos de Laet, enquanto, no sentido inverso, esses intelectuais resistiriam em ser nomeados pelo governo²¹⁵.

O grupo decidiu levar a ideia adiante de qualquer forma, para não deixar mais uma iniciativa do gênero naufragar ainda no início, como já havia ocorrido algumas vezes²¹⁶. Sem a participação governamental, os

²¹³ “Por cansaço ou fracasso, muitos se insularam da política institucional. Em 1897, ex-reformistas, ex-monarquistas, ex-republicanos, mesmo ex-jacobinos criaram sua própria República, a das letras. Na Academia Brasileira de Letras, fundiram suas identidades políticas contrastivas, de monarquista-aristocrata e de republicano-ascendente, numa identidade compartilhada, a de ‘intelectuais’”. ALONSO, Angela. “Arrivistas e decadentes: o debate político-intelectual brasileiro na primeira década republicana”, p. 147.

²¹⁴ “Se os políticos, advogados, cientistas, engenheiros e médicos eram constantemente lembrados por seus feitos, os romancistas, poetas e cronistas, por suas qualidades ímpares, mereciam igual admiração.” EL FAR, Alessandra. “A presença dos ausentes’: a tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários”, p. 120.

²¹⁵ CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras – Trinta anos de discursos acadêmicos (1897-1927)*, p. 6.

²¹⁶ Em 1847, doze sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro propuseram a fundação da Academia da Literatura Brasileira, mas a ideia não foi à frente. Em 1883, a Associação dos Homens de Letras do Brasil foi criada por um grupo de intelectuais, com direito à presença do Imperador, da Princesa Isabel e do Conde d’Eu na solenidade de lançamento, mas nada mais aconteceu além

fundadores da Academia Brasileira de Letras adaptaram a fórmula para definição da primeira turma. Os 21 que participaram dos trabalhos preparatórios automaticamente se tornaram acadêmicos e decidiram convidar diretamente outros nove para completar os 30 que escolheriam por voto quem preencheria as 10 vagas restantes.

Quem votou efetivamente nessa ocasião, entretanto, foram os 16 acadêmicos presentes à reunião do dia 28 de janeiro de 1897. Não havia uma lista oficial de candidatos, sendo que cada eleitor poderia citar dez nomes livremente, mas é claro que vários candidatos articularam o interesse de disputar um lugar na Academia – como foi o caso de Oliveira Lima, inserido na rede da *Revista Brasileira*.

Os dez nomes mais citados foram os eleitos. Magalhães de Azevedo, Raymundo Correa, Aluísio Azevedo e Salvador de Mendonça (chefe de Oliveira Lima na representação brasileira em Washington e irmão de Lúcio de Mendonça, o idealizador da Academia) conquistaram 15 votos cada. Domício da Gama teve 13 votos, Luiz Guimarães e Eduardo Prado, 12. Completaram o grupo dos eleitos o Barão de Loreto, Clóvis Bevilacqua e Oliveira Lima, com 11 votos cada. Também foram citados, mas sem receber menções suficientes, o Barão do Rio Branco, Fontoura Xavier (sete votos cada), Assis Brasil (seis votos), Figueiredo Coimbra (cinco), Constâncio Alves, Augusto de Lima, Domingos Olympio e o Barão de Paranapiacaba, mencionados apenas uma vez²¹⁷.

Por coincidência, ou não, tanto o Barão do Rio Branco quanto Assis Brasil, candidatos derrotados, viriam a se tornar inimigos de Oliveira Lima na carreira diplomática. A derrota de Rio Branco e de Assis Brasil não pode ser credenciada a qualquer tipo de resistência à presença de diplomatas na Academia, pois entre os fundadores havia sete representantes do Itamaraty – além de Oliveira Lima, também Aluísio Azevedo, Domício da Gama, Graça Aranha, Luís Guimarães Júnior, Magalhães de Azeredo e Salvador de Mendonça²¹⁸.

Os 16 acadêmicos que votaram foram, por ordem alfabética: Araripe Jr., Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo

disso: o ocaso do Império tratou de sepultar a iniciativa. VIEIRA, Celso. *Joaquim Nabuco, libertador da raça negra*, p. 260-261.

²¹⁷ Livro de Atas da Academia Brasileira de Letras, sessão de 28/01/1897, acervo Academia Brasileira de Letras.

²¹⁸ MALATIAN, Teresa. “Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima”, p. 387.

Octavio, Silva Ramos, Teixeira de Melo e Visconde de Taunay. Não ficou registrado na ata como cada um deles construiu sua lista de dez nomes, mas percebe-se entre os eleitores vários nomes que já faziam parte das relações mais próximas de Oliveira Lima, o que lhe assegurou a margem de quatro votos à frente do Barão do Rio Branco e de Fontoura Xavier.

Ao anunciar a criação da Academia Brasileira de Letras, a seção “Notícias de Ciências, Letras e Artes” da *Revista Brasileira* afirmou não se tratar simplesmente de “uma associação de escritores”:

Justificando o título que tomou, pretende ser uma consagração das reputações literárias, um galardão de estudos e trabalhos intelectuais no vasto domínio da literatura e a oficina de uma obra determinada e útil do nosso progresso espiritual. Tem por fim geral, segundo os seus Estatutos, “a cultura da língua e da literatura nacional”. [...] Com efeito a recém-fundada Academia tem sofrido a censura de se ter criado a si mesma, consagrando-se a si próprios os seus membros. Cremos, por nossa parte, que melhor fora que ela não tivesse esse vício de origem, mas não o achamos imperdoável desde que não enxerguemos nos seus criadores a presunção – que certamente não tiveram – de se elegerem com os mais notáveis escritores do país²¹⁹.

Notícias que Oliveira Lima guardou demonstravam a desconfiança geral de que a Academia continuaria buscando benesses governamentais, como expressou o *Jornal do Recife* em um artigo que ironizava as vastas pretensões da instituição – “o cultivo da língua, o grande anuário bibliográfico, o folclore, as conferências literárias e a fiscalização da instrução pública” – e previa a impossibilidade de colocar em prática o espírito de cordialidade anunciado: “A Academia vem congregar os homens de letras que andam sempre às turras, trocando doestos, vertendo bñlis em folhetins descabelados, procurando cantos absconsos para duelos que, felizmente, nunca se realizam”²²⁰. De fato, tentativas de

²¹⁹ “Notícias de ciências, letras e artes”, *Revista Brasileira*, Tomo IX, fascículo 54, 01/03/1897, p. 313.

²²⁰ *Jornal do Recife*, 21/03/1897, acervo Oliveira Lima Library.

financiamento público para a instituição continuariam ocorrendo até alcançarem sucesso²²¹.

No discurso de posse como presidente aclamado, Machado de Assis afirmou que a Academia nascia “com a alma nova, naturalmente ambiciosa” e destacou a presença de vários jovens entre os acadêmicos – Graça Aranha e Oliveira Lima, os caçulas, tinham 29 anos²²². Joaquim Nabuco, aos 48 anos, lembrou que a Academia nascia equilibrada “entre os que vão e os que vêm chegando”²²³. Ele fez questão de lembrar, também, que alguns dos nomes mais importantes “nos estudos morais e

²²¹ No início de julho de 1898, o deputado baiano Eduardo Ramos apresentou na Câmara um projeto de lei que reconhecia a Academia Brasileira de Letras como instituição de desenvolvimento da cultura e da literatura nacionais, cabendo ao Governo ceder a ela uma sede, em prédio público que pudesse dispor, além de conceder benefícios como a franquia postal e a produção pela Imprensa Nacional de publicações oficiais da Academia e de obras de escritores brasileiros “que houver reconhecido de grande valor”. Boa parte da imprensa não perdoou a tentativa de manter a Academia às custas do dinheiro público. O *Jornal do Comércio*, por exemplo, criticou duramente a iniciativa do deputado: “O projeto não faz somente sessão graciosa do reconhecimento oficial à jovem Academia de Letras, deixando, aliás, no olvido outras associações mais antigas e dignas de todo o apreço; vai mais longe. É um processo oneroso. Entrega um próprio nacional a uma associação particular, que muito promete, sem dúvida, mas que ainda não mostrou à sua custa o que pode fazer de útil e de grande e, ainda mais, sobrecarrega uma das verbas do orçamento, a que custeia a Imprensa Nacional, com uma despesa indefinida, pois a obriga a publicar não só as produções da doutíssima Academia como as obras dos escritores brasileiros *que esta houver reconhecido de grande valor*. Até onde irá a despesa com a publicação por conta dos contribuintes dessa biblioteca? Estamos nas condições de fazê-la?” *Jornal do Comércio*, 02/07/1898, acervo Oliveira Lima Library. Apesar das críticas, o projeto foi enviado às Comissões de Instrução Pública e Orçamento, para os respectivos pareceres, e acabaria sendo aprovado e assinado pelo presidente Campos Salles em 08/12/1900. MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*, p. 197.

²²² PIZA, Daniel. *Machado de Assis, um gênio brasileiro*, p. 299.

²²³ “A Academia, como o nobre romano, tem a sua vila dividida em casa de verão e em casa de inverno. Eu direi somente a todos os novos espíritos ambiciosos de abrir caminho para a glória: não receiem a concorrência dos mais velhos; sejam jovens e hão de romper tão naturalmente, como os rebentos da primavera rompem a casca da árvore rugosa.” CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras – Trinta anos de discursos acadêmicos (1897-1927)*, p. 19.

políticos, no jornalismo e na ciência” haviam ficado de fora da composição inicial da Academia, mas que nenhuma omissão era irreparável, pois “a morte encarrega-se de abrir nossa porta com intervalos mais curtos do que o gênio ou o talento toma para produzir qualquer obra de valor”²²⁴. De fato, dez dos fundadores morreriam ao longo da década seguinte à criação da Academia²²⁵. Na sequência do discurso, Nabuco descreveu a instituição como um antídoto contra a “pressa” do jornalismo:

Em um certo sentido toda criação é, senão um suicídio, uma larga e generosa transfusão do próprio sangue em outras veias. Temos pressa de acabar. Estamos todos eletrizados; não passamos de condutores elétricos, e o jornalismo é a bateria que faz passar pelos nossos cérebros, pelos nossos corações, essa corrente contínua... Se fôssemos somente condutores não haveria mal nisso; que sofrem os cabos submarinos? Nós, porém, somos fios dotados de uma consciência que não deixa a corrente passar despercebida de ponta a ponta, e nos faz receber em toda a extensão da linha o choque constante dessas transformações universais. Esperamos que a Academia seja um isolador, e que do seu repouso, da sua calma, venha

²²⁴ “Academia Brasileira de Letras”, *Revista Brasileira*, Tomo XI, fascículo 64, 01/08/1897, p. 133. Alguns anos depois, Joaquim Nabuco criticaria a composição inicial da Academia: “Se eu a tivesse composto como fez o Lúcio, nosso pai, não teriam escapado certos nomes nossos e o elemento velho (para o qual *pour cause* vou me inclinando) estaria em maior número”. Carta de Joaquim Nabuco a José Veríssimo, 17/11/1901, acervo Fundação Joaquim Nabuco. Rodrigo Octavio também fez crítica semelhante: “Somos efetivamente aqui tão poucos e tomá-la na devida consideração (refiro-me aos acadêmicos) que difícil é fazê-la trabalhar normalmente. O grande mal foi esse; na primeira camada houve mais piçarra que diamante. E o que é mais extraordinário é que toda essa piçarra não se julgou muito reabilitada por haver sido tomada por diamante... Se você compreendeu, muito bem; se não compreendeu, melhor.” Carta de Rodrigo Octavio a Oliveira Lima, 31/01/1901, acervo Oliveira Lima Library.

²²⁵ CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras – Trinta anos de discursos acadêmicos (1897-1927)*, p. 463-465.

a sair o livro em que o general Mitre vê o sinal da força, da musculatura literária²²⁶.

O jornalismo era frequentemente acusado de cooptar talentos da literatura. Tratava-se de uma polêmica importada da Europa, como Oliveira Lima já descrevera em um de seus artigos para o *Jornal do Recife*, no qual tratou da recepção na Academia Francesa a Brunetièrre, editor da *Revista dos Dois Mundos*²²⁷.

Na resenha elogiosa que José Veríssimo escreveu para o livro *Pelo sertão, histórias e paisagens*, de Afonso Arinos, o editor da *Revista Brasileira* ressaltou que o jornalismo, “que tantos esperançosos talentos tem roubado às nossas letras para esterilizá-los, o jornalismo em que em má hora se metem, não o inutiliza para a literatura, onde acaba de fazer uma das estreias mais auspiciosas dos últimos anos”²²⁸. Veríssimo era um purista em relação à literatura, considerando tratar-se de uma arte que não

²²⁶ “Academia Brasileira de Letras”, *Revista Brasileira*, Tomo XI, fascículo 64, 01/08/1897, p. 138.

²²⁷ “Este ilustrado escritor, após uma mocidade laboriosa e obscura, tem sido recentemente alvo de repetidas distinções. Condecorado pelo seu governo; colocado pelos acionistas da *Revista dos Dois Mundos* à testa desta antiga e conceituada publicação; aplaudido por um público numerosíssimo e escolhido nas conferências do grande anfiteatro da Sorbonne, foi para mais eleito para substituir John Lemoinne no reputado cenáculo das glórias literárias da França. Entre as qualidades críticas que recomendam o sr Brunetièrre, a par de uma grande erudição, de uma crença inabalável na influência do livro, de um estilo vivo e original, conta-se a franqueza com que costuma externar as suas opiniões. Sabia-se que pelo jornalismo contemporâneo ele professa um desdém parecido com o que lhe inspirou as memoráveis páginas contra o romance naturalista e contra Baudelaire, e tendo justamente de em seu discurso de recepção proferir o elogio de um jornalista, esperava-se um pequeno escândalo literário, dos que dão pasto às conversas dos salões e as colunas dos periódicos. O Sr. Brunetièrre não mentiu às previsões. No próprio elogio do John Lemoinne encontrou armas para vibrar contra a imprensa do dia, dominada pelo prurido da *atualidade*, invadida pela reportagem imoral e ridícula, destituída da seriedade da consciência, da autoridade de tempos passados. Todo o discurso escrito num tom agressivo, posto que bem anemizado pelas conveniências que o lugar ditava e pela natural urbanidade do orador, excitou celeuma nos jornais, aos quais, segundo com espírito escreveu Julio Delafosse, deve aliás o Sr Brunetièrre boa parte da sua fama literária.” *Jornal do Recife*, 10/03/1894, acervo Oliveira Lima Library.

²²⁸ “Bibliografia – *Pelo sertão, histórias e paisagens*”, *Revista Brasileira*, Tomo XIV, fascículo 83, 15/05/1898, p. 255.

deveria se abastecer dos temas cotidianos, e sim do que havia de mais “sublime”. Essa ideologia se refletia também no uso do idioma: o diretor da *Revista Brasileira* mostrava-se conservador nesse aspecto²²⁹.

Havia um sentimento dúbio em relação ao espaço e à remuneração atraente que a imprensa oferecia. Ao menos no discurso, boa parte dos escritores “verbalizava seu desapontamento e crítica pela submissão do literato ao vil metal. Intelectuais bem-sucedidos, especialmente Coelho Neto e Olavo Bilac, tornaram-se, então, alvos preferenciais dos ataques”²³⁰. Não se podia negar, contudo, que o jornalismo contribuía para a formação e ampliação do público leitor de que o Brasil tanto carecia²³¹.

Quando o prometido *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira* foi lançado por Oliveira Lima, no início de 1897²³², também editado pela alemã F. A. Brockhaus, o autor ganhou mais uma resenha elogiosa na *Revista Brasileira*, desta vez assinada diretamente por Veríssimo. O texto

²²⁹ Como se constata por seus comentários ao resenhar *Livro das noivas*, de Júlia Lopes de Almeida: “Da sua redação só notarei, com pesar, que superabundam escusadamente nela termos e expressões francesas, cujo uso imoderado revê a frequentação da literatura ligeira e jornalística portuguesa, que parece de mais em ignorar ou menosprezar o falar vernáculo”. “Bibliografia – *Livro das noivas*”, *Revista Brasileira*, Tomo VIII, fascículo 44, 01/10/1896, p. 60.

²³⁰ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p. 137-138. Sobre o tema, escreveu Bilac: “Ninguém escreve unicamente pela satisfação de escrever. [...] Quem escreve quer os aplausos fúteis das turbas néscias, e quer ainda ver pago o seu trabalho, não só em louvores, mas também em dinheiro. Escrever por escrever é platonismo, que, como todos os platonismos, é inepto e ridículo.” BILAC, Olavo. *A Bruxa*, número 49, janeiro/1897. In: SCHERER, Marta. *Imprensa e Belle Époque – Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias*, p. 120.

²³¹ “Se é certo que houve um certo amaneiramento frívolo que marcou as produções literárias concebidas para o jornal, foi através das páginas impressas dos diários do Rio e das províncias mais avançadas que se inaugurou em nosso meio um público intelectual mais denso e mais palpável.” MACHADO NETO, A. L., *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*, p. 90.

²³² “O presente estudo crítico foi intentado e fica publicado como uma introdução a um trabalho sobre o Romantismo no Brasil”, explicou o autor no Prefácio. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Aspectos da literatura colonial brasileira*, p. 55.

ocupou três páginas e meia, espaço novamente bem acima da média da sessão Bibliografia²³³.

Logo na primeira frase do livro, Oliveira Lima defendeu a ideia de que, até meados do Século XVIII, não havia literatura brasileira propriamente dita, “considerada como um agregado moral, uma família espiritual ligada por tradições e aspirações comuns”²³⁴, e sim um mero prolongamento da literatura da metrópole. Isso contrariava a visão consagrada por Sílvio Romero, maior referência à época do estudo da literatura no país, que considerava o padre jesuíta José de Anchieta (1533-1597), que viveu desde os 20 anos de idade no Brasil, fundador da história intelectual genuinamente brasileira, enquanto Gregório de Mattos (1623-1696), nascido na Bahia, era o fundador da literatura nacional com suas sátiras²³⁵.

Afirmando que a obra de Oliveira Lima superava em alguns aspectos a de Romero, especialmente na descrição dos personagens, Veríssimo cautelosamente chamou a atenção para certa falta de objetividade do autor, ressaltando que tal fato não causava “dano real do que é seu mesmo fundo”. O tom suave da ressalva contrariava seu próprio cálculo de que apenas um terço do livro era de fato pertinente ao assunto que Oliveira Lima pretendia abordar²³⁶. Entre os aspectos que o crítico considerou dispensáveis estavam justamente aqueles dois temas que haviam ganho espaço nas páginas da *Revista Brasileira*: a digressão sobre

²³³ “O Sr Oliveira Lima é um conhecido estimadíssimo dos leitores da *Revista*. [...] É, pois, um trabalhador o Sr O. L., e um trabalhador de talento e capacidade. [...] Tão desacostumados andamos de verdadeiros “livros”, que este somente por ser um merece calorosas boas-vindas. Realmente poucos são na nossa mesquinha produção literária os livros, isto é, as produções que formam um conjunto de doutrina, tratando sistemática e metodicamente um assunto com uma filosofia e um método. [...] Há incontestavelmente no sr O. L. tudo que é preciso para fazer dele um dos mestres das nossas letras. Os seus dois livros publicados sobejamente o provam.” “Bibliografia – *Aspectos da literatura colonial brasileira*”, *Revista Brasileira*, Tomo IX, fascículo 51, 15/01/1897, p. 117-120.

²³⁴ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Aspectos da literatura colonial brasileira*, p. 57.

²³⁵ ROMERO, Sílvio. *Compêndio de história da literatura brasileira*, p. 4-26

²³⁶ “Penso que há nele partes escusadas e alongamentos inúteis; teria sido preferível que o autor tratasse com mais desenvolvimento e individuação o que forma o objeto principal do livro, dando como conhecidas e sabidas as ideias gerais em que lhe assentou a filosofia e o método ou expondo-as brevemente e de passagem.” VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*, p. 127.

“Beckford e a sociedade portuguesa do Século XVIII” e o destaque dado à figura de Antônio José da Silva, o Judeu, considerado por Oliveira Lima um escritor brasileiro – o que Veríssimo classificava como equívoco, pois se tratava de um autor que havia partido ainda criança para a Europa e escrito todas as suas peças em Lisboa.

A opinião contrastava com os elogios incondicionais que o diretor da *Revista Brasileira* havia feito a esses mesmos textos ao publicá-los, mais de um ano antes – momento em que, tudo indica, Veríssimo aguardava a efetivação do pagamento das cotas na sociedade por parte de Oliveira Lima. Agora, o crítico parecia mais à vontade para expressar suas opiniões verdadeiras. Tanto que não tardaria para alertar novamente Oliveira Lima sobre os riscos da prolixidade. Numa troca de cartas em que o pernambucano contava sobre o andamento de seus projetos, a *História do Romantismo* e a biografia de D. João VI, Veríssimo aconselhou-o a escrever “com menos generalidade que o *Pernambuco* e a *Literatura Colonial*, mais especial e particularizada”²³⁷.

Em março de 1897, a *Revista Brasileira* iniciou a publicação da série “Nossos acadêmicos”, assinada por Antônio Salles, descrevendo em linhas gerais a obra de cada fundador da Academia e buscando agrupá-los em categorias – romancistas, novelistas, poetas, críticos, juristas, publicistas, jornalistas e historiadores.

A série deixava evidente que entre eles havia um número considerável de autores com produção literária pouco significativa. Domício da Gama ingressara no seletivo grupo mesmo tendo uma única obra publicada, *Contos à meia tinta*, o que Salles credenciou à “vida errante de correspondente de jornais e acidentalmente diplomata, fazendo-se lembrar de quando em quando por formosos artigos”²³⁸. Salvador de Mendonça, outro acadêmico diplomata, era também autor de uma única obra até então, *Marabá*, que sequer havia sido recentemente publicada²³⁹. Havia um caso ainda mais extremo, contudo: Graça Aranha era um imortal sem obra, pois, justificou Salles, vinha se dedicando “à vida absorvente da advocacia, que ainda não lhe consentiu uma concretização de sua atividade e do seu talento”. Sua inclusão na

²³⁷ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 07/01/1897, acervo Oliveira Lima Library.

²³⁸ “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 58, 01/05/1897, p. 50.

²³⁹ “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 58, 01/05/1897, p. 51.

Academia teria sido motivada, entretanto, pelo potencial que ele demonstrara em alguns trabalhos esparsos publicados na *Revista Brasileira* e na *Revista do Instituto da Ordem dos Advogados*²⁴⁰.

Graça Aranha era amigo próximo de vários nomes importantes do grupo – incluindo Veríssimo, como fica claro num trecho de carta enviada por este a Oliveira Lima: “Se for a Paris peço-lhe procure encontrar-se com o meu excelente amigo Graça Aranha. [...] Conhece-o! É um talento [...] e um coração de ouro”.²⁴¹ Uma conferência sobre a literatura brasileira feita por Graça Aranha em Buenos Aires contou com a complacência da *Revista Brasileira*, que a publicou na íntegra, credenciando as eventuais falhas e a superficialidade ao fato de o autor ter sido pego de surpresa pelo convite para realizá-la durante viagem de lazer. Nesse pronunciamento na capital argentina, Graça Aranha descreveu a Academia Brasileira de Letras em tons quase messiânicos:

Que seria de nós, homens de letras, se não nos agrupássemos? Falou o sentimento da própria defesa, repetimos a lição da Bíblia fundando a academia para guardar nela, como na velha alegoria da arca, todas as espécies da nossa fauna literária. A Academia é uma obra de desafio às intempéries. Pode vir o dilúvio, nós repovoaremos o mundo das letras no Brasil²⁴².

²⁴⁰ “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 60, 01/06/1897, p. 282.

²⁴¹ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 09/11/1899, acervo Oliveira Lima Library.

²⁴² Graça Aranha, o acadêmico sem obra, deixava claro que se tratava de uma verdadeira confraria: “Todas as tardes no Rio de Janeiro, antes que o sol transmonte, um grupo de homens se reúne em uma pequena e modesta sala. É o *five o'clock tea* da *Revista Brasileira*, refúgio suave, tranquilo da tormentosa vida fluminense. Houve desordens no Parlamento? As forças do exército e da marinha estão se batendo? Há estado de sítio? Há assassinio político? Que importa! Recolhemo-nos àquele retiro e reciprocamente nos infiltramos de fluidos intelectuais.” Depois de mencionar a existência de uma “trindade” consagrada de críticos, composta por Sylvio Romero, Araripe Jr. e José Veríssimo, Graça Aranha fez uma ressalva relacionada a Oliveira Lima: “Devo confessar-vos que é uma sugestão do passado, quase um arranjo convencional, porque a trindade está hoje destruída pela presença de uma nova figura, que os brasileiros aclamam entre os seus críticos. Aludo ao sr Oliveira Lima, cujo livro sobre a literatura brasileira colonial despertou uma vivíssima simpatia pela erudição do autor, pelo

Ao construir o perfil de Veríssimo, Salles foi extremamente positivo, destacando “duas notáveis virtudes: estilo puro, vigoroso e elegante e um perfeito conhecimento de técnica literária que lhe permite apreciar com critérios artísticos qualquer produção até nos seus mais sutis detalhes de composição”²⁴³. Veríssimo foi elogiado em diversas ocasiões nas páginas da *Revista Brasileira* – situação embaraçosa, tratando-se do próprio diretor da publicação. Quando seu primeiro livro, *Cenas da Vida Amazônica*, foi relançado, coube a João Ribeiro (que não fez parte dos 40 fundadores da Academia, mas foi eleito para a primeira vaga que se abriu²⁴⁴) a missão de escrever o texto a respeito²⁴⁵. No artigo “A literatura atual no Brasil”, Graça Aranha não poupou adjetivos positivos para atribuir a Veríssimo o papel de “verdadeiro impulsor da nossa literatura”²⁴⁶.

seu talento de generalização, sua fecundidade, e raríssima aplicação ao trabalho intelectual. Ninguém mais duvida do futuro do jovem crítico, e ele será um daqueles que desmentirão as tristes apreensões sobre a nossa capacidade para os escritos de largo fôlego, definitivos e acabados.” “A literatura atual do Brasil – Conferência realizada no Atheneu Argentino em Buenos Aires na noite de 22 de dezembro de 1897”, *Revista Brasileira*, Tomo XIII, fascículo 77, 15/02/1898, p. 184-202.

²⁴³ “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 57, 01/05/1897, p. 147.

²⁴⁴ Ribeiro, que se tornou acadêmico em 1898, no lugar de Luís Guimarães Jr., parece ser outro exemplo de quem tinha mais amigos do que habilidades literárias. Ao publicar seus versos “As boas palavras”, a *Revista Brasileira* incluiu uma nota do autor: “Esses versos, tinha eu a intenção de lê-los em uma festa íntima dada a Joaquim Nabuco e a Graça Aranha na sala da *Revista Brasileira* por ocasião da sua partida para a Europa, festa à qual me foi impossível comparecer e que era consagrada à saudade dos que nos deixavam. São alegres uns, e outros tristes, e ainda por isso traduzem o estado de espírito daquele momento”. “As boas palavras – versos”, *Revista Brasileira*, Tomo XVIII, fascículo 115, 15/04/1899, p. 107.

²⁴⁵ “Assim pois temos um livro intenso de verdade e de poesia nacional a que não falta o humor de uma filosofia serena, ainda que pessimista. É a obra da mocidade de um crítico e é uma outra equivalência lisonjeira de seu talento, que estamos acostumados a admirar.” “Bibliografia – *Cenas da vida amazônica*”, *Revista Brasileira*, Tomo XVII, fascículo 113, 15/03/1899, p. 382.

²⁴⁶ “A segura penetração de suas vistas, a independência de sua posição, apesar dos seus laços pessoais, o sopro liberal, que anima a sua elevada cultura faz dele um homem raro na América do Sul, em que todos somos sistemáticos, partidários

Quando chegou o momento de discorrer sobre Oliveira Lima, enquadrado na categoria dos “publicistas”²⁴⁷, Salles não poupou elogios, classificando-o como “uma das figuras mais distintas da moderna geração de escritores brasileiros”²⁴⁸. Nenhuma palavra sobre as vulnerabilidades que já eram perceptíveis e se tornariam reconhecidas na produção literária do pernambucano: a prolixidade e um certo descuido com a elegância na construção dos textos²⁴⁹.

radicais em nossas convicções, ainda de belas artes. José Veríssimo é superior a todos esses preconceitos de escolas, de raça, de política, de nacionalidade; nada o limita, nem o diminui. Renan acolhê-lo-ia como um filho, tal é o grau de liberdade espiritual e de humanismo, que se encontra na sua obra, principalmente naquela que é sem dúvida a mais bela, a *Revista Brasileira*, onde há acesso para todos os processos literários, todas as inteligências.” “A literatura atual do Brasil”, *Revista Brasileira*, Tomo XIII, fascículo 77, 15/02/1898, p. 200.

²⁴⁷ Salles ressaltou que a atuação de críticos e publicistas era semelhante, com a diferença de que os críticos estudavam de preferência as questões literárias (José Veríssimo, Sílvio Romero e Araripe Jr. foram incluídos nessa categoria), enquanto os publicistas se ocupavam principalmente de questões sociais e políticas. Além de Oliveira Lima, foram enquadrados como publicistas os acadêmicos Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado e Urbano Duarte. “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 57, 01/05/1897, p. 149.

²⁴⁸ “Espírito seriamente cultivado, observador criterioso e sagaz, o Sr Oliveira Lima se impõe à estima da crítica, que não lhe tem regateado aplausos. [...] Muito moço ainda e já tendo afirmado tão superiormente as suas aptidões, é lícito ter sobre o seu futuro as mais altas esperanças.” “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 59, 01/06/1897, p. 281.

²⁴⁹ Veríssimo apontaria esse problema alguns anos mais tarde, em 1911, ao escrever o prefácio de *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, tradução para o português de conferências que Oliveira Lima fez, em francês, na Sorbonne. “Esses livros e os que ele publicou depois garantem ao Sr. Oliveira Lima um lugar pouco comum na literatura brasileira contemporânea, senão por uma correção perfeita da forma – com que o autor não se preocupa bastante, e deploro ter de consigná-lo – ao menos pelas qualidades de saber e de pensamento. O autor talvez não é um estilista, mas é um escritor.” “Prefácio”, VERÍSSIMO, José, in OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, p. 22. Essa mesma crítica também seria feita em 1918 por Barbosa Lima Sobrinho, como ressalva em meio ao perfil bastante elogioso que publicou na *Revista Americana*: “O estilo do sr Oliveira Lima é pesado, conquanto sóbrio, natural e sem afetação. Tem, muitas vezes, uma construção pouco elegante, palavras repetidas, frase perra, expressão não burilada: um caráter geral de descuido. Absorvido no curso de uma ideia, não repara no modo porque a disse.

Quatro acadêmicos foram classificados por Salles como jornalistas: Carlos de Laet, José do Patrocínio, Alcindo Guanabara, e Medeiros e Albuquerque. O breve perfil de cada um deles dá uma boa noção de como a atividade na imprensa estava entranhada a outras instâncias do poder. Carlos de Laet, “cuja vida de imprensa é uma das mais longas e agitadas que se conhece em nosso país”, exercera cargos de nomeação e de eleição durante o Império – livro, contudo, só havia produzido um: *Em Minas*, escrito durante um “retiro forçado” decorrente de acontecimentos políticos. De José do Patrocínio, Salles afirmou ser “um dos nossos jornalistas mais completos, dos que mais possuem *savoir faire* da profissão”. Seu nome estava definitivamente ligado à campanha da Abolição, quando “com extrema abnegação pôs a serviço da liberdade dos cativos a sua pena e a sua palavra, cada qual mais cintilante e temível”²⁵⁰. Já Alcindo Guanabara havia liderado o jornal *Novidades* e, depois do desaparecimento desse, trabalhado sucessivamente para o *Diário do Comércio*, *Correio do Povo* e *Jornal do Comércio*, colaborando também nas revistas literárias *A Semana* e *Vida Moderna*, até que a política o capturou²⁵¹. Medeiros e Albuquerque, conterrâneo e futuro

[...] Fosse o sr Oliveira Lima um escritor mais elegante e esmerado no estilo e a sua figura se espalharia como de um poderoso historiador, um Thucydides, talvez.” LIMA SOBRINHO, Barbosa. “Um historiador moderno. Oliveira Lima”. *Revista Americana*, ano VIII, n. 2, nov/1918, p. 102. A falta de cuidado com a forma aproximava ainda mais Oliveira Lima de seu ídolo Varnhagen: “Varnhagen [...] sofre severas objeções, que o acusavam de escrever a história ‘sem crítica e sem estilo’, embora elogiassem sua capacidade como ‘investigador de fatos históricos’”. GONTIJO, Rebeca. “Capistrano de Abreu, viajante”, p. 19. O próprio Oliveira Lima deixou claro que via essa mesma vulnerabilidade na obra de Varnhagen, ao descrever a *História do Brasil* escrita pelo britânico Robert Southey (1774-1843) como a “mais conscienciosa, detalhada e exata antes da de Varnhagen” e “a mais literária, formosa e cativante mesmo depois da de Varnhagen”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. “Robert Southey”, *Revista do IHGB*, Tomo 68, Volume 112, 1905, p. 231.

²⁵⁰ “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 60, 01/06/1897, p. 284.

²⁵¹ “Os seus serviços políticos valeram-lhe em 1889 o diploma de deputado ao Congresso Constituinte, em que fez figura condigna do seu talento. Em 1893 foi nomeado superintendente de imigração na Europa, e por essa ocasião prestou grandes serviços ao governo do marechal Floriano, cujos atos defendeu em numerosos artigos estampados na imprensa parisiense. De novo foi o sr. Guanabara eleito deputado à Câmara Federal na próxima legislatura e ocupa atualmente o posto de redator em chefe do *República* com a proficiência

desafeto de Oliveira Lima, não poderia ser propriamente classificado como jornalista, na avaliação de Salles, pois o que ele fazia na imprensa era expor suas especulações científicas, “apanhando-lhe de preferência a nota pitoresca”. Eleito deputado por Pernambuco, sua atividade principal era mesmo a política, como parte da “geração de talentos jovens que o nosso regime político tem posto em evidência nos cargos públicos e na representação nacional”²⁵².

Só sete meses depois da criação ocorreria a primeira sessão oficial da Academia, realizada em 20 de julho de 1897 numa sala do Pedagogium, instituição de ensino na qual Veríssimo estava trabalhando e emprestou o espaço para a recém-criada agremiação literária²⁵³. A Academia enfrentava uma série de dificuldades nos seus primeiros tempos, a começar pela falta de recursos²⁵⁴. Em suas correspondências privadas, Veríssimo era muitas vezes crítico aos colegas acadêmicos. Considerou que havia nomes lamentáveis entre os patronos, como confidenciou a Oliveira Lima – a quem elogiou pela escolha de Varnhagen:

Foram deixados de lado os grandes nomes, dos verdadeiros criadores, e tomados os de verdadeiras nulidades, boêmios, de alguns dos quais alguns apenas conhecem as tiradas de botequim e de quem

costumada.” “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 60, 01/06/1897, p. 286.

²⁵² “Os nossos acadêmicos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 60, 01/06/1897, p. 286.

²⁵³ Veríssimo foi indicado para lecionar no Pedagogium e ser membro remunerado do Conselho Superior de Instrução Pública por Medeiros e Albuquerque, que ocupava nesse período o cargo de Diretor da Instrução, “tirando assim o amigo de uma situação de vida embaraçadíssima”. MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*, p. 154.

²⁵⁴ “Os sócios ou não estavam dispostos a arcar com os custos, ou, o que é mais provável, não dispunham de recursos para tanto. Outra dificuldade era de natureza interna. Algumas eleições causaram mal-estar. [...] Por fim, [...] havia a aberta oposição dos excluídos, de boêmios como Lima Barreto e de simbolistas como Cruz e Sousa, mas também de outros que julgavam incongruente e algo ridículo a criação de uma instituição distribuidora de honorarias em plena implantação do regime republicano, supostamente igualitário.” CARVALHO, José Murilo de. “As duas repúblicas”, prefácio para ARANHA, Graça (org.), *Machado de Assis & Joaquim Nabuco – Correspondência*, p. 12-13.

é impossível apurar uma página, como Arthur de Oliveira, Pardal Mallet, Adelino Fontoura e até França Júnior! Magalhães, que é a figura principal do Romantismo, ainda não foi escolhido²⁵⁵.

2.3 – O fim do sonho americano

Além de cumprir o combinado com Veríssimo de que enviaria artigos para a *Revista Brasileira* com impressões sobre os Estados Unidos – o primeiro da série foi publicado em agosto de 1896, três meses depois de sua chegada ao país²⁵⁶ –, Oliveira Lima acertou também com José Carlos Rodrigues que seria correspondente do *Jornal do Comércio*, àquela altura consolidado como um dos principais diários do país, responsabilizando-se pela produção de uma coluna sobre os fatos mais relevantes da sociedade norte-americana, com foco em assuntos políticos²⁵⁷. Eram duas colaborações com perfis distintos. Na *Revista Brasileira*, o estilo de escrita podia ser mais opinativo e rebuscado. Na coluna do *Jornal do Comércio*, a ideia era selecionar e descrever os acontecimentos com objetividade, em tom neutro, sem tanta abertura para emitir juízos e opiniões.

No *Jornal do Comércio*, a maior parte dos textos de Oliveira Lima eram dedicados a questões internas e externas da política dos Estados Unidos, com breves notas ao final sobre aspectos sociais e culturais, a exemplo da morte de personalidades. Não havia periodicidade regular para a publicação da coluna, pois a correspondência era enviada por navio e o tempo de correio incerto, o que provocava atraso intolerável na

²⁵⁵ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 05/05/1897, acervo Oliveira Lima Library.

²⁵⁶ Entusiasmado com o recebimento dos primeiros artigos prometidos, Veríssimo prometia publicar qualquer coisa que Oliveira Lima enviasse dali em diante: “Com a costumada satisfação recebi a sua belíssima carta de 18 de maio, já desse país, de que, sempre gentilíssimo, quis mandar à *Revista* as suas primeiras impressões. Elas sairão nos próximos números da *Revista* e espero serão lidas com o interesse e prazer que têm despertado todos os seus anteriores trabalhos. [...] Tudo que nos mandar será bem-vindo e muito estimado”. Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 09/07/1896, acervo Oliveira Lima Library.

²⁵⁷ Ao publicar em jornal “correspondências” sobre os Estados Unidos, Oliveira Lima seguia os passos do próprio José Carlos Rodrigues e de Salvador de Mendonça, que em certo período haviam publicado colunas semelhantes sobre o cotidiano do país em que passaram boa parte de suas vidas.

divulgação de notícias factuais. Oliveira Lima nem sempre foi hábil para buscar formas de disfarçar esse *gap*. Um exemplo: na edição de 23 de novembro de 1896 foi publicado o artigo escrito por ele em 25 de outubro, que tinha como frase inicial “cada dia acentua-se mais a probabilidade de vitória dos republicanos no pleito presidencial de 3 de novembro” – como de fato ocorrera, com a eleição de McKinley. Em outras ocasiões, Oliveira Lima admitia antecipada e abertamente a “derrota” para o telégrafo, como na edição de 10 de junho de 1897, em que foi publicado um texto produzido em 7 de maio: “O telégrafo já de certo anunciou aos leitores que o tratado geral de arbitramento celebrado com a Inglaterra foi, finalmente, rejeitado no Senado Federal dos Estados Unidos, na sessão de 5 do corrente”²⁵⁸.

Um ano depois, a luta de Oliveira Lima contra o telégrafo chegou ao final, por nocaute. Em julho de 1898, o *Jornal do Comércio* comunicou a decisão de interromper suas contribuições como correspondente nos Estados Unidos, justamente por conta das despesas com o serviço telegráfico. No dia 28 daquele mês, Rodrigues telegrafou a Oliveira Lima com a orientação (“Rogamos cessar. Remete-nos até fim agosto. Rodrigues”), deixando para explicar melhor os motivos numa carta enviada simultaneamente²⁵⁹.

Rodrigues acrescentava a informação de que, como Oliveira Lima havia sido pago até o fim de abril, estava remetendo uma letra bancária para o pagamento do saldo restante, equivalente a 41 libras. Considerando que esse valor parecia dizer respeito a quatro meses de contribuição, chega-se à conclusão de que Oliveira Lima recebia aproximadamente 10 libras mensais por suas colaborações para o *Jornal do Comércio*. Isso

²⁵⁸ “Até 1874, as notícias do exterior chegavam por carta. Nesse ano, a agência telegráfica Reuter-Havas instalou, no Rio, sua primeira sucursal, dirigida pelo francês Ruffier. Na edição de 1º de agosto de 1877, o *Jornal do Comércio* publicava os primeiros telegramas por ela distribuídos.” SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 247.

²⁵⁹ “As enormes despesas que estamos tendo com o nosso serviço telegráfico nos compele a cortar outras despesas com serviços prescindíveis, e por isso dispensamos alguns colaboradores na Europa, como Theopilo Braga, Bovio e outros. A correspondência dos Estados Unidos, brilhantemente feita pelo meu colega, é agora muito prejudicada [...] quando a correspondência vem com atraso obrigado pela falta de paquetes diretos e frequentes. Assim somos obrigados a pedir-lhe que suspenda a sua correspondência, que muito nos agradou, na forma e na variedade do assunto, e pela qual muito lhe agradecemos.” Carta de José Carlos Rodrigues a Oliveira Lima, 28/07/1898, acervo Oliveira Lima Library.

equivalia a 20% dos seus rendimentos como diplomata, com base na informação de um telegrama emitido na mesma época pela Delegacia do Tesouro do Brasil em Londres²⁶⁰.

O fim do vínculo com o *Jornal do Comércio* ao menos livrou Oliveira Lima do tormento de ver seus textos publicados sempre com uma grande quantidade de erros de composição. A análise dos seus cadernos de recortes, encontrados na coleção da Oliveira Lima Library, demonstra que ele tinha o hábito de só arquivar os artigos depois de corrigir à caneta os erros que identificava, espalhados por praticamente todos os parágrafos²⁶¹. Era como se o seu espírito de historiador quisesse deixar registrado para os pesquisadores do futuro que aqueles equívocos não eram sua responsabilidade²⁶².

Esses erros, principalmente os que envolviam a grafia em inglês, provocariam comentários maldosos na coluna “Frivolidades” do jornal rival, *O País*. O fato de Oliveira Lima ter guardado essa crítica mordaz em seu arquivo pessoal indica o quanto ele se sentia incomodado com a situação. O redator d’*O País* afirmava que o correspondente americano do *Jornal do Comércio* havia adotado uma versão do idioma inglês “para o seu uso particular”: “Começa o homem por citar Grant desta maneira: *let us bore peace*, que traduzido em português dá este despropósito:

²⁶⁰ O telegrama dá conta de que os vencimentos brutos mensais de Oliveira Lima eram de 56-5-0 libras, restando 53-1-3 líquidos depois de descontos de impostos e montepio. Telegrama da Delegacia do Tesouro do Brasil em Londres a Oliveira Lima, 29/03/1898, acervo Oliveira Lima Library.

²⁶¹ Na coluna do dia 26/08/1896, por exemplo, ele corrigiu 64 erros, muitos dos quais mudavam drasticamente o sentido das frases. Alguns casos: “Contra as qualidades críticas” foi corrigido para “Entre as qualidades críticas”; “denunciado ardor anarquista” para “demasiado ardor anarquista”; “referir-me-ei para terminar o meu conhecimento literário” para “referir-me-ei para terminar a um acontecimento literário”.

²⁶² A preocupação com os erros de composição (e também em guardar tudo o que escrevia) o acompanhou desde cedo, como demonstra uma carta escrita pelo diretor do *Jornal do Recife* a Oliveira Lima, quando este estava com 19 anos e iniciava sua trajetória no jornalismo profissional. Conclui-se que Sigismundo Gonçalves dá satisfações a uma crítica de Oliveira Lima sobre erros em seus artigos. “Estão dadas as ordens precisas para serem remetidas a Vsa dois exemplares do jornal dos dias em que saírem suas correspondências ou artigos. Igualmente recomendamos aos nossos revisores o maior cuidado na correção das provas tipográficas dos seus trabalhos.” Carta de Sigismundo Antônio Gonçalves a Oliveira Lima, 28/06/1887, acervo Oliveira Lima Library.

“furemos a paz!”, dizia o redator, para em seguida esclarecer que o que Grant havia dito era “tenhamos paz”, isto é, *let us have peace*. Outros equívocos de grafia foram descritos, como “sperker” em vez de *speaker*, e “office-sulkers” no lugar de *office-seekers*. Ao final, o colunista d’*O País* amenizou a crítica ao lembrar da grande incidência de erros tipográficos que se via nos jornais brasileiros à época. “É preciso pertencer, como eu, ao ofício de escrevinhador de jornais para saber que é esse um dos nossos pesadelos!”, afirmou²⁶³.

A prospecção de novos veículos de imprensa para colaborar era um processo que eventualmente causava aborrecimentos. Em novembro de 1897, o brasileiro Martinho Botelho, editor da sofisticada *Revista Moderna*, sediada em Paris, recebeu um texto enviado por Oliveira Lima – que havia se tornado assinante da publicação – sobre o escritor Eça de Queiroz. Respondeu com elogios e a informação de que incluiria o trabalho no número seguinte, acrescentando que outras colaborações seriam bem-vindas.

Oliveira Lima decidiu então enviar um artigo sobre o Barão de Itajubá, seu antigo chefe em Berlim, a quem muito admirava e que morrera alguns meses antes. Essa colaboração foi, contudo, delicadamente recusada por Botelho, que a considerou fora do perfil desejado²⁶⁴. Apesar do tom cordial e justificado da recusa, Oliveira Lima ficou indignado com a decisão do editor, como se constata no rascunho de sua resposta, escrito na mesma folha da carta de Botelho: “se, quando o escrevi, já tivesse recebido o único número da *Revista Moderna* que até hoje me chegou às mãos [...], não havia dado a Vsa Excia o incômodo de ler o meu artigo”. Presume-se que o texto desdenhoso tenha sido

²⁶³ *O País*, 09/06/1897, acervo Oliveira Lima Library.

²⁶⁴ “Reconhecendo embora os altos méritos do finado diplomata, a *Revista Moderna* sente não poder publicar o artigo em questão, porquanto tem tomado por norma invariável não dar artigos sobre individualidades que tenham caráter exclusivamente político e que não possam ser consideradas sob os pontos de vista artístico, literário ou científico. Compreenda V. Excia que, abrindo a *Revista Moderna* uma exceção, ver-se-ia mais tarde em sérias dificuldades para recusar pedidos de inserções de retratos e biografias entusiásticas, de que, como V. Excia sabe, tanto se abusa entre nós. Pedindo-lhe, novamente, desculpas, continuo a contar com a valiosa colaboração de V. Excia.” Carta de M. C. de Botelho a Oliveira Lima, 11/12/1897, acervo Oliveira Lima Library.

efetivamente enviado nos moldes do rascunho, pois o episódio terminou com um recado desaforado de Botelho, por telegrama²⁶⁵.

Tanto Flora quanto Oliveira Lima sentiam-se bem adaptados a Washington. Ele mantinha ótima relação com o chefe, Salvador de Mendonça, e com o outro membro da equipe, o segundo-secretário Almeida Brandão. A situação começou a mudar quando o governo determinou a redução da equipe da legação em Washington, justificada pela necessidade de adaptações à Lei de Orçamento. Continuariam Mendonça e Oliveira Lima, mas Almeida Brandão, que fazia boa parte do trabalho burocrático, seria removido para a Rússia. Mendonça contestou a redução da equipe, lamentando a perspectiva de acúmulo de trabalho, “que de ano para ano tem crescido”, e a perda de prestígio do Brasil “em um país onde nações de menos importância contam legações mais numerosas”. Mesmo assim, o plano foi executado²⁶⁶.

O ano de 1898 se mostraria difícil para Salvador de Mendonça, que estava com 57 anos. Uma campanha na imprensa colocou em dúvida sua honestidade, sob a desconfiança de enriquecimento ilícito por desvios ou comissões que teria recebido durante a compra nos Estados Unidos de material de guerra pelo governo brasileiro para enfrentar as revoltas do pós-República²⁶⁷. Um dos indícios seria o patrimônio supostamente

²⁶⁵ “Não lhe compete dar regras em casa alheia restituo quarenta francos de sua assinatura e quanta insolência da sua carta quando tiver a semsaboria de encontrar a vossa excelência dar lhe hei sem falta a resposta genuinamente portuguesa que não posso mandar por telegrama. Botelho.” Telegrama de M. C. de Botelho a Oliveira Lima, 03/01/1898, acervo Oliveira Lima Library. O texto sobre Itajubá seria aproveitado por Oliveira Lima na dedicatória de um de seus livros, com o título “A memória de um amigo”. OLIVEIRA LIMA, *História diplomática do Brasil – O reconhecimento do Império*, p. V-VIII.

²⁶⁶ Almeida Brandão não esconderia o desânimo nas cartas escritas da Rússia ao ex-colega: “Meu caro Lima, participo-te que estou nomeado secretário em S. Petersburgo. Não é o ideal para um diplomata que só deve contar com seus vencimentos, mas já é muito para quem deseja continuar nesta vida”. Carta de A. de Almeida Brandão a Oliveira Lima, 26/01/1899, acervo Oliveira Lima Library. “Continuo triste, doente e aborrecido. [...] A minha doença preocupa-me muitíssimo pois sinto-me enfraquecer dia a dia. Seria uma obra de caridade removerem-me daqui para posto menos pernicioso aos meus intestinos, mas... tenho que resignar-me.” Carta de A. de Almeida Brandão a Oliveira Lima, 22/11/1899, acervo Oliveira Lima Library.

²⁶⁷ A campanha era liderada pelo *Jornal do Comércio*, que viria a ser classificado por Oliveira Lima em suas *Memórias* como “vazadouro não gratuito de

incompatível com seus rendimentos de diplomata – duas casas nos Estados Unidos e uma respeitável coleção de arte e livros. Contra Mendonça pairavam também acusações de que mantinha certo pendor monarquista. A pressão contra o seu nome chegou ao ponto de o presidente Prudente de Moraes decidir pela sua remoção de Washington, destinando-a a Lisboa²⁶⁸.

Ao chegar em Lisboa com a perspectiva de assumir seu novo cargo diplomático, em julho de 1898, Salvador de Mendonça visitou a mãe de Oliveira Lima e deu notícias dela ao amigo²⁶⁹. Numa das cartas seguintes,

declarações oficiais e de ataques particulares contra a honra individual” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 158. Culpando diretamente a José Carlos Rodrigues pela difamação de Salvador de Mendonça, Oliveira Lima ironizou a fonte da fortuna do proprietário do *Jornal do Comércio*: “O sr. José Carlos Rodrigues soube porém fazer uma fortuna com o resgate das estradas de ferro inglesas no Brasil, comissão que lhe foi confiada pelo governo”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 150. Como já vimos, 23 anos antes, em 1875, Rodrigues havia sido responsável pela mudança de Salvador de Mendonça para os Estados Unidos, ao convidá-lo para trabalhar em seu jornal *O Novo Mundo*, sediado em Nova York.

²⁶⁸ Essa solução não seria efetivada, pois sua indicação para Lisboa foi recusada pelo Senado. Mendonça acabaria sendo exonerado em setembro do mesmo ano, sem direito a vencimentos, por decisão do ministro Dionísio Cerqueira. Tal determinação contrariava o direito a ser colocado em disponibilidade remunerada, que costumava ser aplicado a quem tinha mais de dez anos de serviços diplomáticos, como era o caso de Mendonça. Depois de tentar por todos os meios reverter uma situação que considerava injusta, Mendonça começou a publicar, a partir de 4 de dezembro daquele mesmo ano, em espaço pago no próprio *Jornal do Comércio*, uma série de artigos intitulada “Ajuste de contas”, que depois reuniria em livro. Negou que fosse monarquista e rechaçou a suspeita de enriquecimento ilícito, credenciado o patrimônio que acumulara à capacidade de administrar bem sua renda. Só em 1903, cinco anos depois, o presidente Rodrigues Alves anulou a decisão de Cerqueira e transformou a exoneração de Mendonça em disponibilidade remunerada. SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 296-297. Nesse meio tempo, Salvador de Mendonça, em dificuldades financeiras, organizou um leilão de seu acervo de arte: “Minha venda correu bem: total 74.500 e volta para casa muita coisa, 40 das melhores pinturas, bric-à-brac, peças de mobília etc”. Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 28/04/1899, acervo Oliveira Lima Library.

²⁶⁹ Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 12/07/1898, acervo Oliveira Lima Library.

pedindo segredo, contou como havia sido o encontro com o presidente eleito do Brasil, Campos Salles, que decidira usar boa parte dos oito meses entre a eleição em março e a posse, marcada para 15 de novembro, em contatos na Europa²⁷⁰. Esse longo lapso de tempo deixava um clima de suspense entre todos que tinham a pretensão de ocupar cargos na nova gestão. Um deles era o próprio Salvador de Mendonça, que sonhava com o retorno a Washington²⁷¹. Mendonça contou que, no encontro com Campos Salles, fez propaganda de Oliveira Lima para o presidente: “O Salles é muito da ideia de preparar gente nova para o poder, e foi nessa corrente de ideias que pude falar-lhe, com bom propósito, em você”²⁷².

A viagem do presidente eleito à Europa foi acompanhada por um jornalista, Tobias Monteiro, representante do *Jornal do Comércio*. Os bastidores desse episódio são reveladores de como os papéis na imprensa e na política se misturavam. Dois anos depois da viagem, Monteiro reuniu em livro os artigos que publicou na ocasião, com pequenos ajustes de estilo. Ele descreveu, na apresentação, que acompanhou Campos Salles não apenas como jornalista de um dos principais jornais do país, mas também como secretário pessoal do presidente eleito:

²⁷⁰ Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 17/07/1898, acervo Oliveira Lima Library. O principal objetivo da viagem de Campos Salles seria “ouvir o que se diz do Brasil e de suas finanças, o que pode esperar do nosso crédito, até onde se confia em nosso futuro”. MONTEIRO, Tobias, *O Sr Campos Salles na Europa – Notas de um jornalista*, p. 23.

²⁷¹ “Aqui esteve comigo, na velha intimidade de sempre, o Campos Salles: estava ao fato de tudo. Disse-me que onde me queria era em Washington, apesar de lhe ter o Rei pedido que me deixasse aqui, na noite em que jantamos no Paço. Disse-lhe que fizesse o que entendesse e o que melhor servisse ao interesse público.” Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 11/08/1898, acervo Oliveira Lima Library.

²⁷² Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 25/08/1898, acervo Oliveira Lima Library. A relação entre Oliveira Lima e Salvador de Mendonça havia ficado muito próxima e o contato entre os dois se manteve estreito nos primeiros meses após a saída de Mendonça da embaixada em Washington. Os dois trocavam informações intensamente entre 1898 e 1899 – o acervo da Oliveira Lima Library inclui 37 correspondências assinadas por Salvador de Mendonça recebidas por Oliveira Lima nesses dois anos. De 1900 em diante, com Mendonça afastado da estrutura de poder e tendo perdido grande parte da influência, o ritmo diminuiu sensivelmente, indício de que Oliveira Lima priorizava a troca de cartas com interlocutores que pudessem lhe proporcionar vantagens imediatas práticas.

No dia 19 de abril, sentado junto a mim, à mesa do almoço oferecido ao sr Campos Salles, no Grande Hotel do Rio de Janeiro, o diretor do *Jornal do Comércio* falou-me pela primeira vez sobre a missão de acompanhar o presidente eleito em sua viagem ao Velho Mundo. Só então ele pensara no assunto, resolvendo logo incumbir-me dessa tarefa, a que o futuro Chefe do Estado juntou a de servir-lhe de secretário particular. Aceitando-as satisfeito, às três horas da tarde tinha eu encomendado o meu bilhete de passagem no Thames e no dia seguinte, às três e meia horas, achava-me a bordo desse paquete, que só deixou o porto ao cair da tarde²⁷³.

O episódio passa a ser menos surpreendente quando se leva em conta que alguns anos depois Campos Salles admitiria, sem maiores pudores, a prática de “comprar opinião” da imprensa, com o uso de verba específica destinada a esse fim²⁷⁴. Era um procedimento tradicional no Brasil, justificado como necessário pelos detentores do poder²⁷⁵.

²⁷³ MONTEIRO, Tobias. *O Sr Campos Salles na Europa – Notas de um jornalista*, p. 7. O mesmo processo foi assim descrito por um biógrafo de Campos Salles: “No Distrito Federal, foi-lhe oferecido um almoço, ao cabo do qual, José Carlos Rodrigues, diretor do *Jornal do Comércio* consulta-o sobre seu interesse em ser acompanhado por um dos redatores daquele conceituado órgão de imprensa. Indica para a empresa Tobias Monteiro. Aceita a sugestão, o futuro presidente adita-lhe a condição de secretário particular, valorizando o papel do jornalista e facilitando-lhe o acesso às fontes de informações.” DEBES, Célio, *Campos Salles – Segunda parte: na República*, p. 92-93.

²⁷⁴ Em seu livro *Da Propaganda à Presidência*, Campos Salles justificou o procedimento dizendo que na monarquia jornais e jornalistas já eram subvencionados, e que dentro do período republicano o precedente havia sido aberto por seu antecessor Prudente de Moraes, que contemplava jornais e jornalistas de confiança – como era o caso da *Gazeta de Notícias*, de Ferreira Araújo – com verbas especiais oriundas diretamente do Tesouro Nacional. BAHIA, Juarez. *História da imprensa brasileira – Jornal, história e técnica*, vol. I, p. 160. Rui Barbosa descreveria o procedimento de Campos Salles como “o hábito de lubrificar Marinonis [um tipo de impressora] com o azeite do Tesouro”. Citado em ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia, *História do jornalismo no Brasil*, p. 80.

²⁷⁵ Werneck Sodré assinala que, nas turbulências e dificuldades do pós-Independência, a partir de 1822, com censura à imprensa e revoltas pipocando em várias províncias – revoltas essas impulsionadas pelos pasquins, um tipo de

Enquanto acompanhava as dificuldades enfrentadas pelo chefe Salvador de Mendonça, Oliveira Lima via suas impressões sobre os Estados Unidos encontrarem amplo acolhimento na *Revista Brasileira*. O conjunto de artigos publicados por ele a partir do segundo semestre de 1896 sobre diversos aspectos da vida local – hábitos sociais, literatura, esporte, condição feminina, religião, a questão racial – formavam um panorama extremamente favorável àquele país, praticamente sem qualquer ressalva crítica²⁷⁶. O crescente deslumbramento que o diplomata demonstrava e sua determinação em divulgar as vantagens que via naquela sociedade o tornaram um propagandista reconhecido dos Estados Unidos.

Embora ainda fosse jovem e inexperiente, Oliveira Lima considerou, sem modéstia, ao publicar artigos sobre o que via em Washington e em alguns estados norte-americanos pelos quais viajou rapidamente em missões oficiais, que poderia ser um observador acurado das profundas transformações pelas quais passavam os Estados Unidos, uma sociedade complexa e multifacetada. Numa combinação de fatores que lhe eram extremamente convenientes naquele momento, ele encontrava nas páginas da *Revista Brasileira* um generoso espaço para difundir uma visão simpática ao país que se consolidava como a nova grande potência econômica do planeta e o recebia como diplomata num momento em que o Brasil considerava estratégica aquela aproximação.

Oliveira Lima utilizava a condição de correspondente da *Revista Brasileira* para prospectar novas formas de reforçar seu prestígio e sua rede de contatos. Em 1897, com a justificativa de que escreveria um texto sobre o catolicismo nos Estados Unidos, ele visitou a Catholic University of America (CUA), fundada oito anos antes em Washington. O artigo publicado a partir dessa visita tornou-se uma verdadeira peça de propaganda da universidade, incluindo um longo e desnecessário

jornal combativo e anônimo, produzido artesanalmente quase sempre por uma só pessoa –, a Corte passou a patrocinar publicações que se mostrassem favoráveis a ela, especialmente aquelas que apresentavam suas opiniões no mesmo estilo “pasquineiro”, apaixonado e sem freios. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa do Brasil*, p. 96-98.

²⁷⁶ “Este país, que não pode atrair pela sedução do passado, perturba-nos pela velocidade do presente. Cada dia marca um adiantamento, cada hora uma melhoria alcançada pela atividade, a qual encontra e volta de si estímulo e recompensa.” “O catolicismo nos Estados Unidos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 59, 15/05/1897, p. 198.

detalhamento das subdivisões dos departamentos e da trajetória da universidade, criada a partir da doação de dois beneméritos²⁷⁷.

Certamente não se justificava tamanho espaço, numa publicação brasileira, para tratar de uma universidade privada estrangeira que contava com apenas 110 estudantes e 22 professores. A única explicação era o interesse do autor em estabelecer um contato que julgava interessante. Claro que não houve uma premeditação tão clara por parte de Oliveira Lima, mas o fato é que a reportagem o levou a acumular um crédito do qual desfrutaria 25 anos à frente – quando, já aposentado da carreira diplomática, doou sua biblioteca brasileira à CUA em troca de um emprego vitalício para si e para Flora.

Textos como os de Oliveira Lima sobre os Estados Unidos, aparentemente descolados dos objetivos centrais da *Revista Brasileira*, despertariam uma crítica da *Revue des Revues*, especializada em analisar o conteúdo das outras revistas²⁷⁸. José Veríssimo fez questão de reproduzir a crítica para em seguida rebatê-la, evocando uma ressalva presente no manifesto inicial da publicação: “O Brasil e as coisas brasileiras merecer-lhe-ão carinhosa preferência, sem sacrifício, entretanto, da indagação e estudo de quanto do estrangeiro nos possa também interessar”. Acrescentou que a *Revista Brasileira* não tinha a “pretensão de supor bons todos os seus números” e completou com uma provocação: “[...] as mais famosas publicações deste gênero, a *Revue des*

²⁷⁷ “Para sustentar a ação desses dois grandes benfeitores da instituição e erguer o nível da instituição, teve a Universidade a fortuna de encontrar a inexcusável atividade e preclara inteligência de monsenhor Keane, seu primeiro reitor, a quem acaba de suceder o reverendo Canaby, por longos anos cura de Worcester, no Massachussetts, presidente de uma *summer school* e diretor de um jornal de educação, pessoa de todo familiar com os assuntos pedagógicos e que fez-me o favor de ser meu guia na demorada visita que fiz à universidade.” “O catolicismo nos Estados Unidos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 57, 15/04/1897, p. 97.

²⁷⁸ Depois de classificar como fraco o conteúdo da edição da *Revista Brasileira* analisada e chamar a atenção para a quase ausência de assuntos diretamente ligados ao Brasil, a *Revue des Revues* arrematou: “Tanto mais surpresos ficamos, quanto este periódico é, senão nos enganamos, órgão quase oficial da Academia Brasileira, sobre a qual fundaram-se tão belas esperanças. Será o caso de dizer como um de seus poetas, Afonso Celso: ‘Tout est mensonge et chimère’, ‘Tudo falácia e quimera’?” “Notas e observações – A *Revista Brasileira* e a *Revue des Revues*”, *Revista Brasileira*, Tomo XIII, fascículo 77, 15/02/1898, p. 246.

Deux Mondes, ou a *Nineteenth Century*, ou a *Deutsche Rundschau*, ou a *Nuova Antologia*, e até a *Revue des Revues*, têm números fracos²⁷⁹.

Apesar da defesa pública da *Revista*, era provável que, no íntimo, Veríssimo tivesse em certa medida concordado com a crítica. Numa das correspondências a Oliveira Lima, ele evidenciou sua preocupação em garantir qualidade à publicação e lamentou o quanto era difícil alcançar o nível desejado²⁸⁰. Quanto à afirmação de que a *Revista Brasileira* era “o órgão quase oficial da Academia Brasileira”, Veríssimo respondeu que “a *Revista Brasileira* não é órgão oficial nem oficioso da Academia Brasileira, que possui aliás no seu *Boletim* o seu órgão oficial. A *Revista* é apenas órgão dos seus colaboradores²⁸¹. Apesar da inegável ligação com a Academia, o editor se esforçava para tentar demonstrar algum nível de independência em relação à instituição recém-criada²⁸².

Depois de três anos de trabalho em Washington, Oliveira Lima decidiu compilar a visão que tinha do país no livro *Nos Estados Unidos – Impressões Políticas e Sociais*, lançado no final de 1899. Ele usou como base os artigos para a *Revista Brasileira*, eventualmente reforçados por informações extraídas da coluna para o *Jornal do Comércio*.

²⁷⁹ “Notas e observações – A *Revista Brasileira* e a *Revue des Revues*”, *Revista Brasileira*, Tomo XIII, fascículo 77, 15/02/1898, p. 246.

²⁸⁰ “É verdade que tenho a gaveta dos *refuses* quase cheia. Mas preferirei publicar traduções ou morrer, a abaixar o nível da *Revista*. Sei que nem tudo quanto ela publica tem o mesmo valor ou um grande valor, mas isso acontece nas melhores publicações congêneres dos países mais cultos.” Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 28/05/1897, acervo Oliveira Lima Library. Desde cedo, Veríssimo demonstrava aversão à publicação de traduções, por considerá-las um desserviço à literatura nacional, como em sua manifestação no Congresso Internacional de Literatura, em 1880: “Como quereis que editores nos comprem os nossos trabalhos, por melhores que eles sejam, quando acham já feitos, e o que é mais, com sucesso garantido? Como quereis que editem um romance, mesmo do nosso melhor romancista, se podem contrafazer o *Primo Basílio* do sr Eça de Queiroz, ou traduzir o *Assomoir* do sr Zola?” CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*, p. 498.

²⁸¹ “Notas e observações – A *Revista Brasileira* e a *Revue des Revues*”, *Revista Brasileira*, Tomo XIII, fascículo 77, 15/02/1898, p. 249.

²⁸² A relação entre a *Revista Brasileira* e a Academia Brasileira de Letras seria oficializada em 1941, quando o título foi retomado como publicação da Academia – condição que, apesar da periodicidade irregular ao longo do tempo, mantém até hoje. Site da Academia Brasileira de Letras, www.academia.org.br. Consultado em 11/06/2018.

Na ânsia de fazer comparações com o Brasil que invariavelmente favoreciam os Estados Unidos, ele não se preocupava em utilizar dois pesos e duas medidas. No capítulo do livro “A Sociedade dos Estados Unidos”, ele descreveu os benefícios que o fim da escravidão, em 1865, trouxe aos Estados Unidos: a sociedade baseada no escravismo havia empobrecido, de tal forma que foi benéfico substituí-la por outra, “de gente que, para alcançar fortuna e posição, fiava-se mais no próprio braço do que no braço do escravo”²⁸³. Já o fim da escravidão no Brasil, ocorrido apenas nove anos antes, ele via com indisfarçada amargura:

Verdade é também que não possuímos vida de sociedade. A abolição da escravatura dificultando extremamente o serviço doméstico e acarretando o empobrecimento de numerosas famílias de tratamento, a par da crescente carestia da vida, e a mudança da forma de governo trazendo o desassossego e pondo em choque a intolerância das opiniões, acabaram de todo com a convivência mundana que os costumes pátrios já não animavam muito, e que as reuniões nas confeitarias da rua do Ouvidor de há longo tempo andavam minando²⁸⁴.

Os Estados Unidos viam acelerar-se naquele momento a industrialização e a conseqüente valorização do consumo, conjuntura que formaria sua base econômica no novo século. Um dos efeitos de todo esse processo, já bastante perceptível àquela altura, era o acirramento dos conflitos capital-trabalho. Nesses conflitos, os negros estavam sempre localizados em um mesmo lado, o do trabalho. Nos Estados Unidos, portanto, as disputas entre capital e trabalho eram também disputas raciais. Assim, é importante avaliar as opiniões de Oliveira Lima sobre a questão racial também como parte da defesa dos interesses econômicos das classes dominantes – que, tanto nos Estados Unidos em transição de uma economia agrícola para industrial quanto no Brasil ainda marcadamente agrícola, faziam questão de ver os negros como força de trabalho a ser explorada das formas mais vantajosas.

²⁸³ “A sociedade nos Estados Unidos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 56, 01/04/1897, p. 43.

²⁸⁴ “A sociedade nos Estados Unidos”, *Revista Brasileira*, Tomo X, fascículo 56, 01/04/1897, p. 46.

Considerando-se a insistência com que Oliveira Lima tratou do tema nas páginas da *Revista Brasileira*, não surpreende que “O Problema Negro” tenha sido escolhido como capítulo de abertura do seu livro sobre os Estados Unidos²⁸⁵. “Problema negro” era como se costumava chamar, naquele momento, o desafio de lidar com o grande contingente de ex-escravos libertos com a Abolição, em 1888²⁸⁶.

Seguindo a premissa de que os negros eram *naturalmente* inferiores e estavam condenados a uma condição eterna de submissão, Oliveira Lima atribuía aos brancos a missão “civilizatória” de educar a raça negra, amenizando assim os riscos do que ele considerava uma tendência natural de retorno à barbárie²⁸⁷. Era uma visão que, na prática, traduzia o desejo das classes dominantes de continuidade das relações e do universo social vigente durante a escravidão. Como porta-voz dos interesses e anseios dessa classe, a imprensa concedia amplo espaço para manifestações nesse sentido²⁸⁸.

Oliveira Lima fez nas páginas da *Revista Brasileira*, em grande parte transferidas para o livro, uma série de comparações entre a questão racial nos Estados Unidos e o “problema negro” no Brasil, ressaltando a preocupação meramente econômica de encontrar alternativas para substituir a força de trabalho perdida com o fim da escravidão – especialmente a “importação” de europeus e chineses. Para que o Brasil se livrasse dos ex-escravos, Oliveira Lima defendeu até a ideia da reexportação – ou seja, lotar barcos com negros e enviá-los de volta à

²⁸⁵ Os demais capítulos foram “Efeitos da imigração”, “As qualidades do povo”, “A influência da mulher”, “A sociedade”, “O figurino político”, “Catolicismo e educação”, “Escritores americanos”, “A política externa”, “Relações do Brasil com os Estados Unidos” e “Política colonial”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais*, Índice, s/n.

²⁸⁶ Oliveira Lima também usou “perigo negro” e “ameaça negra”, termos que parecem sintetizar com mais clareza a visão dele sobre o tema. Afinal, “problema” diz respeito a algo complexo, a exigir uma solução que de alguma forma contemple as necessidades de todos os lados envolvidos, enquanto “perigo” e “ameaça” pressupõem uma solução unilateral e emergencial, que leve em conta apenas os interesses de quem se sente ameaçado.

²⁸⁷ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos – Impressão políticas e sociais*, p. 43-46.

²⁸⁸ “Tendo seus interesses entrelaçados com os dominantes, na verdade, a grande imprensa defende a classe hegemônica, mesmo quanto aparentemente assume uma postura de oposição.” BARBOSA, Marialva. “Senhores da memória”, p. 86.

África, proposta que só não ganhou mais adesões por conta dos altos custos envolvidos²⁸⁹.

Ao avaliar as vantagens e desvantagens de cada possível solução, Oliveira Lima considerava que a mais viável seria incentivar a imigração europeia para aumentar a proporção da população branca e combater a tendência de crescimento da população negra e miscigenada. Seria a melhor estratégia para “corrigir” “a extrema mestiçagem estabelecida pelo português” e firmar “a real supremacia dos brancos” no país.

A elite brasileira tratava o assunto como uma questão de autopreservação. Oliveira Lima contribuía para o “pânico” ao fazer projeções pessimistas para o futuro do Brasil, tendo como referência a perspectiva de crescimento mais rápido da população não-branca, que apresentava maior taxa de fecundidade. Ele chegou perto de *lamentar* a melhoria das condições desfrutadas pelos negros e a consequente ampliação da sua expectativa média de vida: “Se a mortalidade entre eles era considerável ao tempo do tráfico por causa das péssimas condições em que fazia-se a transportação, hoje o seu estado sanitário não oferece sensível diferença do que prevalece entre os brancos”²⁹⁰. Em suas análises, não poupava o uso de termos jocosos e preconceituosos, mesmo escrevendo para um órgão que congregou uma geração liderada pelo mestiço Machado de Assis²⁹¹.

Ao confrontar as razões do progresso dos Estados Unidos com as do atraso brasileiro, Oliveira Lima apresentou uma série de afirmações e raciocínios que ajudam a compreender a mentalidade dominante na virada do século. Percebe-se, por exemplo, que a preocupação da elite brasileira com a inserção dos ex-escravos na sociedade passava longe de qualquer desejo humanitário de acolher os libertos. Ele afirmava, em tom de compreensão e apoio, que os Estados Unidos se empenhavam em evitar

²⁸⁹ Oliveira Lima chegou a classificá-la como “sonho delicioso”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais*, p. 43.

²⁹⁰ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais*, p. 32.

²⁹¹ Um exemplo: num artigo em que descreve a cidade de Washington, Oliveira Lima constata o grande número de funcionários públicos e elogia a vegetação da cidade. Mesmo em meio a temas tão prosaicos, ele encontrou uma forma de destilar com cruzeza seu preconceito: “Com efeito é o que mais se vê em Washington: verdura e funcionários, além dos pretos que formigam, que inundam as praças e avenidas, que ocupam quarteirões inteiros, enchendo-os de jovialidade e de catinga”. “Primeiras impressões dos Estados Unidos – VII”, *Revista Brasileira*, Tomo VIII, fascículo 49, 15/12/1896, p. 370.

o cruzamento das raças para que não viessem a se tornar, como o Brasil, um país de mestiços. Admirava o nível de segregação que via nos Estados Unidos, onde os brancos exerciam seu “direito” de dominação sobre os negros. Elogiava a forma como o país continuava tirando proveito da força de trabalho negra mesmo depois do fim da escravidão. Para isso, usou termos que parecem descrever animais, e não pessoas. “O negro como trabalhador rural e dirigido pelo branco oferece na opinião dos entendidos qualidades preciosas pela sua docilidade e rija musculatura”, por exemplo²⁹².

As opiniões de Oliveira Lima refletiam uma visão bastante difundida no meio intelectual brasileiro daquele período, fortemente influenciado por conceitos da eugenia, que buscavam naturalizar a suposta superioridade da raça branca e conceder aos povos “mais fortes” a missão de conduzir o destino dos “mais fracos” rumo à civilização e à elevação moral²⁹³. O diplomata-historiador parecia tão convencido da pertinência dessas teorias e da necessidade de “branquear” o Brasil para evitar o alastramento das “raças inferiores” que considerava desperdício proporcionar educação aos negros, baseando-se mais uma vez no exemplo dos Estados Unidos – onde, segundo ele, as tentativas nesse sentido haviam servido apenas “para tornar mais perceptíveis ao negro as barreiras que lhe impedem alcançar posição e poder”²⁹⁴.

O deslumbramento e o preconceito do jovem diplomata se tornaram definitivamente caricatos quando ele discorreu sobre o mundo

²⁹² “Primeiras impressões dos Estados Unidos”, *Revista Brasileira*, Tomo VII, fascículo 39, 15/07/1896, p. 76.

²⁹³ A eugenia era um movimento científico e social, que cumpria metas diversas: “Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de ‘nascimentos desejáveis e controlados’; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e – talvez o mais importante – desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade.” SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*, p.79.

²⁹⁴ “Não só não possui ele probabilidade alguma de vir a governar, como a não possui sequer de vir a colaborar no governo. Será sempre um pária, um réprobo, um servo, vegetando em situações subalternas, pouco mais do que era antes da abolição. Mesmo nos Estados em que goza da plenitude dos seus direitos políticos e civis, não existem para ele fora do serviço doméstico, dos ofícios e de alguns raros cargos públicos que lhe são disputados até a tiro, senão o magistério e o ministério sagrado entre os da sua raça.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais*, p. 47.

dos ricos, descrevendo Newport, centro de veraneio de milionários, repleto de mansões gigantescas. Para Oliveira Lima, ali a riqueza, o luxo e o poder continuavam “puros” e imunes ao risco de miscigenação – Newport representava, assim,

uma das muitas faces dessa tendência para o melhor, desse anelo de progresso que pulsa nas veias da população norte-americana e que a tem conservado à distância do abastardamento resultante dos cruzamentos com raças inferiores. Procura-se conservar pura a raça branca, e mesmo entre esta exerce-se uma certa seleção consciente na qual entram como fatores o vigor físico e a limpeza de origem. Por isso a raça americana vinga e prospera num meio cujas condições eram indubitavelmente inferiores às nossas, em vez de definhar fisicamente a atrofiar-se moralmente²⁹⁵.

Percebe-se claramente que, no tema racial, a autoproclamada “vocalização democrática” da *Revista Brasileira* se confundiu com omissão de seu diretor. Até determinado nível, pode-se credenciar as manifestações preconceituosas à mentalidade da época, que as tratava com certa normalidade²⁹⁶. Mas o que escreveu Oliveira Lima foi muitas

²⁹⁵ “Primeiras impressões dos Estados Unidos”, *Revista Brasileira*, Tomo XII, fascículo 71, 01/12/1897, p. 272-3.

²⁹⁶ Vários exemplos disso são encontrados nas próprias páginas da *Revista Brasileira*. No conto “Uma Escrava”, de Magalhães de Azeredo, o autor apresentou dessa forma a protagonista, “a mulatinha Manoela”: “Realmente, era muito bonita a Manoela; tinha dezoito anos, e a sua graça de mulher nova desabrochava esplendidamente; a tez, da verdadeira cor do jambo maduro, e os cabelos, anelados ao de leve, indicavam a progressiva influência do sangue branco, anulando as imperfeições e rudeza da raça primitiva, através de duas ou três gerações”. “Uma escrava”, *Revista Brasileira*, Tomo I, fascículo 2, 15/01/1895, p. 131. Ao falar do personagem Anastácio do Bonsucesso, Theodoro de Magalhães recorreu a relativização semelhante: “Hesitei a princípio se devia consagrar a um eminente homem de letras, não há muito desaparecido do mundo dos vivos, um pequeno estudo sobre a sua obra literária, trasladando ao mesmo tempo a característica do indivíduo que tive a ventura de conhecer ainda no dilúculo de minha juventude. [...] Comecei então a notar que alma branca e pura se encerrava naquele corpo de mestiço bronzeado.” “Anastácio do Bonsucesso”, *Revista Brasileira*, Tomo XIX, fascículo 123, 15/08/1899, p. 247.

vezes intolerável, mesmo considerando-se os padrões daquele período e a influência da história de vida de um jovem que desde cedo desfrutara de privilégios²⁹⁷. Ele foi, sem dúvida, o colaborador da *Revista Brasileira* a usar os termos mais pesados e chocantes ao tratar da questão racial. Ainda assim, aparentemente, não recebeu por parte de Veríssimo qualquer contraponto ou ponderação. Ao contrário: o editor não deixou de elogiar publicamente suas opiniões sobre os Estados Unidos, que classificou como “cheias de observação inteligente e de sinceridade”²⁹⁸.

Se Veríssimo permitia a Oliveira Lima publicar absurdos a respeito da questão racial, outros colaboradores da *Revista Brasileira* se manifestaram contra esse tipo de ideologia. No texto “Gustave Le Bon e a Psicologia dos Povos”, em que analisou as teorias raciais do psicólogo francês, Clovis Bevilacqua (1859-1944) discordou da afirmação de que os mestiços resultantes do cruzamento de brancos e negros formariam uma população “completamente incapaz de criar ou mesmo de continuar uma civilização”. “Essa mestiçagem tem revelado incontestáveis aptidões intelectuais [...]. Entre os nossos homens de letras, artistas e políticos de nota, quantos são os brancos puros?”, questionou Bevilacqua²⁹⁹.

Num dos textos que compunham partes do seu futuro livro *Minha Formação*, Joaquim Nabuco reconhecia a capacidade dos Estados Unidos de criar novas tecnologias e desenvolver suas indústrias, mas apontava duas grandes falhas na sociedade norte-americana: “não ter o que mostrar” em termos culturais e pregar a igualdade humana sem, contudo, praticá-la plenamente, por conta dos “limites de raça”³⁰⁰. Araripe Jr duvidou dos efeitos benéficos da imigração branca no Brasil:

[...] seria ocasião de perguntar se os escândalos de todas as épocas e a política desequilibrada que secularmente nos aflige, têm sido obra de outros, que não os descendentes da raça branca. Gregório

²⁹⁷ “A arborescência inconsciente de cada pessoa é irrigada por sua biografia, mas o lençol freático no qual ela se nutre é escavado sob o fardo das sedimentações culturais e da história.” LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. “Introdução”. *Sociologia do imaginário*, p. 20.

²⁹⁸ “Bibliografia – Aspectos da literatura colonial brasileira”, *Revista Brasileira*, Tomo IX, fascículo 51, 15/01/1897, p. 117.

²⁹⁹ “Gustavo Le Bon e a psicologia dos povos”, *Revista Brasileira*, Tomo V, fascículo 31, 15/03/1896, p. 338.

³⁰⁰ “A minha formação”, *Revista Brasileira*, Tomo XVI, fascículo 107, 15/12/1898, p. 374.

de Mattos não era branco? Os Andradas não seriam brancos? Não era branco o sr D. Pedro II? Cito apenas três exemplos para não fatigar os leitores³⁰¹.

O processo de publicação e divulgação do livro sobre os Estados Unidos foi longo e exaustivo. No início de 1899, Oliveira Lima pediu a Veríssimo que encontrasse uma forma de distribuir a obra no Brasil. A demora de Veríssimo em encaminhar o assunto fez com que Oliveira Lima até se queixasse a Salvador de Mendonça, que lhe recomendou ter paciência³⁰². Em junho, como a questão continuava pendente, Veríssimo se sentiu na obrigação de dar satisfações³⁰³.

Cumprindo a promessa feita a Oliveira Lima, Salvador de Mendonça verificou como estavam as tratativas de distribuição do livro assim que chegou ao Rio de Janeiro, em outubro. Relatou ter tomado conhecimento de que Laemmert queria 40% de comissão e Veríssimo o havia convencido, enfim, a aceitar uma comissão de 20%, recebendo 700 exemplares e enviando parte deles para São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia. “Assim você mandaria 50 para Lisboa, 200 para Pernambuco e

³⁰¹ “Sílvio Romero”, *Revista Brasileira*, Tomo XX, fascículo 131, 15/12/1899, p. 360.

³⁰² “Você é muito impaciente. Não se esteja moendo com a demora da resposta do José Veríssimo, haverá explicação natural para o fato: estar pessoalmente enfermo ou ausente, ou aguardará resposta de agentes nos Estados. No Brasil a demora é sempre condição *sine qua non* de qualquer negócio. [...] E quando eu chegar ao Rio, atenderei pessoalmente ao negócio no ponto em que estiver.” Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 26/05/1899, acervo Oliveira Lima Library.

³⁰³ “Vou hoje falar sobre ele [o livro] ao Garnier, e ver se ele me faz uma proposta melhor que a que lhe mandei do Laemmert, que é um judeu. [...] Não lhe convinha cuidar a edição total do seu livro mesmo com um grande abatimento de 40 ou 50%? Eu acho que seria melhor negócio, pois ao mesmo livrava-o de preocupações ulteriores e o sr poderia assegurar o recebimento do capital despendido. Se lhe parecer, autorize-me a fazer o negócio. Quanto à publicidade literária do livro eu farei tudo o que puder e desde já lhe prometo um artigo. Também me encarregarei, como me pede na sua carta de 3 de março, de fazer a distribuição pela imprensa e pelas pessoas a quem o enviar, que, permita o conselho, devem ser no menor número possível, para não prejudicar a venda.” Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 09/06/1899, acervo Oliveira Lima Library.

tirá 50 para si”, explicou Mendonça, evidenciando que a tiragem do livro era de 1.000 exemplares³⁰⁴.

No dia 4 de dezembro, também cumprindo sua promessa, Veríssimo publicou no *Jornal do Comércio* um longo artigo sobre a obra³⁰⁵. Foi um texto no geral simpático, mas que desta vez não ignorou a questão racial. Diante do ocaso da *Revista Brasileira*, Veríssimo se sentia mais à vontade para criticar Oliveira Lima. Não deixou de registrar seu estranhamento ao apoio imediato e irrestrito do autor ao racismo predominante nos Estados Unidos: “o observador entrou tanto no ponto de vista americano, sofreu tanto a influência do meio, que se não escandaliza por forma alguma, antes aceita como naturais e normais os termos em que os yankees puseram a questão”³⁰⁶.

Dois meses depois, alertou Oliveira Lima para que não se decepcionasse com o resultado das vendas. “Aqui, sabe muito bem, os livros vendem-se mal, especialmente os editados pelo próprio autor”³⁰⁷. A avaliação de Oliveira Lima sobre os resultados do livro passava longe de ser puramente financeira, contudo. Tratava-se de um passo importante para marcar território na carreira diplomática e se aproximar ainda mais dos Estados Unidos, que entravam de vez para o grupo de elite do cenário internacional³⁰⁸.

Entre as alavancas desse protagonismo estavam a produtividade industrial – impulsionada por novos equipamentos de mineração, pelas máquinas a vapor e pela maior velocidade no transporte proporcionada pelas ferrovias³⁰⁹ –, a ciência, a tecnologia, o poderio militar, o vasto

³⁰⁴ Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 18/10/1899, acervo Oliveira Lima Library.

³⁰⁵ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 12/12/1899, acervo Oliveira Lima Library.

³⁰⁶ *Jornal do Comércio*, 04/12/1899.

³⁰⁷ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 28/02/1900, acervo Oliveira Lima Library.

³⁰⁸ Num mundo ainda multipolar, o poder, até então exercido por Inglaterra, França e Império Austro-Húngaro, vinha sendo gradualmente compartilhado com outras potências emergentes – Alemanha, Itália, Rússia, Japão e Estados Unidos. O século seguinte vivenciaria o bipolarismo, tendo Estados Unidos e União Soviética como protagonistas. KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências – Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*, p. 196-198.

³⁰⁹ KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências – Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*, p. 236.

território e a população numerosa, que chegou a 62 milhões em 1890 – mais do que qualquer país europeu, excetuando-se a Rússia³¹⁰.

A compilação apresentada por Oliveira Lima em seu livro evidenciava o quanto ele havia se deixado seduzir pelas pretensões imperialistas norte-americanas, convicto de que uma política de boa vizinhança submissa seria o melhor caminho para o Brasil³¹¹. O jovem diplomata se mostrava, assim, plenamente alinhado com as tendências das diretrizes externas brasileiras. Seu nome circulava com simpatia cada vez maior no cenário político e diplomático de Washington. O livro teve boa repercussão na imprensa norte-americana, merecendo resenhas elogiosas em publicações de peso, como *The New York Times* e *The Washington Post*. Os jornais locais destacavam a forma como o diplomata brasileiro havia compreendido o povo e as instituições norte-americanas.

Situando-se claramente nas polêmicas sobre o país que o acolhia³¹², Oliveira Lima afirmou, no prefácio do livro, que sua principal motivação ao planejá-lo foi olhar para os Estados Unidos

³¹⁰ FORSTER, Maria Theresa Diniz. *Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira*, p. 64.

³¹¹ Ganhava força uma releitura da Doutrina Monroe, também chamada de monroísmo, como “retórica da solidariedade americana como reação ao imperialismo europeu”. MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 116. A diretriz havia sido lançada em 1823 pelo presidente norte-americano James Monroe, que considerava inadmissível a intervenção de qualquer país europeu sobre o continente americano. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, p. 88. No final do século, a aproximação com os Estados Unidos ganhava impulso também pelas necessidades econômicas do Brasil: depois dos gastos elevados para enfrentar as revoltas que se seguiram à Proclamação da República, especialmente a Federalista e a da Armada, o governo brasileiro estava com crédito abalado na Europa e os Estados Unidos surgiam como opção para obter dinheiro mais barato. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, p. 204.

³¹² “No Brasil fala-se ou muito bem ou muito mal dos Estados Unidos. Apontamos os seus admiradores como o único modelo a seguir sem discrepâncias, o melhor figurino a copiar nos mais ligeiros pormenores, sem cogitarem da diferença dos meios, das respectivas tradições nacionais e dos costumes de cada povo. Os seus detratores culpam-nos de todos os crimes, desde a ambição devoradora de terras e de nacionalidades, até a corrupção política e social mais desbragada. À parte os exageros do fanatismo, a verdade está incomparavelmente

com olhos de brasileiro, a saber constantemente buscando o que de aproveitável para nós poderia, a meu ver, resultar do exame e da confrontação. Achei que poderia resultar imenso e declaro-o sem rebuços, confessando minha impressão de melancolia pelo muito que os Estados Unidos têm alcançado, e pelo pouco que nós temos relativamente feito. Na América do Norte apoderou-se de mim e a breve trecho converteu-se quase numa obsessão, uma forte impressão do nosso atraso que na Europa eu nunca havia experimentado, acostumados como justamente andamos a considerá-la um antiquíssimo campo de experiências e de progressos. Do outro lado do Atlântico, porém, num país de civilização tão moderna quanto o Brasil, a comparação impõe-se irresistivelmente, em nosso grave desabono, como o seu cortejo de considerações psicológicas e sociológicas³¹³.

Ao marcar, com a publicação do livro, posição em defesa dos Estados Unidos, Oliveira Lima ganhava pontos diante do governo republicano brasileiro, pois opunha-se aos ataques feitos por Eduardo Prado em *A ilusão americana*³¹⁴ e Rui Barbosa em *Cartas de Inglaterra*, com um diferencial significativo, como ressaltou Wilson Martins: a vivência que faltava aos outros dois, cujo conhecimento dos Estados Unidos era “puramente livresco e noticioso, por isso mesmo abstrato e de

mais com os primeiros.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais*, p. 1.

³¹³ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais*, p. 17.

³¹⁴ O livro de Prado foi colocado à venda em dezembro de 1893, em meio à conturbação provocada pela Revolta da Armada, tentativa de derrubar o governo de Floriano Peixoto – que dependia em grande parte do apoio dos Estados Unidos para reequipar as forças navais do país e enfrentar os revoltosos. RICUPERO, Bernardo. “A República e a descoberta da América: nova forma de governo e mudança identitária no Brasil da década de 1890”, p. 216-220. Houve reação imediata do governo republicano à obra, na qual o autor colocava em dúvida os sentimentos de fraternidade que os Estados Unidos estariam demonstrando pela América Latina. A edição foi confiscada e a simples posse do livro passou a ser considerada delito. PRADO, Eduardo, *A ilusão americana*, 2ª ed., p. 3.

segunda mão, para nada dizer da sua seleção polêmica: não decorria da experiência própria e do contato direto com a vida norte-americana”³¹⁵.

Oliveira Lima sentiu-se à vontade para mencionar em seu livro o amigo Prado, a quem conhecia desde os tempos de estudante em Lisboa, criticando-o por ter condenado de forma ampla toda a história, as instituições, a política e os costumes norte-americanos: “Percorrendo a curta história internacional dos Estados Unidos não são certamente as manchas de lodo e de sangue que o Sr. Eduardo Prado lá quis enxergar as que sobressaem”³¹⁶.

A publicação do livro de Oliveira Lima coincidiu com o período final da *Revista Brasileira*, derrotada pelas dificuldades financeiras que sempre a acompanharam – razão pela qual as correspondências de Veríssimo para Oliveira Lima vinham ganhando um tom crescente de reclamação e pessimismo³¹⁷. A tese à qual o crítico recorria com mais frequência era a de que as “preocupações espirituais” e a “vida intelectual” estavam sendo cada vez mais colocadas de lado no Brasil, pois a vida vinha se tornando cada vez mais difícil, “requerendo de cada um o emprego de todo o seu tempo em coisas práticas e produtivas”³¹⁸. Enquanto isso, “os poderes públicos absolutamente não cogitam de nada que diga respeito ao progresso espiritual do país”, com verbas “assombrosamente ridículas destinadas aos serviços que de alguma forma pudessem impulsionar esse aspecto da nossa vida nacional”³¹⁹. O quadro era de “estagnação literária”, com os serviços de impressão apresentando-

³¹⁵ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. V (1897-1914), p. 82.

³¹⁶ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais*, p. 84. Em suas *Memórias*, Oliveira Lima classificaria Prado como “belo talento mas caráter falho”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 168.

³¹⁷ Desde 1898, Veríssimo já se referia à *Revista Brasileira* como estando em fase crítica. “A péssima situação do nosso país, social e financeira, tem concorrido para isto, e neste momento luta ela com dificuldades econômicas e com falta de matéria. As preocupações, não obstante os nossos esforços, não são absolutamente literárias. Entretanto, ela irá vivendo até que lhe falte de todo o alento ou que um vento favorável lhe enfirme as velas”. Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 01/03/1898, acervo Oliveira Lima Library.

³¹⁸ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 28/10/1896, acervo Oliveira Lima Library.

³¹⁹ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 06/08/1897, acervo Oliveira Lima Library.

se progressivamente mais caros e os editores retraídos, tornando “difícil o trabalho intelectual, em terra em que ele não encontra remuneração”³²⁰.

Nos dois últimos anos, o editor suplicava por contribuições de qualidade³²¹. Nessa reta final da publicação, Oliveira Lima cedeu à *Revista Brasileira* partes de seu futuro livro *D. João VI no Brasil*. Em fevereiro de 1899, Veríssimo propôs uma missão que daria a Oliveira Lima a oportunidade de se aproximar do universo literário norte-americano: produzir um artigo sobre o tema e, ao mesmo tempo, identificar possíveis autores que poderiam ser eleitos sócios correspondentes da Academia Brasileira de Letras³²². Pouco mais de três meses depois, Oliveira Lima enviou o material pedido, a tempo de ser ainda publicado na moribunda revista. Veríssimo relatou que tanto ele quando Machado de Assis haviam apreciado a sugestão de ter como membro correspondente da Academia Brasileira de Letras o historiador John Fiske, descrito por Oliveira Lima como “o representante mais acabado da cultura americana”³²³.

³²⁰ Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 03/12/1897, acervo Oliveira Lima Library.

³²¹ “O que ficou do seu artigo não dá para outro, e por isso tomo a liberdade de lh’o enviar pedindo-lhe, se não lhe for de todo impossível, a gentileza de aumentar-lhe alguma coisa, que nos dê ao menos umas 10 ou 12 páginas da *Revista* (como está não dará mais que 5 ou 6) e m’o devolva.” Carta de José Veríssimo a Joaquim Nabuco, 01/06/1899, Acervo Fundação Joaquim Nabuco. O conteúdo das últimas edições da *Revista Brasileira* evidenciava a perda de relevância e de prestígio. Veríssimo estava publicando praticamente qualquer coisa, em qualquer tamanho. A continuação do romance “Guidinha do Poço”, de Oliveira Paiva, ocupou nada menos que 73 páginas consecutivas no último tomo, algo até então inédito na história da *Revista* – cujos artigos, nos melhores tempos, costumavam ter não mais que 20 páginas.

³²² “Permita-me sugerir-lhe um assunto. Há meses quando a academia elegeu os seus sócios correspondentes resolvemos reservar um ou dois lugares para os Estados Unidos. Pois bem, nenhum de nós sabia quem elege, por desconhecer completamente os literatos americanos vivos. Diga-nos, pois, em um ou mais artigos, deles e da literatura americana contemporânea.” Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 02/02/1899, acervo Oliveira Lima Library.

³²³ “Escritores americanos (Mark Twain – John Fiske)”, *Revista Brasileira*, Tomo XVIII, fascículo 115, 01/05/1899, p. 139. Um ano depois, Veríssimo comunicava a eleição de Fiske por unanimidade ao lado do também norte-americano John Hay, indicação de Salvador de Mendonça. Carta de José Veríssimo a Oliveira Lima, 26/06/1900, acervo Oliveira Lima Library.

Tudo parecia perfeito para Oliveira Lima até que ocorreu um episódio definidor de sua trajetória dali em diante. O substituto de Mendonça em Washington foi Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), que assumiu o cargo no dia 6 de junho de 1898. Latifundiário e político no Rio Grande do Sul, constituinte em 1890, Assis Brasil era mais um dos novos nomes que haviam sido conduzidos à carreira diplomática pelo advento da República. Tinha pretensões intelectuais, mas fora preterido na votação inicial para a Academia Brasileira de Letras, a mesma que elegeu Oliveira Lima.

Depois das excelentes relações com o chefe anterior, que incluíam grande flexibilidade para conciliar o serviço diplomático com suas atividades intelectuais – privilégio que estava sob ameaça com a chegada de Assis Brasil –, Oliveira Lima não demonstrou receptividade ao substituto. No dia seguinte ao da posse, o novo chefe da embaixada brasileira em Washington foi entregar suas credenciais ao presidente William McKinley e Oliveira Lima o acompanhou, relatando depois a diversos interlocutores que o chefe havia passado vergonha por não saber como se comportar e por dominar apenas rudimentos de inglês³²⁴. Como já vimos, era muito provável que comentários desse tipo tenham chegado a Assis Brasil, por meio de conhecidos em comum.

Como se não bastasse a antipatia recíproca, que foi se ampliando com o passar dos meses, as respectivas esposas também não se deram bem – o que viria a ser a razão alegada por Assis Brasil para a impossibilidade de continuar dividindo o mesmo ambiente de trabalho com o subordinado. Ele enviou uma carta ao ministro das Relações Exteriores, Olinto de Magalhães, solicitando que um dos dois – ele ou Oliveira Lima – fosse removido:

Meu caro ministro, desde algum tempo as relações entre a esposa do Secretário desta Legação e a minha família, que infelizmente nunca foram cordiais, estão de todo cortadas. Tinha até agora deixado de dar conta deste fato a Vossa Excelência, porque o estado da minha mulher e a superveniência do verão desobrigavam-nos de certas exigências sociais. Mas no fim do ano começará a necessidade da observância de tais deveres, e é claro que a situação doméstica de que lhe dou notícia seria incompatível com a decência

³²⁴ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 172.

da representação do Brasil. Venho, pois, pedir a Vossa Excelência para dar o único remédio que o caso comporta: mandar retirar o ministro ou o Secretário, conforme convier mais ao serviço. Sentindo ter de dar-lhe incômodo com assunto tão desagradável, continuo a ser de Vossa Excelência [...]. J. F. A. B³²⁵.

Assis Brasil achou por bem entregar a Oliveira Lima uma cópia da carta que enviaria ao Ministro, para deixá-lo ciente do pedido que faria³²⁶. Oliveira Lima resolveu, então, escrever não só para o Ministro, mas também para o diretor-geral do Ministério das Relações Exteriores, o histórico Visconde de Cabo Frio, com quem mantinha boas relações. Em ocasiões delicadas como essas, ele recorria à caligrafia clara e elegante de Flora. De acordo com as cópias das correspondências que manteve em seus arquivos, Oliveira Lima afirmou ao ministro que lamentava que este estivesse sendo incomodado pelo “ridículo proceder do Sr Assis Brasil” ao apresentar uma questão que mais parecia “roubada a uma coleção de anedotas diplomáticas do Século XVII”³²⁷. Na carta ao Visconde de Cabo Frio, repetiu o termo “ridículo” para qualificar o procedimento do chefe³²⁸.

Ao lembrar do incidente em suas *Memórias*, Oliveira Lima ressaltou que, “apesar de me julgarem e talvez com razão suscetível”, ele sempre se relacionara otimamente com todos os seus chefes e secretários, antes e depois de Assis Brasil, tendo sido este o único com quem se desentendera. Credenciava o episódio a um simples mal-entendido:

³²⁵ Carta de Assis Brasil a Olinto de Magalhães, 04/08/1899, acervo Oliveira Lima Library.

³²⁶ Anexado à cópia da carta que Oliveira Lima guardou em seu acervo pessoal havia um bilhete assinado por Assis Brasil: “Sr M. de Oliveira Lima, peço-lhe para tomar conhecimento, pela cópia inclusa, do conteúdo de uma carta que vou mandar ao nosso Ministro das Relações Exteriores. É inútil encarecer o desgosto que me causa o desempenho deste dever”. Bilhete de Assis Brasil a Oliveira Lima, sem data, acervo Oliveira Lima Library.

³²⁷ Carta de Oliveira Lima a Olinto de Magalhães, 06/08/1899, acervo Oliveira Lima Library.

³²⁸ Carta de Oliveira Lima ao Visconde de Cabo Frio, 06/08/1899, acervo Oliveira Lima Library.

Sua esposa, filha de resto de um amigo meu, o conde de São Mamede, mostrou desconfiança de que minha mulher deixara propositadamente de comparecer a um seu jantar, não por incômodo de saúde, que era absolutamente verdadeiro. Não passaria isto de um pretexto, mas o resultado foi cessarem as visitas entre as duas casas, continuando eu a ir diariamente à chancelaria. Sobreveio o verão e de Narragansett Pier, onde se encontrava, comunicou-me Assis Brasil para Block Island, na véspera e partir o pacote para o Brasil, que acabava de solicitar do governo a sua ou a minha remoção em virtude de incompatibilidade pessoal entre as nossas respectivas consortes³²⁹.

O Ministro tomou a decisão esperada: quem teria que sair era o subordinado. Por conta desse episódio, Oliveira Lima transformou Assis Brasil em seu desafeto pelo resto da vida. Apesar de autor de livros, de possuir uma biblioteca valiosa e ter se candidatado algumas vezes a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, sem nunca ter conseguido se eleger, Assis Brasil seria considerado um “farsante intelectual” por Oliveira Lima – que, em suas *Memórias*, acusou o rival de apropriar-se do trabalho alheio para produzir seus escritos³³⁰. Essa beligerância certamente prejudicou Oliveira Lima na carreira diplomática, uma vez que o inimigo foi ganhando cada vez mais prestígio e influência.

A saída encontrada para o impasse foi a oferta de um posto em Londres, com a condição de que partisse de Oliveira Lima o pedido formal de remoção. Considerando-se de certa forma vitorioso na disputa – afinal, tratava-se de um destino considerado ainda mais nobre que Washington –, ele aceitou as condições. O único problema, como só

³²⁹ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 137-138.

³³⁰ “Assis Brasil não passa de um gaúcho presumido, preguiçoso e ambicioso”, com “o hábito de explorar o trabalho alheio e despender pessoalmente o mínimo esforço”. “Escritor, não redigia nem preparava seus livros, reflexo de leituras alheias, cujo suco bebia em conversações e acumulava na sua notável memória. Nos seus poucos volumes não há quase citações pela simples razão de que as não poderia localizar, sendo informações de oitiva. [...] Sua aversão à leitura chegava ao ponto de, quando ministro não ler sequer um jornal do Brasil, esperando que os secretários lhe dessem as notícias.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 168-169.

ficaria claro depois, é que não haveria ajuda de custo para a transferência, reservada apenas a casos de remoção compulsória – e, oficialmente, era ele quem havia pedido para sair. Por mais que tenha tentado reverter a situação, acionando diversos contatos e fazendo seu pedido chegar ao presidente Campos Salles, Oliveira Lima teve que arcar com os custos da viagem e da mudança³³¹.

Flora ficaria com o peso da responsabilidade pela saída do marido de Washington e pelas indefinições que o episódio acarretaria à carreira diplomática de Oliveira Lima³³². Esse momento seria, de fato, um *turning point*: até então, tudo parecia dar certo; daí em diante, os problemas e as dificuldades se multiplicaram. É injusto, no entanto, atribuir esses infortúnios a Flora, pois, como veremos no próximo capítulo, ninguém mais que o próprio Oliveira Lima provocou os acontecimentos que tantas vezes o prejudicariam.

Um dos fatores decisivos para o declínio da sua carreira diplomática e para rompimentos com nomes importantes do xadrez político e intelectual do país seria a sua insistência em continuar escrevendo para a imprensa – não mais de forma estratégica para obter benefícios pessoais, como fizera até então, mas com a ilusão de que poderia opinar livremente, e muitas vezes motivado pela intenção de atingir seus inimigos.

³³¹ “É excusado dizer-lhe que relativamente à sua ajuda de custo empreguei todo o esforço para que a recebesse, falei ao Olinto duas vezes e uma ao próprio Campos Salles: o Ministro desculpou-se com a necessidade de economias e receio de ser censurado por dar ajuda de custo em caso de remoção a pedido e o Presidente com o desejo de não desanimar o Ministro no seu bom propósito [...]” Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 28/03/1900, acervo Oliveira Lima Library.

³³² “Falemos agora de você: ouço que os vão mandar para o Japão (desde que Flora fê-lo sair de Washington, não tem remédio senão entrar daí em diante nas remoções)”. Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 25/12/1900, acervo Oliveira Lima Library.

CAPÍTULO 3 – Como o Oliveira Lima jornalista arruinou o diplomata (1900-1928)

3.1 – Um rebelde no Itamaraty

Depois do desentendimento com Assis Brasil que o levou a ser removido de Washington, Oliveira Lima chegou a Londres, com Flora, nas primeiras semanas de 1900. Desenvolveu empatia imediata com o novo chefe, o “solteirão” e “bondoso” Artur de Souza Corrêa. No final de março, contudo, ocorreu uma reviravolta: Souza Corrêa morreu repentinamente. Apesar do pouco tempo de convívio, Oliveira Lima relatou ter ficado especialmente comovido porque encontrou na pasta do chefe o rascunho de uma carta que Souza Corrêa estava escrevendo ao presidente Campos Salles, “estranhando a catilinária de Assis Brasil contra mim e defendendo-me com calor”³³³.

A morte de Souza Corrêa levou à promoção emergencial de Oliveira Lima para encarregado de negócios, uma forma de aumentar seu poder de decisão enquanto se resolviam as questões práticas relacionadas à sucessão. O convite para ocupar o cargo de ministro plenipotenciário em Londres foi feito a Joaquim Nabuco, que voltava à carreira diplomática depois de uma década de afastamento por conta do advento da República³³⁴. Oliveira Lima apreciou a notícia, que representava a materialização do sonho de trabalhar com o ídolo da adolescência. A convivência consolidou a amizade entre eles³³⁵ e – importante ressaltar – também entre as esposas, que se deram muito bem.

Sempre interessado em capitalizar suas ações, Oliveira Lima descreveu a Nabuco uma situação que considerava ter influenciado a

³³³ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 237.

³³⁴ Nabuco voltou a atuar na diplomacia a convite do presidente Campos Salles. Em abril de 1899, logo no começo de seu mandato, Campos Salles nomeou Nabuco para estudar a questão dos limites com a Guiana Inglesa. Um ano depois, viria a nomeação como Ministro Plenipotenciário e Missão Especial junto ao governo inglês com o objetivo de continuar as negociações iniciadas por Souza Correa para o arbitramento de mesma questão. MONTEIRO, Tobias. *O Sr Campos Salles na Europa – Notas de um jornalista*, p. 22-23.

³³⁵ “Um tempo houve em Londres em que todas as tardes, após encerrado o expediente da legação, nossa distração era correr os antiquários – Guaritch, Maggs, Edwards – e até os pequenos *sebos*, Nabuco entusiasmando-se com os seus achados.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 186.

decisão do governo brasileiro de enviá-lo a Londres. Contou que, ao procurar o barão Alfredo de Rothschild – maior capitalista inglês e financiador de empréstimos ao Brasil – para resolver uma pendência particular do falecido Corrêa, foi perguntado se tinha notícias sobre quem poderia ser nomeado como substituto:

Respondi-lhe que não, mas que esperava e desejava que por aqui viesse o senhor ou o Rio Branco. Disse ele então que eram nomes excelentes e que me pedia que fizesse saber ao governo quanto os Rothschilds pensavam que seria bem acolhida a sua nomeação. Não podia desatender o pedido dos nossos agentes financeiros, que tanto se ajusta com a nossa própria vontade, e passei um cabograma ao Dr Olinto, nos seguintes termos: “Alfredo Rothschild conversação pediu me telegrafar governo quanto nomeação Nabuco seria bem acolhida”³³⁶.

Oliveira Lima aproveitava a permanência em Londres para explorar fontes históricas preciosas na preparação de sua obra *Dom João VI no Brasil*. No último dia de 1900, contudo, ele recebeu uma notícia agrídice: havia sido nomeado para a primeira chefia diplomática, mas isso se daria no distante Japão, onde assumiria como Encarregado de Negócios.

A novidade o preocupava em dois aspectos: perderia o acesso aos arquivos históricos da Europa e Flora, enlutada pela morte do pai no ano anterior, teria que enfrentar uma cultura totalmente estranha. Antes de seguir para Tóquio, o casal passou por Lisboa, onde encontraram a mãe de Oliveira Lima muito debilitada, aos 76 anos. Ele percebeu que era uma despedida, conforme contou a Nabuco³³⁷ – a quem também desabafou, quatro meses depois, sobre a confirmação do pressentimento³³⁸.

³³⁶ Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 01/04/1900, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

³³⁷ “Deixei minha mãe sem muita certeza de tornar a ver, tão fraca e abatida a encontrei, coitadinha. Diz ela que se despediu de mim até o dia do juízo e temo bem que assim suceda.” Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 06/05/1901, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

³³⁸ “Mil vezes obrigado pela sua carta de pêsames de 24 de setembro. [...] Quando eu me lembro quanto e como meu pai e minha mãe me queriam, como me viam sem defeitos nem senões, impecável física, moral e intelectualmente é que avalio

Assim que chegou ao Japão, no dia 22 de junho de 1901, para assumir a única representação sul-americana naquele país, Oliveira Lima pediu audiência com o Imperador, conforme o rito tradicional. Acompanhado por um intérprete, passou a entrar em contato com quem pudesse ajudá-lo a compreender a sociedade japonesa e a obter dados estatísticos, base dos relatórios que enviaria ao Rio de Janeiro. O objetivo principal de sua atuação seria fornecer subsídios para o estreitamento comercial entre os dois países, especialmente no que dizia respeito à ampliação do mercado para os principais produtos brasileiros à época – açúcar, algodão e borracha³³⁹.

Outra questão que se discutia era a perspectiva de abrir um fluxo de imigrantes para o Brasil. O governo de São Paulo havia pedido ao Itamaraty ajuda para viabilizar a chegada de japoneses como força de trabalho para os cafezais, abalada pela Abolição. Com base em critérios mais uma vez preconceituosos, Oliveira Lima mostrou-se contrário ao projeto, classificando a imigração japonesa como “pouco desejável”³⁴⁰.

Sem a possibilidade de continuar os estudos para a obra *Dom João VI no Brasil*, Oliveira Lima tirou proveito das circunstâncias para preparar um novo livro de impressões, *No Japão*, considerado hoje o primeiro escrito por um brasileiro sobre aquele país, publicado cinco anos antes do início da imigração japonesa para o Brasil. Ao contrário do que ocorrera no livro sobre os Estados Unidos, desta vez Oliveira Lima não poupou críticas ao país retratado – embora tenha demonstrado, mais uma

o quanto perdi de afeição com a morte de um e de outro.” Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 28/10/1901, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

³³⁹ Oliveira Lima relatou as primeiras impressões de Tóquio a Nabuco, que havia se tornado seu principal interlocutor naquele período: “Uma cidade em transformação, que de japonesa quer fazer-se europeia. Por toda a parte levantam-se novos edifícios, que algum tremor de terra virá pôr a baixo alguma bela manhã”. Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 24/06/1901, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

³⁴⁰ “[...] tanto pelo perigo de oferecer uma maior mistura de raças inferiores na nossa população, como pela carência de experiência agrícola com modernos processos e utensílios, que existe entre a população rural destes países asiáticos, e bem assim pela funda diversidade de educação, costumes, e sobretudo natureza psicológica e objetivo social que separa a raça ariana da mongólica.” Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Ofício da Legação em Tóquio, de Oliveira Lima a Olinto de Magalhães, 15/09/1901, apud MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 157.

vez, a pretensão de formular conceitos definitivos com base em pouco tempo de convívio com uma sociedade complexa³⁴¹.

Com a proximidade do final do governo Campos Salles, que seria sucedido por Rodrigues Alves, esperava-se uma “dança de cadeiras” na diplomacia. Oliveira Lima queria voltar à Europa e, para conseguir isso, apostava que o Barão do Rio Branco, com quem mantinha boas e antigas relações, assumiria o comando do Itamaraty. Tratava-se da expectativa geral, pois o prestígio de Rio Branco estava altíssimo depois das vitórias que obtivera para o Brasil em disputas de fronteiras³⁴².

Correu o boato, no entanto, de que Oliveira Lima seria enviado ao Peru ainda dentro do governo Campos Salles – mais uma vez o Peru, que ele já refutara tão categoricamente em ocasião anterior. A especulação tirou seu sono, a ponto de fazê-lo escrever sobre o assunto ao velho conhecido José Carlos Rodrigues, diretor do *Jornal do Comércio*, que sabia ser alguém com influência sobre as decisões governamentais³⁴³:

³⁴¹ Nessa obra, Oliveira Lima “traça um painel bastante crítico, às raias do preconceituoso, dos japoneses”. PETRONIO, Rodrigo. *Oliveira Lima*, p. 22. Afirmou, por exemplo, que a mentira no Japão era uma prática comum e difundida como aceitável: “Tratando-se de assuntos comerciais, a mentira recebe outros nomes, e os negociantes estrangeiros no Japão, entre os quais, é evidente, se encontram cavalheiros da maior respeitabilidade e do melhor senso, são unânimes em afirmar que o chinês é cem ou mil vezes mais sisudo e honesto nas suas transações mercantis do que o japonês.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *No Japão – Impressões da terra e da gente*, p. 145-146.

³⁴² Tanto contra a Argentina na questão de Palmas, arbitrada pelo presidente dos Estados Unidos, quanto contra a Guiana Francesa (ou seja, contra a França) na questão do Amapá, arbitrada pelo presidente da Suíça. BATH, Sérgio. *O que é diplomacia*, p. 56-57.

³⁴³ Como, de fato, tinha: “Durante as presidências de Prudente de Moraes, Campos Salles e Rodrigues Alves, o *Jornal do Comércio* apoiou as políticas governamentais. A correspondência do jornalista com os três presidentes da República demonstra que em muitos casos seu conselho e o apoio do jornal foram solicitados para a solução de problemas da economia do país”. SANDRONI, Cícero. “José Carlos Rodrigues e o seu tempo”, p. 176. Os dirigentes dos principais jornais haviam assumido o papel de “verdadeiros intelectuais orgânicos da classe dominante”, transformados naqueles primeiros anos de República em “porta-vozes no sentido pleno do termo”: “confidentes de Presidentes da República, com enorme poder junto à sociedade política, participavam do jogo de favores, clientelismo e favorecimento”. BARBOSA, Marialva. “Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)”, p. 92-93.

Não me acusa a consciência de haver feito tanto mal que deva a justiça ser escolhido para correr todas as Legações distantes e exóticas. Para o Japão vim com prazer, e no Japão estou com grande prazer. É um país encantador como natureza, um centro importante da política do mundo, um teatro de experiências interessantes. Forneceu-me assunto, e cativante, para um livro de impressões que já concluí e ficará um volume de mais de 400 páginas. O Peru é, porém, um país morto, um meio de assim dizer nocivo à atividade intelectual. [...] Perdoe-me a recorrer à sua alta influência e boa amizade para pedir-lhe encarecidamente que afaste de mim essa pouco invejável promoção, que mais merece quem, o senhor sabe bem, tem passado sua vida trabalhando e produzindo, não vadiando e biscando³⁴⁴.

Aos 35 anos, Oliveira Lima considerava que ir para o Peru seria dar um passo atrás, quase um exílio, tanto na carreira diplomática quanto na produção intelectual. O governo Campos Salles chegou ao final sem que ele tivesse recebido qualquer notícia a respeito de sua remoção de Tóquio. Só quando Rodrigues Alves assumiu e de fato convocou o Barão do Rio Branco para o Ministério das Relações Exteriores, Oliveira Lima soube que um dos últimos atos do ministro anterior, Olinto de Magalhães – o mesmo que decidira pela sua remoção de Washington – havia sido nomeá-lo Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário no Peru.

Oliveira Lima interpretou o ato como uma espécie de “castigo” e cogitou uma possível influência do desafeto Assis Brasil, que havia se tornado homem forte na hierarquia do Itamaraty. Recusava-se a ver a nomeação pelo possível lado positivo: como uma demonstração de confiança e prestígio, já que o Peru ganhava importância no xadrez diplomático brasileiro naquele momento, por conta da questão do Acre.

Apostando na antiga relação com Rio Branco, Oliveira Lima esperava reverter a decisão. O novo ministro não apenas a confirmou, contudo, como queria que ele assumisse imediatamente o novo cargo, passando antes pelo Rio de Janeiro para instruções³⁴⁵. Contrariado,

³⁴⁴ Carta de Oliveira Lima a José Carlos Rodrigues, 27/06/1902, reproduzida por VIANNA, Hélio. *Cultura*, set/1967, p. 14-16.

³⁴⁵ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*. Vol. I, p. 231-232.

Oliveira Lima respondeu que partir do Japão exigiria uma série de providências, incluindo despedir-se do imperador, de 11 príncipes de sangue e da sociedade política e diplomática de Tóquio. Alegou também a necessidade de receber antecipadamente a ajuda de custo para realizar a “enorme viagem”. Aproveitou, ainda, para registrar que havia sete anos que não conseguia obter um dia sequer de licença, embora a tenha solicitado em quatro ocasiões, resultando no acúmulo de “não poucos negócios e interesses particulares, pessoais e de família, de que cuidar em Lisboa e em Pernambuco após tão longa ausência”, mas que nem por isso deixaria de atender à convocação³⁴⁶.

Por uma série de razões alegadas – atraso no envio da ajuda de custo, burocracias no Japão, mal-estar físico em determinados trechos da viagem, necessidade de resolver questões familiares urgentes –, Oliveira Lima demorou muito além do tolerável para chegar ao Rio de Janeiro. Passados quatro meses desde a ordem para que comparecesse o mais rápido possível, e ainda sem ter uma previsão confiável para a chegada do subordinado, o Barão do Rio Branco perdeu a paciência, escrevendo nos seguintes termos quando Oliveira Lima se encontrava em Madri:

Rogo-lhe portanto que me declare pelo telégrafo se o seu estado de saúde ou outras razões não lhe permitem acudir ao apelo do Governo, para que este possa providenciar com urgência expedindo já daqui outro Ministro e devo prevenir a Vossa Excelência que a não ser essa não terá o Governo tão cedo outra Legação em que possa utilizar os seus serviços³⁴⁷.

Foi o suficiente para que Oliveira Lima desenvolvesse aversão à figura de Rio Branco. Ele parecia se considerar merecedor de tratamento preferencial no corpo diplomático por conta de sua produção literária, e esperava que o novo chefe pudesse ser capaz de valorizar esse aspecto, já que o interesse por História os aproximara muitos anos antes.

Não se pode descartar, em contrapartida, que houvesse alguma mágoa por parte de Rio Branco por ter sido preterido na primeira eleição

³⁴⁶ Ofício de Oliveira Lima ao Barão do Rio Branco, 22/01/1903, Arquivo do Barão do Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, reproduzido em GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*. Vol. I, p. 231-233.

³⁴⁷ Arquivo do Barão do Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, reproduzido em GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*. Vol. I, p. 248.

para a Academia Brasileira de Letras, ocasião em que Oliveira Lima fora escolhido para integrar o grupo, com apenas 29 anos e uma obra literária ainda pouco significativa, enquanto o Barão já estava com 51 anos e era uma verdadeira personalidade brasileira. Rio Branco seria acolhido na Academia em 1898, ano seguinte ao da fundação, em substituição a Pereira da Silva, mas é possível que ainda carregasse ressentimentos.

A partir desse episódio com Rio Branco, Oliveira Lima reforçou características que já vinha demonstrando, como a resistência para receber ordens e fazer parte de uma corporação. Numa carta que escreveu na sequência a Nabuco, ele fez críticas abertas ao chefe (“Repare como é impertinente o final do telegrama do chanceler!”) e concluiu de forma desrespeitosa: “Ele não será eterno e tem 22 ou 24 anos mais do que eu. É meu consolo”³⁴⁸.

Oliveira Lima apostava numa passagem breve de Rio Branco pela pasta, considerando a tradição de volatilidade dos Ministros de Relações Exteriores desde o início da República – até ali, o regime tivera 13 ocupantes do cargo em 13 anos³⁴⁹. A aposta não poderia ser mais enganosa, contudo. Rio Branco permaneceria uma década à frente do Ministério, do final de 1902 até a morte, no início de 1912. Ao atravessar os governos de Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca como Ministro, mantendo sempre um perfil centralizador³⁵⁰, ele tornou-se o grande nome da diplomacia brasileira em todos os tempos

³⁴⁸ Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 20/05/1903, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

³⁴⁹ RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*, p. 254.

³⁵⁰ Com o Barão do Rio Branco à frente das Relações Exteriores, a prática das nomeações voltou a predominar, depois de algumas iniciativas do ministro anterior, Olinto de Magalhães, no sentido de realizar concursos para o ingresso no Itamaraty. “Segundo levantamento feito pelo pesquisador Rogério de Souza Farias, ao longo de sua gestão de quase dez anos Rio Branco foi responsável por 76 nomeações, embora nem sempre prevalecesse sua vontade pessoal. Por exemplo, quando foi criado o cargo de consultor jurídico do ministério, ambicionado por Graça Aranha com apoio explícito do chanceler, o nomeado, por ordem presidencial, foi Amaro Cavalcanti. Com ou sem o apoio do Barão, filhos de altas autoridades acabavam sendo as escolhas habituais: Félix Bocaiúva (filho de Quintino Bocaiúva), Lucilo Bueno (filho do coronel Antônio Bueno, banqueiro e amigo do senador Francisco de Assis Rosa e Silva), José de Paula Rodrigues Alves (filho do presidente Rodrigues Alves), entre outros.” SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 293-294.

– a ponto de 20 de abril, que marca seu nascimento, ter-se tornado o Dia do Diplomata no Brasil. Além disso, a Ordem do Rio Branco é a principal condecoração diplomática do país³⁵¹.

Mesmo com a clara advertência do chefe, Oliveira Lima continuou adiando ao máximo sua chegada ao Rio de Janeiro, incluindo em seu roteiro uma passagem de dez dias por Lisboa, para tratar dos assuntos relacionados à partilha da herança deixada pela mãe e da revisão das provas do livro sobre o Japão, além de visitas aos sebos locais à procura de aquisições para a sua coleção de livros³⁵².

O navio para o Brasil passou por Recife, mas apenas Flora permaneceria ali por duas semanas, enquanto o marido pernitoiu e partiu no dia seguinte para o Rio de Janeiro, onde desembarcaria quatro dias depois. Foi recebido com cordialidade pelo Barão do Rio Branco, mas, em meio ao clima constrangedor que prevaleceu durante o encontro, o Peru simplesmente não foi mencionado. Oliveira Lima preferiu não perguntar sobre o assunto, tentando depois interpretar com otimismo o silêncio do chefe a respeito: imaginava que outro destino estava sendo planejado para ele. Aproveitou para convidar Rio Branco para sua posse na Academia Brasileira de Letras, que havia sido finalmente marcada para o dia 17 de julho de 1903, na Grande Sala do Gabinete Português de Leitura, às oito da noite³⁵³.

³⁵¹ A chegada de Rio Branco ao comando das Relações Exteriores coincidiu com a oportunidade que o Brasil tinha de definir mais claramente a sua política externa. Até então, desde a proclamação da República, havia sido impossível colocar em prática um direcionamento mais efetivo, pois a prioridade havia sido sempre apagar incêndios. Nos primeiros anos do regime republicano, a preocupação era com a consolidação interna e aceitação internacional. Em seguida, foi preciso lidar com as turbulências provocadas pela Revolta da Armada e Revolução Federalista (1893-1894) e Canudos (1896-1897), conflitos que comprometeram a imagem internacional do país.

³⁵² Conforme Oliveira Lima descreveu em carta a Joaquim Nabuco, 17/06/1903, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

³⁵³ Quatro dias antes da solenidade, Oliveira Lima deixou para Rodrigo Octavio, primeiro-secretário da Academia, uma lista de convidados para os quais gostaria que convites fossem enviados, incluindo o Barão e a Baronesa de Penedo, o Barão de Lucena e família, o agora senador Sigismundo Gonçalves (que tanto lhe ajudara quando diretor do *Jornal do Recife*), os amigos de longa data Arthur Orlando e José Carlos Rodrigues, e uma série de membros do Ministério das Relações Exteriores. Pedia também entre 15 e 20 convites em branco para entregar em contatos pessoais, além de informações sobre os valores da

Na cerimônia, que se estendeu por duas horas, com a presença do presidente da República, Rodrigues Alves – e a ausência de Rio Branco –, Oliveira Lima leu, enfim, o tão esperado *Elogio de Francisco de Adolfo Varnhagen*, que escolhera como patrono de sua cadeira. O fio condutor do texto foi a comparação entre a trajetória de Varnhagen e a sua própria, ambos diplomatas e historiadores.

Oliveira Lima relatou um momento simbólico: na adolescência, durante uma aula prática de paleografia na Torre do Tombo, ele se irritou ao encontrar anotações feitas a lápis em documentos históricos, procedimento obviamente inadequado, mas “perdoou” o responsável ao perceber que havia sido Varnhagen³⁵⁴. A identificação se deu, possivelmente, por conta do hábito do individualista e competitivo Varnhagen de inscrever um “V” em muitos dos documentos que pesquisava, para marcar território e demonstrar a outros historiadores que já havia passado por ali³⁵⁵.

O discurso deixava claro que Oliveira Lima considerava a atividade de historiador mais nobre que a de diplomata. Reforçava-se, assim, a percepção de que, para ele, a diplomacia era apenas uma forma de ganhar a vida e encontrar meios para viajar e fazer suas pesquisas. O acadêmico afirmou que, por uma série de fatores, incluindo “a maravilhosa facilidade de comunicação”, “o devassamento da vida política pelos jornais” e “a colocação dos cargos públicos ao alcance de todos os cidadãos, não mais permanecendo privilégio de uma casta”, a diplomacia havia deixado de ser uma arte para tornar-se uma profissão. Já com o historiador moderno ocorria o inverso:

Carece de ser, além de um erudito, um artista; de descobrir, ele próprio, as fontes, analisar-lhes o

impressão dos convites e do aluguel de cadeiras para o evento, demonstração de que esses gastos ficavam por conta do acadêmico que tomava posse. Carta de Oliveira Lima a Rodrigo Octavio, 13/07/1903, Documento OL C.CA 002, Coleção Oliveira Lima, acervo Academia Brasileira de Letras.

³⁵⁴ “[...] era com viva surpresa e não menos vivo desapontamento que, em quase todos aqueles papéis, se me deparava a marca discreta do lápis de um pachorronto investigador que me precedera na faina, e que verifiquei não ser outro senão Francisco Adolfo de Varnhagen.” Discurso de posse de Oliveira Lima reproduzido em www.academia.org.br/academicos/oliveira-lima/discurso-de-posse, consultado em 24/11/2018.

³⁵⁵ CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”, p. 163.

valor, saber aproveitar o manancial que delas brota, quando ainda livre de impurezas e arrecadá-lo em vasos do mais puro cristal por ele mesmo facetado³⁵⁶.

A comparação entre a trajetória de Oliveira Lima e Varnhagen revela, de fato, coincidências expressivas³⁵⁷: ambos produziram suas obras sobre o Brasil passando a maior parte longe do país, com base em documentos originais pesquisados em fontes primárias nos lugares em que atuaram como diplomatas, e tanto um como o outro foram criticados pelo descuido estético dos textos que produziram³⁵⁸.

A maior diferença entre eles estava no apoio que Varnhagen recebeu para dedicar-se às pesquisas históricas, consideradas de alto interesse pelo “imperador sábio”, Dom Pedro II, com quem se correspondia frequentemente contando suas aventuras pelo mundo. Talvez Oliveira Lima esperasse postura semelhante do Barão do Rio Branco, que também tinha Varnhagen como ídolo³⁵⁹. Essa bifurcação nas trajetórias de Varnhagen e Oliveira Lima os conduziu a destinos bem diferentes: o primeiro morreu festejado e reconhecido com títulos honoríficos; o segundo enfrentaria o ostracismo como diplomata e morreria amargurado, afastado de vários amigos da juventude.

Ao comentar a morte de Varnhagen, Capistrano de Abreu fez vários elogios, seguidos de ressalvas que poderiam muito bem ser aplicadas a Oliveira Lima³⁶⁰. José Veríssimo também parece estar falando

³⁵⁶ Discurso de Oliveira Lima reproduzido em CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras – Trinta anos de discursos acadêmicos (1897-1927)*, p. 49.

³⁵⁷ As informações sobre Varnhagen utilizadas para a comparação foram extraídas de CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”.

³⁵⁸ “É quase um consenso que Varnhagen não é um bom escritor. Nem de história, nem de gênero algum.” CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”, p. 162.

³⁵⁹ Afonso Celso, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1937, ano do lançamento da pedra fundamental de um monumento em memória de Varnhagen, citou o Barão do Rio Branco e Oliveira Lima como “apologistas” do homenageado. CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”, p. 190.

³⁶⁰ “Era dos homens inteiriços, que não apoiam sem quebrar, não tocam sem ferir, e matam moscas a pedradas, como o urso do fabulista. Em muitos pontos em que

do amigo ao descrever um sentimento de ambiguidade com o qual Varnhagen teve que conviver: o de sentir-se um desterrado em sua própria terra, de olhar o Brasil com olhos de estrangeiro e ser muitas vezes visto pelos brasileiros como estrangeiro³⁶¹.

Para Teresa Malatian, o *Elogio a Varnhagen* foi cuidadosamente construído para que Oliveira Lima tratasse da própria consagração ao fazer um paralelo da sua biografia com a de Varnhagen, ressaltando muito mais sua própria trajetória que a do homenageado. Ao enfatizar o exercício simultâneo da diplomacia com o ofício de historiador, ele desejava valorizar a atividade historiográfica como parte da missão de um diplomata, discussão diretamente relacionada às dificuldades que vinha enfrentando. “Pode-se assim considerar esse discurso como a defesa de Oliveira Lima perante seus confrades, cuja simpatia solicitava para sua causa.”³⁶²

Oliveira Lima aproveitou o discurso para incluir algumas referências sutis ao Barão do Rio Branco, àquela altura também integrante da Academia – não tão sutis, contudo, para que o chefe das Relações Exteriores do Brasil deixasse de vestir a carapuça. Após afirmar que, enquanto “a literatura se torna cada vez mais árdua pela soma de conhecimentos que requer, a diplomacia torna-se cada vez mais fácil pela soma de predicados que dispensa”, Oliveira Lima acrescentou que os diplomatas gozavam de pouca iniciativa e autonomia, pois “dependem agora tão de perto e descansam tanto sobre o chefe da sua corporação”. Afirmou, ainda, que Varnhagen não deveria ser criticado por preferir “os estudos históricos à fofice diplomática, e os ensaios literários à ociosidade

a sua opinião não era necessária, ele a expunha complacentemente, com tanto maior complacência quanto mais se afastava da opinião comum. Suas reflexões às vezes provocam um movimento de impaciência que obriga a voltar a página ou a fechar o volume. Muitos assuntos sem importância, ou de importância secundária, só o ocupam por serem descobertas suas.” Texto publicado no *Jornal do Comércio* dos dias 16 e 20/12/1878, citado em CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”, p. 189.

³⁶¹ “Consagrou toda a sua laboriosa existência a estudar a História do Brasil, e a servi-lo com dedicação e zelo em cargos e missões diplomáticos. Sente-se-lhe, entretanto, não sei que ausência de simpatia, no rigor etimológico da palavra, pelo país que melhor que ninguém estudou e conhecia, e era o do seu nascimento. [...] Faltava-lhe, porém, não lho sentimos ao menos, aquele não sei que íntimo e ingênuo, mais instintivo que raciocinado, sentimento da terra e da gente.” VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*, p. 191.

³⁶² MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 177.

burocrática”, acrescentando que o rol de serviços intelectuais que prestava era “superior ao que podem apresentar muitos diplomatas, mesmo saídos de fresco do torvelinho de negociações espinhosas. Mais vale em todo caso escrever história com autoridade do que ajudar a fazê-la sem capacidade”³⁶³.

Se a relação com o Barão do Rio Branco já estava tensa e desgastada, o discurso colocou de vez Oliveira Lima na condição incômoda de inimigo do chefe³⁶⁴. Enquanto esperava determinações sobre seu próximo destino, ele encontrou uma forma de piorar ainda mais a situação. Aceitou convite do opositorista *Correio da Manhã* para escrever uma série de artigos a respeito da necessidade de reformulações na carreira diplomática, nos quais criticou a política de fronteiras de Rio Branco, sob o argumento de que a expansão territorial não devia ser prioridade num país já tão vasto.

Além do constrangimento pela exposição pública de divergências num meio que pede discrição, Oliveira Lima foi acusado de apropriar-se de ideias que já estavam sendo planejadas pelo Ministro – tanto que algumas mudanças seriam efetivadas a partir de 1906. Rio Branco apenas agia com cautela, pois não queria se indispor com a linha mais tradicionalista da diplomacia brasileira, liderada pelo Visconde do Cabo Frio, o histórico diretor-geral do Itamaraty desde 1865³⁶⁵.

Oficialmente destinado ao Peru, mas sem data para seguir viagem, Oliveira Lima foi mantido em banho-maria. Enquanto isso, as questões urgentes no país andino eram tratadas por outros diplomatas, incluindo

³⁶³ Discurso de posse de Oliveira Lima reproduzido em www.academia.org.br/academicos/oliveira-lima/discurso-de-posse, consultado em 24/11/2018.

³⁶⁴ Em suas *Memórias*, Oliveira Lima classificaria a interpretação dada ao discurso como injusta: “As minhas críticas a atos de Rio Branco, por mais cortesias que tivessem sido, granjearam-me em todo o Brasil fama de indisciplinado. Em certas épocas e em certos regimes a independência confundese com a indisciplina”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas Minhas Reminiscências...)*, p. 127. O fato é que Oliveira Lima “tornou-se o anti-Rio Branco na tradição do Itamaraty e aqui o problema é que Rio Branco é o Pedro e a pedra sobre a qual repousa esta instituição republicana”. GOES FILHO, Synesio Sampaio. “Rio Branco, Nabuco, Oliveira Lima: três grandes da diplomacia republicana”, *Revista do IHGB*, Tomo 166, número 426, jan-mar 2005, p. 227.

³⁶⁵ FORSTER, Maria Theresa Diniz. *Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira*, p. 153-158.

seu grande desafeto Assis Brasil. Oliveira Lima passou o segundo semestre de 1903 à espera de ordens, dedicando-se a escrever artigos para os jornais, nos quais muitas vezes continuava abordando questões diplomáticas, e a fazer pesquisas na Biblioteca Nacional para o seu livro em preparação, *Dom João VI no Brasil*.

Durante uma temporada em Petrópolis ao lado de Flora para se dedicar à redação do livro, ele teve acesso a supostas informações de bastidores dando conta da queda iminente de Rio Branco. Baseado numa leitura evidentemente distorcida da realidade, considerava-se um forte candidato a assumir o posto: “Sei (confidencialmente lhe digo) que o Rodrigues Alves assuntara no meu nome para sucessor de Rio Branco”, escreveu a Nabuco³⁶⁶.

O diz-que-diz e o jogo de influências corriam solto nos bastidores. Em meados daquele mesmo ano de 1904, Euclides da Cunha, engenheiro por formação que já havia obtido a consagração literária com *Os Sertões*³⁶⁷ e ingressara na Academia Brasileira de Letras no ano anterior (no lugar de Valentim Magalhães, que morrera aos 44 anos), estava interessado em integrar a comissão de exploração do Rio Purus. Pediu a Oliveira Lima, que permanecia no Rio de Janeiro à espera de definições, que intermediasse o pedido junto ao Barão do Rio Branco, responsável pelo projeto. Como a relação com o chefe estava extremamente delicada, Oliveira Lima repassou o pedido a José Veríssimo³⁶⁸, que, por sua vez,

³⁶⁶ Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 20/01/1904, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

³⁶⁷ Euclides da Cunha havia sido enviado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para cobrir a Guerra de Canudos (1893-1897), experiência de onde ele extraiu material para publicar *Os Sertões*, em 1902, obra em que descreveu o episódio como uma tentativa de restauração da Monarquia. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”, in MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*, p. 89.

³⁶⁸ “Meu caro confrade e amigo dr Euclides da Cunha [...]. Estou pessoalmente inibido por motivo que seria muito longo e em parte indiscreto narrar, a fazer qualquer pedido ao Barão do Rio Branco. Verdade é que no seu caso não se trata de um pedido, antes de um oferecimento, que o Barão, estou certo, acolherá com a maior satisfação e ele e os colegas aceitarão com as mãos ambas, pois conheço o elevado conceito que ele faz da sua pessoa e méritos. Li, porém, sua carta ao nosso confrade e amigo José Veríssimo, pedindo-lhe para encarregar-se de transmitir ao Barão o seu desejo, o que ele fará assim que o Barão descer de Petrópolis, procurando-o especialmente para esse fim.” Carta de Oliveira Lima a Euclides da Cunha, 22/06/1904, reproduzida em “Euclides da Cunha e o Barão

achou por bem convocar Domício da Gama para apresentar o pleito ao Barão. Por meio da intervenção de Gama, combinou-se uma conversa entre o Barão e Euclides da Cunha, que foi visitá-lo em sua casa em Petrópolis e saiu de lá com a nomeação para chefe da comissão assegurada³⁶⁹.

No dia 12 de agosto de 1904, Oliveira Lima soube ao ler o *Correio da Manhã* que um dos decretos assinados pelo presidente na véspera tratava de sua transferência da Legação em Lima, para onde nunca fora efetivamente enviado, para a de Caracas, capital da Venezuela, como representante do Brasil junto ao governo do general Cipriano Castro. Tratava-se de um destino considerado ainda mais periférico. O primeiro impulso de Oliveira Lima foi recusar, o que o colocaria oficialmente na situação pouco recomendada na diplomacia de estar “em disponibilidade” – ou seja, sem um cargo efetivo. Ele chegou a dar entrada em um documento no Itamaraty oficializando a decisão, mas se arrependeu a tempo de retirá-lo, provavelmente temeroso de se tornar protagonista de um litígio como o que envolvera Salvador de Mendonça.

A estratégia seria ganhar tempo à espera de ver confirmada a hipótese em que apostava todas as fichas: a queda de Rio Branco. “A República tem pelo menos de bom que as tiranias não duram: cada quatro anos há mudança de pessoal e de orientação”, escreveu a Nabuco depois de tomar conhecimento da ordem de transferência para Caracas³⁷⁰. Nabuco não escondeu o alívio ao saber que Oliveira Lima abandonara a ideia de negar a missão, aproveitando a oportunidade para fazer uma advertência sincera ao amigo:

A sua carta tirou-me de grande aflição, porque a ideia de vê-lo deixar ainda que temporariamente o nosso serviço diplomático, procurando outra

do Rio Branco”, texto de Francisco Venâncio Filho para a *Revista Brasileira* em 1942 (numa nova versão da publicação, já como órgão oficial da Academia Brasileira de Letras). *Revista Brasileira*, ano II, set/1942, número 4, p. 89-90.

³⁶⁹ “Rio Branco confiaria outras comissões a Euclides e apoiaria seus projetos sem nunca efetivá-lo nos quadros do Itamaraty ou destinar-lhe alguma função propriamente diplomática. Talvez por conta da timidez do escritor, talvez por ele não corresponder ao ideal de beleza pretendido pelo Barão para os membros do corpo diplomático brasileiro.” SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 294.

³⁷⁰ Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 15/08/1904, acervo Fundação Joaquim Nabuco.

ocupação e quebrando a sua linha, causou-me até mal-estar. [...] Se lhe fizesse o retrato, diria que o seu defeito é o temperamento rebelde, ou o amor próprio revolucionário, e talvez a ideia de que vale por si mesmo, de modo a poder afrontar as divindades superiores. Ninguém vale por si ou tem valor próprio entre nós³⁷¹.

Nabuco estava em plena ascensão na carreira. Em reconhecimento ao protagonismo assumido pelos Estados Unidos, as principais potências europeias haviam elevado suas representações em Washington à categoria de embaixadas – o ato mais direto ao qual a diplomacia recorre para validar a grandeza de um país –, e o Brasil decidiu seguir essa tendência em 1905. Confirmando seu alto prestígio, Nabuco foi nomeado para a recém-criada embaixada, o que envolveu a remoção de Assis Brasil para Buenos Aires³⁷². Oliveira Lima enviou felicitações ao amigo, mas, no íntimo – considerando que se considerava até um forte candidato ao Ministério das Relações Exteriores –, provavelmente pensava que poderia ser ele a ocupar aquele cargo cujo salário era de 35 contos por ano, bem melhor que o seu, de 14 contos³⁷³.

Depois de ter passado as festas de fim de ano com Flora em Pernambuco, Oliveira Lima iniciou o ano de 1905 ainda à espera das credenciais e das instruções oficiais antes de seguir para a Venezuela. Quando finalmente foi liberado, iniciou-se uma verdadeira odisséia, por conta da necessidade de escala na Europa – não havia transporte direto entre o Rio de Janeiro e Caracas. O casal seguiu para Londres, e dali resolveu ir a Paris com a justificativa de que precisava encomendar roupas. Na verdade, a razão principal da viagem era a de sempre: o interesse de Oliveira Lima em obter novos documentos relacionados à pesquisa sobre D. João VI. A demora certamente desagradou mais uma

³⁷¹ Carta de Joaquim Nabuco a Oliveira Lima, 10/09/1904, acervo Oliveira Lima Library.

³⁷² Como veremos adiante com mais detalhes, Nabuco sentiu-se à vontade para reavaliar a visão crítica que tinha dos Estados Unidos na juventude: executaria uma política francamente americanista e exerceria um papel amplo de representação. “Nabuco entendeu a sua missão, e muito bem, como sendo a de um embaixador político e diplomático completado pelo embaixador cultural e intelectual do Brasil, e, até, da língua portuguesa.” MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira. Vol. V (1897-1914)*, p. 420.

³⁷³ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 316.

vez a Rio Branco, ao mesmo tempo que deixava cada vez mais evidente que a carreira diplomática havia se tornado um fardo para Oliveira Lima, que a suportava apenas pela necessidade do salário. Tudo o que ele desejava, cada vez mais, era encontrar uma forma de viabilizar financeiramente sua dedicação exclusiva à produção intelectual.

Assim que chegou a Caracas, em maio de 1905, Oliveira Lima restabeleceu os serviços diplomáticos brasileiros, que estavam desativados. As primeiras impressões da capital venezuelana foram as piores possíveis, como descreveu numa carta a Machado de Assis³⁷⁴. Depois de participar das cerimônias de praxe para um diplomata recém-chegado, ele passou a levantar informações sobre a Venezuela, mandando relatórios para o Ministério das Relações Exteriores. Não havia muito mais a fazer enquanto aguardava orientações sobre as questões relevantes a tratar e o posicionamento do Brasil. Numa das correspondências oficiais trocadas com Oliveira Lima, Rio Branco lembrou que, depois de reabrir sua Legação em Caracas, o governo brasileiro aguardava o envio de um representante venezuelano de igual categoria para o Rio de Janeiro, dando a entender que as negociações diplomáticas só deveriam evoluir depois desse passo³⁷⁵.

Quando finalmente ocorreu a reciprocidade esperada, Oliveira Lima foi incumbido pelo Barão do Rio Branco de uma missão que o chefe classificou como importante, mas extremamente simples no seu moneio: pedir ao governo venezuelano que aceitasse a demarcação da fronteira entre os dois países feita pelo Brasil ou que providenciasse o quanto antes a verificação do trabalho brasileiro e opinasse a respeito. Bastou pouco mais de um mês, a partir daí, para que Oliveira Lima fechasse um tratado de delimitação de fronteiras³⁷⁶. Resolvia-se assim uma pendência herdada dos tempos do Império, em negociação desde 1843 – curiosamente, um

³⁷⁴ “Caracas é quente e úmida. Agora é mesmo a estação das chuvas. [...] O clima é contudo a melhor coisa de Caracas. Imagine o resto!” Carta de Oliveira Lima a Machado de Assis, 23/05/1905, documento OL C.CA 004, Arquivo Oliveira Lima, acervo Academia Brasileira de Letras.

³⁷⁵ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 307.

³⁷⁶ O tratado, assinado em 09/12/1905 com o general Alejandro Ybarra, ministro das Relações Exteriores da Venezuela, determinava a verificação das demarcações feitas pelos brasileiros – que seria lentamente realizada e, no geral, confirmaria as referências apresentadas. CHACON, Vamireh. “Oliveira Lima, a Venezuela e o Panamericanismo”, p. 43.

dos diplomatas que fracassaram na missão havia sido Varnhagen³⁷⁷. Oliveira Lima considerou ter obtido uma grande conquista para o Brasil e ressentiu-se do quase silêncio a respeito por parte de Rio Branco e da imprensa como um todo³⁷⁸.

No período passado na Venezuela, Oliveira Lima escreveu uma série de artigos sobre o país para *O Estado de S. Paulo*. Discorria sem restrições sobre tudo o que via no cotidiano, além de aspectos culturais, históricos e políticos. Os trechos opinativos nem sempre eram favoráveis à imagem do governo local. Essa postura, embora não tenha causado danos à missão que ele estava cumprindo, foi motivo de censura no meio político. O general Francisco Glicério criticou durante sessão do Senado o fato de que Oliveira Lima “não cessa de escrever para jornais artigos em que nem sempre são guardadas as conveniências diplomáticas”³⁷⁹. O Barão do Rio Branco e o próprio presidente Rodrigues Alves também mostravam contrariedade diante da postura atrevida do diplomata³⁸⁰.

Vivendo em Caracas e tornando-se próximo dos intelectuais locais, além da relação pessoal com o próprio presidente, Cipriano Castro³⁸¹,

³⁷⁷ Varnhagen chegou a Caracas em outubro de 1861 e não permaneceu por muito tempo, diante do insucesso na missão envolvendo os litígios de fronteira – tarefa que, 45 anos depois, seria resolvida com sucesso por Oliveira Lima. CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”, p. 172-174.

³⁷⁸ FORSTER, Maria Theresa Diniz. *Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira*, p. 42-43.

³⁷⁹ *Diário de Pernambuco*, 27/12/1905, citado in CARDOZO, Manoel da Silveira, “Prefácio” para OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*, p. 43. Eis um exemplo das afirmações que poderiam causar embaraço junto ao governo venezuelano: “Venezuela não passa entretanto de um trecho de planeta onde o progresso é nulo, se não for mesmo a condição inversa, de recuo, a que se está infelizmente verificando”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Impressões da América Espanhola*, p. 143-144.

³⁸⁰ “Disse-nos hoje aqui um deputado provincial do Estado do Rio, cujo nome não me recordo agora, referindo-se aos teus artigos para *O Estado de S. Paulo*, que o Rodrigues Alves chamara sobre eles a atenção do Rio Branco, mostrando-lhe o seu desagrado a respeito dos mesmos.” Carta de Maria Beltrão a Oliveira Lima, 21/02/1906, acervo Oliveira Lima Library.

³⁸¹ Castro permaneceu no poder entre 1899 e 1908. Sobre ele escreveu Oliveira Lima: “O presidente Castro também se fez conhecido e se impôs pelo seu destemor primeiro do que pela sua capacidade. Ninguém fora de Venezuela e raríssimos dentro de Venezuela sabiam quem era sequer esse oficialzinho andino,

Oliveira Lima teve a oportunidade de avaliar a atuação norte-americana por outro ângulo, bem diferente do que experimentara durante o período em Washington. Ao assumir a presidência dos Estados Unidos depois do assassinato do presidente McKinley, ocorrido em 14 de setembro de 1901, Theodore Roosevelt havia prometido reforçar a aplicação da Doutrina Monroe, o que foi interpretado como um claro recado às potências europeias: se fossem agir militarmente nas Américas por conta de dívidas não pagas, os Estados Unidos teriam o direito e a obrigação de intervir.

Era uma advertência que supostamente ajudava a preservar a independência das pequenas repúblicas do continente após o rompimento com as metrópoles europeias. Sentindo-se respaldado, Castro recusou-se a pagar as dívidas com a Inglaterra, a Alemanha e a Itália, decorrentes da Guerra da Independência, de empréstimos e de indenizações a estrangeiros por conta das guerras civis. Tal decisão resultou em bloqueio naval contra seu país entre 1902 e 1903, incluindo o afundamento de navios venezuelanos e bombardeios aos portos de Maracaibo, Porto Cabelo e La Guáira³⁸².

Castro esperava a aplicação da Doutrina Monroe em defesa da Venezuela, mas isso não ocorreu. Os Estados Unidos só interviram com os fatos já consumados, afastando a Armada europeia por meio de um pacto imposto por Roosevelt para o pagamento das dívidas

natural de Capacho, que fora mestre-escola, caixeiro, nem sei o quê, de estatura baixa e supunha-se que de baixo intelecto, antes que ele, à frente de um sessenta cavaleiros, descesse dos seus morros e viesse em marcha triunfal até Caracas, tomando povoados, dando combates, destroçando forças mais ou menos regulares [...]”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Impressões da América Espanhola*, p. 132. Chama a atenção a velocidade com que Oliveira Lima desenvolveu simpatia pelo líder venezuelano. Recém-chegado à Venezuela, ele descreveu o país como vítima de “um depotismo bárbaro e ignorante”. Carta de Oliveira Lima a Machado de Assis, 23/05/1905, Documento OL DI 010, acervo Academia Brasileira de Letras. Menos de um mês depois, ele mudara completamente o tom sobre Castro: “Gosto de ouvi-lo falar. Não é pedante nem mesmo fátuo. Tem a consciência do seu valor e do seu poder e ao mesmo tempo uma grande despreensão. Apanha as coisas no ar e sabe fazê-las viver e servir admiravelmente seus propósitos”. Carta de Oliveira Lima a Barbosa Lima, 16/06/1905, citada em CHACON, Vamireh. “Oliveira Lima, a Venezuela e o pan-americanismo”, p. 42.

³⁸² CHACON, Vamireh. “Oliveira Lima, a Venezuela e o pan-americanismo”, p. 41-42.

venezuelanas³⁸³. Tal procedimento levou Oliveira Lima a considerar a Doutrina Monroe sujeita exclusivamente aos interesses norte-americanos, e não como uma política multilateral, como preferiam ver o Barão do Rio Branco e Nabuco, que vinham acolhendo o monroísmo como garantia de estabilidade e progresso no continente³⁸⁴.

Oliveira Lima passou a criticar publicamente as estratégias de expansão política e econômica adotadas por Washington, que contavam com o apoio declarado do Brasil. O entusiasmo de Oliveira Lima com os Estados Unidos se transformara em uma visão crítica – enquanto com Nabuco, curiosamente, ocorreria o inverso.

3.2 – Nostálgico da Monarquia

Depois de participar das duas primeiras conferências pan-americanas, realizadas em Washington (1889-1890) e no México (1901), o Brasil preparava-se para sediar a terceira edição, marcada para 1906 no Rio de Janeiro. Os entendimentos prévios desenhavam a obtenção de um aval do continente à hegemonia protetora dos Estados Unidos. Isso implicaria a aceitação geral da política do *Big Stick*, ironicamente traduzida por Oliveira Lima como “cacetão”, que assegurava aos Estados Unidos o direito de “intervir militarmente nas repúblicas americanas a fim de evitar que qualquer potência estrangeira o fizesse antes”³⁸⁵.

Sentindo-se à vontade para se manifestar a Nabuco por conta da longa relação entre eles, Oliveira Lima criticou numa carta a política de aproximação com os Estados Unidos, considerando que o amigo a estava defendendo com exagero. “Não o julgava capaz de tanto americanismo... do norte”, ironizou³⁸⁶. A partir daí, a tensão entre os dois aumentou até

³⁸³ SANTOS, Luís Cláudio Villafañe. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 367-368.

³⁸⁴ FORSTER, Maria Theresa Diniz. *Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira*, p. 100-102.

³⁸⁵ FILHO, Luiz Viana, “Apresentação”, in OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pan-Americanismo (Monroe, Bolivar, Roosevelt)*, p. 7-8

³⁸⁶ Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 23/10/1905, acervo Fundação Joaquim Nabuco. Em suas *Memórias*, Oliveira Lima insinuaria que Nabuco tinha como procedimento adaptar-se aos interesses de cada país em que ia trabalhar como diplomata: assim, nos Estados Unidos, ele se tornou *too American*, “como em Londres fora *too British*, na Itália *too Roman* e na França seria *too French*”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 212.

chegar ao rompimento definitivo. Na última carta a Nabuco, escreveu Oliveira Lima:

Vejo que fiz uma gafe, pois que o regime de turbulo a que o senhor tem andado sujeito, posto que muito agradável para si, tolhe essa liberdade aos amigos do meu gênero. Entretanto se o senhor tivesse alguns assim no Brasil, dir-lhe-iam que a sua política de excessivo americanismo não é bem vista da opinião brasileira nem da opinião latino-americana em geral, nem, segundo estou informado, do nosso próprio governo, e que o senhor tem sido mais censurado mesmo do que deve. Isto é o que me dizem jornais, publicações e cartas, e como tampouco compartilho do seu entusiasmo rooseveltiano, entendi que não havia pecado em deixá-lo perceber. Ao que parece da sua carta, porém, o senhor ficou irritado com a minha franqueza (defeito meu, reconheço), que, é evidente, não era usada com o embaixador, e sim com o amigo. [...] Dada esta explicação muito sincera, a continuação da nossa correspondência e portanto da nossa amizade fica absolutamente nas suas mãos³⁸⁷.

Nabuco certamente se sentia incomodado pelo fato de que, em muitas das correspondências que haviam trocado, Oliveira Lima fizera comentários desabonadores ao chefe de ambos, o Barão do Rio Branco, e a várias outras pessoas. Imaginava-se agora sendo ele o alvo das críticas e ironias produzidas pela pena afiada de Oliveira Lima, que seu amigo Gilberto Freyre descreveria muitos anos depois como teimoso e naturalmente propenso a discussões³⁸⁸. Para Freyre, o rompimento entre

³⁸⁷ Carta de Oliveira Lima a Joaquim Nabuco, 18/03/1906, citado in GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. II, p. 254-255. Segundo a mesma fonte, Nabuco teria respondido pedindo a Oliveira Lima que não lhe escrevesse mais.

³⁸⁸ “Sob a aparência apolínea de homem bem educado, havia nele um impetuoso que, por vezes, se exagerava nos seus ímpetos. Nas iras. Nos clamores.” FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 40. O livro, lançado em 1967, ano de centenário de nascimento de Oliveira Lima, está mais no campo da homenagem do que da análise crítica da obra, como o próprio autor admitiu

Oliveira Lima e Nabuco se deu não pelas diferenças, mas pelas semelhanças entre os dois:

Ambos eram homens de Recife: ambos filhos de mães mais ou menos fidalgas de canaviais pernambucanos; ambos educados em parte na Europa; ambos crescidos em ambientes finos, elegantes, requintados, até; ambos, no início de sua vida de homens formados, diplomatas do tipo intelectual, e, como diplomatas, bem apessoados além de bem educados [...]. Com tantas semelhanças, dificilmente teriam sido perfeitos amigos. Toleraram-se de modo cordial durante anos. A certa altura, Nabuco pediu a Oliveira Lima que deixasse de escrever-lhe³⁸⁹.

Em suas *Memórias*, Oliveira Lima deixou claro que se sentia injustiçado pela decisão de Nabuco de afastar-se dele, alegando que as opiniões que manifestava tinham o objetivo de apresentar ao amigo um ponto de vista diferente³⁹⁰. Classificando Nabuco como ingrato e vaidoso, considerava que, no balanço da amizade, o outro lhe ficara devedor³⁹¹.

de antemão: “Um crítico mais severo poderá dizer, com alguma razão, de *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, que é livro antes apologético do que analítico; antes afetivo que objetivo”. FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 33.

³⁸⁹ FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 82.

³⁹⁰ “Joaquim Nabuco rompeu comigo por eu ser leal com ele. [...] Quando Nabuco entrou a exagerar o seu americanismo, eu de Venezuela lhe escrevia para Washington externando minha discordância desse sentimento tão acentuado e que não me parecia partilhado pela opinião comum no Brasil. Sei bem que há casos análogos na história das relações diplomáticas em que o enviado se torna mais papista do que o papa.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 209-211.

³⁹¹ Considerando ter sido decisiva sua intervenção para a nomeação de Nabuco em Londres, após a morte de Souza Corrêa – quando comunicou ao ministro Olinto a simpatia do agente financeiro Rothschild pela ideia –, Oliveira Lima apontou a ingratidão de Nabuco ao descrever uma negativa do amigo para um pedido típico da mentalidade de favorecimentos predominante à época: “O único pequeno obséquio que dele solicitei – a recomendação de um meu cunhado, que acabara o seu curso de engenharia, quando eu me achava no Japão e Nabuco era ministro em Londres, para os trabalhos de prolongamento no sertão da Great

Depois do rompimento com Nabuco, multiplicaram-se as críticas públicas feitas por Oliveira Lima à política externa brasileira. Nessa fase, *O Estado de S. Paulo*, jornal com o qual iniciara colaboração em outubro de 1904, havia se tornado sua principal tribuna³⁹². A série que assinou sobre o pan-americanismo irritou o presidente Rodrigues Alves, como alguns amigos de Oliveira Lima próximos do poder o alertaram³⁹³.

Oliveira Lima passou a ser visto como líder de uma corrente antiamericana dentro do corpo diplomático, em oposição à postura defendida por Nabuco. Diante de um editorial do *Jornal do Recife* que reproduzia esse conceito, ele escreveu para afirmar que não era de modo algum antipático à nação norte-americana e que sua resistência se devia apenas à recusa de “ver o Brasil reduzido à condição de satélite imposta por uma dura necessidade política ou pela fatalidade geográfica”. Completou apontando que tinha razões para supor que, na visão do Barão do Rio Branco, embora este nunca lhe tivesse feito confidências a respeito, a amizade com outro país não deveria levar à “abdição da nossa personalidade internacional mediante a supressão, em homenagem aos Estados Unidos, dos nossos juízos e preferências”³⁹⁴ – era uma crítica indireta a Nabuco, pois dava a entender que o ex-amigo estava sendo “mais papista que o papa” e agia em desacordo com a visão do comandante da pasta de Relações Exteriores.

A postura que Oliveira Lima assumia era de repúdio à expansão norte-americana e de defesa dos laços brasileiros com a Europa, expressada claramente em seu livro *Impressões da América Espanhola*

Western – não m’o prestou.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 190-191.

³⁹² Com períodos de maior ou menor atividade, a relação de Oliveira Lima com o jornal estendeu-se até o final da vida dele, 24 anos depois. Nos períodos de colaboração mais regular, os pagamentos eram feitos pela administração do jornal em remessas trimestrais para onde quer que Oliveira Lima estivesse, usando como referência a conversão do valor devido na moeda brasileira à cotação internacional do ouro. CARDOZO, Manoel da Silveira. “Prefácio” para OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*, p. 32.

³⁹³ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 334.

³⁹⁴ Carta de Oliveira Lima ao Jornal do Recife, 08/08/1906, publicada pelo *Jornal do Recife* em 26/08/1906, citada por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 349.

(1904-1906)³⁹⁵, coletânea dos artigos escritos nessa fase. Nabuco passou a credenciar a postura de Oliveira Lima à inveja³⁹⁶ e à submissão aos interesses do presidente venezuelano, de quem havia se aproximado.

Resolvida a questão da fronteira na Venezuela, Rio Branco comunicou a Oliveira Lima sua intenção de enviá-lo ao México, perspectiva que mais uma vez o desapontou, pois ele se considerava merecedor de um posto nobre – em outras palavras, na Europa. Rio Branco explicou que não havia vaga disponível no Velho Continente e considerou que esperar a oportunidade no México seria melhor para Oliveira Lima do que continuar na Venezuela depois de solucionada a principal questão pendente com aquele país.

A forma que Oliveira Lima encontrou para ganhar tempo foi pedir uma licença médica, com a justificativa de que precisava ir à estação de Contrexéville, na França, tratar dos cálculos renais que o vinham incomodando. Rio Branco, talvez aliviado por ver temporariamente resolvido o impasse que envolvia o membro mais problemático do Itamaraty, concedeu sem resistência os seis meses solicitados.

Depois do tratamento de saúde, que durou apenas um mês, Oliveira Lima e Flora voltaram ao Brasil para desfrutar do restante do período de licença no engenho Cachoeirinha, onde chegaram no início de 1907. Ele passou a se dedicar à redação do *Dom João VI*, enquanto esperava maio chegar para ter notícias sobre sua próxima missão diplomática.

Quando o prazo da licença se esgotou e ele se apresentou no Rio de Janeiro, foi informado de que não havia cargo disponível naquele

³⁹⁵ Oliveira Lima organizou o volume para publicação, sem ter conseguido realizá-la à época – o que só ocorreria em 1948, vinte anos após sua morte, por iniciativa do então recém-nomeado curador da Oliveira Lima Library, o professor de História Manoel da Silveira Cardozo, que encontrou o material. CARDOZO, Manoel da Silveira, “Prefácio” para OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*, p. 50.

³⁹⁶ Inveja não apenas profissional, mas também pessoal, imaginava Nabuco. “O Oliveira Lima tem-me atacado por vezes nos jornais e muito em cartas. Quem diria? Nunca lhe fiz senão bem. [...] Ele é assim... Pobre Lima! Que mau bilhete tirou na loteria da vida com tal obesidade!”. Carta de Joaquim Nabuco à esposa, Evelina, sem data, mencionada por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 332. Nabuco, que sempre foi considerado um homem bonito, transferia a rixa com Oliveira Lima para o campo pessoal – o que poderia incluir também o fato de Oliveira Lima não ter tido filhos, enquanto Nabuco, mesmo casando-se tardiamente, aos 42 anos, com Evelina, 18 anos mais jovem, teve cinco.

momento. Decidiu então escrever ao presidente Afonso Pena, relatando suas desventuras e dizendo-se possuidor de “vigor, inteligência e capacidade de trabalho que julgo merecer melhor aproveitamento”. O secretário de Afonso Pena, Edmundo Veiga, respondeu afirmando “não haver no Governo má vontade contra a sua ilustre pessoa, cujos méritos são tidos em elevada conta, tanto pelo Sr. Presidente como pelo Sr. Barão do Rio Branco”³⁹⁷.

Oliveira Lima dedicava o tempo livre à preparação dos livros e à produção de artigos para a imprensa. Era cada vez mais evidente a dificuldade para compatibilizar o diplomata com o jornalista, já que ele parecia decidido a escrever o que bem entendesse. Num dos artigos, afirmou que a carreira diplomática conduzia “à improdutividade mais desesperadora” ou mesmo “à imbecilidade”, ressaltando que haviam sido raros os diplomatas que conciliaram a carreira com atividades intelectuais relevantes para o país – citou mais uma vez o exemplo de Varnhagen, uma forma indireta de elogiar a si mesmo³⁹⁸.

Apenas em dezembro daquele ano de 1907 saiu a decisão sobre o novo posto diplomático de Oliveira Lima. Seria em Bruxelas, na Bélgica, a ser acumulado com a representação em Estocolmo, na Suécia, que estava desativada e precisava ser restabelecida. Finalmente ele recebeu bem uma nomeação – afinal, iria, finalmente, voltar à Europa, embora o destino em si não fosse dos mais relevantes no mapa diplomático. Mesmo assim, Oliveira Lima ficou satisfeito e fez questão de agradecer ao Barão do Rio Branco. Vislumbrava que, diante da inexistência de questões políticas relevantes ligando o Brasil àqueles países, seria a oportunidade para exercer o tipo de diplomacia que mais desejava e defendia, baseada em aspectos culturais, com a possibilidade de percorrer os arquivos históricos europeus³⁹⁹.

Antes de seguir para a Europa, Oliveira Lima deixou o texto de *Dom João VI* pronto para preparação e impressão nas oficinas do *Jornal*

³⁹⁷ “Um memorial de Oliveira Lima”, Mensário do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1977, número 8, p. 28-29, citado por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, vol. I, p. 365.

³⁹⁸ “Furor diplomático”, *O Estado de S. Paulo*, 25/02/1907.

³⁹⁹ Oliveira Lima considerava que “a propaganda intelectual do Brasil” era “o distintivo” da sua atividade diplomática e que sua principal missão era divulgar o Brasil para o mundo e trazer o mundo para o Brasil, através de artigos em jornais, conferências, palestras, livros. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 13-14.

do Comércio. Assumiu em Bruxelas em março de 1908, e logo confirmaria a sensação de que não teria muitas atividades além dos tradicionais relatórios informativos e de eventuais iniciativas para divulgar o Brasil⁴⁰⁰. Sobrava tempo para que continuasse escrevendo para jornais. Logo publicaria n’*O Estado de S. Paulo* as primeiras impressões da Bélgica, incluindo críticas às estradas locais, “péssimas e vergonhosas ao lado sobretudo das magníficas estradas francesas”, novamente sem se preocupar com a possível repercussão negativa no país em que estava servindo como diplomata⁴⁰¹.

Naquele ano de 1908, centenário da chegada da Família Real ao Brasil – marcado também pela morte de Machado de Assis –, Oliveira Lima finalmente lançaria a obra que se tornaria a mais significativa da sua carreira literária: *Dom João VI no Brasil*. Ao reconstituir os últimos dias do período colonial, recriando como pano de fundo os costumes, a sociedade e a economia do Brasil no início do Século XIX, o livro reabilitava a figura do monarca, até então personagem frequente de anedotas que o caracterizavam como tolo, bonachão e guloso. Dom João VI, que chegou ao Brasil para fugir da invasão francesa de Napoleão, foi descrito como um líder popular e querido pelo povo, digno de ser considerado o fundador da nacionalidade brasileira, pois teria sido a partir da sua chegada que nasceu efetivamente o país “intelectual, social e político”⁴⁰².

Em 1908, além do *D. João VI*, Oliveira Lima lançaria dois outros livros, coletâneas de textos que havia escrito para a imprensa. Isso demonstrava que, ao fazer questão de organizar seus trabalhos jornalísticos em livros, ele considerava importante reforçar o degrau que havia entre os escritores e os meros jornalistas: enquanto o livro tinha algo

⁴⁰⁰ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 369-371.

⁴⁰¹ *O Estado de S. Paulo*, 15/05/1908. Depois de Bruxelas, Oliveira Lima passaria ainda algum tempo na capital sueca, experiência que rendeu mais uma série de artigos para *O Estado de S. Paulo*, as “Cartas de Estocolmo”.

⁴⁰² “Dom João VI não foi o que se pode chamar um grande soberano, de quem seja lícito referir brilhantes proezas militares ou golpes audaciosos de administração: não foi um Frederico II da Prússia nem um Pedro I da Rússia. O que fez, o que conseguiu, e não foi afinal pouco, fê-lo e conseguiu-o no entanto pelo exercício combinado de dois predicados que cada um deles denota superioridade: um de caráter, a bondade, o outro de inteligência, o senso prático ou de governo. Foi brando e sagaz, insinuante e precavido, afável e pertinaz.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *D. João VI no Brasil*, p. 577.

de sagrado e eterno, os textos publicados apenas em jornais estavam condenados ao esquecimento.

Panamericanismo, apanhado de artigos publicados nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Diário de Pernambuco* ao longo dos cinco anos anteriores, incluía uma surpreendente dedicatória a Rio Branco, com quem Oliveira Lima parecia buscar uma reaproximação, embora possa ser também lida como provocação a Nabuco⁴⁰³. Em *Coisas Diplomáticas*, composto por artigos publicados no *Correio da Manhã* e conferências também datadas dos cinco anos anteriores, Oliveira Lima pregava a necessidade de uma ampla reforma na diplomacia brasileira, com renovação de quadros e novas diretrizes, menos submissas aos interesses políticos e mais voltada aos temas culturais, econômicos e aos resultados comerciais.

Ele criticava os gastos com jantares e solenidades para promover relacionamentos que, cada vez mais, pareciam soar apenas como bajulação. Por falar em bajulação, a obra foi dedicada ao presidente Afonso Pena, descrito por Oliveira Lima como um político moralmente apto a levar adiante a reforma diplomática nos moldes ali propostos: “Va Exa é um exemplo excelente de que se ganha em ser honesto, pois que não careceu de enganar para subir. A Va Exa devia pois estar destinada e ficar entregue a execução desta reforma diplomática”⁴⁰⁴.

Em outubro de 1909, em sintonia com os esforços de aproximação com os países vizinhos, foi lançada a *Revista Americana*, idealizada por Rio Branco e editada por Araújo Jorge, seu braço direito. No manifesto de lançamento, a publicação prometia trabalhar “pela aproximação política, pelo conagraçamento intelectual, pelo engrandecimento moral das nações americanas”, com o objetivo de difundir entre elas “uma noção mais exata do valor de suas fortes qualidades originárias e nativas”⁴⁰⁵.

⁴⁰³ “Ao sr. Barão do Rio Branco, que no seu discurso de abertura da Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro indicou a esta reunião continental a verdadeira orientação que lhe cumpria seguir, e serenamente obsteu à enfeudação do Brasil, país com aspirações e tradições próprias, ao sistema norte-americano; a um tempo prestando à Europa o tributo filial que lhe devem os herdeiros e continuadores da sua cultura, e reafirmando para com os Estados Unidos a estima cordial que ao Brasil merecem todas as outras nações do Novo Mundo, com as quais se sente em comunhão de interesses positivos e de ambições morais.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pan-americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt)*, p. 17.

⁴⁰⁴ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Coisas Diplomáticas*, p. 7.

⁴⁰⁵ “A *Revista Americana*”. *Revista Americana*, Ano I, n. I, out/1909, p. 6-7.

O veículo, criado para divulgar textos de brasileiros e outros sul-americanos com inserção na vida diplomática do continente, marcava um novo posicionamento do Itamaraty: uma vez resolvidas as questões de fronteira, chegava a hora de priorizar a dimensão cultural, como Oliveira Lima vinha defendendo. A *Revista Americana* pode ser considerada, assim, um marco iniciático da Diplomacia Cultural brasileira⁴⁰⁶.

Oliveira Lima se tornou colaborador ao longo de toda a trajetória da *Revista Americana*, entre 1909 e 1919, com vários artigos e reproduções de conferências e discursos⁴⁰⁷. Além disso, ele próprio foi tema de alguns textos no primeiro ano da publicação. O quarto número, publicado em janeiro de 1910, trouxe uma resenha não assinada de *Dom João VI no Brasil*, em que o caráter de “diplomata cultural” de Oliveira Lima foi ressaltado e valorizado – apesar da observação de que outros nomes, como Joaquim Nabuco, ocupavam lugar superior na constelação do Itamaraty⁴⁰⁸. Em outro texto publicado naquele mesmo ano sobre *D.*

⁴⁰⁶ “A Diplomacia Cultural de maneira bastante objetiva pode ser pensada como um instrumento, uma estratégia de difusão de aspectos culturais de uma nação no exterior associada à divulgação interna de culturas estrangeiras.” CASTRO, Fernando Vale. “Um projeto de diplomacia cultural para a República: a *Revista Americana* e a construção de uma nova visão continental”, p. 309.

⁴⁰⁷ “O movimento de Independência no Brasil” (ano I, n. 1, out/1909, p. 47-53), “Do reconhecimento à abdicação – Uma página de história diplomática” (ano I, n. 7, abr/1910, p. 5-15) , “América Latina e América Inglesa ou A evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana” (conteúdo de uma das conferências feitas por Oliveira Lima em universidades dos Estados Unidos no ano anterior) (ano IV, n. 4, out/1913, p. 1-21), “Notas à *História da Revolução de 1817* de monsenhor Muniz Tavares” (ano VI, n. 5, fev/1917, p. 113-126), “Primeiro centenário da Revolução de 1817 na Paraíba” (reprodução de conferência realizada por ele naquele estado) (ano VI, n. 8, mai/1917, p. 48-60), “O professorado do Dr Oliveira Lima na Universidade de Harvard” (palestra realizada na cerimônia de posse do novo Centro Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife) (ano VI, n. 9, jun/1917, p. 150-154), “O centenário de 1817” (discurso feito, como presidente da Comissão Executiva das festas, na sessão solene de celebração ao centenário da Revolução de 1817, realizada no Teatro Santa Isabel, no Recife) (ano VII, n. 5, fev/1918, p. 177-189), “Conferência feita pelo dr Oliveira Lima na Associação Cristã de Moços, na noite de 10 de março de 1917” (ano VII, n. 5, fev/1918, p. 208-220), “O destino da Turquia” (ano VII, n. 8, mai/1918, p. 112-116).

⁴⁰⁸ “[...] diplomatas há que reabilitam o nome profissional, com o fazê-lo produtivo e trabalho. Ninguém mais do que o sr Oliveira Lima pôs ao vivo esse lado molesto do ofício; e ninguém o podia ter descrito melhor do que ele, que,

João VI, Leão Velloso Neto colocou em evidência, ainda que com elegância e discrição, o desconforto no meio diplomático com os múltiplos papéis exercidos por Oliveira Lima em paralelo à carreira no Itamaraty:

O sr Oliveira Lima pode ser encarado, sobretudo, debaixo de dois aspectos: o historiador e o jornalista. Sempre contamos, e ainda hoje se encontram, no nosso corpo diplomático, velhos jornalistas passados da imprensa para a diplomacia. Geralmente, porém, as pessoas nesse caso abandonam de todo a crônica pelos ofícios. O sr Oliveira Lima, pelo contrário, se não se fez jornalista depois de diplomata, vai acumulando, em todo o caso, a esta hora, uma e outra coisa, sem prejuízo visível para qualquer das duas funções⁴⁰⁹.

Nas eleições presidenciais de 1910, Oliveira Lima apoiou abertamente a candidatura de Rui Barbosa, com a expectativa de ser escolhido Ministro das Relações Exteriores. O vencedor seria, contudo, o Marechal Hermes da Fonseca, o candidato da continuidade. Atacado por estar abertamente na oposição sendo funcionário do governo, Oliveira Lima foi galhardamente defendido por um jornalista de apenas 17 anos nascido na Paraíba e radicado em Pernambuco, A. Bandeira de Melo, que assinou a série “Em defesa do sr Oliveira Lima” no *Jornal do Recife* – ou melhor, foi uma tentativa de série, pois não passou do segundo texto. Tratava-se de ninguém menos que o futuro Assis Chateaubriand, que se tornaria o maior magnata da imprensa brasileira.

Defender Oliveira Lima e enfrentar o hermesismo naquelas circunstâncias significava colocar-se contra os interesses do dono do jornal em que trabalhava, o que resultou em demissão, como descreveu

entre nossos representantes no estrangeiro, ocupa talvez a primeira plana em tenacidade investigativa e altos dotes de trabalho. Outros possuímos mais brilhantes e de envergadura mental mais faceira, e nesse número temos nomeado o sr Joaquim Nabuco, por exemplo. Mas nenhum leva vantagem ao nosso ministro em Bruxelas no amor do estudo e produção de boas letras.” “Bibliografia – *Dom João VI no Brasil*”. *Revista Americana*, ano I, n. 4, jan/1910, p. 151.

⁴⁰⁹ “Dom João VI e o seu último historiador.” *Revista Americana*, ano I, n. 8, mai/1910, p. 271.

Fernando Moraes em *Chatô*⁴¹⁰. O jovem e arrojado jornalista tentou publicar a sequência da série em outros jornais da cidade, mas não encontrou veículo que acolhesse a ideia. Decidiu, então, juntar as economias, pedir alguns empréstimos e produzir por conta própria um opúsculo com os nove artigos da série, sete dos quais inéditos.

Sobre o antiamericanismo de Oliveira Lima, questão central dos ataques que o diplomata vinha recebendo, o jovem jornalista afirmou que o Brasil, fruto da miscigenação, deveria mesmo ver com cautela a aproximação com os Estados Unidos, por conta do ódio notório que os norte-americanos demonstravam ter em relação aos negros. Graças à publicação da série, o autor conseguiu emprego no *Diário de Pernambuco*, jornal também hermista, mas que tinha Oliveira Lima entre seus colaboradores e reconheceu a vocação e o talento do jovem que o defendeu⁴¹¹.

Em 1911, como demonstração de prestígio internacional, Oliveira Lima foi convidado a realizar uma série de 12 conferências sobre História do Brasil, inauguração da cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Sorbonne, na França, uma das mais célebres instituições europeias de ensino. Considerava que atividades desse tipo davam peso ao corpo diplomático brasileiro e deveriam ser consideradas parte do trabalho, ainda que o chefe não pensasse da mesma forma.

Apesar dos embaraços e constrangimentos que o apoio a Rui Barbosa lhe causou, Oliveira Lima estava decidido a defender o seu direito de manifestação como algo superior a tudo⁴¹². Por conta dessa visão, ele tinha cada vez menos pudores em discordar publicamente das decisões do Itamaraty.

Quando Domicio da Gama foi escolhido pelo Barão do Rio Branco para substituir em Washington a Joaquim Nabuco, morto no início de

⁴¹⁰ “[...] advertido por amigos, o ‘coronel’ Faria, dono do jornal, logo decidiu: não haveria um terceiro artigo nem o autor continuaria trabalhando no jornal. Indignado, acabou pessoalmente com o atrevimento. O jornal era hermista, o dono era hermista.” MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*, p. 62.

⁴¹¹ MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*, p. 50-51.

⁴¹² “Costumo escrever desassombradamente sobre assuntos de política nacional e internacional abstraindo quando possível de personalidades, porque a qualidade de diplomata não deve apagar o discernimento nem reduzir o cidadão a um eunuco de inteligência, quando a possui.” “O artigo da *Deutsche Revue* e o ataque anônimo da *A Imprensa*”. *O Estado de S. Paulo*, 17/09/1910.

1910, aos 60 anos, Oliveira Lima fez críticas duras à nomeação⁴¹³. Contrariando o próprio argumento de que a diplomacia brasileira precisava de renovação, ele se apegou ao fato de que Domício era um dos mais novos na carreira. Classificou o novo embaixador brasileiro nos Estados Unidos como “um belo fruto de estufa [...] que se desenvolveu no gabinete do Ministro das Relações Exteriores”, acrescentando que “os frutos de estufa, conquanto de um sabor menos pronunciado, têm sempre uma aparência muito mais vistosa”⁴¹⁴.

Àquela altura, a oposição de Oliveira Lima ao chefe das Relações Exteriores e ao próprio governo ao qual deveria servir havia se tornado aberta e desenfreada. Isso ficaria evidente no último ano da vida do Barão do Rio Branco, quando o Ministro enfrentou uma polêmica pública com um veterano do corpo diplomático, Gabriel de Toledo Piza e Almeida – que, inclusive, havia sido chefe do Barão nas primeiras negociações sobre a fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

Piza, um rico fazendeiro do interior paulista que ingressara na diplomacia com a proclamação da República, estava havia 20 anos na representação brasileira em Paris quando Hermes da Fonseca visitou a capital francesa como presidente eleito. Por alguma razão, Fonseca não gostou do que viu, pois determinou a remoção de Piza – que, por conta de alguma rusga, atribuiu a decisão não ao presidente eleito, mas ao ministro das Relações Exteriores.

Entre junho e julho de 1911, o diplomata removido enviou uma série de telegramas ofensivos ao Barão⁴¹⁵, alertando que tornaria públicas as acusações para expor a “miserável situação” do Ministro das Relações Exteriores. E assim o fez, com a publicação dos telegramas pelo *Diário de Notícias* na edição de 1º de agosto. O escândalo ganhou direção oposta à imaginada por Piza, contudo: quase todas as opiniões foram de apoio à decisão de removê-lo de Paris após duas décadas de atuação apagada. Um

⁴¹³ “O que acaba de passar-se com relação à escolha do novo embaixador do Brasil em Washington, veio a talho de foice para confirmar o que por várias vezes tenho tido ensejo de escrever nesta folha, a saber, que aos nossos diplomatas – *quorum pars mínima sum* – falece capacidade”. “Diplomacia econômica”, *O Estado de S. Paulo*, 14/11/1911.

⁴¹⁴ “Diplomacia econômica”, *O Estado de S. Paulo*, 14/11/1911.

⁴¹⁵ “Sua profunda ignorância de síntese histórica, filosófica e moral o inabilita para dirigir a política em qualquer parte, sobretudo numa grande e nobre nação como o Brasil”, afirmou em um dos telegramas, citado por SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 465.

dos poucos que se colocaram ao lado dele foi justamente Oliveira Lima, que não perdeu a oportunidade para demonstrar toda sua mágoa com o Barão, trazendo maldosamente a questão para a vida pessoal. Ao defender Piza, ele

enalteceu também o caráter distinto da mulher do ministro em Paris e a importância das esposas na atuação dos diplomatas. Aproveitou o mote para atacar Paranhos de maneira vil: “Se alguns a não contaram [com uma esposa distinta], não é razão para que procurem diminuir-lhe a importância e o prestígio”⁴¹⁶.

Era uma referência deselegante e preconceituosa à esposa do Barão, Marie, morta 13 anos antes, belga que o Ministro conhecera como dançarina em um cabaré no Rio de Janeiro e com quem teve cinco filhos. Seis meses depois, Rio Branco sofreu um ataque cardíaco enquanto jantava, em 5 de fevereiro de 1912, vindo a morrer cinco dias depois, aos 66 anos⁴¹⁷.

O escolhido para sucedê-lo foi o catarinense Lauro Müller, que fazia parte das relações de Oliveira Lima – havia, inclusive, comparecido às suas conferências na Sorbonne. Havia chegado, enfim, o momento em que o pernambucano poderia voltar a ter boas oportunidades na carreira diplomática. Mesmo assim, cansado fisicamente pelo desafio de carregar quase 150 quilos⁴¹⁸ e psicologicamente por tantas desavenças, Oliveira Lima decidiu requerer aposentadoria, direito reservado aos diplomatas após 20 anos de carreira. Ele já somava 22 anos e chegaria ao tempo necessário mesmo se fossem descontados os períodos de licença. Para reforçar o pedido, evocou motivos médicos, apresentando exames que

⁴¹⁶ SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 466.

⁴¹⁷ A notícia causou comoção no Rio de Janeiro. “As diversões públicas foram canceladas e o comércio fechou suas portas. Na manhã daquele sábado, uma multidão se reuniu na porta do Palácio Itamaraty. O corpo foi velado nos salões do próprio palácio e visitado por autoridades e pela população em geral.” SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*, p. 472.

⁴¹⁸ Numa carta ao amigo Souza Leão ele mencionou ter chegado a 146 quilos. Carta de Oliveira Lima a Joaquim de Souza Leão, 02/11/1922, citada por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. II, p. 167.

apontavam a obesidade e a litíase renal como motivos de aposentadoria por invalidez⁴¹⁹.

Enquanto aguardava o trâmite burocrático até se sentir totalmente livre das responsabilidades como diplomata, Oliveira Lima passou a investir com mais ênfase na atividade de conferencista. Entrou em contato com um antigo conhecido, John Branner, que havia se tornado vice-presidente da Stanford University, nos Estados Unidos⁴²⁰. Apresentou a ideia de uma série de conferências sobre a história comparada das Américas – proposta que foi acolhida por Branner e ganharia corpo com o título “Evolução Histórica da América Inglesa comparada com a da América Latina”.

As seis aulas que compuseram o curso foram frequentadas, em média, por 35 alunos. Com o apoio fundamental de Branner, que pediu a colegas acadêmicos que hospedassem o casal brasileiro ao longo da viagem, Oliveira Lima aproveitou a passagem pelos Estados Unidos para realizar uma série de palestras nos mais prestigiados centros universitários dos Estados Unidos, como Berkeley, Columbia, Yale e Harvard. Foi durante essa turnê que ele voltou a estabelecer contato com a Catholic University of America, à qual viria a doar sua coleção de livros.

Em novembro de 1912, o casal embarcou de volta ao Brasil. Oliveira Lima estava satisfeito por saber que o reconhecimento como intelectual nos Estados Unidos havia sido fartamente noticiado em seu país. A gratidão a Branner seria demonstrada na apresentação do opúsculo com a transcrição de suas conferências em Stanford⁴²¹.

⁴¹⁹ “O meu estado de saúde não me permitindo infelizmente mais dedicar ao serviço público a atividade e o zelo que exigiria o meu patriotismo, venho respeitosamente requerer do Governo o favor da minha aposentadoria nos termos da lei vigente.” Carta de Oliveira Lima a Lauro Müller, 10/07/1912, Pasta de Ofício da Legação em Bruxelas, Arquivo Histórico Ministério das Relações Exteriores, citado por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. I, p. 444-445.

⁴²⁰ Oliveira Lima se aproximara de Branner muitos anos antes, por conta das pesquisas que o então pesquisador de geologia da Universidade de Stanford fez no Recife, em junho de 1899, como líder de uma equipe que estudaria as formações que inspiraram o nome da cidade, conforme mencionado por Alfredo de Carvalho. Carta de Alfredo de Carvalho a Oliveira Lima, 14/06/1899, acervo Oliveira Lima Library.

⁴²¹ “Nos Estados Unidos o professor John C. Branner tem desinteressadamente e generosamente feito do Brasil a propaganda mais tenaz, mais civilizada e mais eficiente.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *América Latina e América Inglesa* –

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Oliveira Lima foi recebido no cais Pharoux por repórteres de praticamente todos os jornais do Rio de Janeiro, concedendo mais entrevistas posteriormente no Hotel dos Estrangeiros, onde se hospedara. Além do relato de suas experiências nos *campi* mais importantes dos Estados Unidos, a imprensa estava interessada em repercutir a especulação de que, ao pedir a aposentadoria ainda aos 45 anos, Oliveira Lima colocaria em prática o plano de entrar para a política.

Perguntado a respeito, ele não negou a possibilidade. Em uma das entrevistas, à *Gazeta de Notícias*, fez elogios à monarquia, dizendo-se decepcionado com certos rumos que a República havia tomado. Foi o suficiente para que a manchete estampasse: “Dr. Oliveira Lima – O notável diplomata, chegado ontem da Norte América, declara-se monarquista”⁴²². Multiplicaram-se os boatos de que Oliveira Lima assumiria o comando do Partido Monarquista e se tornaria o grande articulador da campanha para restaurar o poder da família real. Uma tentativa de desmentido numa nova entrevista ao mesmo jornal, publicada três dias depois, não teve o efeito desejado – ao contrário, apenas lançou ainda mais combustível sobre a fogueira:

O que afirmei, e repito, é que a forma de governo monárquico é superior à republicana, porque acaba com as agitações, tão reprováveis, ainda que explicáveis, das eternas, constantes e seguidas sucessões presidenciais. Mas não vim ao Brasil, absolutamente, bater-me pela restauração da monarquia, nem declarar-me monárquico, principalmente agora, que ainda sou funcionário público. Examino esta questão exclusivamente sob o ponto de vista teórico⁴²³.

De fato, arrefecera o entusiasmo com que Oliveira Lima recebeu e defendeu nos primeiros anos o regime republicano – entusiasmo que,

A evolução brasileira comparada com a hispano-americana e a anglo-americana, p. 1.

⁴²² *Gazeta de Notícias*, 10/12/1912.

⁴²³ *Gazeta de Notícias*, 13/12/1912. No ano seguinte, ele continuava tentando se explicar: “[...] o jornalista emprestou sua própria linguagem aos meus princípios de franca tolerância política com relação a formas de governo, não depreciando o sistema republicano, mas não julgando o monárquico incompatível com a prática de todas as liberdades”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *O meu caso*, p. 6.

mais tarde, viria a ser classificado por ele como “urticária de sangue novo”⁴²⁴. O fato incontestável, contudo, era que a “urticária” havia lhe sido extremamente benéfica e conveniente para abrir portas.

Ao longo dos anos em que mergulhou nas pesquisas para o *D. João VI*, ele se mostrou progressivamente nostálgico em relação ao regime monarquista⁴²⁵. Permaneciam vívidas em sua memória as cenas que presenciara na juventude ao acompanhar, como colaborador do *Jornal do Recife*, o desembarque da Família Imperial, que chegava a Lisboa banida do Brasil depois da Proclamação da República, conforme relembriaria muito tempo depois:

Uma das páginas melancólicas de minha vida é ainda a da chegada em Lisboa, numa brilhante manhã de dezembro, do vapor Alagoas que transportava a família imperial deposta. Pela primeira vez falei com D. Pedro II e com dona Tereza Cristina, que duas semanas depois expirava num hotel do Porto, com o coração despedaçado pela amargura. Impressionou-me profundamente sua doce resignação, sem uma queixa, sem uma recriminação. Em D. Pedro II admirei aquela majestade do porto, de semblante, de modos e palavras [...]. Creio que desde esse dia fiquei curado de sarampo republicano [...]⁴²⁶.

⁴²⁴ “Não julgo que seja sinal de decadência senil a minha decidida preferência pelo sistema monárquico. O meu republicanismo foi uma urticária de sangue novo.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 16.

⁴²⁵ “Dom João VI, personagem, talvez tenha sido o principal responsável pela conversão de um Oliveira Lima, na mocidade, republicano, a uma atitude tal de simpatia pela forma monárquica de governo que chegou a ser, na idade madura, monarquista nas ideias; e a admitir como solução salutar para as crises de mau governo atravessadas pelo Brasil-República, a restauração da monarquia.” FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 122.

⁴²⁶ “Dom Pedro II”, artigo escrito para *La Prensa*, de Buenos Aires, e transcrito pelo *Diário de Pernambuco* em 02/12/1925, citado por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, vol. I, p. 97. Se ficou curado aí do “sarampo republicano”, Oliveira Lima não demonstrou durante os anos em que desfrutaria das benesses obtidas por conta da adesão ao novo regime. Nesse mesmo ano da publicação do artigo, 1925, em que se completava o centenário de nascimento de Dom Pedro II, ele publicou outro perfil elogioso do monarca, para a *Revista do*

As opiniões de Oliveira Lima, um membro do corpo diplomático republicano, ganhavam relevância porque pairava no ar o fantasma da restauração, especialmente por conta de um movimento com esse objetivo liderado por um herdeiro da família real, D. Luiz de Orleans e Bragança⁴²⁷. Oliveira Lima já havia publicado n’*O Estado de S. Paulo* um perfil bastante simpático de D. Luiz⁴²⁸, que conhecera quando estava trabalhando como diplomata na Bélgica. Foi juntando todas essas evidências que a imprensa passou a imaginar que o pedido de aposentadoria parecia feito sob medida para que ele pudesse ter liberdade para militar politicamente.

As conferências que Oliveira Lima havia feito na Sorbonne em 1911, ano anterior ao da turnê pelas universidades norte-americanas, já haviam evidenciado a simpatia crescente que Oliveira Lima vinha sentindo pela Monarquia. Até mesmo quando falou da imprensa, ele credenciou ao período imperial um grau de liberdade que, avaliava, não permanecera nos anos iniciais da era republicana⁴²⁹.

De fato, os primeiros anos da República foram marcados pela repressão à livre atividade jornalística. Um decreto nesse sentido foi assinado por Deodoro da Fonseca e outros ministros republicanos – incluindo Quintino Bocaiúva e Aristides Lobo, até então jornalistas por

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assim iniciado: “D. Pedro II foi frequentemente alvo da galhofa nacional: não direi que foi uma vítima porque era infinitamente superior a ela, que o não podia atingir. Havia tanta distinção na sua figura, tanta dignidade no seu porte, tanta elevação no seu espírito, que a sua personalidade em caso algum poderia ser ridícula. [...] A troça insistia sobretudo na sua qualidade de sábio, como se prejudicasse um governante”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. “O imperador e os sábios”, p. 145.

⁴²⁷ “Desde 1907, D. Luiz, segundo filho da Princesa Isabel, passara a atuar no sentido de arrebanhar simpatizantes e tentar estabelecer uma ação conjunta com o Diretório Monarquista do Rio de Janeiro, pois ascendera ao primeiro lugar na linha sucessória em decorrência da renúncia a esta posição pelo irmão.” MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 228.

⁴²⁸ “Um príncipe brasileiro no pavilhão do Brasil em Bruxelas”. *O Estado de S. Paulo*, 09/09/1910.

⁴²⁹ “O Império foi, não obstante, por sua atmosfera de liberdade, a idade de ouro do jornalismo brasileiro. Desde Justiniano José da Rocha até Quintino Bocaiúva, o estilo excedeu a paixão, e o país conheceu uma série de mestres no gênero.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, p. 211.

profissão – pouco mais de um mês depois da ascensão do novo regime. O decreto previa julgamento por uma comissão nomeada pelo Ministro da Guerra, com possibilidade de imposição de penas militares de sedição, a “indivíduos que conspirarem contra a República e o seu Governo: que aconselharem ou promoverem, por palavras, escritos ou atos, a revolta civil ou a indisciplina militar”⁴³⁰. Houve também uma série de casos, em várias partes do país, de prisões de jornalistas, recolhimento de jornais e destruição de tipografias⁴³¹.

Lauro Müller, o novo Ministro das Relações Exteriores, planejava demover Oliveira Lima da decisão de se aposentar ao nomeá-lo para a embaixada em Londres. Mas a repercussão da ideia na imprensa e no Senado foi negativa – principalmente por conta das opiniões simpáticas à Monarquia que Oliveira Lima vinha expressando. Numa sessão realizada no dia 4 de julho de 1913, o presidente do Senado, o gaúcho Pinheiro Machado, aliado de Hermes da Fonseca que ganhou muito poder naquele período, deixou tudo encaminhado para que a indicação fosse barrada caso chegasse à votação, o que nem aconteceu⁴³².

A solução foi levar adiante o processo de aposentadoria de Oliveira Lima. Um novo exame médico, desta vez realizado por uma junta,

⁴³⁰ Decreto n. 85, de 23/12/1889, “Decretos e Resoluções do Governo Provisório”, Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1890, p. 316-317, citado por ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”, in MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*, p. 85.

⁴³¹ “Ficaram conhecidas as prisões de Saturnino Cardoso, redator da *Democracia*; Pedro Tavares, redator da *República*, de Campos, no Rio de Janeiro; Carlos von Koseritz, redator da *Reforma*, de Porto Alegre, falecendo na prisão no dia em que deveria ser transferido para o Rio de Janeiro; David Job e Ernesto Gerngross, redatores do *Mercantil*, do Rio Grande do Sul; Hasslocher, redator da *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, que teve seu periódico suprimido, assim como o foi também *O Globo*, do Maranhão. E mais: *O Tribuna* e *A Lanceta*, de Pernambuco, tiveram as edições confiscadas; a *Orbe*, de Maceió e *O Século*, tipografias destruídas; o *Diário do Comércio* e *Correio do Povo*, do Rio de Janeiro, redatores advertidos.” ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”, in MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*, p. 85-86.

⁴³² FORSTER, Maria Theresa Diniz. *Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira*, p. 50.

confirmou a gravidade da litíase renal mencionada no pedido⁴³³. Resolvidas as burocracias, ele e Flora partiram para as despedidas em Pernambuco e seguiram no início de 1914 para Londres, a cidade em que decidiram viver, ainda que sem o sonhado cargo de embaixador – mas com a possibilidade de Oliveira Lima ampliar a renda com trabalhos como pesquisador para o governo, conforme alinhara com Lauro Müller. Ele estava decidido a se dedicar inteiramente à atividade intelectual. Questionado numa das entrevistas que concedeu ainda no Brasil sobre os planos para o futuro, o diplomata-historiador mencionou “o desejo de descansar, depois das grandes lutas que tenho tido”, e

a necessidade em que me encontro de reunir meus livros, cerca de 16.000 volumes, mais de 8.000 dos quais sobre o Brasil, e que se encontram espalhados em Lisboa, Paris, Londres e na Bélgica. Preciso ainda continuar diversos trabalhos já começados, entre os quais a parte referente ao Brasil da grande *História da América Latina*, obra em quinze volumes, que vai ser editada em Paris⁴³⁴.

3.3 – Distante e amargurado

O casal chegava à Europa justamente no ano em que estouraria a Primeira Guerra Mundial. Oliveira Lima passou a abordar questões políticas ligadas ao conflito em seus artigos para *O Estado de S. Paulo*, utilizando como fontes os jornais ingleses e os contatos de ex-diplomata. Sua postura em prol da neutralidade brasileira, que Oliveira Lima considerava apenas a de um “pacifista”, foi muitas vezes interpretada como de alinhamento à Alemanha, onde vivera entre 1892 e 1896. Era uma posição vista por muitos como indefensável em meio a um grande movimento pela entrada do Brasil na guerra, o que levou antigos

⁴³³ Oliveira Lima “foi examinado a uma hora da tarde por uma comissão médica composta dos drs. Luna Freire, Costa Lima e Vieira Romero, a qual o julgou inválido para o serviço público, por sofrer de uma litíase renal”. *O Estado de S. Paulo*, 27/08/1913.

⁴³⁴ “Uma rápida palestra com o dr Oliveira Lima, ontem chegado pelo *Vassari*.” *Correio da Manhã*, 10/12/1912.

companheiros, como Rui Barbosa e José Veríssimo, a se afastarem de Oliveira Lima⁴³⁵.

Em setembro de 1915, com a guerra em andamento, Oliveira Lima e Flora foram aos Estados Unidos para que ele fizesse conferências em Harvard e inaugurasse a cadeira de estudos brasileiros da renomada instituição de ensino. De lá, o casal seguiu para Pernambuco, com o objetivo de visitar familiares e resolver questões ligadas ao patrimônio da família de Flora.

Quando estava no Brasil, Oliveira Lima foi informado por alguns de seus contatos em Londres de que teria dificuldades para entrar novamente na Inglaterra, pois passara a ser considerado *persona non grata* por conta das críticas que vinha fazendo ao país e das suspeitas de alinhamento com a Alemanha⁴³⁶. Oliveira Lima pediu a intervenção oficial diplomática de Lauro Müller, que preferiu não se envolver na questão.

O episódio levaria Oliveira Lima a romper de forma dura com Medeiros e Albuquerque, seu amigo pernambucano de longa data, a quem considerava traidor. Medeiros tivera papel importante na campanha contra Oliveira Lima na Inglaterra – como ele próprio admitiria, com certo orgulho, em seu livro de memórias:

Oliveira Lima pretendeu voltar a Londres. Era aí que desejava estabelecer-se. Obteve de Lauro Müller uma comissão para estudar documentos sobre a história do Brasil em Lisboa e Londres.

⁴³⁵ Uma descrição detalhada do posicionamento de Oliveira Lima em relação à guerra e como isso o levou a desentendimentos e rompimentos está em “Um cavaleiro do pacifismo perdido no réuino de Marte: Primeira Guerra Mundial”, capítulo de abertura do segundo volume de GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. II, p. 11-81. Sobre a posição de Veríssimo, Oliveira Lima escreveria em suas *Memórias*: “[...] sentia as dores francesas como se fossem as próprias e estranhou tanto o meu espírito de neutralidade que acabou por mostrar-me de longe certa frieza, à qual eu nunca correspondi senão com afeto, porque lastimando embora sua atitude, estava seguro da inteireza do seu caráter na sua usual benevolência como nessa ocasional malevolência.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 111-112.

⁴³⁶ FORSTER, Maria Theresa Diniz. *Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira*, p. 51-52.

Havia nisso um meio sub-reptício de ir à Inglaterra, a coberto de uma comissão do Governo Brasileiro. Eu fiz, porém, que *A Noite* perguntasse se o nosso governo tinha a certeza de que Oliveira Lima poderia entrar na Inglaterra. Tomei a nota d'*A Noite*, tomei a conferência que fizera em Paris e mandei tudo, com cartão meu, ao Embaixador da Inglaterra. O efeito não se fez esperar. Dois dias depois, Lauro Müller recebia comunicado de que Oliveira Lima não podia entrar na Inglaterra⁴³⁷.

Ao afirmar que Oliveira Lima causava inveja por conta de “seu prestígio internacional e sua claqué bem organizada”, que considerava parte das razões que o faziam colecionar desafetos, Machado Neto exemplificou com a reprodução de um soneto-caricatural escrito por Emílio de Menezes, notório na imprensa por descrever personalidades com versos agressivos e preconceituosos (e que, para desgosto de Oliveira Lima, seria escolhido substituto justamente do seu grande amigo Salvador de Mendonça na Academia Brasileira de Letras)⁴³⁸:

De carne mole e pele bambalhona
 Ante a própria figura se extasia
 Como Oliveira – ele não dá azeitona
 Sendo Lima – parece melancia.//
 Atravancando a porta que ambiciona
 Não deixa entrar, nem entra. É uma mania!
 Dão-lhe por isso a alcunha brincalhona
 De para-vento da diplomacia.//
 Não existe exemplar na atualidade
 De corpo tal e de ambição tamanha,
 Nem para intriga igual habilidade.//
 Eis, em resumo, essa figura estranha
 Tem mil léguas quadradas de vaidade
 Por milímetro cúbico de banha.⁴³⁹

⁴³⁷ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Quando eu era vivo*, p. 250-251.

⁴³⁸ Contrariedade que Oliveira Lima manifestou numa carta ao colega acadêmico Afrânio Peixoto. Carta de Oliveira Lima a Afrânio Peixoto, 29/09/1914, documento OL C/CA 038, acervo Academia Brasileira de Letras.

⁴³⁹ Citado em MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*, p. 143-144. O autor não menciona a data da publicação do soneto.

Ao afastar-se cada vez mais dos companheiros de geração, Oliveira Lima abriu caminho para a aproximação de jovens estudantes que passaram a visitá-lo com frequência ao longo dos três anos de permanência no sítio de Parnamirim, onde ele e Flora aguardavam o desfecho do conflito mundial. Entre esses jovens estavam Barbosa Lima Sobrinho⁴⁴⁰, Assis Chateaubriand – que o defendera com tanto ímpeto alguns anos antes – e especialmente Gilberto Freyre⁴⁴¹.

Oliveira Lima rompeu também com a Academia Brasileira de Letras, ao final de um longo processo de afastamento gradual. Dizia-se incomodado por ver a instituição beneficiando-se da proximidade com o poder. Em 1905, por intervenção de Lúcio de Mendonça, ministro do

⁴⁴⁰ No final de 1918, Lima Sobrinho publicaria na *Revista Americana* um perfil de Oliveira Lima, em que fez uma síntese da trajetória do diplomata: “[...] por amor à verdade, nunca pensou nas consequências de suas afirmativas e com honesta indiferença sacrificou a sua carreira diplomática. [...] Entre os sécios do Itamaraty ele sempre pareceu um prodígio de inconveniência. Pode-se, pois, dizer que na carreira escolhida pelo sr Oliveira Lima o seu amor à verdade teve alguma coisa de heroico.” LIMA SOBRINHO, Barbosa. “Um historiador moderno. Oliveira Lima”, p. 102.

⁴⁴¹ Nascia ali a amizade que se prolongaria pelo resto da vida de Oliveira Lima, apesar da diferença de 33 anos. Freyre havia visto Oliveira Lima pela primeira vez aos 13 anos, ao acompanhar o pai na cerimônia em que o diplomata-historiador se tornou sócio benemérito do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. Quatro anos depois, foi a Parnamirim como integrante da comissão que convidou Oliveira Lima para ser o paraninfo de sua turma no Colégio Americano. O vínculo se estreitaria em 1918, quando Freyre chegou aos Estados Unidos, aos 18 anos, para estudar na Universidade de Baylor, no Texas, e fazer cursos isolados na Universidade de Columbia, em Nova York. Nesse período frequentaria a casa de Oliveira Lima e Flora em Washington, estabelecendo uma relação que Freyre classificou como semelhante à de um sobrinho com seus tios. LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre – Uma biografia cultural*, p. 55-123. Assim narrou o próprio Freyre: “Mais de uma vez, enjoado da dieta americana das cafeterias da Universidade ou dos pratos europeus dos restaurantes franceses, alemães e italianos de New York, larguei-me para Washington, para a casa de Oliveira Lima e de Dona Flora, em cuja mesa nunca faltava um prato à brasileira ou um doce pernambucano, embora a cozinha pequena e limpa estivesse longe de recordar a da Alcobaca ou mesmo a da Cachoeirinha”. FREYRE, Gilberto, prefácio de OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. VI.

Supremo Tribunal Federal, e de Mário de Alencar, secretário do Ministro da Justiça, a Academia havia conquistado a tão desejada sede própria, ainda que provisória – tratava-se de parte de um edifício público na Lapa⁴⁴².

Nos primeiros anos da Academia, mesmo fisicamente distante na maior parte do tempo, Oliveira Lima permanecera muito ligado às atividades. Teve participação ativa nos processos eleitorais, ajudando a eleger três outros pernambucanos: Martins Júnior, Arthur Orlando e Sousa Bandeira. Apoiou, ainda, o amigo Alfredo de Carvalho, que, diante da iminência da derrota, decidiu retirar sua candidatura para o lugar de Joaquim Nabuco, em 1910⁴⁴³. A escolha recaiu sobre o general Dantas Barreto, governador de Pernambuco e veterano da Guerra de Canudos, por conta de fatores estritamente políticos, sobretudo a promessa feita pelo candidato de conseguir o Palácio Monroe como sede da Academia, o que não se confirmou⁴⁴⁴. Nesse mesmo ano, a criação do fardão, vestimenta rococó que simbolizava o elitismo da Academia, evidenciava o quanto a pompa e a politicagem estavam corroendo a instituição.

Em busca de notoriedade e representatividade, a Academia foi se abrindo a nomes que até podiam ser relevantes em outras áreas, mas não tinham familiaridade com a literatura. Oliveira Lima se viu numa situação delicada na votação para substituir o Barão do Rio Branco, em 1912. Lauro Müller, sucessor de Rio Branco no Ministério das Relações Exteriores – e, portanto, seu novo chefe –, tornou-se também candidato ao lugar de Rio Branco na Academia, embora não tivesse produção literária alguma.

Veríssimo manifestou-se contra a candidatura de alguém sem méritos como escritor e reclamou da influência do Itamaraty na instituição, situação que culminou com a renúncia do antigo diretor da *Revista Brasileira* ao cargo de secretário da Academia. Não demoraria para ele pedir afastamento definitivo, indignado com a criação de jetons para que os acadêmicos participassem das sessões. Tudo isso contrariava,

⁴⁴² Onde a instituição permaneceria até 1923.

⁴⁴³ MALATIAN, Teresa. “Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima”, p. 387-388.

⁴⁴⁴ “Não me pesa na consciência ter contribuído para dar a Nabuco semelhante panegirista: votei em Alfredo de Carvalho, apesar deste ter tido a fraqueza de retirar a sua candidatura diante da do soldado de Canudos.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 227.

na visão dele, a essência da instituição que ajudara tão decisivamente a fundar⁴⁴⁵.

Oliveira Lima talvez até quisesse apoiar Veríssimo e colocar-se contra a eleição de Müller, mas exatamente naquele momento havia um grande interesse pessoal em jogo: ele estava pleiteando a aposentadoria por motivos médicos e temia alguma reviravolta que lhe retirasse esse direito, obrigando-o a ir trabalhar em algum país periférico ou colocando-o em disponibilidade sem rendimentos, como ocorrera com Salvador de Mendonça. Seu futuro evidentemente passava pelo poder da caneta do ministro Lauro Müller. Assim, Oliveira Lima acabou votando no chefe, enquanto seus confrades mais próximos, José Veríssimo, Rui Barbosa e Salvador de Mendonça (ainda não haviam ocorrido os rompimentos decorrentes da neutralidade de Oliveira Lima na Primeira Guerra), apoiaram o candidato Ramiz Galvão. Escaldado por tudo o que passara, o próprio Salvador de Mendonça aconselhara o amigo a votar em Müller, cumprimentando-o posteriormente pelo que considerava uma decisão acertada⁴⁴⁶.

Alguns anos depois, em suas *Memórias*, Oliveira Lima não admitiu ter sucumbido ao interesse pessoal de assegurar a aposentadoria, mas classificou o voto em Müller como o único pecado que cometera na Academia: “cometi-o conscientemente, não tanto por uma fraqueza momentânea [...], como para não ser acusado de hostilizar todo e qualquer ministro do exterior que não eu”⁴⁴⁷.

O fato é que, aos poucos, e especialmente a partir da morte de Machado de Assis, em 1908, a Academia se distanciava cada vez mais do objetivo de sua fundação, que era aglutinar escritores – ainda que o grupo inicial tivesse sido “muito mais um círculo de bons amigos que partilhavam espaços de sociabilidade como livrarias e cafés do que de intelectuais afinados com um projeto cultural específico”⁴⁴⁸.

⁴⁴⁵ PIZA, Daniel. *Academia Brasileira de Letras – Histórias e revelações*, p. 36-47.

⁴⁴⁶ “Estimei muito que você votasse no Ministro, só para se desembaraçar do mau passo em que se acharia, caso lhe negasse o voto; porque tenho como certo que nem o aposentaria, nem lhe daria licença para vir aos Estados Unidos. [...] O Rui também concorda comigo que era o melhor que você podia fazer nas circunstâncias em que se achava.” Carta de Salvador de Mendonça a Oliveira Lima, 26/09/1912, acervo Oliveira Lima Library.

⁴⁴⁷ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 127.

⁴⁴⁸ MALATIAN, Teresa. “Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima”, p. 379.

Em 1917, a Academia finalmente atingiu a estabilidade financeira por conta do recebimento da herança do editor Francisco Alves, que deixou sua fortuna em troca do compromisso da instituição de desenvolver programas de incentivo à educação básica no país, algo que nunca seria levado a sério. O aporte financeiro impulsionou a vocação elitista e as práticas de autorreferência da Academia, que passou a atuar ainda mais ostensivamente pela glória e imortalidade dos homens de letras “canonizados” pela instituição.

Com sobras no orçamento, foi possível investir até na confecção de bustos e estátuas. A Academia encomendou algumas esculturas para suas próprias instalações e contribuiu para a construção do monumento a Olavo Bilac na Faculdade de Direito de São Paulo e do monumento a Joaquim Manuel de Macedo em sua cidade natal, Itaboraí (RJ)⁴⁴⁹. Por conta do recebimento da herança, decidiu-se também multiplicar por cinco o valor da gratificação paga aos acadêmicos que participassem das sessões. Foi por discordar do uso que estava sendo feito da herança do livreiro que Oliveira Lima decidiu romper de vez com a Academia, ao que Gilberto Freyre classificou de “o mais quixotesco dos motivos”⁴⁵⁰.

Talvez, contudo, o raciocínio possa ser o inverso: Oliveira Lima se sentia prejudicado pelo fato de não morar no Rio de Janeiro, o que lhe tirava a oportunidade de comparecer às reuniões e ter acesso à remuneração, que se tornara atraente. Assegurar uma velhice confortável para ele e Flora, considerando que sua saúde não permitia mais se dedicar às conferências e às contribuições jornalísticas com a mesma intensidade de antes, era uma preocupação permanente. Os vencimentos como diplomata aposentado certamente não seriam suficientes para mantê-los com o mínimo de conforto fora do Brasil, como planejavam.

⁴⁴⁹ EL FAR, Alessandra. “‘A presença dos ausentes’: a tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários”, p. 119-130.

⁴⁵⁰ “Da Academia de Letras afastou-se Oliveira Lima pelo mais quixotesco dos motivos: para não receber os ‘patações de presença’ que o sodalício, depois de recolhida a herança do livreiro Alves, passou a dar aos membros que comparecessem às suas reuniões ordinárias.” FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 166. Em suas *Memórias*, Oliveira Lima justificou a decisão por conta do entendimento de que a Academia estava “roubando o morto” ao “criar fichas de presença de 100\$000 com o dinheiro deixado pelo livreiro Alves para fomentar a instrução no Brasil”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 127.

A impossibilidade de voltar à Europa durante a guerra impulsionou Oliveira Lima a colocar em prática um plano alternativo para resolver ao mesmo tempo a vida financeira e sua outra grande angústia – reunir a coleção de livros num mesmo lugar. Ele apresentou à Catholic University of America, de Washington, instituição que conhecera mais de 20 anos antes e com a qual havia retomado contato durante a turnê por universidades norte-americanas, em 1912, a ideia da doação da biblioteca em troca de uma remuneração mensal para que ele e Flora organizassem e cuidassem dos livros.

A negociação teve o apoio de um professor da instituição, o Monsenhor Gleason, também historiador e colecionador de livros, que ajudou a convencer o reitor, bispo Shahan⁴⁵¹. Estabeleceu-se um acordo em que a universidade se responsabilizaria pelo transporte até Washington de todos os bens do casal espalhados pelo mundo (não apenas os livros, mas também móveis, esculturas, quadros e objetos de decoração), além de assegurar a Oliveira Lima o emprego vitalício como bibliotecário da própria coleção – direito que seria transferido a Flora, de forma também vitalícia, caso ele viesse a morrer antes dela. Havia ainda a perspectiva de que Oliveira Lima pudesse obter renda extra como professor na universidade.

Oliveira Lima seria muitas vezes criticado pela decisão de doar sua biblioteca a uma universidade estrangeira, mas o fato é que não havia qualquer perspectiva de estabelecer acordo equivalente com uma instituição brasileira, principalmente no que dizia respeito aos custos de transporte, com os quais ele não poderia arcar. O amigo Gilberto Freyre o defendeu, considerando que o principal motivo para a decisão era o amor de Oliveira Lima pela sua coleção e o interesse de preservá-la⁴⁵².

⁴⁵¹ FORSTER, Maria Theresa Diniz, *Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: O legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira*, p. 55-56.

⁴⁵² “De Oliveira Lima há quem diga ter se revelado mau brasileiro ao doar essa sua Brasileira, na verdade valiosíssima, a uma universidade estrangeira. Ele, entretanto, teve suas razões para fazê-lo. No Brasil do seu tempo, as bibliotecas eram depósitos de livros e não bibliotecas: os livros antigos, os manuscritos preciosos, os exemplares únicos de edições raras que sobreviviam à umidade, à traça, ao desleixo, faziam-no quase sempre por sua própria capacidade como que biológica de sobrevivência e à revelia de qualquer carinho sistemático pela sua conservação, da parte dos homens: governos, bibliotecários, arquivistas.” FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 83-84. A coleção inclui raridades como o *Relato do Piloto Anônimo*, publicado na Itália em 1507,

O projeto não avançou durante a Primeira Guerra, pois não havia como transportar em segurança os livros e os bens do casal para Washington. Em 1916, preocupado em reforçar o acordo enquanto a Guerra não chegava ao final, Oliveira Lima registrou em testamento o direito da universidade à herança total do casal, mencionando as contrapartidas que ficariam a cargo da instituição⁴⁵³.

Diante da impossibilidade de viagens mais longas durante a Guerra, Oliveira Lima aproximou-se dos vizinhos sul-americanos. Foi algumas vezes à Argentina para conferências nas mais importantes instituições acadêmicas de Buenos Aires e La Plata⁴⁵⁴. Só com o final da guerra, em 1918, o transporte dos bens do casal começou a ser realizado e o acordo com a Catholic University of America foi levado adiante. Oliveira Lima demonstrava entusiasmo com a perspectiva de ter sua biblioteca toda reunida em um prédio novo, a ser construído com o objetivo principal de acomodá-la, conforme lhe havia sido prometido durante a negociação:

O meu lugar está traçado – é no jornalismo, já que me não quiseram mais na diplomacia, enquanto aqui estiver; e depois que for para Washington ser bibliotecário dos meus livros, é ser professor, como fui quando era diplomata, isto é, fazer a propaganda moral do Brasil. [...] Os padres de Washington parecem apreciar mais minha doação do que os governos todos do Brasil apreciaram, não direi

descrição da viagem em que Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil, sete anos antes, e a *Relação da entrada que fez [...] D. Fr. Antonio do Desterro Malheyro bispo do Rio de Janeiro [...] composta pelo doutor Luiz Antonio Rosado da Cunha*, folheto de 22 páginas que foi a primeira obra impressa no Brasil. HOLMES, Ruth. *Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima collection at the Catholic University of America*, 1926.

⁴⁵³ “Custear e manter uma cadeira de língua portuguesa e história literária e econômica de Portugal e Brasil, bem como, se sobrar, de distribuir subsídios entre quaisquer estudantes pobres, sem distinção de nacionalidade nem de cor, que cultivarem com zelo essas matérias, a juízo da respectiva congregação universitária.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 251.

⁴⁵⁴ Em 1920, as conferências e observações sobre o país vizinho foram reunidas em mais uma obra impressionista, *Na Argentina*. RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. “Embaixadas originais: diplomacia, jornalismo e as relações Argentina-Brasil (1888-1935)”, p. 543-544.

meus serviços, que muitos não deixaram prestar, mas a minha boa vontade em prestá-los. Não começar a edificar uma nova casa para os meus livros, isto é, vão construir um novo edifício para a Biblioteca, onde minha coleção será alojada à parte, como eu entender, e seguindo minhas ideias será feito o edifício, para o que um católico do oeste já abriu a lista com cem mil dólares⁴⁵⁵.

Ao anoitecer de 21 de agosto de 1920, um sábado, Oliveira Lima e Flora deixaram Recife a bordo do *Avaré* rumo a Washington⁴⁵⁶, com a missão de fundar e organizar a biblioteca de estudos latino-americanos baseada no acervo que ele colecionou ao longo da vida. Jamais voltariam a pisar no Brasil. Organizar a biblioteca seria um longo e penoso trabalho⁴⁵⁷, que Oliveira Lima conciliou com as aulas na cadeira de Direito Internacional, importante fonte de renda extra.

Mesmo as relações que Oliveira Lima construiu no final da vida continuavam sendo em grande parte baseadas na troca de favores, evidência de que essa tradição era passada de uma geração a outra. Um exemplo foi sua amizade com Gilberto Freyre. Depois de se aproximarem em Pernambuco no final da década de 1910, com Oliveira Lima já na faixa dos 50 anos e Gilberto Freyre ainda um jovem estudante, ambos se encontravam nos Estados Unidos – Oliveira Lima estabeleceu-se em Washington e Freyre foi continuar os estudos em Nova York. Nesse

⁴⁵⁵ Carta de Oliveira Lima para Barbosa Lima, 06/05/1917. GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. II, p. 106. O projeto da sede própria nunca sairia do papel, pois a biblioteca foi acomodada em espaços já existentes na estrutura da universidade e assim permanece até hoje.

⁴⁵⁶ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. II, p. 154.

⁴⁵⁷ As obras raras da coleção de Oliveira Lima foram anotadas pelo próprio e catalogadas em 1926 por uma funcionária da Universidade Católica, Ruth Holmes (o título do catálogo é *Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima collection at the Catholic University of America*, publicado em 1926), enquanto os manuscritos do acervo foram compilados pelo professor Manoel da Silveira Cardozo, curador da Biblioteca (*A guide to the manuscripts in the Lima Library*, publicado em 1940). Outra importante referência relacionada ao legado de Oliveira Lima é a *Bibliografia de Manuel de Oliveira Lima*, publicado em 1968, obra na qual a bibliotecária Neusa Dias de Macedo relaciona 153 trabalhos escritos por Oliveira Lima (entre livros, prefácios, folhetos, conferências, discursos e artigos) e 83 trabalhos publicados até então sobre o intelectual pernambucano.

período, Oliveira Lima fazia uma série de pedidos a Freyre, aos quais o pupilo dedicava-se com naturalidade, “como um jovem estudante diante de um mestre mais velho, amigo e poderoso”⁴⁵⁸. Freyre não deixava, contudo, de se beneficiar também, com pedidos de aconselhamentos, livros emprestados, cartas de recomendação e apresentação a pessoas influentes da rede de Oliveira Lima que pudessem lhe abrir portas.

Nessa relação de mão dupla, muitos favores acabavam sendo benéficos tanto para quem pedia quanto para quem executava. Um exemplo ocorreu em 1921, quando Oliveira Lima pediu a Freyre, ainda estudante em Columbia, que resenhasse seu *História da Civilização*, escrito sob encomenda para as escolas normais de São Paulo⁴⁵⁹. A perspectiva de Oliveira Lima era conseguir a publicação da resenha na *Revista do Brasil*, considerada o melhor periódico da época, dirigida por Monteiro Lobato, com a qual ele próprio já contribuía alguns anos antes com artigos sobre temas históricos⁴⁶⁰. Para Oliveira Lima, convocar Freyre era a garantia de uma resenha elogiosa – como de fato foi, no geral⁴⁶¹. Para um intelectual iniciante como Freyre, nada poderia ser mais

⁴⁵⁸ “Freyre é instado por Lima a realizar uma série de tarefas que incluíam desde localizar números de jornais e revistas que lhe interessavam, conseguir o endereço de uma instituição, arrumar um local para publicação de sua foto, até comprar um remédio para sua bronquite ou um café venezuelano do gosto de D. Flora.” GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, p. 23.

⁴⁵⁹ Encomenda feita pela Editora Melhoramentos, com o objetivo de oferecer a professores um compêndio com visão moderna dos principais fatos e fenômenos da História. Com mais de 500 páginas, o livro – que seria reeditado dezenas de vezes ao longo das décadas seguintes – foi estruturado em cinco grandes partes: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea e História da América. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *História da Civilização*, p. 5-12.

⁴⁶⁰ A exemplo de “A doutrina de Monroe” (*Revista do Brasil*, ano I, vol. II, maio/1916, p. 1-15) e “A revolução pernambucana” (*Revista do Brasil*, ano II, vol. IV, mar/1917, p. 247-259).

⁴⁶¹ “Cotejado com quatro ou cinco compêndios de história universal que existem em português – Raposo Botelho e Companhia – assume o Sr. Oliveira Lima relevos catedralescos. Poeticamente dá a ideia de um Rolls Royce caído de repente entre carros de boi.” *Revista do Brasil*, número 80, agosto de 1922, p. 363-371, in GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, p. 257. Apesar de ter apenas 20 anos e da idolatria a Oliveira Lima, contudo, Freyre não deixou de fazer críticas às antididáticas sentenças longas de Oliveira Lima e da pouca importância dada por ele aos fatores econômicos. Muitos anos mais tarde, ao lembrar desse texto,

motivador, ainda mais ao ser informado por Oliveira Lima dos elogios que havia recebido: “Trecho de uma carta do Monteiro Lobato a respeito do Sr: ‘Quem é esse Gilberto Freyre? Que talento! Que penetração! Que modo de escrever! Que estilo!’”⁴⁶².

O convívio com as limitações do meio acadêmico da Universidade Católica provocou em Oliveira Lima uma reflexão sobre o que considerava decadência dos Estados Unidos desde que conhecera o país, três décadas antes. Ele havia cumprido um percurso que partira do deslumbramento incondicional demonstrado na juventude, época do primeiro trabalho como diplomata, e o conduzira à decepção que demonstrava na velhice:

Em 30 anos que conheço os Estados Unidos, tenho visto crescer a criminalidade e diminuir a moralidade. Ao progresso material não corresponde o moral: aquele progresso é sobretudo materialista. Como professor mesmo verifico uma sensível diferença entre a diligência da quase totalidade dos meus alunos da Universidade de Harvard, quando em 1915-16 ali inaugurei e regí durante um semestre acadêmico a cadeira de história e economia da América Latina, e a indolência da maior parte dos meus alunos de direito internacional na Universidade Católica de Washington. Os estudantes querem sobretudo um diploma rápido para irem *make money*: talvez por isso mesmo fossem mais aplicados numa aula de economia e sobretudo da América Latina, que consideram seu terreno de expansão⁴⁶³.

Freyre afirmou que se arrependeu por “ter sido tão pungente nas críticas ao livro didático do meu amigo e mestre, por quem era tão grande minha admiração e quase filial o meu afeto. Ele, porém, as recebeu do melhor modo: sua vaidade não ia ao ponto de repudiar críticas aos seus trabalhos que lhe parecessem honestas e compreensivas, mesmo que essas críticas procedessem – como era o caso – de simples estudantinho um tanto pretensioso”. FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 89.

⁴⁶² Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 15/07/1922, in GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, p. 142.

⁴⁶³ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 164.

Além de não ter levado em conta, nessa comparação, a grande diferença na qualidade das duas instituições de ensino mencionadas, era muito provável que nem tenha sido o país que mudara tanto – e sim ele próprio, Oliveira Lima, influenciado pela soma de experiências em diversos lugares e liberto de certas ilusões e ingenuidades típicas da juventude. Ele admitia, em suas *Memórias*, que os conceitos que tinha sobre os Estados Unidos se tornaram progressivamente mais complexos, tentando justificar as simplificações e os equívocos que percebia em suas impressões iniciais sobre os Estados Unidos⁴⁶⁴.

Em 1923, Oliveira Lima fez quatro conferências na universidade em que estudara, em Lisboa, para inaugurar a cadeira de estudos brasileiros⁴⁶⁵ – o mesmo que já havia feito em Sorbonne, em 1911, e em Harvard, em 1915. Emocionou-se ao ver na plateia um de seus mestres, Teófilo Braga, aos 80 anos⁴⁶⁶. Nessas conferências, ele apresentou uma visão mais alinhada à ideia de que a miscigenação era um fator positivo para o Brasil – parecia ter mudado de ideia não por realmente acreditar nisso, contudo, mas por conta da evolução dos conceitos científicos a respeito⁴⁶⁷.

⁴⁶⁴ Oliveira Lima mencionou a reavaliação sobre a questão racial numa carta ao amigo Gilberto Freyre – que, como sociólogo, tinha grande interesse na temática, tanto que na década seguinte lançaria seu clássico *Casa Grande & Senzala*: “No meu livro sobre os Estados Unidos, escrito quando tinha 29 anos, tenho um capítulo sobre o Problema Negro, mas não sei se hoje penso exatamente do mesmo modo. Pelo menos penso com mais largueza e com mais detalhe.” Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 20/02/1921, citada em GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, p. 70.

⁴⁶⁵ Realizadas nos dias 9, 16, 23 e 30 de junho. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Aspectos da história e da cultura do Brasil*, p. 19.

⁴⁶⁶ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Aspectos da história e da cultura do Brasil*, p. 21-22.

⁴⁶⁷ “Dois dos maiores escritores do Brasil, Gonçalves Dias e Machado de Assis, eram, um mestiço e o outro mulato. O fato de ser mulato não impediu o Barão de Cotegipe de ser Presidente do Conselho e chefe do Partido Conservador. [...] Desde que, segundo os etnólogos, as raças puras são um erro à luz da história, devendo nós então considerar Gobineau, o apologista da raça branca, um filósofo devaneador, devemos admitir que a solução ibero-americana, isto é, a de fusão das raças, é mais promissora, mais benéfica e especialmente mais humana do que a da separação ou a da segregação, praticada nos Estados Unidos.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Aspectos da história e da cultura do Brasil*, p. 58-59.

Aposentado da vida diplomática, Oliveira Lima retomou com força a sua primeira atividade, a de jornalista – sempre compartilhando notícias a respeito com o amigo Gilberto Freyre⁴⁶⁸. Um tanto decepcionado com os rumos da imprensa, ele aconselhava Freyre a fugir da carreira: “No jornalismo pouco há que fazer. O *Jornal do Comércio* não paga colaboração e paga mal os redatores. O *Estado de S. Paulo* tem os lugares tomados e a colaboração é paga a 50\$000 por artigo.”⁴⁶⁹

Freyre insistiu por mais algum tempo com as contribuições à imprensa, compartilhando seus avanços com o amigo. “Felicitoo por já estar trabalhando no *Diário* sem ser grátis. É um começo”, escreveu Oliveira Lima em fevereiro de 1921, informando ao amigo que, por sua vez, havia começado a colaborar na *Prensa*, de Buenos Aires⁴⁷⁰.

Oliveira Lima acompanhou de longe a repercussão da Semana de Arte Moderna, em 1922, que deixou evidente a oposição entre o novo e o antigo na literatura brasileira – este representado pela Academia Brasileira de Letras. O caçula da geração fundadora ao lado de Oliveira Lima, Graça Aranha, alinhou-se aos modernistas, declarando que a fundação da Academia havia sido “um equívoco e um erro”⁴⁷¹.

⁴⁶⁸ “Tenho estado trabalhando tanto que não tenho quase tempo para correspondência particular. Além do artigo semanal no *Diário*, escrevo para o *Jornal do Brasil* e para o *ABC* (também um artigo semanal em cada) e estou escrevendo dois livros.” Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 24/10/1919, citada em FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 174.

⁴⁶⁹ Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 25/12/1920, citada em FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 178.

⁴⁷⁰ Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 14/02/1921, citada em FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 181. “Tenho escrito bastante para *La Prensa* e *O Estado de São Paulo*.” Carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, 04/01/1923, citada em FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 219.

⁴⁷¹ “O fato de haver raros escritores ou artistas de primeira ordem não forma uma tradição. E é ridículo supor que as tradições são criadas pelas academias. [...] A Academia quer persistir na sua posição eclética e antiquada, nefasta à literatura brasileira. Recusa-se a tornar-se um organismo útil e ativo, um fator de moderno sentimento nacional, seu representativo, seu guia. A Academia Brasileira morreu para mim, como também não existe para o pensamento e para a vida atual do Brasil. Se fui incoerente aí entrando e permanecendo, separemo da Academia pela coerência.” Carta aberta de Graça Aranha, 18/10/1924, apud PIZA, Daniel. *Academia Brasileira de Letras – Histórias e revelações*, p. 51-52.

Naquela década de 1920, era visível a decadência da instituição. Machado Neto mencionou como principal motivo “a entrada de alguns medíocres medalhões”, algo que “envenenou a instituição, através daquela fatal dialética dos medíocres que, temendo a concorrência dos reais valores, usam a cooptação no seu interesse, escolhendo indivíduos ainda mais medíocres, única possibilidade de eles ressaírem e brilharem”⁴⁷².

Ironicamente, o autor recorria ao termo que Machado de Assis popularizara em 1881 com seu conto “Teoria do Medalhão”, no qual criticou a forma como se construía a imagem de homem bem-sucedido na sociedade brasileira da época. Machado não poderia imaginar, àquela altura, que a instituição que seria criada em torno dele se transformaria em um dos principais antros de “medalhões” no país⁴⁷³.

A Oliveira Lima Library foi aberta ao público no dia 5 de fevereiro de 1924, para grande satisfação de Oliveira Lima, que dava assim por completa aquela que considerava a missão mais importante em seus últimos anos de vida. Ele passou então a dedicar-se a duas outras metas que desejava ainda cumprir: concluir a redação do livro *O império brasileiro* e escrever suas *Memórias*.

Enquanto isso, o jornalismo continuava sempre por perto. Em 1926, quando Washington sediou o Congresso Panamericano de Jornalistas, Oliveira Lima recebeu com entusiasmo os colegas brasileiros que foram à capital americana participar do evento, a exemplo de Gilberto Freyre, Dioclécio Duarte e Mário Melo⁴⁷⁴. O desempenho dos

⁴⁷² MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*, p. 198.

⁴⁷³ O conto é composto por um diálogo entre pai e filho, logo após a festa de 21 anos deste. O pai dá conselhos sobre como o filho poderia se tornar “grande e ilustre, ou pelo menos notável”, independente da carreira que escolhesse. Para isso, teria que investir no ofício paralelo de “medalhão”, que daria frutos quando ele chegasse aos 45 anos, reconhecido como referência pela sociedade. A preparação exigia comprometimento com uma série de ações estratégicas, a exemplo de abafar as ideias próprias (“foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade etc”) e redigir notas à imprensa falando sobre os próprios feitos (pedindo sempre para algum amigo enviá-las, para não parecer autopromoção). ASSIS, Machado de. “Teoria do Medalhão”, In: *Obra Completa*. COUTINHO, Afrânio (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.

⁴⁷⁴ “Às reuniões desse Congresso, Oliveira Lima, que se orgulhava de ser jornalista e não apenas escritor, esteve sempre presente.” FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 94.

representantes oficiais do governo brasileiro foi, no entanto, duramente criticado por ele. “O Brasil brilhou pela insignificância de sua participação, oferecendo um sintoma alarmante do declínio da sua apregoada cultura continental”, afirmou, criticando em seguida a opção por enviar “indivíduos que vêm com as passagens pagas pelo governo, não têm nem independência, nem sequer estímulo: vêm gozar ou tratar de interesses pessoais”⁴⁷⁵.

Apesar de opiniões pontuais como essa, Oliveira Lima reconhecia o papel histórico da imprensa no Brasil⁴⁷⁶ e respeitava o conjunto dos jornalistas brasileiros. Em suas *Memórias*, depois de lamentar que o país nunca havia sido pródigo em produzir grandes oradores como Portugal, fez a seguinte ressalva:

Não formulo reserva igual quanto aos jornalistas. Julgo que os nossos em nada são inferiores aos portugueses: Ferreira de Araújo por exemplo, que tornava cada questão acessível a todas as inteligências; Quintino Bocaiúva, que as discutia de uma forma convincente; Ulysses Vianna, que as polvilhava com sua ilustração; José do Patrocínio, que lhes inoculava fogo. A lista seria em demasia longa⁴⁷⁷.

Em março de 1927, já bastante enfraquecido e abatido por conta da doença renal e de problemas cardíacos⁴⁷⁸, Oliveira Lima colocou ponto final na redação de *O império brasileiro*, obra que não chegaria a ver

⁴⁷⁵ *Diário de Pernambuco*, 16/05/1926, citado por GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. II, p. 189.

⁴⁷⁶ Numa reflexão feita nos últimos meses de vida, ele afirmou que “a imprensa foi o grande veículo das ideias no Brasil. Em parte alguma é sua influência mais característica e tem sido mais poderosa. Logo que se desencadeou fez a Independência, como depois a Abdicação, a Abolição e por fim a República, mais do que qualquer outro fator. [...] A princípio pessoal e chocarreira, a imprensa foi-se depurando na agitação crescente das ideias e depressa passou a discutir princípios mais do que atacar reputações, numa forma geralmente cortês, se bem que nem toda primorosa, porque esta pertence aos mestres, mais doutrinários que partidários”. OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *O império brasileiro (1822-1889)*, p. 243.

⁴⁷⁷ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 50-51.

⁴⁷⁸ GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*, Vol. II, p. 200.

editada⁴⁷⁹. Suas *Memórias* ficariam inconclusas, sendo mais tarde reorganizadas por Flora, com a ajuda de Gilberto Freyre⁴⁸⁰. Suspeita-se que Flora, conhecendo muito bem o pensamento do marido e tendo acesso aos seus escritos e documentos, tenha completado algumas lacunas⁴⁸¹.

As *Memórias* foram construídas com a preocupação de registrar para a posteridade uma imagem que não era exatamente o retrato de quem foi Oliveira Lima, e sim aquilo que ele gostaria que sua trajetória tivesse sido⁴⁸². Ressalte-se, por exemplo, a descrição do pai como um homem culto e sofisticado. Logo nos primeiros parágrafos há outras afirmações contestáveis: “Da minha pena posso contudo dizer, sem mentira, que estive sempre ao serviço de boas causas, que nunca se alugou, foi

⁴⁷⁹ A nostalgia que Oliveira Lima sentia em relação à Monarquia fica clara na breve apresentação que escreveu para o livro, em que o classifica como “condensação de uma fase essencialmente progressiva da nossa nacionalidade, à qual não foi dado ultimar sua evolução, interrompida pelo mesmo espírito revolucionário que presidira ao seu albor e de que parecia haver-se libertado pela continuação.” OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *O império brasileiro*, p. 9.

⁴⁸⁰ A publicação se daria em 1937, quando a Livraria José Olympio a incluiu em sua coleção “Documentos Brasileiros”, coordenada por Freyre. Criada no ano anterior, a coleção estreara com *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, seguida por *Nordeste*, obra do próprio Freyre, e pelas *Memórias* de Oliveira Lima. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*, p. 493. Com texto direto e polêmico, como era o estilo de Oliveira Lima, a obra teve grande repercussão, mesmo passada uma década de sua morte.

⁴⁸¹ MIRANDA, J. C. “Manuel de Oliveira Lima: da sua personalidade”. *Ocidente*, Lisboa, v. 72, n. 347, p. 153, 1967, citado in MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, p. 27.

⁴⁸² Ele já havia manifestado a preocupação com a posteridade muitos anos antes, em 1899, num artigo para a *Revista Brasileira*: “O que se está passando com a memória e as memórias do Príncipe de Bismarck servirá de lição aos grandes homens. Devem todos zelar sua memória e escrever suas memórias com a solenidade com que Chateaubriand se desempenhou da tarefa. É o único meio de colocarem-se numa luz simpática e favorável para a posteridade bisbilhoteira que se não satisfaz com a admiração dos resultados e também quer indagar, discriminar e apreciar os motivos dos atos. Na falta de completas memórias próprias, outros as escrevem por eles e nem sempre redundam tal transferência em benefício dos autobiografados.” “As memórias do Príncipe de Bismarck”, *Revista Brasileira*, Tomo XIX, fascículo 121, 15/07/1899, p. 87.

invariavelmente desinteressada quanto sincera” e “Não tenho preconceitos, quer de raça, quer de religião”⁴⁸³.

Ao longo do livro, ele criticou vários dos companheiros de geração, como Graça Aranha, a quem classificou como um verdadeiro mestre em adulação: “entre Nabuco e Rio Branco era ele uma pinguela florida”⁴⁸⁴. Sobre a diplomacia, apresentou uma visão amarga, embora possa ser considerada também visionária, pois previu a criação de um órgão como a Organização das Nações Unidas, que só ocorreria em 1945:

A minha experiência da vida diplomática é que as legações podiam ser universalmente abolidas [...]. Simples consulados bastariam para relações comerciais e funções de notariado, e questões políticas de gravidade (o ramerrão diplomático caberia aos cônsules encarregados de negócios) seriam melhor atendidas por missões especiais enquanto não chegar o dia, se porventura tem de chegar, em que os conflitos internacionais sejam dirimidos por uma corte oriunda de uma sociedade das nações em que as grandes potências respeitem os direitos das pequenas e não pretendam transformar a Liga num instrumento das suas ambições, interesses e cobiças, subtraindo ao exame e juízo das outras os atentados por elas cometidos⁴⁸⁵.

Oliveira Lima morreu em casa, no dia 24 de março de 1928, um sábado, tendo por perto a companheira de quase quatro décadas, Flora, e a única irmã que lhe sobrara, a querida Sinhá – que, depois que enviudara de Araújo Beltrão, em 1924, passara a morar com o irmão e a cunhada.

Certamente carregava muitas mágoas para o túmulo⁴⁸⁶. Atendendo à vontade manifestada pelo marido, Flora negou o custeio dos funerais

⁴⁸³ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 5.

⁴⁸⁴ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 207.

⁴⁸⁵ OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*, p. 162-163.

⁴⁸⁶ Escreveu Freyre: “Não nego ter ouvido dele palavras ásperas sobre alguns dos seus inimigos: Assis Brasil, Medeiros e Albuquerque, Emílio de Menezes. Nem críticas ao Barão do Rio Branco, a Joaquim Nabuco, a Rui Barbosa: críticas que

pelo governo brasileiro, incluindo o transporte do corpo para o Brasil, oferta expressada pelo embaixador em Washington, Silvino Gurgel do Amaral⁴⁸⁷. Tratava-se do mesmo tratamento dispensado pelo governo brasileiro quando da morte de Joaquim Nabuco, também em Washington, em 1910, ocasião em que o corpo foi levado ao Brasil e recebido com grande comoção no Rio de Janeiro, sendo transportado em seguida ao Recife, onde foi enterrado.

Oliveira Lima havia expressado em seu testamento o desejo de ser sepultado na cidade em que viesse a falecer, já sabendo que muito provavelmente seria ali mesmo, na capital norte-americana. Seus restos mortais repousam até hoje no cemitério Mount Olivet, pois ele também deixou claro que não queria qualquer tipo de honra póstuma “no meu país ou fora dele” e que não desejava transporte *post mortem*⁴⁸⁸. Como epitáfio, pediu apenas a frase “Aqui jaz um amigo dos livros”, sem qualquer outra informação, nem mesmo o nome. Os amigos conseguiram, ao menos, que a frase fosse gravada em uma pedra enviada de Pernambuco. O advogado, industrial e crítico literário Alberto de Faria (1865-1931), que acabara de publicar a primeira biografia do Visconde de Mauá, seria escolhido como seu substituto na Academia Brasileira de Letras⁴⁸⁹.

Aquele mesmo ano de 1928 marcaria o início de um período de transformações na imprensa brasileira. No dia 10 de novembro, Assis Chateaubriand, um dos maiores admiradores de Oliveira Lima, fundou a

me escandalizavam, sendo eu, como era então, um adolescente para quem essas três insígnias figuras brasileiras tinham alguma coisa de quase divinas”. FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 95.

⁴⁸⁷ Antigo conhecido do casal. Em 1899, ele integrava a equipe da representação brasileira em Londres que recepcionou amistosamente a Oliveira Lima depois da transferência de Washington por conta do desentendimento com Assis Brasil: “Meu caro colega e amigo Dr Oliveira Lima, tive a mais viva satisfação ao receber a amável carta de 14 deste mês com que honrou-me o colega, dando-me a notícia de sua remoção para o 1º secretariado daqui. Sou eu quem se felicita de possuir um companheiro como o colega, não só pelos preclaros dotes de seu caráter, como também por conhecer os raros talentos e aptidões que possui para o ofício ou carreira que ambos seguimos com amor e zelo.” Carta de Silvino Gurgel do Amaral a Oliveira Lima, 25/10/1899, acervo Oliveira Lima Library.

⁴⁸⁸ GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, p. 18.

⁴⁸⁹ CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras – Trinta anos de discursos acadêmicos (1897-1927)*, p. 465.

revista *Cruzeiro*, nome que seria depois mudado para *O Cruzeiro*, semanário ilustrado que se tornaria um marco da imprensa brasileira, impulso inicial para a expansão dos Diários Associados, cadeia de veículos de imprensa que chegaria a ter 31 jornais diários, três revistas, 23 emissoras de rádio, treze estações de TV e uma agência de notícias⁴⁹⁰.

Daí em diante, tornaram-se mais raras – e vistas como antiquadas – as sinuosidades do estilo panfletário⁴⁹¹ que permitiram a Oliveira Lima e outras intelectuais da mesma geração contemplar mais facilmente seus interesses por meio das contribuições jornalísticas. Na medida em que os veículos passaram a adotar uma linguagem mais objetiva, a margem individual de manobra para obter vantagens foi se estreitando.

Pode-se dizer, de um ponto de vista otimista, que a mudança fundamental foi o declínio do jornalismo como doutrinação em prol da informação⁴⁹². O que não significa, contudo, que a troca de favores não tenha encontrado outras formas de sobrevivência na imprensa, incluindo negociatas de bastidores relacionadas a como uma notícia seria publicada ou, dependendo dos interesses envolvidos, se deixaria de ser publicada.

Hoje, percebe-se o quanto algumas características da imprensa de um século atrás seguem vigentes, especialmente no que diz respeito à adaptação da agenda aos interesses das classes dominantes e ao uso da mídia como trampolim para a esfera pública. Olhando em retrospectiva, contudo, é inevitável enxergar o *modus operandi* predominante à época de Oliveira Lima como um tanto ingênuo, apesar das consequências certamente prejudiciais ao conjunto da sociedade brasileira.

⁴⁹⁰ BAHIA, Juarez. *História da imprensa brasileira – Jornal, história e técnica*, vol. I, p. 259-260.

⁴⁹¹ O estilo panfletário reunia várias características retóricas integradas, como: capacidade de convencer e de atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, em situações específicas e circunstanciais, uma visão de mundo geral e definida. MOREL, Marco, “Os primeiros passos da palavra impressa”, in MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*, p. 36-37.

⁴⁹² “[...] aspecto facilitado pelas agências internacionais, cuja presença no Brasil teve início nas primeiras décadas do século passado – Havas, Reuters, Associated Press e United Press Association – e pelas redes de sucursais dos principais diários no país e exterior. Consagrou-se a ideia de que o jornal cumpria a nobre função de informar ao leitor o que se passou, com rigoroso respeito à ‘verdade dos fatos’”. LUCA, Tania Regina de. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”, in MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*, p. 152-153.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa partiu da trajetória de um personagem, Manuel de Oliveira Lima, para iluminar pormenores da atuação da imprensa – especialmente no que diz respeito ao uso do jornalismo como moeda de troca ao final do século XIX, período em que Oliveira Lima ingressou na carreira diplomática e foi escolhido para integrar o grupo de fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Ao final da pesquisa, realizada sob inspiração dos preceitos da micro-história, espero ter honrado uma vocação tanto da História quanto do Jornalismo: valorizar as trajetórias de vida, com a consciência de que a rede de relações interpessoais contribui não apenas para a construção das biografias individuais, mas para a definição dos rumos coletivos da sociedade.

A pesquisa levou à identificação de duas fases da trajetória de Oliveira Lima, com reflexo direto em suas contribuições jornalísticas: a fase de “dependência” e a de “independência”.

Na fase de dependência, ele claramente associou a produção de textos à obtenção de vantagens pessoais. Os artigos que assinava parecem ter sido cuidadosamente calculados para ajudá-lo a alcançar o reconhecimento como intelectual e um bom emprego, com o apoio da rede que ia construindo por meio de correspondências privadas.

Depois de já ter conquistado as duas grandes metas ainda antes dos 30 anos – a nomeação para o primeiro cargo diplomático, em 1890, e a inclusão de seu nome entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897 –, ele se sentiu livre para deixar de ser tão estratégico em relação ao que publicaria na imprensa, dando início à fase de independência.

Na fase de independência, os artigos para a imprensa deixaram de estar automaticamente alinhados aos objetivos pessoais e o tom sempre cordial com que construíra alianças na juventude foi sendo gradualmente substituído, tanto na *persona* pública quanto na privada, por afirmações irônicas e palavras ásperas⁴⁹³. Multiplicaram-se as inimizades e muitos textos passaram a ter a função adicional de provocação e vingança.

⁴⁹³ “Em cartas das que escreveu a Salvador de Mendonça, e recentemente publicadas pelo historiador Hélio Viana [...], ocorrem referências em termos não só pouco corteses como, alguns deles até grosseiramente plebeus, a pessoas ou a nomes como o do então Presidente Prudente de Moraes – que seria um ‘sarambé’, isto é, um toleirão – o de Assis Brasil (‘este burro’), o do então Ministro das

Oliveira Lima deixou de se importar com o fato de que, por força das circunstâncias de servir a um governo, a independência não é um atributo natural dos diplomatas. Por conta disso, o jornalismo tornou-se um fardo para a carreira diplomática. Ou, antes – talvez seja mais justo pensar dessa forma –, a diplomacia foi um fardo para as atividades às quais ele realmente queria se dedicar, o jornalismo e a pesquisa histórica.

As razões pelas quais Oliveira Lima nunca abandonou as colaborações para a imprensa possivelmente passaram pela questão financeira, pois a renda extra era importante para financiar sua paixão pelos livros antigos, mas havia muito além disso: a possibilidade de obter vantagens pessoais, o prazer de ver seus textos repercutindo, a perspectiva de influenciar de alguma forma os rumos do país.

Era evidente o quanto Oliveira Lima desejava atuar na esfera pública, transformar-se em uma voz relevante, entrar em contato com outros agentes além da limitada atuação diplomática – a tal ponto que, em várias ocasiões, ele esteve próximo de ingressar na política, a exemplo do que ocorreu com vários outros intelectuais da época.

As duas fases de sua trajetória representaram também formas distintas de lidar com o favor, amplamente disseminado em todos os setores da sociedade, incluindo a imprensa. Na fase de dependência, ele era o elo mais fraco das relações, aquele que dependia da benevolência alheia para conquistar vantagens. É provável que, nesse período, tenha muitas vezes respirado fundo para controlar o temperamento explosivo. Na fase de independência, a troca de favores se dava quase sempre em condições de igualdade com os interlocutores ou em situações em que ele era o elo mais forte da relação.

Como, no Brasil, a imprensa sempre foi uma colcha de retalhos formada pelos mais variados interesses, prestou-se bem ao papel que Oliveira Lima desenhou para ela em cada uma das fases. Contribuiu para isso a fragilidade operacional e a debilidade editorial dos veículos para os quais ele escreveu – que, em meio ao cenário geral de remunerações pírias e uma mentalidade que tratava o trabalho na imprensa como “bico”, permitiam a Oliveira Lima utilizar o espaço como bem entendesse.

Relações Exteriores Dionísio de Cerqueira (o ‘sem gosto’). O que faz que o historiador Hélio Viana qualifique o missivista de ‘temperamental’. Temperamental por vezes destemperado e até desbocado, acrescente-se ao Professor Viana. Passional.”. FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*, p. 165.

Outsider no meio diplomático por uma série de razões⁴⁹⁴, ele considerava que a produção intelectual e as pesquisas históricas deveriam ser tratadas como parte do trabalho dos diplomatas vocacionados para tal, o que justificaria poupá-los de compromissos maçantes e tarefas puramente burocráticas – uma visão com a qual, infelizmente, seus superiores não concordavam. Para tornar essa equação ainda mais delicada, havia o jornalismo a trazer embaraços cada vez mais frequentes e complexos à carreira diplomática.

No início da trajetória de Oliveira Lima, as duas atividades até se apoiaram com eficiência. Sua defesa do regime de governo em *Sete Anos de República* e os artigos que culminaram com a publicação do livro *Nos Estados Unidos – Impressões Políticas e Sociais* certamente foram benéficos para a sua imagem no Itamaraty. Foi a partir do desentendimento com Assis Brasil, em 1899, que o jornalista Oliveira Lima se tornou antagonista do diplomata Oliveira Lima e sua rápida ascensão converteu-se num longo processo de decadência.

A resistência ao novo chefe no serviço diplomático em Washington foi o primeiro dos grandes erros estratégicos de Oliveira Lima, mas não foi o que lhe trouxe as piores consequências. Pode-se citar pelos menos outros três que se mostraram ainda mais graves: confrontar abertamente a autoridade do Barão do Rio Branco, apostando que este teria uma passagem rápida pelo Ministério das Relações Exteriores; voltar-se publicamente contra a política de aproximação com os Estados Unidos, quando essa havia se consolidado como diretriz clara do Itamaraty; e insistir na neutralidade brasileira na Primeira Guerra, quando o clamor geral era a participação do país contra a Alemanha.

Depois de ter demonstrado grande capacidade para construir relacionamentos, Oliveira Lima passou a reagir raivosamente ao sentir-se

⁴⁹⁴ Como demonstra a comparação entre seus dados biográficos e os dos ícones da diplomacia com os quais conviveu, Joaquim Nabuco e o Barão do Rio Branco. Enquanto os outros tinham diplomas em Direito, a formação clássica da diplomacia, Oliveira Lima era formado em Letras. Os outros dois eram filhos de grandes políticos do Império; Oliveira Lima era filho de um comerciante português. Enquanto Rio Branco e Nabuco tiveram cinco filhos cada, Oliveira Lima não foi pai. Todos atuaram como jornalistas, mas só Oliveira Lima persistiu na prática regular do ofício em paralelo à carreira diplomática. Por fim, o enterro de cada um é bastante simbólico: o do Barão do Rio Branco e o de Nabuco foram grandes comorações populares no Brasil, enquanto o de Oliveira Lima foi realizado distante do país, por determinação dele próprio. Nabuco e Rio Branco morreram consagrados e admirados, enquanto Oliveira Lima morreu ressentido e criticado.

contrariado em seus interesses – conforme evidenciam vários momentos, a exemplo de quando o Barão do Rio Branco não reverteu sua nomeação para o Peru feita pelo antecessor ou o editor Martinho Botelho não quis publicar um artigo que enviara à *Revista Moderna*.

Não se trata aqui de estabelecer um perfil psicológico de Oliveira Lima, mas fica evidente, ao observar os bastidores de sua atuação, a dificuldade que ele tinha para seguir ordens. Uma de suas características de personalidade mais pronunciadas – agravada por fatores como ser um filho temporão, mimado pelos pais e por irmãos bem mais velhos, com infância e juventude privilegiadas – era julgar-se especial. Seu perfil não era de pertencimento a agremiações, tanto que ele causaria inúmeros problemas ao Itamaraty e romperia com a Academia Brasileira de Letras. Queria ser livre e independente num mundo que não permitia isso.

Por algum tempo, contudo, jogou o jogo – e jogou bem. Viu no emprego público uma forma de viabilizar o que realmente queria fazer na vida, as pesquisas históricas e o jornalismo – e considerava-se injustiçado quando não encontrava o respaldo, do qual julgava merecedor, para conciliar essas atividades com a garantia de um salário certo como diplomata. Não é um despropósito imaginar que ele nunca se sentiu confortável com a opção feita pela carreira diplomática, de tal forma que passaria a agir, conscientemente ou não, como se a boicotasse.

Um de seus amigos mais fiéis na maturidade, Gilberto Freyre, afirmou ter sido Oliveira Lima alvo de muitas “amizades interessadas”, cuja intensidade variava conforme o seu prestígio (“e o prestígio de Oliveira Lima variou muito”, observou Freyre). Quando Washington Luiz foi eleito presidente, em 1926, correu um boato de que Oliveira Lima, que andava um tanto esquecido nos Estados Unidos, poderia ser convidado para o Ministério das Relações Exteriores. Em meio às especulações, ele voltou a ser procurado por gente que não dava notícias havia muito tempo⁴⁹⁵.

⁴⁹⁵ “[...] em poucos dias a correspondência do Brasil para o grande exilado de Washington cresceu espantosamente. Fazia gosto ver o carinho, a ternura melíflua com que amigotes ou camaradas há anos desinteressados no ilustre casal de expatriados empenhavam-se em saber de sua saúde e em exaltar-lhe as virtudes, o caráter, a altivez. [...] Murchou o boato e a correspondência do Brasil para Oliveira Lima também se reduziu. E meses depois D. Flora me dizia filosoficamente que não fora o primeiro caso de inflação na correspondência do Lima. Inflação seguida de depressão.” *Jornal do Brasil*, 15/11/1942, in GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, p. 254.

As “amizades interessadas” parecem ter sido apenas um reflexo da postura que o próprio Oliveira Lima manteve ao longo da vida, contudo. Quantos contatos desse tipo, motivados pela busca de benefícios pessoais e não pelo genuíno interesse no outro, ele próprio teria realizado? De quantos interlocutores se aproximou apenas por imaginar que lhe poderiam ser de alguma forma úteis?

Ter mergulhado nas relações pessoais em torno de Oliveira Lima para compreender melhor o funcionamento da imprensa à época comprovou que uma análise voltada ao cotidiano “miúdo” pode proporcionar uma visão rica de um tema amplo, percepção que está em consonância com os princípios da micro-história descritos na Introdução.

Considero que enxergar a História da Imprensa por meio das estratégias mobilizadas pelos agentes, direcionando o foco às relações interpessoais, é uma abordagem promissora para pesquisas da área. Esse caminho raramente tem sido percorrido, entretanto, pois costuma-se dar preferência a aspectos institucionais dos veículos, como a linha editorial e os interesses políticos e comerciais.

Inspiração conceitual para a construção desta tese, a micro-história se posiciona entre o close e o panorama: investiga as relações sociais sem desprezar o contexto geral sobre os quais se organizam essas relações. Um dos problemas que têm incorrido sobre boa parte das pesquisas brasileiras na área de História da Imprensa, a meu ver, é a tendência de posicionamento em um desses extremos. Há as pesquisas que constroem uma visão geral, quase sem oferecer detalhes – especialmente no que diz respeito às relações interpessoais –, enquanto, no lado oposto, há aquelas exageradamente focadas em um veículo ou personagem, sem que o cenário seja consistentemente vislumbrado.

Os trabalhos mais relevantes que até aqui se propuseram a contar a história da imprensa brasileira o fizeram de forma panorâmica, o que é compreensível. Werneck Sodré, autor daquela que é considerada a principal obra nessa área, *A história da imprensa no Brasil*, lançada em 1966, nem teria mesmo como se aprofundar, considerando-se a imensa quantidade de informações que recolheu em dez anos de pesquisas. São quase 1.200 periódicos citados no livro, e outro tanto de profissionais. Como apontou Marques de Melo, um dos méritos de Werneck Sodré foi conceder à imprensa o protagonismo sobre a sua própria história⁴⁹⁶.

⁴⁹⁶ “Fugindo completamente ao esquema da análise peculiar à maioria dos trabalhos sobre a imprensa brasileira, Werneck Sodré propõe um tipo de abordagem que procura conjugar a periodização da nossa história política e a

Ao centrar sua análise nas questões econômicas, contudo – “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”, afirmou logo na introdução –, Werneck Sodré se dedicou a uma análise estrutural e sistêmica, protagonizada sempre pela relação capital-trabalho. Nos dois volumes do seu *Jornal, história e técnica*, Juarez Bahia seguiu estilo semelhante ao tratar da evolução da imprensa no Brasil, embora um pouco menos preocupado em enumerar nomes e mais em explicar as circunstâncias. Ainda assim, as relações entre pessoas praticamente não aparecem no texto.

Mesmo quando a temática “favores e favorecimentos” é explicitamente invocada, como no capítulo “As artimanhas do poder” do livro *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*, de Marialva Barbosa, é abordada sobretudo no nível institucional. A visão sobre o tema ganha força, porém, quando a autora recorre a exemplos como o do maranhense Coelho Netto (1864-1934), contemporâneo de Oliveira Lima e também fundador da Academia Brasileira de Letras.

Respaldado pelo prestígio que havia alcançado como escritor e jornalista, Coelho Netto pleiteava, em 1904, uma nomeação como diplomata – e a demora para obtê-la era vista como absurda por ele próprio e pelos amigos, que tratavam a questão como se fosse um direito adquirido⁴⁹⁷. Coelho Netto acabaria enveredando pela política, elegendo-se deputado federal pelo estado natal, em 1909 – passando, assim, a ser ele o alvo de pedidos de favorecimentos⁴⁹⁸.

periodização da própria história do jornalismo. Nos estudos anteriores ao seu, encontramos quase sempre a predominância das fases marcantes da nossa história política, vindo a reboque o desenvolvimento da imprensa e dando muitas vezes a entender que seriam coincidentes.” MELO, José Marques de. *Sociologia da imprensa brasileira*, p. 101.

⁴⁹⁷ “A tua última carta encheu-me de espanto. Eu imaginava que já estarias nomeado, tal era a força das promessas que havia, e tal era a confiança que as palavras do Rio Branco e do Domício inspiravam. Não me espanta a birra do Rodrigues Alves; o que me espanta é a falta de energia do Rio Branco, que deveria quebrar lanças por ti.” Carta de Olavo Bilac a Coelho Netto, 06/08/1904, citada por BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*, p. 197.

⁴⁹⁸ “As relações de poder que estabelecem a partir de sua inserção nos periódicos fazem também dos jornalistas mais notáveis alvo frequente de pedidos para arranjar colocações de apadrinhados como colaboradores nessas publicações, em cargos públicos, e de diversas outras solicitações. Apenas na correspondência pessoal de Coelho Netto encontram-se dezenas de pedidos do gênero, alguns

Os profissionais do jornalismo, independente da função exercida e do nível hierárquico, nunca foram meras peças que, uma vez encaixadas, fazem o mecanismo funcionar exatamente conforme previsto por um planejamento institucional detalhado. As relações “miúdas”, pessoais, têm impacto significativo sobre o produto. Parte expressiva de cada uma das etapas do processo – definição das pautas, escalação dos repórteres para cumpri-las, escolha das fontes, construção do texto, edição – é influenciada pelos interesses e redes de contato individuais, que escapam do controle total de quem quer que seja⁴⁹⁹.

José Veríssimo não tinha controle sobre o uso privado que Oliveira Lima fazia dos contatos realizados por meio da *Revista Brasileira* e dos benefícios que obtinha por conta dos artigos ali publicados. É provável que, focado em seus próprios interesses, nem se preocupasse com isso. Muito mais prioritário para o editor parecia ser cultivar uma relação estratégica para a manutenção do seu negócio.

Quem já trabalhou num jornal ou numa revista sabe que boa parte do que é publicado escapa do controle total das instâncias superiores. O processo entre o início da produção da notícia ou reportagem e sua materialização física envolve grande número de profissionais, nas mais diversas funções – chefes de reportagem, editores, repórteres, revisores, fotógrafos, ilustradores, designers, tratadores de imagens, a equipe responsável pela impressão etc. Nesse processo, alguns são guiados pela preocupação genuína de oferecer um bom produto ao leitor e de contribuir

extremamente representativos, como a carta de José do Patrocínio Filho: ‘Soube ontem [...] que o doutor Souza Dantas, nosso cônsul aqui, solicitaria do Ministério do Exterior a minha nomeação para o Consulado. Uma palavra sua ao Lauro Müller pode talvez decidir a resolução deste caso, com grandes probabilidades de bom êxito e, sobretudo, com a urgência que ele reclama. Porque a verdade é que eu estou morrendo de fome’. Carta de Jose do Patrocínio Filho a Coelho Netto, 31/07/1913, citada por BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*, p. 198.

⁴⁹⁹ Depois da época de Oliveira Lima, o controle pleno do resultado foi se tornando cada vez mais difícil na medida que transformações tecnológicas e conjunturais contribuíam para aumentar a quantidade de pessoas envolvidas na produção dos jornais e revistas: novos equipamentos gráficos, máquinas de escrever, telefone, luz elétrica, edifícios erguidos a partir de estruturas de ferro pré-fabricadas. “Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil”. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*, p. 11.

para uma sociedade melhor, enquanto outros buscam formas de obter vantagens pessoais. Muitos tentam se equilibrar entre os dois objetivos.

Muitas explicações estruturais relacionadas à imprensa podem surgir a partir da exploração a fundo das relações do dia a dia. Mas, para que isso ocorra, é preciso abrir as portas das redações, tanto as do passado quanto as do presente. Entrar e compreender de verdade como as escolhas ocorrem e que influências contribuem para o resultado de uma publicação jornalística. As motivações, as forças e as fragilidades precisam ser investigadas de dentro para fora, e não apenas a partir de uma visão externa – certamente não basta analisar a materialidade de um produto jornalístico para conseguir explicá-lo.

Considero que um caminho pertinente para “entrar” nas redações seja organizar a História da Imprensa não exatamente por cronologia, localização geográfica ou categoria dos veículos, mas por temas transversais que percorrem toda a trajetória do jornalismo. O favor é um desses assuntos; outros poderiam ser os dilemas éticos, as fontes de renda, a evolução tecnológica ou a formação dos jornalistas, para citar alguns exemplos⁵⁰⁰.

A produção já significativa de estudos pontuais pode ser um rico manancial de informações para a construção de visões temáticas. Uma das vantagens dessa abordagem é facilitar a missão de trazer as discussões até o momento atual, incluindo as mudanças provocadas pela Internet e pelo jornalismo digital como parte do processo evolutivo, e não como uma ruptura drástica. Por mais que o jornalismo tenha que se reinventar, certamente não deixará de existir, o que implica a necessidade de continuar contando sua história⁵⁰¹.

⁵⁰⁰ Reconhecendo o caráter genérico de sua obra, Werneck Sodré incluiu uma longa lista de possibilidades de aprofundamento na Introdução de *A História da Imprensa no Brasil*. Foram incluídos, contudo, apenas assuntos mais amplos da sociedade e do mercado, sem qualquer menção específica à análise das redes de influências e favores em torno das pessoas que faziam os jornais e as revistas. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*, p. 7-8.

⁵⁰¹ Um esboço de análise transversal aparece em *História na Imprensa no Brasil*, organizado por Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, lançado em 2010. Embora a estrutura geral da obra mantenha uma divisão cronológica tradicional – os três blocos são “Primórdios da imprensa no Brasil”, “Tempos eufóricos da imprensa republicana” e “De 1950 aos nossos dias” –, o resultado representa um olhar mais aprofundado para dentro das redações, mencionado pelas organizadoras como uma das diretrizes do projeto. “Trabalhando com metodologias contemporâneas, realizando levantamentos exaustivos, dominando

REFERÊNCIAS

Arquivos consultados

Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ)

Fundação Joaquim Nabuco, Recife (PE)

Oliveira Lima Library, Catholic University of America, Washington DC

Revista Americana (1909-1919), Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ) (www.bn.gov.br)

Revista Brasileira (1895-1899), Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ) (www.bn.gov.br)

Livros, teses, dissertações e artigos acadêmicos

ALMEIDA, Paulo Roberto de; RÊGO, André Heráclio do. *Oliveira Lima – Um historiador das Américas*. Recife: Cia Editora de Pernambuco, 2017.

ALONSO, Angela. “Arrivistas e decadentes: o debate político-intelectual brasileiro na primeira década republicana.” *Novos Estudos Cebrap*, n. 85, São Paulo, 2009, p; 131-148.

diversas fontes, vivenciando o fazer da imprensa no interior das próprias redações, esses profissionais alinharam-se em torno de um denominador comum e produziram reflexões que dão conta dessa abrangência, em suas respectivas áreas de conhecimento e/ou períodos sugeridos.” “Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil”. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*, p. 9. Apesar da pertinência da concepção e dos méritos do resultado, entretanto, restou ainda uma sensação de desarticulação entre os capítulos, com sobreposições e lacunas em aberto: a obra parece ter ficado num meio termo, um tanto mal resolvido, entre uma abordagem sistematizada e cronológica da história da imprensa e uma coletânea de artigos em que os autores convidados discorreram sobre seus objetos de pesquisa.

- ARANHA, Graça (org.), *Machado de Assis & Joaquim Nabuco – Correspondência*. Prefácio de José Murilo de Carvalho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.
- BAHIA, Juarez. *História da imprensa brasileira*. 2 volumes. São Paulo: Ática: 1990.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BARATIN, Marc; JACOB, Christian (orgs.). *O poder das bibliotecas – A memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. “Imprensa, poder e público: Os diários do Rio de Janeiro (1880-1920).” *Intercom – Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, Vol. XX, n. 2, pg. 87-102, jul/dez 1997.
- BARBOSA, Marialva. “Senhores da memória.” *Intercom – Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, Vol. XVIII, n. 2, pg. 84-101, jul/dez 1995.
- BARBOSA, Virgínia. “Sigismundo Antônio Gonçalves”, publicado no site da Fundação Joaquim Nabuco, www.fundaj.gov.br. Consultado em 31/10/2018.
- BATH, Sérgio. *O que é diplomacia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (orgs.). *A era glacial do jornalismo – Teorias sociais da imprensa*. Vol. II. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras – Trinta anos de discursos acadêmicos (1897-1927)*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1951.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 7ª ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

CARDIM, Elmano. “José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra.” *Revista do IHGB*, número 185, out-dez 1944, p. 126-157.

CARONE, Edgard. *A República Velha: Instituições e classes sociais*. São Paulo: Difel, 1975.

CARVALHO, C. M. Delgado de. *Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Impressões Artísticas, 1913.

CARVALHO, José Murilo de. “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual.” *Dados*, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 40, n. 2, 1997, p. 229-250.

CARVALHO, José Murilo de. “Rui Barbosa e a razão clientelista.” *Dados*, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 43, n. 1, 2000, 1-26 (conforme arquivo disponibilizado em www.casaruibarbosa.gov.br, acesso em 13/04/2018).

CASTRO, Fernando Vale. “Um projeto de diplomacia cultural para a República: a *Revista Americana* e a construção de uma nova visão continental.” *Revista Brasileira de História*, v. 32, n. 63, jun/2012, p. 301-324.

CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”. *Topoi*, v. 8, n. 15, jul-dez 2007, p. 159-207.

CHACON, Vamireh. “Oliveira Lima, a Venezuela e o pan-americanismo”. *Revista do IGHB*, número 336, jul-set 1982, p. 37-58.

COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do Século XIX – A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

DEBES, Célio. *Campos Salles – Segunda parte: na República*. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1977.

EL FAR, Alessandra. “A presença dos ausentes’: a tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários”. *Revista Estudos Históricas*,

Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), v. 14, n. 25, 2000, p. 119-134.

FORSTER, Maria Theresa Diniz. *Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/Ministério das Relações Exteriores, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, dom quixote gordo*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1967.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. “Rio Branco, Nabuco, Oliveira Lima: três grandes da diplomacia republicana.” *Revista do IHGB*. Tomo 166, número 426, jan-mar 2005, p. 219-233.

GOMES, Ângela de Castro. *Em família: A correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. “Rascunhos de história imediata: de monarquistas e republicanos em um triângulo de cartas”. In *Remate de Males*, Revista do Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, número 24, 2004, p. 9-31.

GOMES, Sônia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pioneira, 1983.

GONTIJO, Rebeca. “Capistrano de Abreu, viajante.” *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 59, 2010, p. 15-36.

GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*. Dois volumes. 2ª ed. Recife: Cia Editora de Pernambuco, 2002.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências – Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre – Uma biografia cultural. A formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana – Escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. “Um historiador moderno. Oliveira Lima.” *Revista Americana*, ano VIII, n. 2, nov/1918, p. 94-107.

LUCA, Tania Regina de. “A *Ilustração* (Paris, 1884-1892) e a *Revista de Portugal* (Porto, 1889-1892): diálogos entre projetos editoriais e possibilidades técnicas”. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, jan./abr. 2017, p. 91-115.

MACEDO, Neusa Dias de. *Bibliografia de Manuel de Oliveira Lima*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1968.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da república das letras (sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930)*. São Paulo: Edusp, 1973.

MALATIAN, Teresa. “Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima.” *Revista Estudos Históricos*, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHBC) da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), v. 13, n. 24, 1999, p. 377-392.

MALATIAN, Teresa. “O diário de Flora”. In *Remate de Males*, Revista do Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, número 24, 2004, p. 51-64.

- MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru: Edusc, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Fapesp/Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira. Vol. V (1897-1914)*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Quando eu era vivo... Memórias*. Porto Alegre: Globo, 1942.
- MELO, José Marques de. *História do jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual*. São Paulo: Paulus, 2012.
- MELO, José Marques de. *Sociologia da imprensa brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MENDONÇA, Salvador de. *Ajuste de contas*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1904.
- MILANESI, Luis. *O que é biblioteca*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “O drama público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, n. 75, São Paulo, fev/2011, p. 73-88.
- MONTEIRO, Tobias, *O Sr Campos Salles na Europa – Notas de um jornalista*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1928.
- MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NABUCO, Joaquim. *Porque continuo a ser monarquista. Carta ao Diário do Comércio*. Londres: Abraham Kingdon & Newnham, 1890.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *América latina e América inglesa: a evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana: série de conferências feita em universidades dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1915.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Aspectos da história e da cultura do Brasil*. Universidade de Lisboa, Cadeira de Estudos Brasileiros, Conferências Inaugurais. Lisboa: Clássica, 1923.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Aspectos da literatura colonial brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Coisas diplomáticas*. Lisboa: A Editora, 1908.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *D. João VI no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Top Books, 2003.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. São Paulo: Publifolha, 2000.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *História da civilização*. 13ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *História diplomática do Brasil – O reconhecimento do Império*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*. Coleção Documentos Brasileiros, número 65. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Memórias (Estas minhas reminiscências...)*. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Na Argentina: Impressões (1918-1919)*. Rio de Janeiro e São Paulo: Weiszflog, 1920.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *No Japão: Impressões da terra e da gente*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Nos Estados Unidos: Impressões políticas e sociais*. Leipzig, Alemanha: F. A. Brockhaus, 1899.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. “O imperador e os sábios”, *Revista do IHGB*, tomo 98, volume 152, 1925, p. 145-149.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *O império brasileiro*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1927.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *O meu caso*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1913.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *O movimento da Independência, 1821-1822*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1921.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pan-Americanismo (Monroe, Bolivar, Roosevelt)*. Brasília: Senado Federal, 1980.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*. 3ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1997.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. “Robert Southey”, *Revista do IHGB*, Tomo 68, Volume 112, 1905, p. 231-252.

PEREIRA, Ana Carolina Huguenin. “As cartas de Flora de Oliveira Lima: a escrita de si e a correspondência”. *Revista do IHGB*, Tomo 165, n. 424, jul-set 2004, p. 73-88.

PEREIRA, Daniel Mesquita; FELIPPE, Eduardo Ferraz. “Missivas que constroem limites: projeto intelectual e projeto político nas cartas de Capistrano de Abreu ao Barão do Rio Branco (1886-1903)”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, 2008, p. 487-506.

PETRONIO, Rodrigo. *Oliveira Lima*. Série Essencial – Academia Brasileira de Letras. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 2014.

PIZA, Daniel. *Academia Brasileira de Letras – Histórias e revelações*. São Paulo: Dezembro Editorial, 2003.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis, um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

PRADO, Eduardo. *A ilusão americana*. 2ª ed. Paris: Armand Colin, 1895.

RICOUER, Paul. “A marca do passado”. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 10, dez. 2012, p. 329-349. Originalmente publicado em: RICOEUR, Paul. “La marque du passé. Revue de Métaphysique et de Morale”, Paris, nº 1, Janvier-Mars, 1998. Tradução de Breno Mendes e Guilherme Cruz e Zica.

RICUPERO, Bernardo. “A República e a descoberta da América: Nova forma de governo e mudança identitária no Brasil da década de 1890.” *Dados*, vol. 61, n. 1, Rio de Janeiro, Jan/Mar 2018, p. 213-253.

RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. “Embaixadas originais: diplomacia, jornalismo e as relações Argentina-Brasil (1888-1935).” *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, set/dez 2017, p. 537-562.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

ROMERO, Sílvio. *Compêndio de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SANDRONI, Cícero. “José Carlos Rodrigues e o seu tempo.” *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, volume 469, out-dez 2015, p. 169-180.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G., *Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHERER, Marta. *Imprensa e Belle Époque – Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias*. Palhoça: Ed. Unisul, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas – Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo, Editora 34, 2000.

SILVA, Maurício. “A ideologia academicista na literatura brasileira: a *Revista Brasileira* e os discursos acadêmicos”. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, Edufsc, v. 41, n. 1 e 2, abril/2007 e outubro/2007, p. 111-121.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VERGARA, Moema de Rezende. “Ciência e literatura: a *Revista Brasileira* como espaço de vulgarização científica.” *Sociedade e Cultura*, v. 7, n. 1, jan-jun/2004, p. 75-88.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1915.

VIEIRA, Celso. *Joaquim Nabuco – Libertador da raça negra*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

WAINBERG, Jacques A.; CAMPOS, Jorge; BEHS, Edelberto. “Polemista, o personagem esquecido do jornalismo”. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, Vol. XXV, nº 1, jan-jun/2002, p. 47-68.

ANEXO – Síntese biográfico-jornalística de Oliveira Lima

Período: 1867-1890 (do nascimento aos 23 anos de idade)

- Manuel de Oliveira Lima nasce no Recife (PE) a 25/12/1867.
- Em 1873, aos cinco anos, muda-se com os pais para Lisboa.
- Em 1882, aos 14 anos, funda o *Correio do Brasil*, revista para divulgar na Europa assuntos relacionados ao país natal.
- Aos 15 anos, ingressa no curso de Letras da Universidade de Lisboa.
- Em 1885, passa a assinar coluna fixa no *Jornal do Recife*, inicialmente como crítico de teatro e artes plásticas, ampliando depois a atuação para temas políticos.
- Forma-se no Curso de Letras em 1887, aos 19 anos.
- No ano seguinte, escreve sobre obras clássicas da literatura e temas brasileiros para *O Repórter*, de Lisboa. Contribui também para a *Revista de Portugal*, editada pelo escritor Eça de Queiroz.
- No final de 1889, celebra o advento da República brasileira com um texto para o jornal *A Era Nova*, do Recife.
- No início de 1890, morre o pai. Em setembro, retorna ao Brasil pela primeira vez. Obtém a nomeação como segundo-secretário da Legação brasileira em Lisboa.
- Passa as festas de fim de ano e o aniversário de 23 anos no Recife, onde conhece Flora, de quem se torna noivo.

Período: 1890-1900 (dos 23 aos 33 anos de idade)

- Chega a Portugal no início de 1891 para assumir o primeiro cargo diplomático, tendo como chefe o cunhado, Araújo Beltrão.
- Casa-se com Flora em outubro, no civil, por procuração – ela parte então para Lisboa, onde se realiza a cerimônia religiosa.
- Mesmo tendo se tornado diplomata, mantém as colaborações para a imprensa. Torna-se correspondente em Lisboa do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro.
- Por conta de posturas de Beltrão que considerou inadequadas, o governo português pede sua substituição e a do cunhado. Oliveira Lima parte para Berlim, como segundo-secretário.
- Em 1895, lança o primeiro livro, *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*.
- Pede licença de seis meses para viajar ao Brasil com Flora. Passa boa parte do tempo no Rio de Janeiro, onde convive com a classe

literária no período em que o crítico José Veríssimo, com quem já mantinha contato, relança a *Revista Brasileira*.

- Renova a licença por mais seis meses. Aproxima-se do ministro das Relações Exteriores, o escritor Carlos Carvalho, que atende ao seu pedido de sair de Berlim. É promovido para primeiro-secretário na representação brasileira em Washington, onde é acolhido calorosamente pelo chefe, Salvador de Mendonça.
- Em 1896, publica na revista francesa *Nouvelle Revue* o artigo “Sete Anos de República no Brasil”, em defesa do novo regime.
- No final desse mesmo ano, com a criação da Academia Brasileira de Letras pelo grupo de intelectuais em torno da *Revista Brasileira*, torna-se um dos 40 fundadores da instituição.
- Lança *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira*.
- Entre 1896 e 1898, atua como correspondente nos Estados Unidos do *Jornal do Comércio*.
- Em 1899, publica o livro *Nos Estados Unidos – Impressões Políticas e Sociais*, compilação dos artigos para a *Revista Brasileira* e o *Jornal do Comércio*.
- Colabora até o fim com a *Revista Brasileira*, que deixa de existir em 1899, por conta de dificuldades financeiras.
- Entra em rota de conflito com o novo chefe em Washington, Assis Brasil. É transferido para Londres.

Período: 1900-1928 (dos 33 à morte, aos 60 anos de idade)

- Com a morte do chefe, Souza Correa, acumula responsabilidades até a chegada do substituto, Joaquim Nabuco.
- Em 1901, a mãe morre em Lisboa. Nesse mesmo ano, o governo decide por sua transferência para o Japão, promovido a Encarregado de Negócios. Lá, produz mais um livro de impressões, *No Japão*.
- É nomeado para o Peru, mas detesta a ideia e recorre a todo tipo de subterfúgio para postergar a viagem. O Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, encaminha outra solução.
- Oliveira Lima aproveita a passagem pelo Rio de Janeiro, enquanto espera a próxima missão, para tomar posse oficialmente da cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras. Apresenta o elogio ao patrono escolhido, o historiador Francisco Varnhagen. Várias passagens do discurso são interpretadas como críticas a Rio Branco.

- Em 1903, escreve para o *Correio de Manhã* uma série de artigos sobre a diplomacia, com críticas e propostas de reformas.
- Inicia colaboração com *O Estado de S. Paulo*, que manteria até o final da vida. Uma série sobre Pan-Americanismo irrita mais uma vez o governo.
- Enviado a Caracas, continua sem a desejada nomeação para a Europa. Torna-se crítico da aproximação do Brasil com os Estados Unidos, liderada por Joaquim Nabuco, a esta altura embaixador em Washington. Incomodado com as críticas, Nabuco rompe a amizade.
- Ao final da missão na Venezuela, é consultado pelo Barão do Rio Branco sobre a perspectiva de seguir para o México. Não gosta da proposta e pede licença de seis meses para fazer tratamento renal na França.
- Ao final da licença, permanece em disponibilidade até ser nomeado, no final de 1907, para a representação brasileira na Bélgica, tendo também a Suécia como área de influência.
- Em 1908, lança *Dom João VI*, que vinha preparando havia alguns anos. O livro, que reabilita a imagem do monarca, é considerado hoje a principal obra de Oliveira Lima.
- Lança também *Panamericanismo* e *Coisas Diplomáticas*, coletâneas de artigos publicados na imprensa.
- A partir de 1909, passa a contribuir com a *Revista Americana*, órgão do Ministério das Relações Exteriores criado com o objetivo de promover a aproximação com os países vizinhos.
- Apoiava Rui Barbosa na campanha presidencial de 1910, com a expectativa de ser escolhido Ministro das Relações Exteriores, mas Hermes da Fonseca vence a eleição.
- Em 1911, faz conferências sobre História do Brasil na Universidade de Sorbonne, na França. No ano seguinte, realiza uma série de conferências em universidades dos Estados Unidos.
- A imprensa passa a especular sobre a adesão de Oliveira Lima ao projeto de restauração da Monarquia.
- Com a morte do Barão do Rio Branco, em 1912, a pasta de Relações Exteriores é assumida por Lauro Müller, que cogita convocar Oliveira Lima para a representação em Londres, ideia que repercute mal na imprensa e no Senado. Desiludido, Oliveira Lima pede aposentadoria, alegando motivos médicos – além dos problemas renais, também a obesidade.

- O casal decide morar em Londres, mas as dificuldades causadas pela Primeira Guerra Mundial levam Oliveira Lima a arquitetar um plano alternativo: a doação de sua coleção de livros à Catholic University of America, em Washington, em troca de emprego vitalício para ele e Flora.
- Em 1915, faz a conferência de inauguração da cadeira de estudos brasileiros na Universidade de Harvard.
- Sua defesa da neutralidade brasileira na Primeira Guerra causa rompimentos com amigos de longa data, como Rui Barbosa e José Veríssimo.
- Em 1919, tem coluna semanal no *Diário de Pernambuco*, no *Jornal do Brasil* e no *ABC*. Nesse mesmo ano, rompe com a Academia Brasileira de Letras, por discordar dos rumos que a instituição vinha tomando, especialmente o pagamento para que os acadêmicos participassem das reuniões.
- Em 1920, Oliveira Lima e Flora deixam o Brasil em definitivo, rumo a Washington, onde passam a organizar a biblioteca a partir da chegada gradual dos livros.
- Em 1923, realiza conferências na Universidade de Lisboa, a mesma em que cursara Letras.
- A biblioteca é inaugurada em 1924.
- Participa ativamente do Congresso Panamericano de Jornalistas, realizado em 1926, em Washington.
- Conclui em 1927 a redação de *O império brasileiro*, que não chegaria a ver publicado.
- Dedicar-se à produção de suas *Memórias*, que não consegue concluir. Seriam publicadas em 1937, por iniciativa de Gilberto Freyre, com ajustes e organização feitos por Freyre e Flora.
- Morre a 24/03/1928, aos 60 anos, em Washington. Respeitando pedido do marido, oficializado em testamento, Flora recusa a oferta do governo brasileiro de traslado do corpo para o Brasil. É enterrado em Washington, tendo no túmulo apenas a inscrição “Aqui jaz um amigo dos livros”.